

TERMO DE REFERÊNCIA PARA O PLANO MICRORREGIONAL DE
DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA AMCOPAR

MINISTÉRIO DO INTERIOR

**SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA
REGIÃO SUL — SUDESUL**

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO

**TERMO DE REFERÊNCIA PARA O PLANO MICRORREGIONAL DE
DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DA AMCOPAR**

**INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E SOCIAL - IPARDES**

VOLUME II

Junho/1976

ÍNDICE GERAL

VOLUME I

APRESENTAÇÃO	1
1 — INTRODUÇÃO	3
2 — SÍNTESE E RECOMENDAÇÕES	6
2.1 - Panorama Sintético do Contexto Macrorregional (O Estado do Paraná)	6
2.2 - Diagnóstico Conclusivo da Região Plano	17
2.3 - Recomendações	60

VOLUME II

3 — PANORAMA SINTÉTICO DO CONTEXTO MACRORREGIONAL (O Estado do Paraná)	1
3.1 - Introdução	1
3.2 - Demografia	1
3.3 - Recursos Naturais	4
3.3.1 - Recursos Florestais	4
3.3.2 - Potencial Hidráulico	6
3.3.3 - Recursos MInerais	6
3.4 - Infra-Estrutura	8
3.4.1 - Transporte Rodoviário	8
3.4.2 - Transporte Ferroviário	10
3.4.3 - Energia Elétrica	10

3.4.4 - Saneamento	12
3.4.5 - Armazenagem	16
3.4.6 - Porto de Paranaguá	18
3.5 - Estrutura da Economia Paranaense	19
3.5.1 - Setor Primário	19
3.5.2 - Indústria	26
3.5.3 - Setor Terciário	28
4 — DIAGNÓSTICO CONCLUSIVO DA REGIÃO PLANO	29
4.1 - Introdução	29
4.2 - Abordagem Histórica da Formação Econômica do Centro-Oeste Paranaense	30
4.3 - Caracterização dos Recursos Naturais da Região Plano	31
4.3.1 - Localização e Tamanho Geográfico da Área de Estudo	31
4.3.2 - Geologia e Geomorfologia	32
4.3.3 - Clima	38
4.3.4 - Pedologia	42
4.3.5 - Hidrografia	42
4.3.6 - Vegetação	46
4.3.7 - Recursos Minerais	55
4.4 - Análise da Estrutura Produtiva do Sistema Econômico Regional	60
4.4.1 - Introdução	60
4.4.2 - Imagem Representativa da Região Plano	60
- A Estrutura Produtiva.....	60

- Comportamento Conjuntural das <u>Atividades Econômicas</u>	68
- <u>Distribuição Setorial da Renda Regional</u>	75
- <u>Origem da Renda e do Emprego Regional</u>	79
- <u>Balança Comercial</u>	84
4.4.3 - <u>Setor Primário</u>	87
a) <u>Caracterização Geral</u>	87
b) <u>Agricultura</u>	99
c) <u>Pecuária</u>	115
d) <u>Avicultura</u>	118
e) <u>Produtos de Origem Animal</u>	120
f) <u>Extrativa Vegetal</u>	120
g) <u>Comercialização de Produtos Primários</u> ..	125
4.4.4 - <u>Análise da Estrutura Industrial da AMCOPAR</u>	132
a) <u>Apreciação do Tecido Industrial da AMCOPAR</u>	132
- <u>Coefficiente de Atividade Industrial</u> ..	132
- <u>Coefficiente de Industrialização</u>	132
- <u>Participação Relativa do Emprego Industrial</u>	133
b) <u>Indicador de Capitalização do Setor Industrial</u>	134
c) <u>Comportamento Evolutivo do Setor Industrial</u>	140
- <u>Classificação dos Gêneros Industriais</u>	140

- Modificações Estruturais 1960-70.....	145
- Modificações Estruturais 1972-74.....	155
d) O "Complexo" Industrial da Madeira.....	164
e) Organização Espacial das Atividades Industriais.....	170
4.4.5 - Análise das Atividades de Apoio.....	177
a) Apoio Técnico e Financeiro (Extensão Rural e Sistema Bancário).....	177
- Extensão Rural.....	178
- Programa de Crédito Rural.....	182
- Sistema Bancário.....	191
b) Intermediação - Prestação de Serviços.....	192
- Atividades Comerciais.....	192
- Cooperativas.....	192
c) Turismo.....	201
d) Origem das Compras e Destino da Produção.....	206
4.5 - Análise do Espaço Econômico Regional e sua Infra-Estrutura Física e de Serviços.....	209
4.5.1 - Análise da Estrutura Espacial da Região Plano.....	209
a) Modelo de Fluxos.....	211
4.5.2 - Hierarquia Funcional e Urbana.....	217
4.5.3 - Infra-Estrutura Física.....	227
a) Transporte Rodoviário.....	228
b) Transporte Ferroviário.....	230
c) Transporte Aéreo.....	232

d) Transporte Marítimo e Fluvial.....	232
e) Energia Elétrica.....	232
f) Armazenagem.....	237
g) Rede de Saneamento Básico.....	246
4.5.4 - Infra-Estrutura de Serviços.....	250
a) Serviços Telefônicos.....	250
b) Serviços Postal e Telegráfico.....	255
c) Serviços de Rádio e Difusão.....	256
d) Serviços de Transporte.....	264

VOLUME III

4.6 - Análise das Condições de Trabalho e de Vida da População	1
4.6.1 - Introdução	1
4.6.2 - Caracterização Geral - Análise Comparada	7
4.6.3 - População e Condições de Trabalho - Análise... por Município segundo as variáveis: população, migração e Estrutura de emprego, estrutura fun diária e população ocupada no setor primário...	17
4.6.4 - Análise das condições de Educação e Saúde.....	196
a) Educação.....	197
b) Saúde	223
4.6.5 - Conclusão	233

VOLUME IV

4.7 - Aspectos Institucionais da AMCOPAR	1
--	---

4.7.1 - Introdução	1
4.7.2 - A AMCOPAR	1
4.7.3 - Situação Atual	3
4.7.4 - Situação Financeira dos Municípios	3
4.7.5 - Fontes de Recursos Potencialmente Disponíveis.	11
4.7.6 - Atuação do Estado na AMCOPAR	12
5 — ANEXOS	13
6 — BIBLIOGRAFIA	132

3. PANORAMA SINTÉTICO DO CONTEXTO MACRORREGIONAL (O ESTADO DO PARANÁ)

3.1 INTRODUÇÃO

Situado entre os paralelos 22°30' e 26°42' e meridianos 48°28' e 54°34', o Paraná ocupa uma área de 199.554 quilômetros quadrados, correspondendo a cerca de 2,3% da superfície total do Brasil, ocupando em área o 13º lugar entre as unidades da federação.

Do ponto extremo-norte, corredeira do Sarandi Grande no Rio Paranapanema, até as cabeceiras do Rio Jangada, extremo-sul dista 468 km, do extremo-leste, em Ararapica, até a Foz do Rio Iguaçu, no Rio Paraná, ponto extremo-oeste, a extensão é de 647 km.

Seus limites geográficos são:

- ao norte, o Estado de São Paulo;
- ao sul, o Estado de Santa Catarina e a República Argentina;
- a leste, o Oceano Atlântico;
- a oeste, a República do Paraguai;
- a noroeste, o Estado de Mato Grosso.

3.2 DEMOGRAFIA

Em 1970 o Estado tinha cerca de 7 milhões de habitantes representando 7,4% da população total do país. Dado bastante significativo, uma vez que em 1950 esse mesmo percentual era de 4,1%.

A densidade demográfica passou de 10,63 hab/Km² em 1950 para 35,15 hab/km² em 1970.

A tabela a seguir apresenta a população para - naense nas últimas três décadas, destacando-se extraordinário crescimento da população rural do Estado.

ESTADO DO PARANÁ - POPULAÇÃO

CENSO	POPULAÇÃO TOTAL	URBANA	RURAL	DENSIDA DE DEMO GRÁFICA (hab/km ²)	% POP. BRASIL
1950	2.115.547	528.288	1.587.259	10,63	4,07
1960	4.296.375	1.327.982	2.968.393	21,58	6,05
1970	6.997.682	2.546.899	4.450.783	35,15	7,40

FONTE: Fundação IBGE - Censos Demográficos

O crescimento demográfico no período 1960/70, foi da ordem de 5% ao ano que apesar de inferior ao registrado na década precedente, 7% ao ano, manteve-se como um dos mais altos do país, impulsionado ainda pela ocupação econômica de novas fronteiras agrícolas. Também, quando comparado aos demais Estados da região Sul (SC, RS), o Paraná apresenta as maiores taxas de crescimento, assumindo na última década a posição de Estado de maior contingente populacional.

Uma das características fundamentais da população é a de apresentar 44% do total constituído por menores de 15 anos, em 1970, taxa esta ligeiramente superior a média brasileira. Sendo que para 1974 prevê-se a existência de 3,4 milhões de pessoas menores de 15 anos, no Estado.

Somente em anos recentes, com o desenvolvimento da agro-indústria e um processo inicial de industrialização, é que começou a tornar-se latente o fenômeno da urbanização no Estado. Assim é que em todas as regiões do Estado verifica-se um aumento da população urbana. A taxa de urbanização foi de 25% em 1950, 31% em 1960 e 36% em 1970. Apesar da taxa de crescimento geométrico da população urbana em torno de 6,5% ao ano, a população do Paraná ainda é predominantemente rural - 4.435.000 habitantes na zona rural para 2.501.700 nas cidades.

O Paraná, na atualidade possui 289 municípios e 114 comarcas, divididas em 24 microrregiões homogêneas, sendo

ESTADO DO PARANÁ - POPULAÇÃO

CENSO	POPULAÇÃO TOTAL	URBANA	RURAL	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (hab/km ²)	% POPULAÇÃO BRASIL
1950	2.115.547	528.288	1.587.259	10,63	4,07%
1960	4.296.375	1.327.982	2.968.393	21,58	6,05%
1970	6.997.682	2.546.899	4.450.783	35,15	7,40%

Fonte: FUNDAÇÃO IBGE, Censos Demográficos

O crescimento demográfico no período 1960/70, foi da ordem de 5% ao ano que apesar de inferior ao registrado na década precedente, 7% ao ano, manteve-se como um dos mais altos do país, impulsionado ainda pela ocupação econômica de novas fronteiras agrícolas. Também, quando comparado aos demais Estados da região sul (SC,RS), o Paraná apresenta as maiores taxas de crescimento, assumindo na última década a posição de Estado de maior contingente populacional.

Uma das características fundamentais da população é a de apresentar 44% do total constituído por menores de 15 anos, em 1970, taxa esta ligeiramente superior a média brasileira. Sendo que para 1974 prevê-se a existência de 3,4 milhões de pessoas menores de 15 anos, no Estado.

Somente em anos recentes, com o desenvolvimento da agro-indústria e um processo inicial de industrialização, é que começou a tornar-se latente o fenômeno da urbanização no Estado. Assim é que em todas as regiões do Estado verifica-se um aumento da população urbana. A taxa de urbanização foi de 25% em 1950, 31% em 1960 e 36% em 1970. Apesar da taxa de crescimento geométrico da população urbana em torno de 6,5% ao ano, a população do Paraná ainda é predominantemente rural - 4.435.000 habitantes na zona rural para 2.501.700 nas cidades.

O Paraná, na atualidade possui 289 municípios e 114 comarcas, divididas em 24 micro-regiões homogêneas, sendo que a densidade demográfica varia de 10 a 250 hab/km², excetuando o município da capital que conta com 1.446,4 hab/km².

que a densidade demográfica varia de 10 a 250 hab/km², excetuando o município da capital que conta com 1.446,4 hab/km².

MÃO-DE-OBRA ECONOMICAMENTE ATIVA

Da população total do Estado, 32,5% ou 2.276.754 habitantes constituem a mão-de-obra economicamente ativa.

A tabela abaixo mostra a distribuição dessa mão-de-obra por setores de atividade.

MÃO-DE-OBRA ECONOMICAMENTE ATIVA POR SETORES PARANÁ - 1970

SETOR	ABSOLUTO	%
Primário	1.438.838	63,2
Secundário	232.576	10,2
Terciário	605.340	26,6
TOTAL	2.276.754	100,0

FONTE: F.I.B.G.E.-Censo Demográfico/PR-1970

Como se observa a população estadual está voltada predominantemente às atividades agropecuárias, que mantém 63,2% da população vinculada a este setor, as quais traduzem-se na base econômica do Estado.

3.3 RECURSOS NATURAIS

3.3.1 RECURSOS FLORESTAIS

O revestimento florístico do Paraná, devido a exploração desenfreada provocada pelo homem, sofreu transformações profundas. Até a poucos decênios, o Paraná era uma das áreas mais ricas em matas no Brasil, sendo que aproximadamente 84% da sua superfície, ou seja 168.000 km², constituía-se de mata virgem

primitiva, propriamente dita. Já em 1963, devido a destruição iniciada em 1930 apenas 46.186 km² da área era ocupada por matas virgens, representando 23% da área total do Estado e 27,4% da mata primitiva.

Analisando um período mais recente representado pelos últimos dez anos, 1963-1973, a área florestal devastada foi de, aproximadamente 3.710.603 ha, correspondendo a um ritmo de desmatamento de 371.060,3 ha/ano.

No entanto a partir da instituição da política de incentivos fiscais em reflorestamento, as áreas programadas para a implantação de reflorestamento no Estado atingiram 328.047,7 ha, correspondendo ao período de plantio de 1965-1979, tendo sido executado até 1973 o equivalente a 229.155,7 ha.

Já no tocante as reservas nativas, que em parte ainda sustentam a produção do setor, estão bastante limitadas. Estudos recentes estimam a disponibilidade atual da principal espécie nativa a "araucária angustifolia" conforme tabela abaixo; correspondendo o tipo I às reservas remanescentes ainda não exploradas e o tipo II às florestas devastadas que, face às limitações da primeira estão sendo utilizadas com bastante intensidade.

RESERVAS DE "ARAUCÁRIA ANGUSTIFOLIA" NO PARANÁ

VARIÁVEL ESTIMADA	ANO	FLORESTA DO TIPO I		FLORESTA DO TIPO II	
		MÍNIMA	MÁXIMA	MÍNIMA	MÁXIMA
Número Total de Árvores	1963	6.915.520	9.076.620	16.219.800	35.142.900
	1973	3.661.136	4.821.984	4.131.396	8.951.358
Volume Total m ³ Madeira c/Casca	1963	64.832.881	81.905.528	96.615.500	184.096.400
	1973	26.788.800	33.843.184	24.099.810	46.822.488
Volume Total m ³ Madeira s/casca	1963	47.544.112	58.997.921	68.934.150	131.110.050
	1973	19.645.120	24.377.808	17.558.433	33.395.451

FONTE: 1963 - Inventário do Pinheiro - Curitiba-1966

1973 - Convênio SUDESUL/Governo do Paraná/IBDE-Estudios das alternativas Técnicas Econômicas e Sociais do Setor Florestal do Paraná - Curitiba - 1974

3.3.2 POTENCIAL HIDRÁULICO

Em termos nacionais, o território paranaense, da do suas características topográficas, apresenta-se como uma das áreas mais ricas para aproveitamento hidroelétrico no Brasil, contando com um potencial hidráulico avaliado em cerca de 24 mil MW, correspondendo a 30% do total do país.

Grande parte desse potencial acha-se concentrado nos rios Paranã e Iguaçu que já possuem uma programação para seu aproveitamento. Assim é que no Rio Paranã dado o grande volume das águas e o desnível entre o Salto das Sete Quedas e a Foz do Rio Iguaçu, os governos do Brasil e Paraguai iniciaram a construção da usina Hidroelétrica de Itaipu com potência superior a 10 mil MW.

Já no Rio Iguaçu num trecho de 200 km, uma sêrie de desníveis permitirã o aproveitamento de um potencial hidrãulico superior a 6 mil MW, em várias usinas. A primeira delas, Salto Osório, com 1.050 MW, entrará em operação neste ano. A segunda, Foz do Areia, com 2.250 MW, teve sua construção iniciada no final de 1974. As demais, Salto Santiago e Salto Segredo, estão em fase de projetos e estudos.

3.3.3 RECURSOS MINERAIS

Embora não levantados na sua totalidade, os recursos minerais do Estado são bastante expressivos nos casos já conhecidos, como o xisto, o carvão, o talco, o calcário, o minério de chumbo e o caulim.

O Paranã é o primeiro produtor nacional de talco, sendo que as principais jazidas encontram-se na região de Ponta Grossa, distrito de Itaiacoca, onde as reservas são estimadas em 1 milhão de toneladas.

O calcário, matéria prima essencial para variados empregos industriais, é outra importante riqueza mineral do Estado. As melhores reservas estão localizadas nos municípios de Bocaiúva do Sul e Cerro Azul.

O dolomito, calcário de alto teor de magnésio, também é encontrado em grandes jazidas nos municípios de Rio Branco do Sul, Colombo, Almirante Tamandaré, Bocaiúva do Sul, Ponta Grossa e Castro. Este mineral é bastante empregado na produção de mármore, sendo que no ano de 1962 o Paraná foi o 4º produtor nacional.

O Estado é o segundo produtor de minério de chumbo com produção ao redor de 100.000 toneladas anuais extraídas de jazidas da Bacia do Rio Ribeira.

Apesar de impróprio para o consumo siderúrgico devido seu alto teor de enxofre orgânico, o carvão mineral do Paraná tem encontrado largo uso na geração de energia e em indústrias diversas. As reservas estimadas para quase totalidade das jazidas carboníferas paranaenses são de aproximadamente 45 milhões de toneladas.

O caulim bem como outros minerais argiloso possuem grande emprego particularmente na cerâmica, na indústria de papel, refinação de óleos, na indústria da borracha, inseticidas e indústria de cimento. No Estado do Paraná, as principais jazidas são encontradas no município de Campo Largo, destinando-se quase toda a produção para as indústrias cerâmicas daquele município.

A exploração do xisto pirobetuminoso na região de São Mateus do Sul, abre perspectivas inteiramente novas para o desenvolvimento industrial paranaense. Os efeitos da exploração industrial das jazidas afloradas, naquela região, terão repercussões muito além das regionais. Estas jazidas podem assegurar uma oferta adicional de 100.000 barris diários, por um prazo superior a 20 anos, além de permitir ao Brasil ampliar sobremaneira a oferta interna de gás combustível, gás liquefeito de petróleo e nafta, transformando-se de importador da quase totalidade de enxofre que consome, em exportador dessa matéria-prima.

Uma unidade desse tipo certamente ensejará o aparecimento de uma série de indústrias satélites para o aproveitamento das matérias-primas obtidas a partir do xisto; indústrias capazes de dar um novo dinamismo à economia paranaense.

Além desses minerais o Paraná possui consideráveis reservas de argila, minério de ferro (de teor não elevado) bari-ta e ilmenita.

3.4 INFRA-ESTRUTURA

O desenvolvimento de um Estado está intimamente ligado à sua infra-estrutura. Assim procurar-se-á, de maneira sintética, visualizar a situação atual do Estado no tocante a transportes rodoviários e ferroviários, energia elétrica, saneamento e armazenagem.

3.4.1 TRANSPORTE RODOVIÁRIO

O Paraná conta, atualmente, com uma malha rodoviária de, aproximadamente, 116.292,3 Km dos quais 4.115,7 km são de rodovias federais, 6.040,7 km estaduais e 106.135,9 km municipais, representando 3,54%, 5,19% e 91,27% respectivamente, as quais acham-se plotadas na prancha 3.4.1(1^a).

Das rodovias federais no Estado 2.072,9 km são pavimentadas, 1.000,1 km não o são, no entanto, comportam tráfego permanente e 1.042,7 km são rodovias de leito natural, permitindo tráfego somente com tempo seco.

As rodovias estaduais apresentam: 999,6 km pavimentados e 5.041,1 km não pavimentados.

Já as rodovias municipais apresentam apenas 155 km pavimentados, com o município de Curitiba detendo 39% desse total. As não pavimentadas de tráfego permanente cobrem 3.015,8 km enquanto 102.965,1 km permitem tráfego apenas temporário.

Essa rede está sendo consideravelmente aumentada com diversos trechos em construção pelos Governos federal e estadual. Para o período 1975/1979, o Plano Nacional de Viação programou a construção de mais 3.000 km de novas rodovias pavimentadas, no Paraná.

O Governo do Estado, além das Obras do Plano Rodoviário Estadual, está executando a primeira etapa, com 1.520 km, de um programa de rodovias alimentadoras ou vicinais, que atingirá na fase final, 4.500 km. Seu objetivo é melhorar as condições de escoamento da produção agrícola, das zonas produtoras para os tron-

cos rodoviários e ferroviários que demandam aos mercados de consumo, centros industriais e terminais de exportação.

3.4.2 TRANSPORTE FERROVIÁRIO

O Paraná é atendido pela 11.^a Divisão da Rede Ferroviária Federal S/A, a qual engloba ainda o Estado de Santa Catarina. A extensão de sua malha ferroviária em 1972 era de 3.015 Km dos quais 1895 km implantados no Paraná (Prancha 3.4.2 (1.^a)) e 1358 Km em Santa Catarina. Interliga-se com o Rio Grande do Sul, através de dois ramais distintos, nas cidades catarinenses de Lages e Marcelino Ramos e com São Paulo, através da Estrada de Ferro Sorocabana, nas cidades de Ourinhos e Itararé. Sendo que num futuro próximo, ligar-se-á a São Paulo também através do ramal Ponta Grossa-Itapeva, atualmente em construção.

Com a ênfase dada pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento, o governo do Estado vem dando certa atenção ao transporte ferroviário. Assim é que em fins de 1975, entrou em operação a Estrada de Ferro Central do Paraná, uma ligação que reduzirá em 300 km o atual percurso ferroviário entre o norte do Estado e o Porto de Paranaguá. Além disso, estão sendo retificados os traçados de diversos trechos, com vistas a melhoria das condições de tráfego estando em construção uma nova ligação com São Paulo. O Plano Nacional de Viação prevê o prolongamento de três grandes troncos ferroviários em direção a oeste, na região norte, até Guaíra, na fronteira com o Paraguai; no centro, até Foz do Iguaçu, possibilitando a ligação ferroviária do Porto de Paranaguá com a Usina de Itaipu, também a fronteira do Paraguai e no sul até a cidade de Pato Branco centro de uma região até agora carente de transporte ferroviário.

3.4.3 ENERGIA ELÉTRICA

O atendimento direto e indireto a todo o Estado é de responsabilidade da Companhia Paranaense de Energia Elétrica-COPEL, que, desde 1961 vem executando programas de eletrificação com objetivos a estender os benefícios da eletricidade a toda a população paranaense. São eletrificados hoje 289 municípios do Estado e

mais 449 distritos e povoados.

O Sistema Elétrico Estadual, conta hoje com mais de 12.000 km de linhas de transmissão e subtransmissão e acha-se interligado com os demais Estados da região Sul do Brasil e com a região Sudeste através de São Paulo (ver prancha 3.4.3 (1^a)).

Em 1973, entrou em operação a linha de transmissão que interliga o sistema da COPEL com o da Administração Nacional de Eletricidade-ANDE do Paraguai que permite ao Estado o recebimento de energia elétrica daquele país reforçando o suprimento à Região Oeste do Estado.

A tabela abaixo, mostra como evoluiu o setor de energia elétrica no Paraná, durante a década de 1960 e primeira metade do atual decênio.

PARANÁ - EVOLUÇÃO DO SETOR DE ENERGIA ELÉTRICA

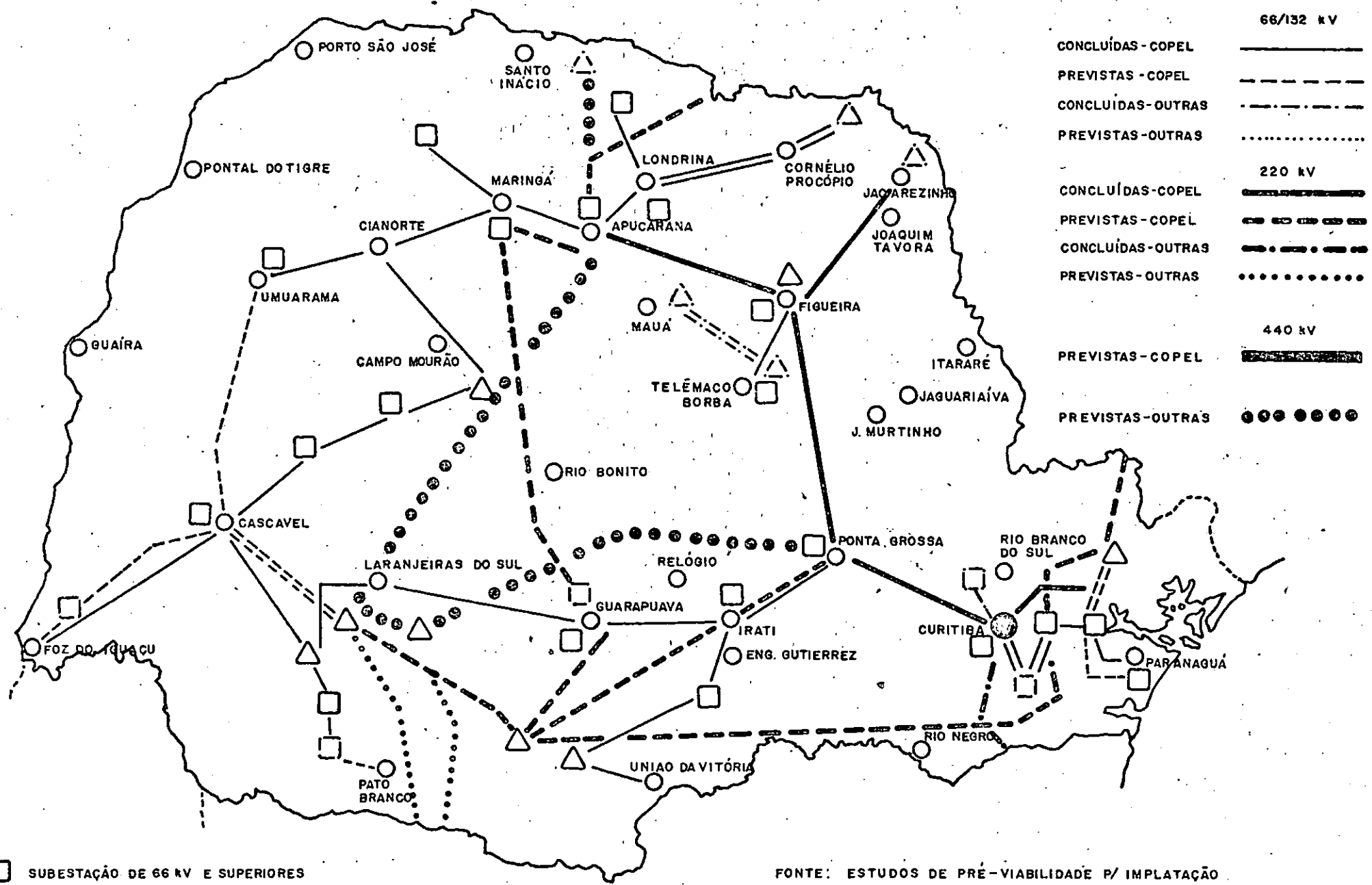
(Exclui dados de Indústrias Autoprodutoras)

	1961	1965	1970	1974 (1)
Potência Instalada - MW	43	133	306	440
Linhas de Transmissão- Km	2.046	4.210	8.666	12.500
Capacidade de Transformação em Subestações - MVA	203	466	1.153	2.200
Localidades Atendidas	228	337	508	738
Nº de Ligações - 1.000	202	254	393	575
Consumo Total - GWH	407	552	1.107	2.180

(1) - Valores estimados com base no realizado até o mês de novembro
 FONTE: COPEL

3.4.4 SANEAMENTO

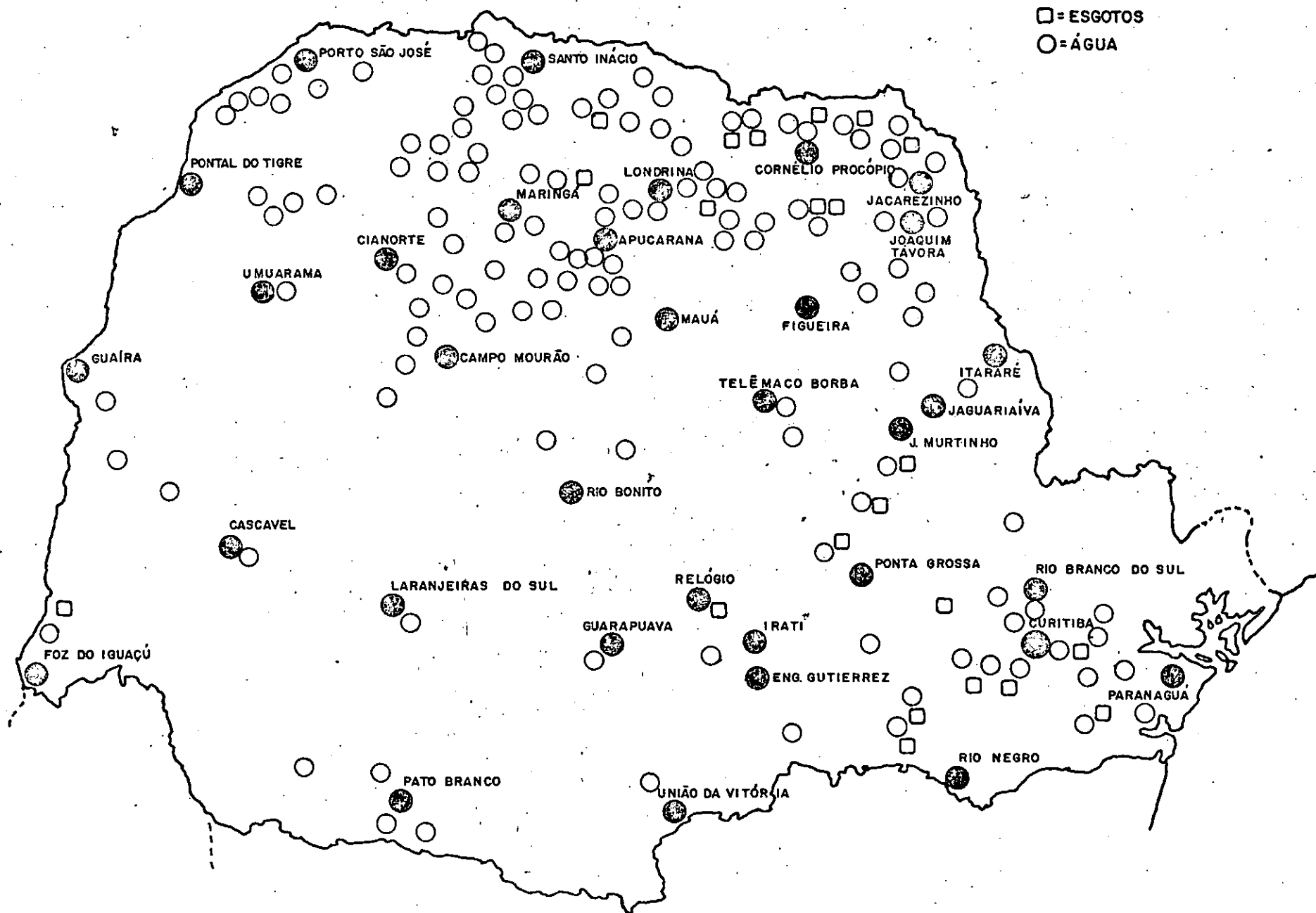
A prancha 3.4.4 (1^a) mostra os municípios que ora apresentam em sua área urbana, o benefício do saneamento, sendo que é política do Governo do Estado, através da Companhia de Saneamento do Paraná-SANEPAR, atender à quase totalidade urbana estadual, com água até 1980.



	66/132 kV
CONCLUÍDAS - COPEL	—————
PREVISTAS - COPEL	- - - - -
CONCLUÍDAS - OUTRAS	- · - · - ·
PREVISTAS - OUTRAS	· · · · ·
	220 kV
CONCLUÍDAS - COPEL	—————
PREVISTAS - COPEL	- - - - -
CONCLUÍDAS - OUTRAS	- · - · - ·
PREVISTAS - OUTRAS	· · · · ·
	440 kV
PREVISTAS - COPEL	—————
PREVISTAS - OUTRAS	· · · · ·

SUBESTAÇÃO DE 66 kV E SUPERIORES
 USINAS DE 5 MW OU SUPERIORES

FONTE: ESTUDOS DE PRÉ-VIABILIDADE P/ IMPLATAÇÃO
 DE UM DISTRITO INDUSTRIAL DE TELEMACO BORBA - H.J. COLE + ASSOCIADOS S.A. - MARÇO 74.



FONTE: ESTUDO DE PRÉ-VIABILIDADE PARA IMPLANTAÇÃO DE UM DISTRITO INDUSTRIAL EM TELEMACO BORBA - H.J. COLE + ASSOCIAÇÃO S.A. - MARÇO 1974.

Comprova-se tal intensão pelo "Plano Octonal" da referida Companhia onde se observa que aproximadamente 79%, contra os 56% em 1975, da população urbana estadual será atendida com este benefício básico, até o término do referido plano, como se constata na tabela seguinte.

PROGRAMA DE ATENDIMENTO DE ÁGUA POTÁVEL PARA A POPULAÇÃO URBANA
PARANÁ - 1975/80

Popu- lação	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Urbana	3.076.341	3.236.061	3.405.103	3.584.075	3.773.609	3.974.397
Abaste- cida	1.727.405	2.110.532	2.472.649	2.702.886	2.933.863	3.117.874

FONTE: SANEPAR

Quanto ao esgoto sanitário a meta consiste no a tendimento de 50% da população urbana do Estado e dar adequado destino final dos esgostos tendo em vista o controle da poluição das águas.

Parte ponderável dos recursos para sua realização provêm do PLANASA-Plano Nacional de Saneamento, que é executado mediante convênios entre Estado e Municípios.

O setor industrial deverá continuar sendo atendido pela captação de água diretamente dos rios. Porém, para os distritos industriais, a SANEPAR tem construído centrais coletoras de água com o intuito de atender às indústrias neles localizadas. Em algumas regiões que compõem as principais zonas de industrialização no Estado, o setor público municipal realiza investimentos em poços artesianos doados às empresas a título de estímulo à industrialização.

3.4.5 ARMAZENAGEM

Observa-se no Estado a predominância de armazéns do tipo ensacados ou convencional que contavam com 81% da capacidade estática em 1973, restando 19% aos do tipo graneleiro.

Do total da capacidade existente por microrregiões sobressaem as do Litoral Paranaense com 16,8%, o Norte Novo de Londrina com 16,1% e o Norte Novo de Maringá com 12,9%, que demonstram a concentração geográfica do setor, em torno das principais áreas agrícolas e do porto de exportação do Paranã, acusando baixa participação das demais microrregiões.

Por tipo de armazenagem destacam-se: o Norte Novo de Londrina com 19,2% e o Litoral Paranaense com 17,0% da capacidade existente do tipo ensacados, No tipo granel sobressai a microrregião de Campos de Ponta Grossa com 30,4% da capacidade total do Estado.

Tendo em conta o acima exposto, e os dados da tabela 3.4.5 (a) pode-se afirmar que uma condição básica é a primeira vista atendida, ou seja, a necessidade de localização das unidades de armazenagem próximas às áreas produtoras.

Como se observa na tabela seguinte as instituições com maior capacidade de armazenagem são o Governo Federal e os particulares com 36,7% e 45% respectivamente. Isto devido aos altos investimentos necessários para instalação e conservação das unidades armazenadoras.

OFERTA DE ARMAZENAMENTO - 1973

Por tipo e Instituições

Instituição	(em t estática)					
	Ensacados	(%)	Granel	(%)	Total	(%)
Gov. Federal	2.112.428	45,2	6.044	0,5	2.128.472	36,7
Gov. Estadual	61.220	1,3	8.300	0,8	69.520	1,2
Cooperativas	388.095	8,3	605.700	54,5	993.795	17,1
Particulares	2.122.054	45,2	490.709	44,2	2.612.763	45,0
TOTAL	4.693.797	100,0	1.110.753	100,0	5.804.550	100,0

FONTE: Banco do Brasil - OCEPAR-CIBRAZEM-COPASA-AGEF-SAC-Café do Paranã e outros.

TABELA 3.4.5 (a) OFERTA DE ARMAZENAGEM - 1973
Por Microrregiões Homogêneas e Tipos

Microrregiões	Ensacados	%	Granel	%	Total	%
Curitiba (268/1)	450.588	9,6	18.226	1,6	468.814	8,1
Litoral Paranaense (269/2)	800.219	17,0	175.000	15,8	975.219	16,8
Alto Ribeira(270/3)	-	-	-	-	-	-
Alto Rio Negro Paran.(271/4)	1.200	0,0	-	-	1.200	0,0
Campos da Lapa (272/5)	113.715	2,4	-	-	113.715	2,0
Campos de P.Grossa (273/6)	204.800	4,4	337.583	30,4	542.383	9,3
Campos de Jaguariã va (274/7)	11.400	0,2	-	-	11.400	0,2
S.Mateus do Sul (275/8)	8.645	0,2	-	-	8.645	0,1
Colonial Irati (276/9)	31.626	0,7	-	-	31.626	0,5
Alto Ivaí (277/10)	1.537	0,0	-	-	1.537	0,0
N.Velho W.Braz (278/11)	41.840	0,9	-	-	41.840	0,7
N.Velho de Jacaré zinho (279/12)	361.150	7,7	35.000	3,2	396.150	6,8
Algodoeira Assaí (280/13)	55.842	1,2	-	-	55.842	1,0
N.Novo Londrina (281/14)	900.100	19,2	34.644	3,1	934.654	16,1
N.Novo Maringá (282/15)	609.675	13,0	136.800	12,3	746.475	12,9
N.Novo Paranavaí (283/16)	154.060	3,3	-	-	154.060	2,7
N.Novo Apucarana (284/17)	318.040	6,8	-	-	318.040	5,5
N.Novo Umuarama (285/18)	251.070	5,3	54.000	4,9	305.070	5,3
Campo Mourão (286/19)	62.640	1,3	30.000	2,7	92.640	1,6
Pitanga (287/20)	-	-	-	-	-	-
Ext.Oeste Paran. (288/21)	125.836	2,7	189.500	17,1	315.336	5,4
Sudoeste Paran. (289/22)	70.120	1,5	27.000	2,4	97.120	1,7
Campos Guarapuava (290/23)	92.894	2,0	73.000	6,6	165.894	2,9
Médio Iguaçu (291/24)	26.890	0,6	-	-	26.890	0,5
TOTAL	4.693.797	100,0	1.110.753	100,0	5.803.550	100,0

FONTE: Banco do Brasil - OCEPAR-CIBRAZEM-COPASA-AGEF-SAC-CAFÉ DO PARANÁ
Outros

Por tipo de armazenagem, o Governo Federal e os particulares conservam a sua importância com 45,2% e 45,2%, respectivamente no que se refere a ensacados. Porém, no tipo granel as cooperativas passam a ter a maior participação com 54,5%, complementando os particulares com 44,2% da capacidade existente em 1973.

3.4.6 PORTO DE PARANAGUÁ

O Porto de Paranaguá é explorado pelo Governo do Paraná, em regime de concessão. É administrado por uma autarquia estadual: Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina. Junto com o Porto de Antonina, também situado na Baía de Paranaguá, forma o terminal marítimo de exportação do Paraná.

Os Portos de Paranaguá e Antonina, dispõem de uma retroterra que inclui todo o Estado do Paraná, grande parte de Santa Catarina, parte do Rio Grande do Sul, sul de Mato Grosso e República do Paraguai. Todas estas regiões estão interligadas por um sistema rodoferroviário, que permite acesso ao terminal marítimo em condições econômicas.

Conta com dois canais de acesso, com profundidade atual de 10 m (está em obras a ampliação para 12 m), um cais geral com 2.106 m de comprimento, um cais para graneis líquidos, tipo pier, construído de delfins, estacas e vigas de concreto armado.

Existem no Porto de Paranaguá 29 armazéns, com 79 mil m²; tanques para combustíveis e gás liquefeito de petróleo, frigorífico, silos, linha férrea com 40 km de extensão no cais; 34 guindastes elétricos de 3 a 30 toneladas, 4 guindastes sobre pneus de 9 a 10 toneladas; empilhadeiras, tratores, carretas, vagões, sugadoras, pás arrastadoras elétricas. As instalações de energia elétrica estão nas voltagens de 110, 220 e 380 V. O abastecimento de navios com "fuel-oil" é realizado através de tubulações de 12", com fluxo de 30 t/hora.

3.5 ESTRUTURA DA ECONOMIA PARANAENSE

Conforme pode-se verificar na tabela 3.5.(a), a economia estadual depende basicamente dos setores primário e terciário, tendo estes, em média no quinquênio apresentado, contribuído, respectivamente, com 38,5% e 49,1% na geração de renda, contra apenas 12,3% do setor industrial.

Nos últimos anos observa-se uma tendência do setor primário em perder influência no Paraná, ao mesmo tempo em que essa perda relativa é compensada por acréscimos na participação dos demais setores, em especial do setor secundário. As perspectivas para os próximos anos indicam uma participação crescente do setor secundário, tendo em vista o grande esforço das autoridades estaduais no sentido de incentivar a fortificação do setor via implantação dos eixos industriais, cidade industrial de Curitiba e polo petroquímico.

3.5.1 SETOR PRIMÁRIO

Agricultura

O solo e a topografia favorável do território paranaense, transformaram o Estado, em poucas décadas, numa das mais importantes unidades agrícolas do País, responsável por cerca de 1/4 de sua produção agrícola. A rápida resposta às exigências da demanda aliada a aplicação dos fatores trabalho, capital e tecnologia vem ampliando esta posição de destaque da agricultura paranaense. O aproveitamento dos excedentes agrícolas na industrialização (principalmente oleaginosas), no comércio exterior (café, algodão, milho e soja) e no comércio com outras unidades da federação, tem elevado sua capacidade competitiva, fazendo com que o Estado, com base quase que exclusivamente na agricultura e pecuária, se constitua no segundo Estado exportador do País.

TABELA 3.5 (a)

RENDA SETORIAL DO PARANÁ

(em CR\$ 1.000,00)

Anos	S E T O R E S							
	Primário	%	Secundário	%	Terciário	%	Total	%
1969*	3.134.998	44,3	802.026	11,3	3.144.069	44,4	7.081.093	100,0
1970	2.722.746	39,4	896.906	13,0	3.292.783	47,6	6.912.435	100,0
1971	4.300.305	43,4	1.044.895	10,6	4.558.858	46,0	9.904.058	100,0
1972	3.948.110	37,4	1.287.729	12,2	5.318.364	50,4	10.554.203	100,0
1973	3.291.539	30,6	1.544.418	14,4	5.901.257	55,0	10.737.214	100,0

FONTE: Estimativa IPARDES - Indicadores Econômicos - Janeiro de 1975

(*) Dado Oficial da Fundação Getúlio Vargas

Até 1969 o café representava 40% do produto do setor agrícola paranaense, constituindo-se como único fator dinâmico. Tal fato hoje já não ocorre graças a uma série de outros produtos que passaram a representar importante parcela da economia agrícola.

Entre estes produtos o caso mais notável é o da soja, que de cerca de 20 mil toneladas, em 1963, alcançou a produção de um milhão de toneladas na safra 1971/1972 indo a 1,5 milhões em 1973 e atingindo 2,6 milhões de toneladas em 1974. Sendo que segundo estimativa da Fundação IBGE a produção deverá atingir a cifra de 4 milhões de toneladas, na safra 1975/76. O trigo cuja produção oscilou entre 35 a 110 toneladas, entre 1963 a 1968, passou para 915 mil toneladas em 1974, participando com cerca de 30% da produção nacional.

O milho, produto inicialmente intercalado às lavouras cafeeiras passou de 1.600 mil toneladas em 1963 para uma média de 3.600 mil toneladas entre 1968 a 1972. Estabelizando em torno desta média nas safras de 1973 e 1974.

O algodão que de uma produção estável em torno de 300 mil toneladas, cresceu para uma média de 500 mil toneladas no triênio 1968/1970, apresentando declínio para 420 mil toneladas em 1973, e elevando-se novamente para 500 mil toneladas no ano de 1974.

O amendoim, que de 10 mil toneladas, em 1963 passou para 160 mil toneladas, em média, no último triênio.

O feijão, a batata, o arroz e a mandioca, tradicionais produtos da agricultura de subsistência do Estado, mantêm suas produções estabilizadas, com variações provocadas por fatores climáticos.

Para melhor visualização o quadro a seguir mostra a quantidade produzida pela agricultura paranaense, e sua participação na produção brasileira, para os principais produtos, no ano de 1974.

O Paraná é responsável ainda por 90% da produção nacional de rami e hortelã-pimenta com uma produção média nos últimos anos de 50.000 toneladas e 200.000 toneladas respectivamente.

PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 1974

Produto	Quantidade Produzida(t)		Paraná/ Brasil (%)
	Paraná	Brasil	
Algodão Herbáceo	480.500	1.498.489	24,5
Amendoim das Águas (1 ^a safra)	101.250	344.528	29,9
Amendoim das Secas (2 ^a safra)	30.000	94.415	31,8
Arroz	672.000	6.482.920	10,4
Banana (1.000 cachos)	11.200	348.719	3,2
Batata Inglesa das Águas (1 ^a safra)	330.000	1.208.705	27,3
Batata Inglesa das Secas (2 ^a safra)	90.000	463.803	19,4
Café (*)	1.248.000	3.160.000	39,5
Cana de Açúcar	2.280.000	95.919.176	2,4
Cebola	32.097	341.371	9,4
Feijão das Águas (1 ^a safra)	426.085	1.052.774	40,5
Feijão das Secas (2 ^a safra)	136.000	1.185.238	11,5
Fumo	16.275	304.095	5,4
Laranja (1.000 frutas)	483.360	31.160.642	1,6
Mamona	104.480	573.135	18,2
Mandioca	1.818.500	24.714.631	7,4
Milho	3.553.000	17.284.203	20,6
Soja	2.588.880	7.876.209	32,9
Tomate	16.200	1.034.956	1,6
Trigo	914.760	2.858.530	32,0
Uva	16.225	563.988	2,9

FONTE: FIBGE

(*)IBC-considerando no total somente, PR, SP, MG, ES

Bovinocultura

O Paraná ocupa a sexta posição entre os Estados brasileiros maiores produtores de carnes, com uma produção que a lém de abastecer o mercado regional, concorre com um volume de ex portações significativo para os grandes centros de consumo do País.

Em termos de rebanho o Paraná possuía em 1970, um total de 4.687.863 cabeças que representa 5,98% do rebanho brasileiro, ocupando a sétima posição em termos de efetivo bovinos, sendo superado por Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, São Paulo, Goiás e Bahia. (Tabela abaixo).

DISTRIBUIÇÃO DO REBANHO BOVINO BRASILEIRO POR ESTADOS 1960/70

Estados	(em cabeças)						
	1960			1970			Cresci- mento (%)
	Efetivo Bovino	%	Posi- ção	Efetivo Bovino	%	Posi- ção	
BAHIA	4.594.998	8,20	6º	5.639.122	7,18	6º	22,72
GOIÁS	4.862.782	8,68	5º	7.780.958	9,92	5º	60,00
MINAS GERAIS	11.963.902	21,35	1º	15.108.980	19,26	1º	26,29
MATO GROSSO	5.653.642	10,09	4º	9.419.746	12,00	3º	66,61
PARANÁ	1.665.698	2,97	7º	4.687.863	5,98	7º	181,44
RIO G. DO SUL	8.810.312	16,72	2º	12.298.809	15,68	2º	39,60
SÃO PAULO	7.131.024	12,72	3º	9.091.230	11,59	4º	27,49
SANTA CATARINA	1.201.993	2,14	8º	1.963.118	2,50	8º	63,32
OUTROS	10.156.956	18,12	-	12.462.317	15,88	-	22,70
TOTAL-BRASIL	56.041.307	100,00	-	78.452.143	100,00	-	39,98

FONTE: FIBGE - Dados Censitários - Preliminares

Ultimamente, na região norte, como um todo, e no noroeste do Estado, em particular, é intensa a utilização de pastagens artificiais de grande rendimento, que permitem o pastoreio durante todo o ano, fato que vem acelerando a expansão da bovinocultura naquelas áreas, conforme pode-se verificar na prancha 3.5.1 (1^a).

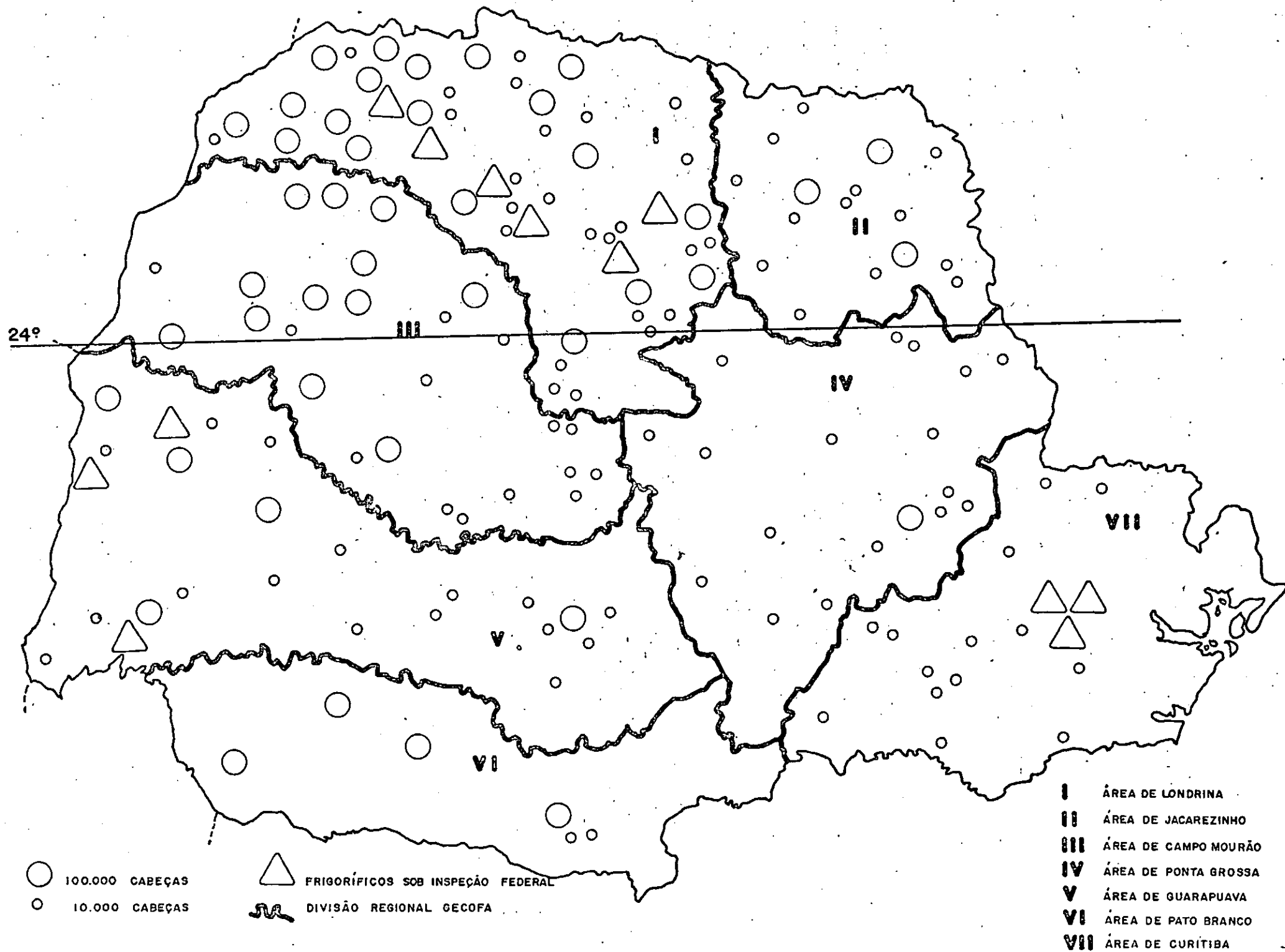
Suinocultura

A suinocultura constitui-se numa das mais importantes atividades do setor primário paranaense. Encontra-se disseminada por quase todo o Estado e o rebanho suíno paranaense está avaliado em 6,2 milhões de cabeças, fato que coloca o Paraná na posição de destaque entre as unidades da Federação.

DISTRIBUIÇÃO DO REBANHO SUINO BRASILEIRO POR ESTADOS - 1960/70

Estados	(em cabeças)						
	1960			1970			Crescimento (%)
	Efetivo Suíno	%	Posição	Efetivo Suíno	%	Posição	
PARANÁ	3.630.659	14,25	2º	6.209.940	19,70	1º	71,04
RIO G.DO SUL	5.554.829	21,72	1º	5.854.202	18,60	2º	5,39
MINAS GERAIS	3.330.760	12,90	3º	3.287.258	10,40	3º	-0,41
SANTA CATARINA	2.393.474	9,35	4º	3.154.818	10,00	4º	31,81
MARANHÃO	1.819.314	7,10	6º	2.756.979	8,75	5º	51,53
BAHIA	1.619.135	6,33	7º	1.899.813	6,00	6º	17,34
SÃO PAULO	2.285.872	8,90	5º	1.855.116	5,90	7º	-18,84
GOIÁS	1.240.381	4,85	8º	1.686.684	5,35	8º	35,98
OUTROS	3.735.427	14,60	-	4.836.128	15,30	-	29,47
TOTAL-BRASIL	25.579.851	100,00	-	31.540.938	100,00	-	23,30

FONTE: FIBGE - Dados Censitários-Preliminares



Nas regiões oeste e sudoeste do Estado, onde concentra-se aproximadamente 60% do rebanho estadual, a suinoculturavem apresentando as mais altas taxas de desfrute do País, com a prática de técnicas racionais de criações, considerada entre as mais avançadas do Brasil. As principais raças de porco, tipo carne, criadas nessas regiões são a "landrace" e a "duroc", apropriadas para a industrialização.

A prancha 3.5.1 (2ª) mostra a distribuição espacial do rebanho suíno paranaense - divididos em tres grandes regiões.

3.5.2 INDÚSTRIA

Segundo estudo do Departamento Nacional de Mão - de-Obra referente ao ano de 1970, o Paraná é o quinto Estado brasileiro em número de estabelecimentos industriais.

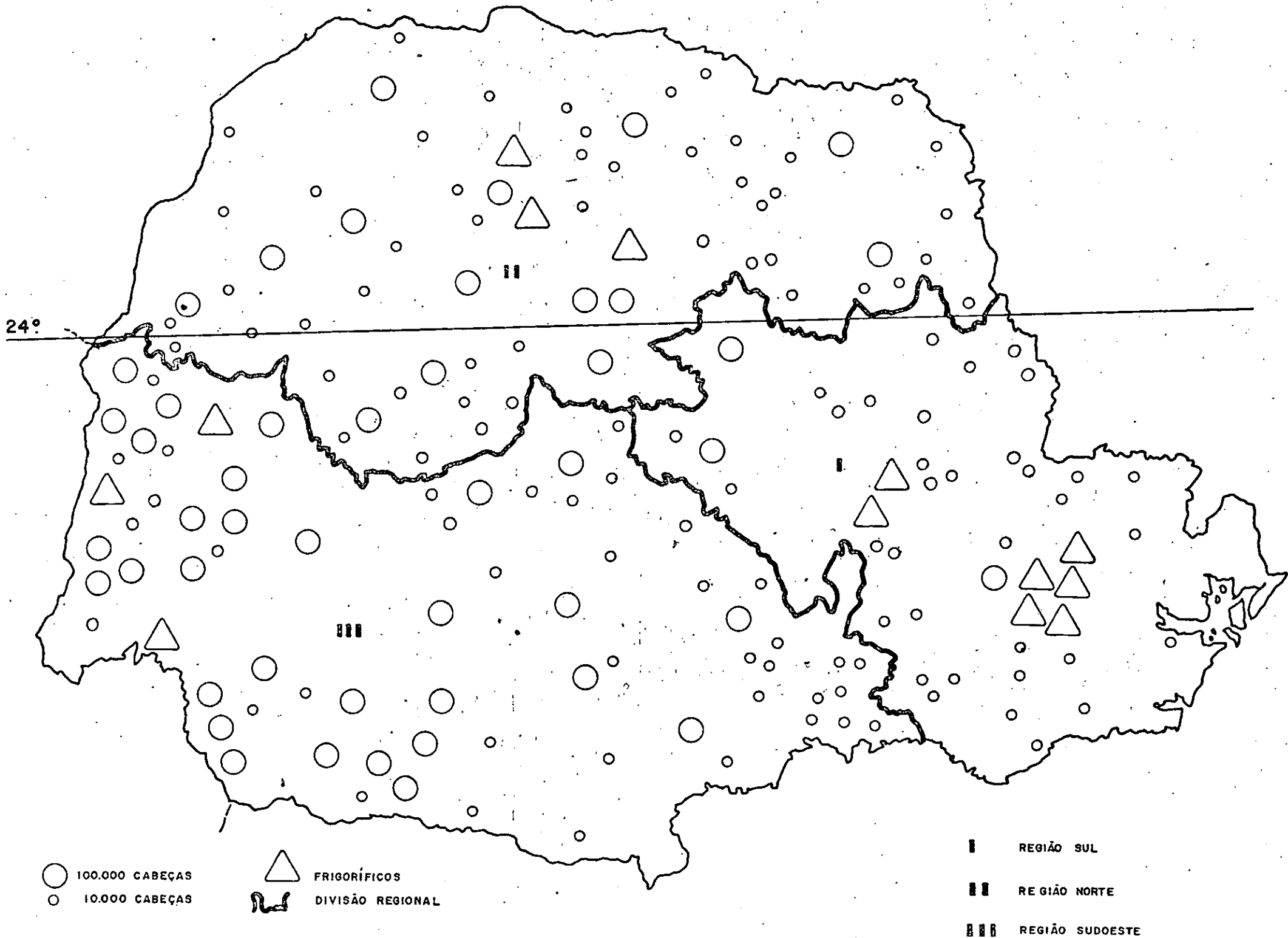
Os ramos industriais de maior destaque são os vinculados ao setor primário, fato que faz com que o setor secundário sirva de poderoso apoio às atividades primárias do Estado. Constituindo-se ainda a agro-indústria como uma das maiores oportunidades para investimento no Estado.

Os tradicionais ramos de baixa tecnologia, como os ligados a erva-mate, a pasta mecânica e extração de madeira, vem paulatinamente perdendo a posição no mercado, ao mesmo tempo em que surgem grandes investimentos concentrados em ramos ligados à transformação de matérias primas do setor primário como: cimento, óleos vegetais, produtos alimentares, têxtil, papel e cerâmica.

A crescente participação de grupos nacionais e internacionais, com disponibilidade de recursos e tecnologia compatível com os mercados nacionais e internacionais.

Devido sua posição privilegiada como integrante da região Centro-Sul, o Paraná se beneficia da densa concentração econômica, e portanto das oportunidades de investimento, de empregos e de renda que distinguem essa área do país.

Se considerarmos os critérios de valor da produção e de absorção de matérias-primas, os principais ramos da indús-



tria paranaense eram em 1970, os seguintes: alimentares, madeira e mobiliário, têxtil e papel e papelão, seguidos da crescente produção de oleaginosas, e dos minerais não metálicos.

Tomando-se a taxa de crescimento nominal do faturamento, de 1971 para 1972, de algumas das empresas consideradas como das mais importantes do Estado, verificar-se-á que o setor secundário paranaense apresenta um dinamismo bastante acentuado.

3.5.3 SETOR TERCIÁRIO

O setor terciário apresentou nos últimos anos um crescimento horizontal e vertical assentado na formação e consolidação dos centros urbanos estaduais.

O item "intermediários financeiros" representa aproximadamente 11% da renda interna do Paraná, e é resultado da expansão das instituições financeiras e do fortalecimento do mercado de capitais nos grandes centros.

Já o item "outros serviços" onde se classificam as rendas geradas por profissionais liberais e autônomos, participa em 15% da renda total do Paraná, o que demonstra o desenvolvi - mento da produção de recursos humanos no Estado.

4 - DIAGNÓSTICO CONCLUSIVO DA REGIÃO PLANO

4.1 - Introdução

Com este item inicia-se o diagnóstico, propriamente dito, da Região Plano, que conforme proposta metodológica esta subdividido em quatro subsistemas: subsistema natural, sub-sistema de capital, subsistema sócio-cultural e subsistema - produtivo, os quais tem como pano de fundo o subsistema institucional.

Assim é que a análise que se segue contempla os seguintes aspectos da realidade regional:

- uma breve abordagem histórica da formação econômica regional;
- uma caracterização de seus recursos naturais no tocante ao clima, a geologia e geomorfologia, a pedologia, hidrologia e recursos minerais;
- uma análise da estrutura produtiva do sistema econômico regional que inicialmente apresenta uma visão global para posteriormente desagregar-se nas análises setoriais;
- uma abordagem da organização do espaço econômico regional com sua infra-estrutura física e de serviços;
- uma análise social particularmente voltada as condições de trabalho e vida da população, abrangendo ainda os aspectos de educação e saúde;
- concluindo a diagnose regional com a análise dos aspectos institucionais da Associação dos Municípios da Região Centro - Oeste do Paraná - AMCOPAR.

Todas estas análises foram desenvolvidas através de dados secundários, procurando-se trabalhar, sempre que possível, com as mais recentes informações disponíveis, e em alguns itens com variáveis pouco comuns a este tipo de trabalho.

4.2 - Abordagem Histórica da Formação Econômica do Centro - Oeste Paranaense

Historicamente o Brasil assistia a passagem de diversos ciclos econômicos como o do pau-brasil, cana-de-açúcar, mineração e café principalmente, os quais, embora apresentando uma concentração geográfica, irradiavam direta ou indiretamente suas influências a todo o país. Ao se verificar esse fato, especificamente na Província do Paraná, observa-se o surgimento de uma atividade importante derivada da mineração: o tropeirismo, que facilitou a ocupação da Província com o surgimento de lugarejos que se tornaram vilas e posteriormente cidades tais como: Lapa, Jaguariaíva, Castro, Ponta Grossa e Palmeira. Esta atividade, por sua vez, demandou uma economia basicamente a nível de subsistência que se expandiu geograficamente em direção a Oeste, levando a ocupação do Terceiro Planalto (Palmas e Guarapuava).

Da mesma maneira que ocorriam transformações a nível do sistema econômico nacional, também se observava mudanças ao nível de seus sub-sistemas. Assim, o registro histórico do Paraná indicou a passagem sucessiva do desenvolvimento de atividades principais como o mate, a madeira e o café. Por outro lado, no interior da Província, em específico na Região dos Campos Gerais, verificou-se a expansão dos núcleos urbanos existentes e o surgimento de outros, inicialmente em função do desenvolvimento da pecuária e posteriormente com a exploração madeireira.

A origem do processo histórico dos Campos de Guarapuava, (Campos Gerais) remonta às primeiras tentativas de colonização feita pelos Bandeirantes em 1768, os quais enfrentaram, além das dificuldades de locomoção, uma forte resistência indígena.

O núcleo embrionário da cidade de Guarapuava inicia-se com a chegada de uma grande expedição por volta de 1810, que fundou um pequeno arraial fortificado denominado Atalaia. Em novembro de 1819 foi criada a Freguesia de Nossa Senhora do Belém de Guarapuava, a 10 Km de Atalaia, para onde se transferiu o pessoal civil e militar. A Freguesia foi totalmente destruída em abril de 1825 quando foi tomada de assalto pelos índios, tradicional

empecilho da colonização dos Campos de Guarapuava. Com a chegada de novos expedicionários e criadores, a povoação foi elevada a Vila em 1853 e a cidade em 1871, desmembrando-se do Município de Castro.

O Município de Guarapuava foi até o primeiro quartel deste século um dos mais vastos do Estado, dele fazendo parte toda a Região Oeste Paranaense, o qual sofreu sucessivos desmembramentos surgindo daí os municípios de: Prudentópolis em 1906 (colonizado por poloneses e ucranianos), Inácio Martins (1960), Pitanga (1943), Pinhão (1964) e Laranjeiras do Sul (1946), do qual desmembrou-se Campo Novo em 1967 (denominado atualmente Quedas do Iguaçu). Os Municípios de Manoel Ribas (1955) e Palmital (1961) resultaram do desmembramento do Município de Pitanga.

4.3 - Caracterização dos Recursos Naturais da Região Plano

4.3.1 - Localização e Tamanho Geográfico da Área em Estudo.

A área a ser estudada é constituída pelos Municípios já mencionados de Palmital, Pitanga e Manoel Ribas, que na classificação da "Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística" (FIBGE) compõem a Microrregião Homogênea (MRH) 287, e pelos Municípios de Guarapuava, Inácio Martins, Laranjeiras do Sul, Pinhão e Quedas do Iguaçu (componentes da MRH 290), além de Prudentópolis que pertence à MRH 276.

Assim percebe-se que os 9 (nove) municípios, objetos de estudo, não obedecem à classificação do FIBGE, nem outras de caráter geográfico ou funcional, e sim à classificação de caráter político-econômico-institucional das Associações de Municípios. Neste caso, os municípios ora mencionados são os membros-componentes da "Associação dos Municípios da Região do Centro Oeste do Paraná" que neste estudo assume o papel de região programa para fins de planejamento.

Entende-se por Região Plano, Região Piloto ou Região Programa "um espaço contíguo cujas diversas partes se encontram na dependência de uma mesma decisão... . Representa um instrumento' colocado nas mãos de uma autoridade, sediada ou não na região,

a fim de que seja atingida uma meta econômica determinada"¹.

As tabelas 4.3.1 (a) e 4.3.1 (b) registram a posição geográfica, altitude e superfície de cada um dos municípios componentes da Região Plano, cuja visualização no contexto macrorregional é facilitada na prancha 4.3.1 (1.^a), e no contexto estadual na prancha 4.3.1 (2.^a).

4.3.2 - Geologia e Geomorfologia

Além de uma planície litorânea estreita, abruptamente interrompida pelo grande muro da Serra do Mar, três planaltos se sucedem de leste para oeste, caracterizando assim a fisiografia do Estado do Paraná, que se encontra ilustrado na prancha 4.3.2 (1.^a). O primeiro planalto é o de Curitiba, o segundo, o de Ponta Grossa, e o terceiro, o de Guarapuava, sendo que este último, o maior dos três, ocupa 2/3 do território do Estado, e é constituído por faixas de arenitos cobertos por sedimentação.

O planalto de Guarapuava, também denominado Planalto de Trapp do Paraná, atinge 1.220 metros na testa da Escarpa, passando para 550 metros nas Serras do Boi Preto e de São Francisco, caindo para 350 metros na encosta do "Canõn" do Rio Paraná.

Quanto às formas de sua superfície, estas são esculpidas em extensos derrames vulcânicos de arenito-caiuá. Algumas chamam a atenção por constituírem paisagens típicas em mesclas estruturais bem elaboradas.

Nesse planalto encontram-se situados todos os municípios da Região Plano, sendo banhados por três bacias hidrográficas. Os municípios banhados pelo Rio Ivaí, assim como os situados ao norte da região, são caracterizados por uma superfície acidentada com a diferença que aquela zona conta com florestas e uma composição nutritiva mais rica do solo, caracterizados pelo derrame Trapp.

No Centro da Região encontram-se os Campos Gerais, superfície composta, de topografia suave e com altitude das mais eleva

¹BOUDEVILLE, Jacques R. - OS ESPAÇOS ECONÔMICOS
Coleção "Saber Atual" - Difusão Européia do Livro-S.Paulo- 1973

TABELA 4.3.1 (a) - LOCALIZAÇÃO E TAMANHO GEOGRÁFICO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO PLANO

MUNICÍPIOS	POSIÇÃO GEOGRÁFICA				ALTITUDE M.	SUPERFÍCIE *	
	MRH (FIBGE)	LATITUDE SUL	LONG. W.GR.			Km ²	%
Palmital	287	24° 52'	52° 12'20"		740	1.632	6,43
Pitanga	287	24° 45'21"	51° 45'49"		860	4.552	17,92
Manoel Ribas	287	24° 32'	51° 43'		972	587	2,31
Guarapuava	290	25° 23'36"	51° 27'19"		1.120	8.062	31,74
Inácio Martins	290	25° 34'	51° 04'		1.198	1.023	4,03
Laranjeiras do Sul	290	25° 24'11"	52° 24'48"		900	3.015	11,87
Pinhão	290	25° 41'12"	51° 38'45"		1.120	2.919	11,50
Quedas do Iguaçu (ex-Campo Novo)	290	25° 27'20"	52° 55'		(x)	1.212	4,77
Prudentópolis	276	25° 12'40"	50° 58'50"		730	2.395	9,43
REGIÃO PLANO						25.397	100

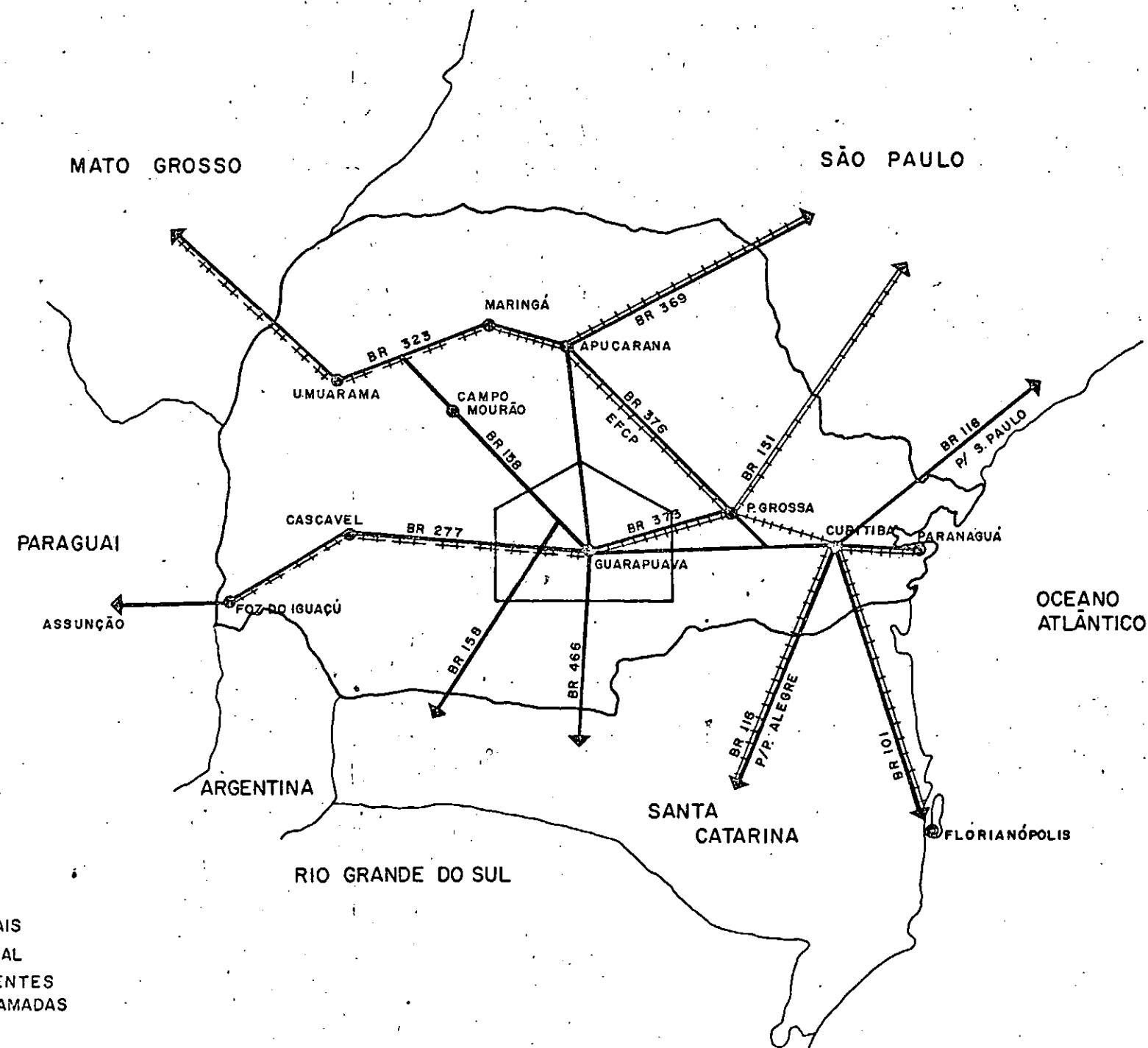
Fonte: Secretaria de Estado dos Negócios do Governo informações a nível Municipal-Curitiba-
Novembro/1969

(*) Sinopse preliminar do Censo Demográfico, 1970.

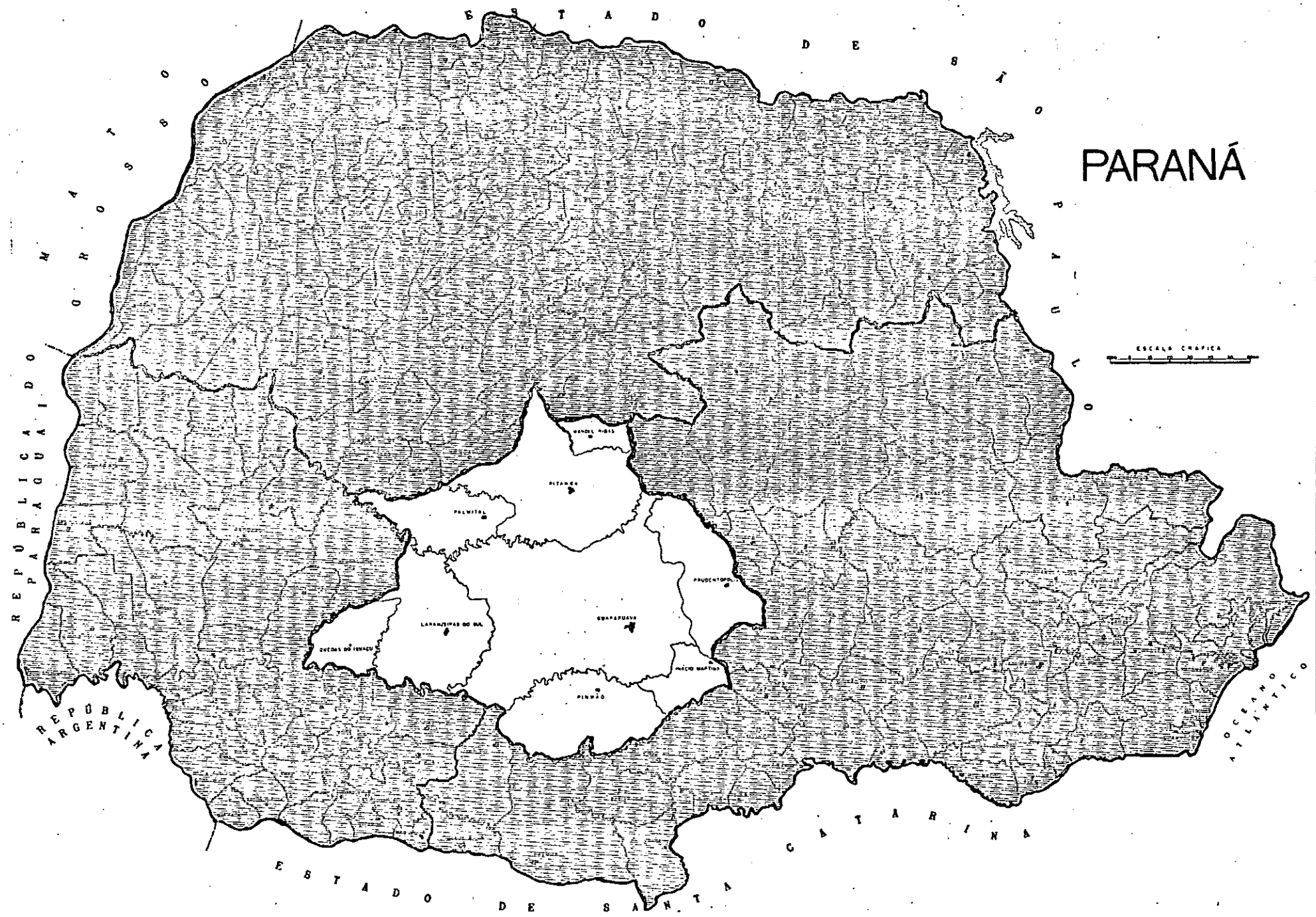
(x) Dado inexistente

TABELA 4.3.1 (b) - LIMITES DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO PLANO

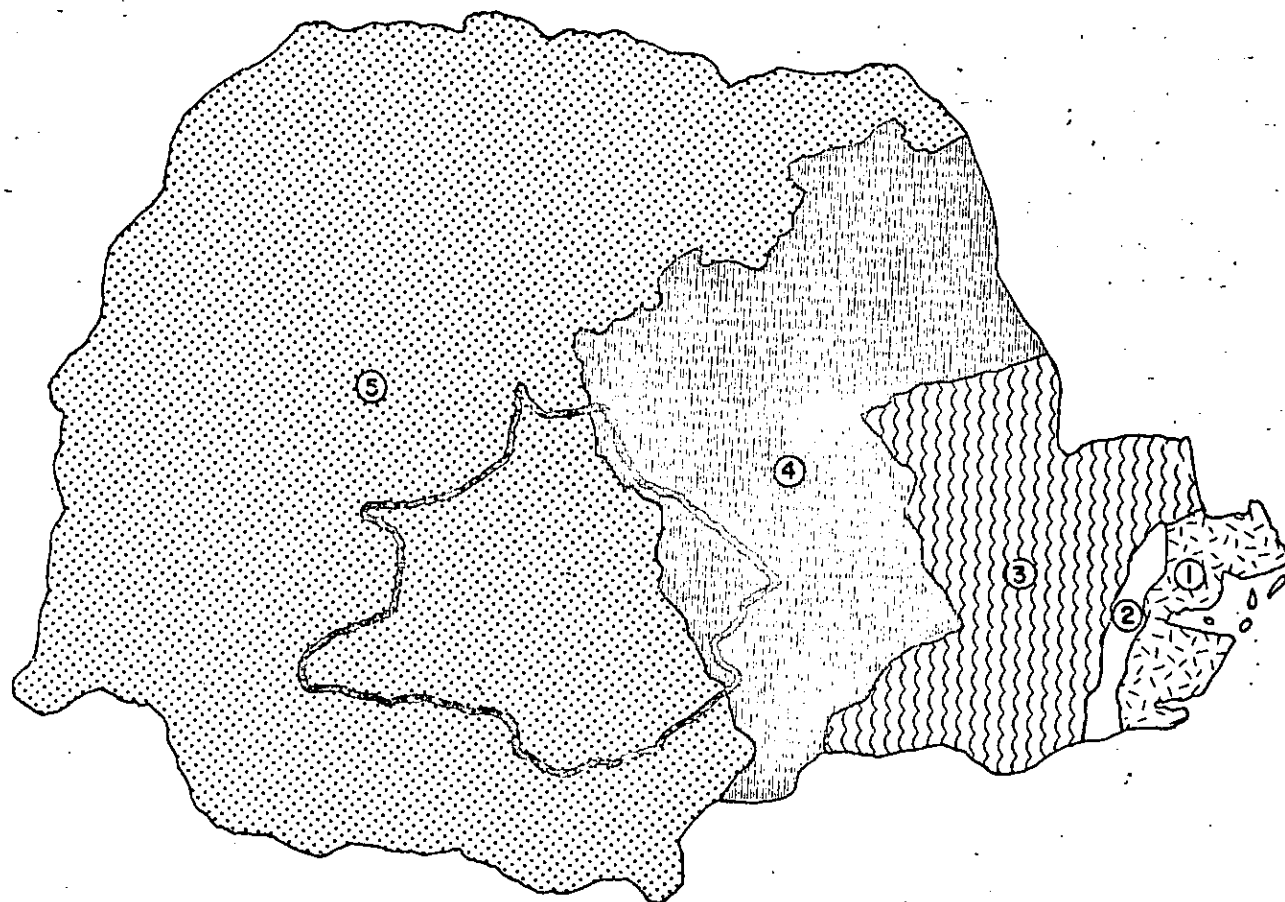
MUNICÍPIOS MUNICÍPIOS LIMÍTROFES	AMCOPAR	PALMITAL	PITANGA	MANOEL RIBAS	GUARA PUAVA	INÁCIO MARTINS	LARANJEI- RAS DO SUL	PINHÃO	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS
Palmital			x		x		x			
Pitanga		x		x	x					
Manoel Ribas			x							
Guarapuava		x	x			x	x	x		x
Inácio Martins					x			x		x
Laranjeiras do Sul		x			x				x	
Pinhão					x	x				
Quedas do Iguaçu							x			
Prudentópolis					x	x				
Guaraniáçu		x					x		x	
Campina da Lagoa		x								
Nova Cantu		x								
Roncador		x	x							
Cruz Machado						x		x		
Cândido de Abreu			x	x	x					x
Iretama			x							
Jardim Alegre			x							
Ivaiporã			x	x						
Manguerinha					x			x		
Chopinzinho					x		x			
Iratí						x				x
Rio Azul						x				
São Jorge do Oeste							x		x	
Bituruna								x		
Palmas								x		
Catanduvas									x	
Salto do Lontra									x	
Imbituva										x
Ivaí										x



- CONVENÇÕES
- RODOVIAS FEDERAIS
 - RODOVIA ESTADUAL
 - FERROVIAS EXISTENTES
 - FERROVIAS PROGRAMADAS



PRANCHA 4.3.2 (1ª) GEOLOGIA E RELEVO DA REGIÃO
PLANO E DO ESTADO.



- 1 - LITORAL
- 2 - SERRA DO MAR
- 3 - 1º PLANALTO
- 4 - 2º PLANALTO
- 5 - 3º PLANALTO

FONTE : OPORTUNIDADES DE INVESTIMENTOS (1975)
CENTROS DE PROMOÇÕES ECONÔMICAS
BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ S.A.-BADEP

das do Planalto de Guarapuava.

A prancha 4.3.2 (2a.) demarca bem a formação geológica da Região, formada basicamente de Efusivas Basálticas (diabásios, basaltos, etc) exceto o contorno Leste, correspondente ao Município de Prudentópolis, cuja formação geológica corresponde ao Permiano, separada da anterior pela Formação Botucatu.

4.3.3 - Clima

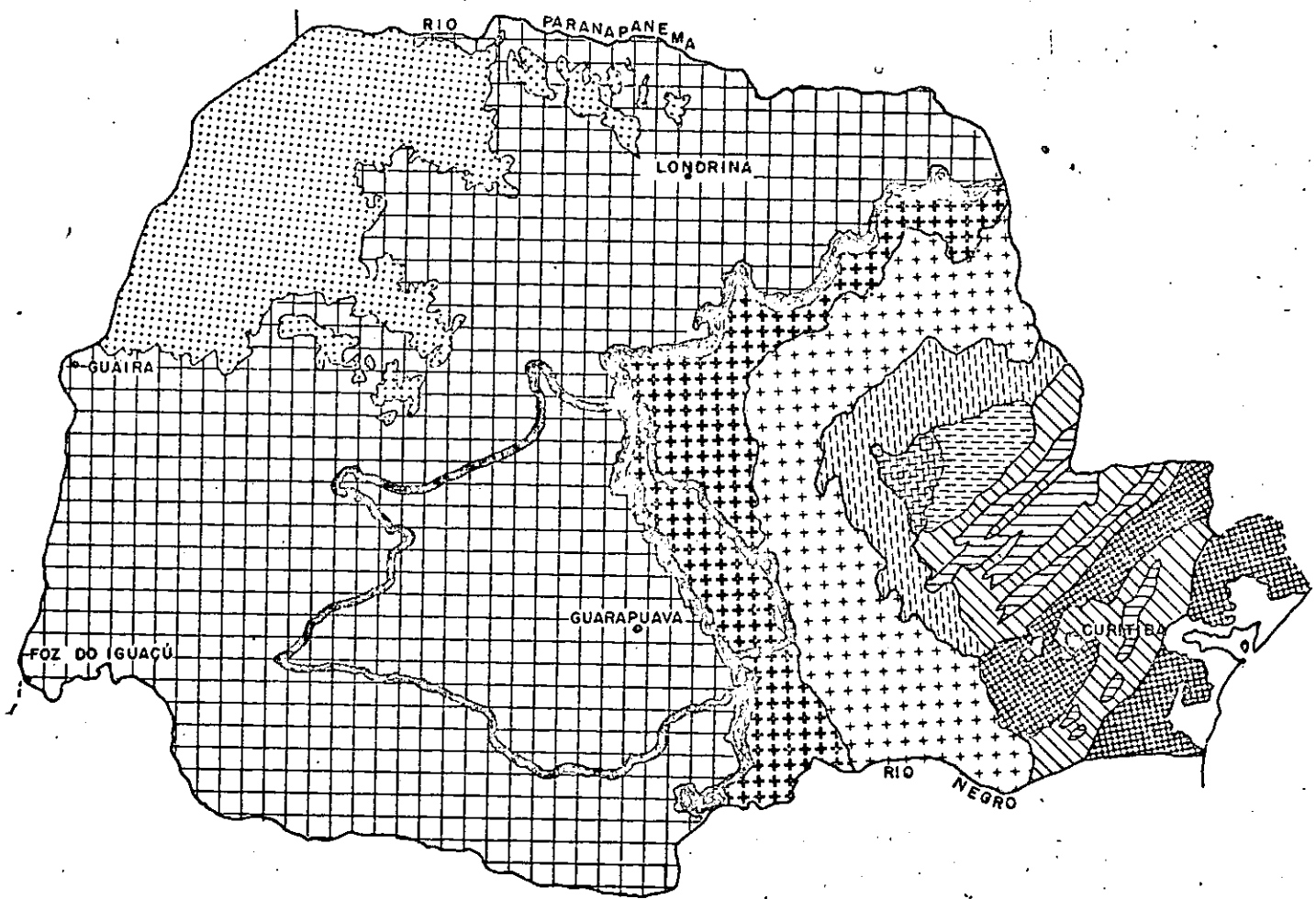
Os principais condicionantes naturais das atividades agrícolas são, sem lugar a dúvida, o solo e o clima. Preponderando este último pelo simples fato de que os problemas decorrentes do relevo e dos solos são passíveis de correção, enquanto o clima, através das chuvas, temperatura, insolação, etc, devido ao caráter aleatório de seus componentes, não possibilitam atuação direta sobre os mesmos, contando-se em determinados casos, com apenas alguns paliativos como a irrigação.

Quanto ao clima, segundo o critério de classificação internacional de W. Koeppen, a maior parte da Região situa-se numa zona tropical úmida, com incidência de geadas noturnas periódicas (até 3 geadas anuais). A zona localizada no Nordeste da Região conta com um clima temperado sempre úmido e com incidência de geadas noturnas mais periódicas (mais de 5 ocorrências anuais), enquanto a zona Leste possui característica climática sub-tropical úmida. Ver prancha 4.3.3 (1a.).

O comportamento climático dos municípios da Região apresenta-se mais ou menos homogêneo. Nos municípios de Pitanga, Laranjeiras do Sul, Inácio Martins, Manoel Ribas, Palmital, Pinhão e Prudentópolis o tipo de clima encontrado é de quente no verão e frio com incidências de geadas no inverno. Entretanto, o Município de Quedas do Iguaçu possui um clima temperado durante todo o ano e Guarapuava apresenta clima temperado durante o verão e bastante frio no inverno, quando há ocorrências de geadas frequentes e por vezes nevadas, oscilando a temperatura em alguns dias de 8 a 12° abaixo de zero.

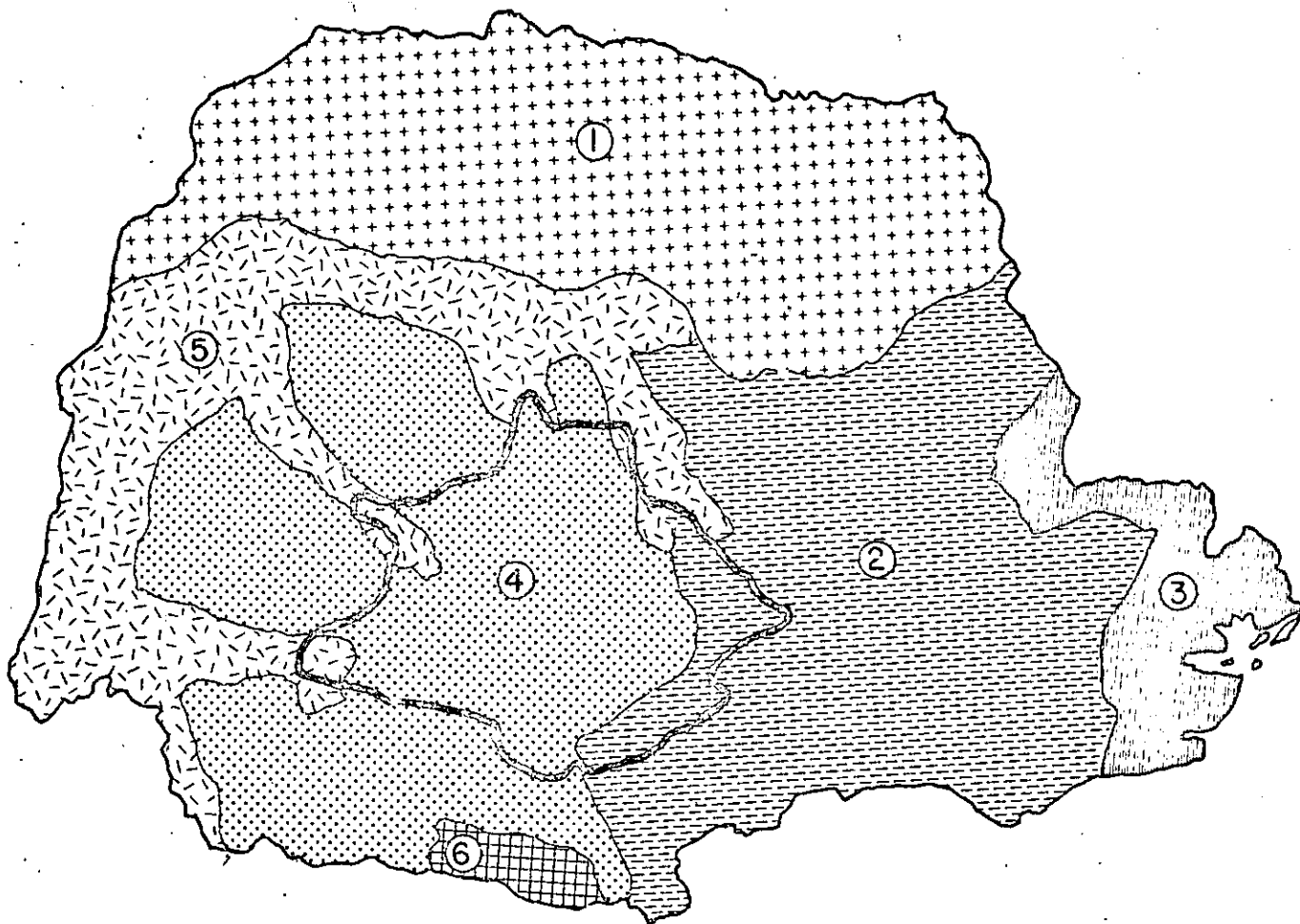
No intuito de caracterizar climaticamente a Região Plano a

PRANCHA 4.3.2 (2º) MAPA GEOLÓGICO DO PARANÁ



FONTE: MAPA GEOLÓGICO DO PARANÁ (MAACK)
DISTRITO FLORESTAL — 1975
SECRETARIA DA INDUSTRIA E DO COMÉRCIO

PRANCHA 4.3.3(1º) MAPA CLIMATOLÓGICO



- 1 - TROPICAL SEMI-ÚMIDO
- 2 - SUB-TROPICAL ÚMIDO
- 3 - TROPICAL SUPER-ÚMIDO
- 4 - SUB-TROPICAL SUPER ÚMIDO
- 5 - SUB-TROPICAL ÚMIDO BRANDO
- 6 - TEMPERADO SUPER-ÚMIDO

FONTE: MAPA CLIMATOLÓGICO DO ESTADO DO PARANÁ
(HELOISA BARTHELMS)
DISTRITO FLORESTAL - 1975
SECRETARIA DA INDUSTRIA E DO COMÉRCIO

CONVENÇÕES












	<u>HOLOCENO</u> Sedimentos Fluviais, Restingas; mangues; Dunas.		<u>CARBONÍFERO SUPERIOR</u> Série Tubarão
	<u>PLUTÔNICAS ÁCIDAS</u> Alcaligranitos; Granitos; Groni- dioritos; Quartzodioritos.		<u>PERMIANO</u> Série Passa Dois.
	<u>PRÉ-CAMBRIANO</u> Embasamento gnáissico; Pré-Cambria no Indiviso.		<u>TRIÁSSICO</u> Formação Botucatū.
	<u>PRÉ-CAMBRIANO</u> Série Açunguã		<u>EFUSIVAS BASÁLTICAS</u> Diabásios; Basaltos; etc.
	<u>EFUSIVAS ÁCIDAS</u> Quartzopórfiros, etc.		<u>JURÁSSICO</u> Caiuã Arenito
	<u>DEVONIANO INFERIOR</u> Série Paranã		

Figura 2 - MAPA GEOLÓGICO DO ESTADO DO PARANÁ (MAACK).

tabela 4.3.3 (a) resume o registro pluviométrico médio mensal, para os anos de 1972 e 1973, das pistas de observação localizadas na mesma área.

4.3.4 - Pedologia

Como já foi mencionado, o solo, depois do clima, é o fator natural mais importante para a vida das plantas, pois além de servir para sua fixação, proporciona-lhes os nutrientes e a água que necessitam para seu crescimento.

Os solos do Centro Oeste Paranaense apresentam formações geomorfológicas homogêneas em toda a Região, exceto na zona Leste (Município de Prudentópolis) que se constitui de solos lateríticos, com frequência erodidos e lisciviados (lavados), formado nas rochas mater lateríticas, também nas semi-lateríticas, e pobres em latericos (argilosa, limosas, limo-arenosas e rochosas, semi-matearizados, etc) sob mata fluvial e tropical, talvez sob campo do mesmo clima. O resto da região compõem-se de solos vermelhos originados em rochas mater lateríticas argilosas e limo argilosa, de cor vermelho arroxeadado, e às vezes amarelo; e solos vermelhos erodidos de declives; talvez solos marrons, sob mata fluvial sub-tropical e de araucária, às vezes - sob erva-mate e campo.²

4.3.5 - Hidrografia

O Paraná conta com duas bacias hidrográficas principais, a primeira, a bacia do Atlântico (15.876 Km²) do território estadual e a segunda, a bacia do Paraná (183.678 km²).

A Região Plano situa-se nesta última e limita-se com os Rios Ivaí ao Norte e Iguaçu ao Sul, os quais são geologicamente mais antigos do que as escarpas e os planaltos, e fluem do litoral para o interior. Além desses rios correm no interior da Re

² WLADIMIR C. KAVALERIDZR - Extraído do mapa de distribuição dos principais agrupamentos dos solos do Estado do Paraná.

TABELA 4.3.3 (a) - OBSERVAÇÕES PLUVIOMÉTRICAS

(média mensal referente a 1972 e 1973)

LOCAL	OBSERVAÇÕES PLUVIOMÉTRICAS	PRECIPITAÇÃO MÉDIA		PRECIPITAÇÃO MÁXIMA		Nº MÉDIO MENSAL DE DIAS COM CHUVAS	
		MENSAL - MM		ANUAL		1972.	1973
		1972	1973	1972	1973	1972.	1973
G							
U	-SALTO CURUCACA*						
A	-IGUAÇU **	169,8	156,1	117,0	76,4	10	9
R	-MARQUINHO*						
A	-PIQUIRI **	122,6	169,9	78,0	88,0	5	7
P	-COL. ENTRE RIOS*						
U	-IGUAÇU**	198,1	187,3	105,3	95,2	7	7
A	-CAMPINA DO SIMÃO*						
V	-PIQUIRI**	177,9	154,7	77,0	72,8	10	9
A							
L							
A	-USINA DO RIO CAVERNOSO*						
R.	-IGUAÇU**	147,9	171,1	53,0	74,0	11	11
D	-PORTO PAQUEREM*						
O	-PIQUIRI**	153,6	154,0	75,0	90,8	8	7
S	-LARANJEIRAS DO SUL *						
U	-IGUAÇU**	175,8	190,5	95,8	75,4	10	10
L							
P							
P	-SANTA MARIA *						
I	-PIQUIRI **	139,3	139,9	66,2	74,3	10	10
T	-SALTO DA ONÇA *						
A	-IVAÍ **	155,6	164,0	85,2	100,1	7	7
N	-BARRA BONITA *						
G	-PIQUIRI**	159,1	193,2	84,3	128,3	9	11
A	-PITANGA *						
	-IVAÍ **	158,7	150,8	80,0	75,0	8	8
P							
P	-PALMITAL *						
A	-PIQUIRI**	151,6	152,1	75,0	97,2	6	6
L	-ALTAMIRA *						
M	-PIQUIRI **	163,2	132,7	80,0	64,0	6	6
I	-FAZ. SALTO GRANDE.*						
T	-PIQUIRI**	161,2	160,1	69,0	97,2	10	9
A							
L							
M.							
R	-MANDEL RIBAS *						
I							
B	-IVAÍ **	136,1	147,7	56,4	64,2	8	8
A							
S							

FONTE: Anexos 4.3.3 (1º) e 4.3.3 (15º)

OBS: -(*) POSTO DE OBSERVAÇÃO

(**) BACIA HIDROGRÁFICA

gião os Rios Piquiri e seus afluentes, o Rio Cantu e o Rio Jordão, que corta a Região no sentido Norte-Sul.

A prancha 4.3.5 (1a.) ilustra as principais correntes hidrográficas do Estado e da Região, apreciando-se também a localização das diversas usinas hidroelétricas instaladas e a se instalar ao longo do Rio Iguaçu (trecho de 200 Km), os quais, a proveitando-se dos desníveis geográficos, poderão obter um apro veitamento de energia elétrica superior a 6.000 KW.

A seguir, apresenta-se um breve comentário das bacias hidrográficas relativas à Região Plano.

Bacia Hidrográfica do Rio Ivaí

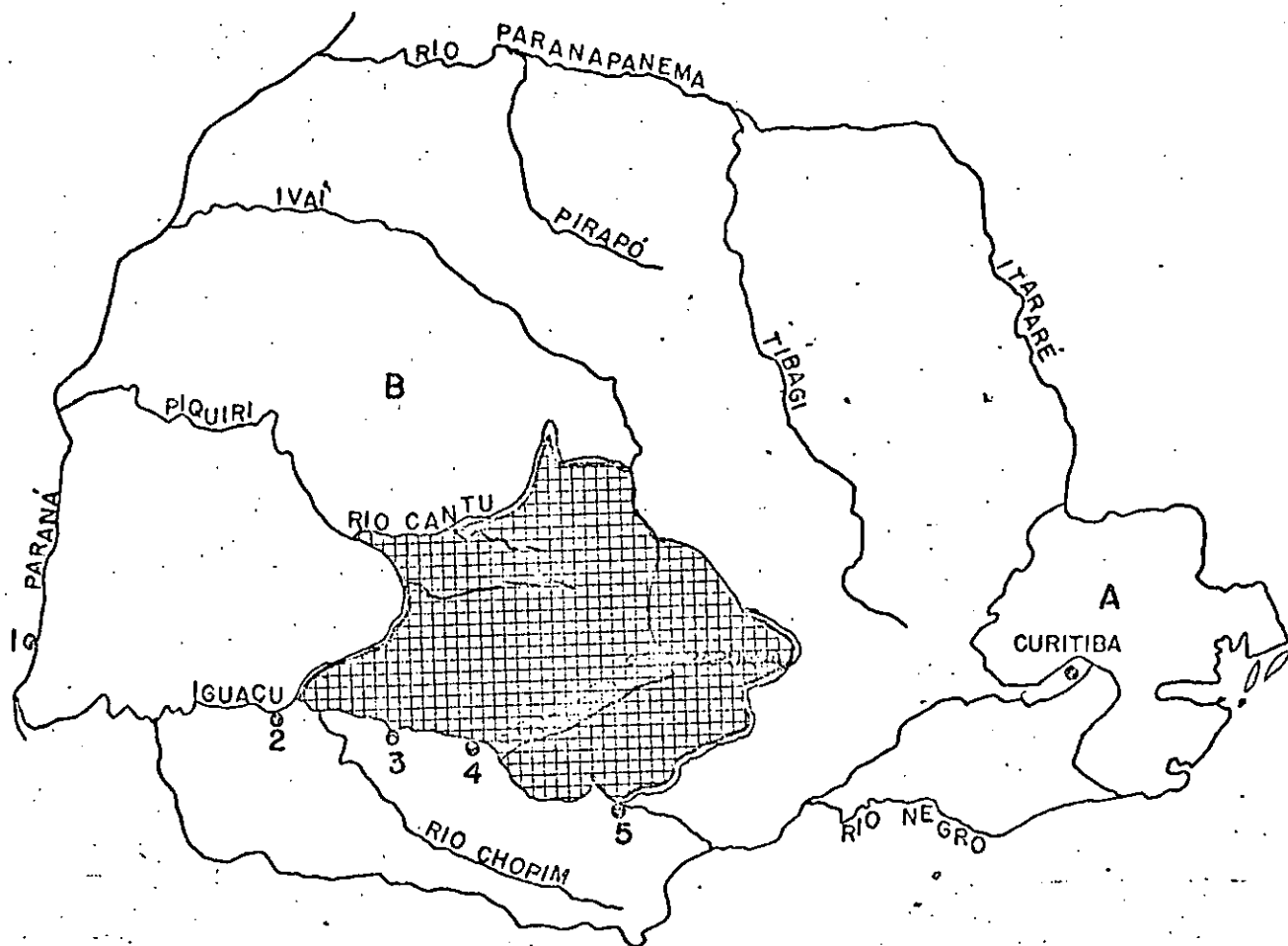
Com um percurso de 685 Km e uma bacia hidrográfica de - ' 35.845 Km², o Rio Ivaí tem como nascente o Rio dos Patos, próximo ao Município de Inácio Martins, na Serra da Boa Esperança, e o Rio São João, ao Norte e Nordeste de Bananas, no Terceiro Planalto. Recebe em sua bacia hidrográfica mais de 100 afluentes, nos quais existem uma imensidade de pequenas precipitações ainda não registradas e medidas, indo desembocar no Rio Paraná.

Bacia Hidrográfica do Rio Piquiri

O percurso do Rio Piquiri é de 329 Km e sua bacia hidrográfica abrange 23.431 Km². Nasce na Serra São João e possui grandes quantidades de corredeiras e saltos que ainda não foram registrados nem medidos; recebe em sua bacia hidrográfica 29 afluentes em sua margem direita e 32 na margem esquerda, desembocando suas águas no Rio Paraná, próximo à cidade de Guaíra.



Bacia Hidrográfica do Rio Iguaçu

O Rio Iguaçu é o mais extenso, dos três principais rios da Região Plano, perfazendo um percurso de 1.200 Km. Abrange uma extensa área do Estado do Paraná, com cerca de 57.329 Km². Tem suas nascentes localizadas no Morro Redondo da Serra de Araçatuba, na Serra do Mar, e suas águas desembocam no Rio Paraná, próximo à cidade de Foz do Iguaçu.



- A — BACIA DO ATLANTICO
- B — BACIA DO PARANA
- 1 — ITAIPU
- 2 — SALTO OSÓRIO
- 3 — SALTO SANTIAGO
- 4 — SALTO SEGREDO
- 5 — FOZ DO AREIA

CONVENÇÃO

-  — LIMITE DA REGIÃO PLANO
-  — RIOS

FONTE: R. MAACK — GEOGRAFIA FÍSICA DO ESTADO DO PARANÁ

4.3.6 - Vegetação

Os capões dos Campos Gerais, de Guarapuava, Palmas e Laranjeiras do Sul, são associações florísticas da Araucária. Às madeiras de lei, crescem novos elementos na mata de Araucária, mencionando-se em primeiro lugar a Imbúia. Veja-se no mapa fitográfico na prancha 4.3.6 (1a.).

A partir de 1951 vêm-se observando em diversas zonas do Estado, principalmente na zona de Laranjeiras do Sul e mais para o Oeste, que a Araucária definha justamente na idade de seu melhor desenvolvimento. Árvores enormes entre 80 e 100 anos de idade secam lentamente sem causas aparentes. De importância vital é o fato de que estas Araucárias não produzem mais sementes, não se registrando o crescimento de pinheiros jovens. Para ser possível reflorestar, a semente deve ser trazida de outras zonas de formação. O definhamento observado nas Araucárias da Região de Laranjeiras do Sul sofreu o primeiro exame por dois técnicos do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, que estudaram esta estranha ocorrência e comunicaram que numa área superior a 100.000 ha encontraram 12% de Araucárias nativas definhando ou já completamente secas e que mais de 70.000 pinheiros no Município de Laranjeiras do Sul e arredores não produziam mais frutos nem sementes.




Ocorrem no Estado do Paraná, 5 regiões distintas de campos limpos como forma de relicto de um período climático semi-árido do Plio-Pleistoceno, onde, no terceiro planalto, ao norte do Rio Iguaçu, encontram-se os Campos de Guarapuava; todavia estes estão sendo substituídos por agriculturas. Nos Campos de Laranjeiras do Sul, assim como nos de Guarapuava, surgiram consequências perigosas devido às queimas efetuadas durante vários anos, acarretando perdas de produtividade na atividade pastoril, onde em vez de se poder alimentar anualmente uma cabeça de gado em 1/2 a 1 alqueire de pasto, são hoje, necessários 1 a 2 alqueires.

Reflorestamento




Com o intuito de se obter uma visão do reflorestamento fei

CONVENÇÕES REFERENTES AO MAPA FITOGEOGRÁFICO DO PARANÁ


I - REGIÃO LITORÂNEA

-  1 - Praia, formação psomófitas (ipomoea, pês-caprae, gramíneas, etc.).
-  2 - Manguezal (Laguncularia Rhizophora e Avicennia), rico em epifitas.
-  3 - Restinga sub-xerófitas e flora halófitas com predominância de palmáceas (Euterpe, Attalea, Cocos, etc. com epifitas e lianas).





II- REGIÕES PANTANOSAS


-  4 - Pântanos do litoral.
-  5 - Pântanos e campos de inundação do rio Paraná com predominância de gramíneas e taquaruçu.
-  6 - Várzeas (campos de inundação) dos grandes rios.


III- REGIÕES ALTAS DAS SERRAS

-  7 - Cerrados, campos e vegetação das rochas.


IV - REGIÕES DAS MATAS


-  8 - Mato pluvial trop. do litoral e da serra do Mar inclusive regiões serranas. Rico em epifitas, lianas e palmáceas, Euterpe, Cocos, Attalea, etc. (inclusive tipo sub-tropical com Ciateáceas).
-  9 - Mato pluvial trop. dos planaltos do interior e do vale do rio Ivai' rico em epifitas, lianas e palma (Euterpe edulis predominante, Cocos, etc.).
-  10 - Mato pluvial tropical menos exuberante, com notável escassez de palmáceas (Arecastum (Cocos) romanzottiana predominante e raramente Euterpe).
-  11 - Mata pluvial sub-tropical do interior, epifitas e lianas em menor escala, rico em Ciateáceas, ainda com Euterpe e Cocos.

 12 - Matas de Araucarias com taquarais e palmáceas ricas em Dicksonias com predominância de Arecastrum (Cocos) romanzoff, mas também com Euterpe edulis nas regiões quentes (solos férteis).

 13 - Regiões principais de Erva-mate (ilex -paraguariensis) na região das Araucárias.


V - REGIÕES DOS CAMPOS


 14 - Campos cerrados do tipo das savanas do planalto central do Brasil (estepe arbustiva).


 15 - Campos limpos com capões e matas ciliares ou galerias ao longo dos rios e arroios (também zonas de Araucárias).


VI - REGIÕES DE MATAS DEVASTADAS


Terras periodicamente trabalhadas, ou em menor escala cultivadas.


 16 - Matos secundários predominantes na zona litorânea com culturas de bananas, canaviais, etc.

 17 - Matos secundários devastados na região pluvial tropical do interior, substituída por cafezais, pastos e demais culturas.

 18 - Matas devastadas da zona 10 com pastos artificiais, culturas de algodão, cereais, etc.

 19 - Zona de mato pluvial sub-tropical devastada intermeada de terra cultivada.

 20 - Mato secundário predominante com samambaia na zona de Araucárias Região principal de colonização, com terras usadas periodicamente (Sistema de roças. Pouca rotação de cultura).

 21 - Zona de culturas efetivas. Completo desaparecimento dos limites das associações florísticas naturais como mato e campo (Kulturlandschaft).

to na Região, utilizou-se, na ausência de outras fontes mais fidedignas, os registros da aplicação dos Incentivos Fiscais em Re florestamento, instituídas pela Lei 5.106 e pelo Decreto-Lei nº 1.134, além dos reflorestamentos especialmente programados para atender ao disposto nas Portarias 784 e 107 do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), a saber:

- a) LEI - 5.106 - Reflorestamentos executados, por diversos contribuintes, sem compromisso quanto a utilização futura e que constituem a grande população florestal da Região;
- b) Decreto-Lei - 1.134 - Reflorestamentos executados por entidades jurídicas com aplicação de Incentivos Fiscais de terceiros e comprometidos com Programas Industriais, já caracterizados pela existência das Indústrias ou Projetos de futura implantação;
- c) Portarias nºs 784 e 107 - Reflorestamentos programados, com baixa percentagem de execução, em pequenas áreas com sérias restrições quanto a previsão de utilização futura.

Feita a enumeração da utilização dos Incentivos Fiscais apresenta-se na tabela 4.3.6 (a) dados referente ao cadastramento das áreas previstas para reflorestamento na Região, para o período de 1965 a 1979, com recursos provenientes da aplicação dos be nefícios da Lei 5.106, sendo que destaca-se o Município de Guarapuava com 54,6% do total da Região. Já os reflorestamentos previstos pelos incentivos provenientes do Decreto Lei 1134 e das Portarias 784 e 107 encontram-se anotados, respectivamente nas tabelas 4.3.6 (b) e 4.3.6 (c). Outrossim a tabela 4.3.6 (d) resu me todas as informações apresentadas anteriormente, verificando-se novamente a pujança de Guarapuava que detém 60% do total de reflorestamentos previstos na Região. Plano.

Cabe salientar que a área total de reflorestamentos esperados na Região, corresponde a 10% do total reflorestado no Estado.

Convém salientar que nos dados apresentados sobre áreas re florestadas, as de essência nativa incluem a Araucária angustifo

TABELA 4.3.6 (a) - REFLORESTAMENTO NA REGIÃO PLANO, CLASSIFICADOS POR MUNICÍPIO, PROGRAMADOS COM INCENTIVOS DA LEI - 5.106 - PERÍODO 1965/1979

MUNICÍPIOS	ÁREA REFLORESTADA (ha)						NÚMERO DE ÁRVORES					
	NATIVA	%	PRINCIPAL	%	TOTAL	%	NATIVA	%	PRINCIPAL	%	TOTAL	%
GUARAPUAVA	2.704,14	48,31	13.102,78	56,04	15.806,92	54,54	6.403,901	46,94	31.400.224	56,67	37.812.125	54,75
LARANJEIRAS DO SUL	446,14	7,97	1.367,56	5,85	1.813,70	6,26	1.109.940	8,13	3.316.310	5,98	4.426.250	6,41
INÁCIO MARTINS	617,50	11,03	1.539,50	6,58	2.157,00	7,44	1.207.150	8,85	3.848.750	6,95	5.055.900	7,32
PINHÃO	657,45	11,75	2.306,67	9,86	2.964,12	10,23	2.055.314	15,06	4.190.029	7,56	6.245.343	9,04
QUEDAS DO IGUAÇU	293,00	5,23	1.540,00	6,58	1.833,00	6,32	733.000	5,37	3.850.000	6,95	4.583.000	6,63
PITANGA	722,32	12,90	3.338,68	14,27	4.061,00	14,01	1.812.050	13,28	8.346.700	15,06	10.158.750	14,71
PALMITAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MANOEL RIBAS	2,00	0,04	42,00	0,18	44,00	0,15	5.000	0,04	105.000	0,19	110.000	0,16
PRUDENTÓPOLIS	154,84	2,77	149,50	0,64	304,34	1,05	317.650	2,33	357.070	0,64	674.720	0,98
TOTAL REGIÃO	5.597,39	100	23.386,69	100	28.984,08	100	13.644.005	100	55.422.083	100	69.066.088	100
TOTAL ESTADO	55.787,12	10,03	200.863,58	11,64	256.650,70	11,29	216.803.446	6,29	470.418.770	11,78	687.222.216	10,05

FONTE: SUDESUL/GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ/I.B.D.F-ESTUDO DAS ALTERNATIVAS TÉCNICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS DO SETOR FLORESTAL DO PARANÁ - SUB-PROGRAMA "MATÉRIA PRIMA".

TABELA 4.3.6 (b) REFLORESTAMENTO NA REGIÃO, CLASSIFICADOS POR MUNICÍPIO, PROGRAMADOS COM INCENTIVOS DO DECRETO-LEI 1.134 - PERÍODO 1965/1979

MUNICÍPIOS	ÁREA REFLORESTADA (ha)						NÚMERO DE ÁRVORES					
	NATIVA	%	PRINCIPAL	%	TOTAL	%	NATIVA	%	PRINCIPAL	%	TOTAL	%
GUARAPUAVA	573,54	83,30	4.392,64	97,50	4.966,18	95,62	1.245.376	81,24	9.285.547	97,06	10.530.923	94,87
LARANJ.DO SUL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
INÁCIO MARTINS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PINHÃO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Q. DO IGUAÇU	115,00	16,70	112,70	2,50	227,70	4,38	287.500	18,76	281.750	2,94	569.250	5,13
PITANGA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PALMITAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MANOEL RIBAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PRUDENTÓPOLIS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL REGIÃO	688,54	100	4.505,34	100	5.193,88	100	1.532.876	100	9.567.297	100	11.100.173	100
TOTAL ESTADO	8.918,34	7,72	37.036,54	12,16	45.954,88	11,30	41.085.545	3,73	74.130.986	12,90	115.216.531	9,63

FONTE: SUDESUL/GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ/I.B.D.F - ESTUDO DAS ALTERNATIVAS TÉCNICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS DO SETOR FLORESTAL DO PARANÁ - SUB-PROGRAMA "MATÉRIA PRIMA".

TABELA 4.3.6 (c) REFLORESTAMENTO NA REGIÃO, CLASSIFICADOS POR MUNICÍPIO, PROGRAMADOS COM INCENTIVOS NAS PORTARIAS
784 e 107 - PERÍODO 1965/1979

MUNICÍPIOS	ÁREA REFLORESTADA (ha)						NÚMERO DE ÁRVORES					
	NATIVA	%	PRINCIPAL	%	TOTAL	%	NATIVA	%	PRINCIPAL	%	TOTAL	%
GUARAPUAVA	27,00	28,49	214,00	32,89	241,00	32,32	67.500	30,40	472.450	30,20	539.950	30,22
LARANJ.DO SUL	2,40	2,53	105,80	16,25	108,20	14,51	6.000	2,70	264.500	16,90	270.500	15,14
INÁCIO MARTINS	1,00	1,05	26,00	3,99	27,00	3,62	2.500	1,13	65.000	4,15	67.500	3,78
PINHÃO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Q. DO IGUAÇU	6,40	6,75	64,80	9,96	71,20	9,55	16.000	7,21	162.000	10,35	178.000	9,96
PITANGA	53,20	56,12	53,80	8,26	107,00	14,35	118.000	53,15	134.500	8,60	252.500	14,13
PALMITAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MANOEL RIBAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PRUDENTÓPOLIS	4,80	5,06	186,50	28,65	191,30	25,65	12.000	5,41	466.250	29,80	478.250	26,77
TOTAL REGIÃO	94,80	100	650,90	100	745,70	100	222.000	100	1.564.700	100	1.786.700	100
TOTAL ESTADO	10.241,70	0,93	15.200,15	4,28	25.441,85	2,93	50.673.159	0,44	36.797.616	4,25	87.470.775	2,04

FONTE: SUDESUL/GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ/I.B.D.F - ESTUDO DAS ALTERNATIVAS TÉCNICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS DO SETOR FLORESTAL DO PARANÁ - SUB-PROGRAMA "MATÉRIA PRIMA".

TABELA 4.3.6 (d) - ÁREA TOTAL PREVISTA PARA REFLORESTAMENTO NA REGIÃO PLANO - PERÍODO 1965/1979

MUNICÍPIOS	(em ha)				
	LEI - 5.106	DECRETO-LEI 1.134	PORTARIA 784 e 107	TOTAL GERAL	% DE PARTICIPAÇÃO
GUARAPUAVA	15.806,92	4.966,18	241,00	21.014,10	60,18
LARANJEIRAS DO SUL	1.813,70	-	108,20	1.921,90	5,50
INÁCIO MARTINS	2.157,00	-	27,00	2.184,00	6,25
PINHÃO	2.964,12	-	-	2.964,12	8,49
QUEDAS DO IGUAÇU	1.833,00	227,70	71,20	2.131,90	6,10
PITANGA	4.061,00	-	107,00	4.168,00	11,93
PALMITAL	-	-	-	-	-
MANOEL RIBAS	44,00	-	-	44,00	0,13
PRUDENTÓPOLIS	304,34	-	191,30	495,64	1,42
TOTAL REGIÃO	28.984,08	5.193,88	745,70	34.923,66	100
TOTAL ESTADO	256.650,70	45.954,88	25.441,85	328.047,43	10,64

FONTE: TABELAS 4.3.6 (a), 4.3.6 (b) e 4.3.6 (c)

lia e outras, e as de essência principal as seguintes espécies : "Pinus elliottis", "Pinus taeda" e outras essências. A grande concentração de reflorestamentos destas últimas notadamente em Guarapuava, deve-se ao fato de apresentarem possibilidades de utilização de resíduos dos desbastes a partir do 7º ano após o plantio.

A estimativa dos rendimentos futuros dos reflorestamentos implantados em cada município é apresentada na tabela 4.3.6 (e) onde se observa que para toda a Região o volume total é de 11.652.696 metros cúbicos de madeira com casca a ser utilizada no período de 1975/2001. Cabe dizer ainda que, as maiores produções de matéria prima dar-se-ão nos municípios de Guarapuava, Píñhã e Pitanga. Ver distribuição percentual na prancha 4.3.6 (2a.), cujas densidades florestais acham-se apresentadas na tabela 4.3.6 (f).

4.3.7 - Recursos Minerais

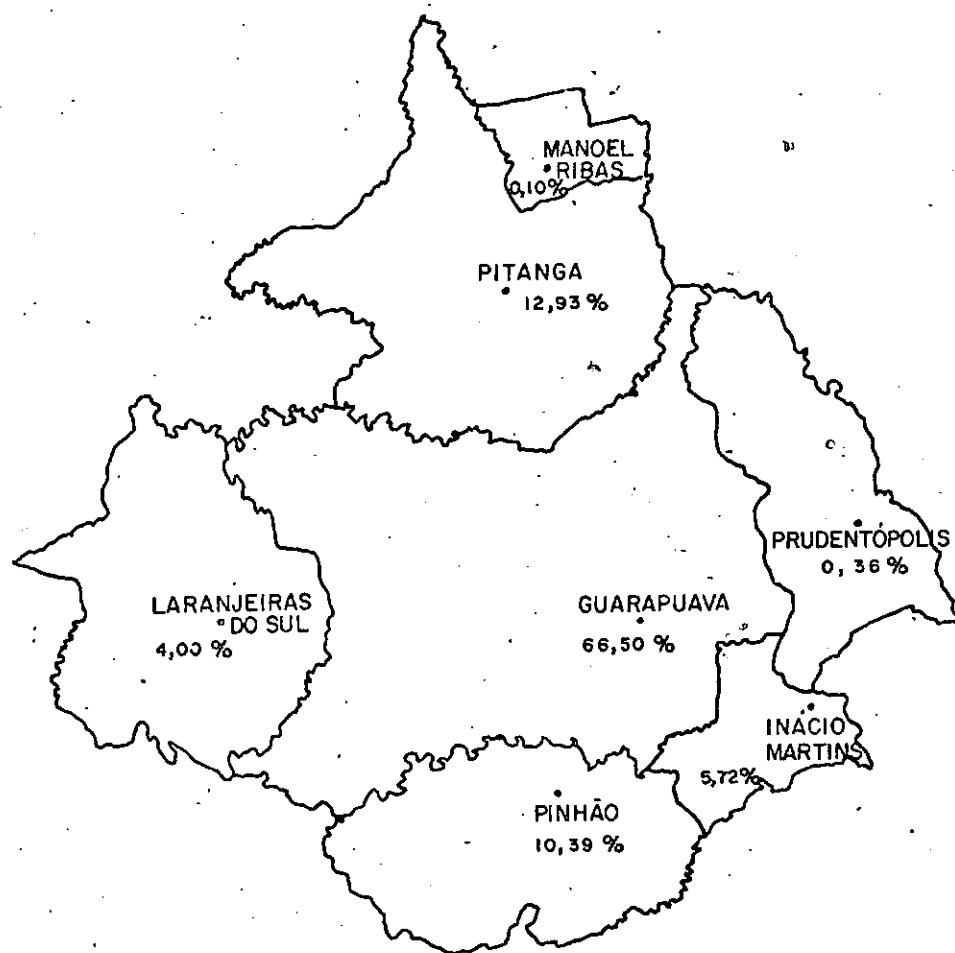
Para este item do estudo encontrou-se sérias dificuldades na obtenção de dados significativos, capazes de retratarem importante atividade, motivo pelo qual se recorreu às informações do Departamento Nacional de Produção Mineral sobre os processos de pedido de pesquisa. A partir dessas solicitações se deduz que a Região Plano deve contar com água mineral, minério de cobre, argila e calcário como se pode observar na tabela 4.3.7 (a).

TABELA 4.3.6 (e) - ESTIMATIVA DOS VOLUMES DE MATÉRIA PRIMA DISPONÍVEL NA REGIÃO DE GUARAPUAVA NO PERÍODO DE 1975 à 2001

MUNICÍPIOS	V O L U M E S E F E T I V O ° S				(em m ³)
	LEI 5.106	PORT. 107 e 784	DECR.-LEI 1134	TOTAL	% TOTAL DE PARTICIPAÇÃO
	GUARAPUAVA	5.817.013,0	91.793,5	1.840.521,0	7.749.327,5
INÁCIO MARTINS	655.676,8	10.555,6	-	666.232,4	5,72
LARANJEIRAS DO SUL	438.230,6	28.184,9	-	466.415,5	4,00
MANOEL RIBAS	11.851,6	-	-	11.851,6	0,10
PINHÃO	1.210.322,0	-	-	1.210.322,0	10,39
PITANGA	1.472.518,0	34.038,4	-	1.506.556,4	12,93
PRUDENTÓPOLIS	22.698,9	19.291,6	-	41.990,5	0,36
TOTAL	9.628.310,9	183.864,0	1.840.521,0	11.652.695,9	100

FONTE: - BADEP/CONFAL - LEVANTAMENTO DE REFLORESTAMENTOS EXISTENTES NA REGIÃO DE GUARAPUAVA

PRANCHA 4.3.6 (2º) DISTRIBUIÇÃO POTENCIAL DE MATÉRIA PRIMA
INTRA REGIONAL DE RECURSOS FLORESTAIS
NA REGIÃO PLANO



FONTE : TABELA 4.3.6 (6)

TABELA 4.3.6. (f) - DENSIDADE FLORESTAL DA REGIÃO PLANO

MUNICÍPIOS	ÁREA REFLORESTADA	ÁREA EM KM ²	DENSIDADE ÁREA REFLORESTADA/KM ²
GUARAPUAVA	21.014,09	8.073,93	0,026
INÁCIO MARTINS	2.184,00	1.033,51	0,021
PINHÃO	2.964,12	2.888,14	0,010
PITANGA	4.168,00	4.551,46	0,009
LARANJEIRAS DO SUL	1.921,90	3.296,49	0,006
PRUDENTÓPOLIS	495,64	2.402,18	0,002
MANOEL RIBAS	44,00	589,24	0,001
TOTAL, REGIÃO	32.791,75	22.834,95	0,014

FONTE: BADEP/CONFAL - LEVANTAMENTO DOS REFLORESTAMENTOS EXISTENTES NA REGIÃO DE GUARAPUAVA,

TABELA 4.3.7 (a) - PROCESSOS DE PESQUISAS MINERAIS

MUNICÍPIOS	DISTRITOS	MINERAIS	NÚMERO DO PROCESSO	OBSERVAÇÕES
Guarapuava	Guarapuava	Água Mineral	812.816	Dado entrada no pedido de pesquisa DNPM
Guarapuava	Paz	Água Mineral	812.862	Dado entrada no pedido de pesquisa DNPM
Guarapuava	Guarapuava	Água Mineral	814.804	Aprovado o pedido de pesquisa no DNPM
Guarapuava	Guarapuava	Água Mineral	814.932	Indeferido o pedido de pesquisa no DNPM
Laranjeiras do Sul	Guarani	Minério Cobre	802.035	Dado entrada no pedido de pesquisa DNPM
Laranjeiras do Sul	Guarani	Minério Cobre	802.036	Indeferido o pedido de pesquisa no DNPM
Laranjeiras do Sul	Guarani	Minério Cobre	802.037	Indeferido o pedido de pesquisa no DNPM
Laranjeiras do Sul	Guarani	Minério Cobre	802.038	Indeferido o pedido de pesquisa no DNPM-
Laranjeiras do Sul	Guarani	Minério Cobre	802.039	Indeferido o pedido de pesquisa no DNPM
Laranjeiras do Sul	Rio da Prata	Minério Cobre	810.301	Dado entrada no pedido de pesquisa DNPM
Laranjeiras do Sul	Rio da Prata	Minério Cobre	810.302	Dado entrada no pedido de pesquisa DNPM
Laranjeiras do Sul	Rio da Prata	Minério Cobre	810.303	Dado entrada no pedido de pesquisa DNPM
Laranjeiras do Sul	Rio da Prata	Minério Cobre	810.310	Dado entrada no pedido de pesquisa DNPM
Pitanga	-	Água Mineral	806.663	Aprovado pedido de pesquisa no DNPM
Prudentópolis	Quatro Barras	Argila	808.488	Dado entrada no pedido de pesquisa DNPM
Prudentópolis	Prudentópolis	Calcário	801.420	Dado entrada no pedido de pesquisa DNPM

Fonte: Departamento Nacional de Produção Mineral.

4.4 Análise da Estrutura Produtiva do Sistema Econômico Regional

4.4.1 Introdução

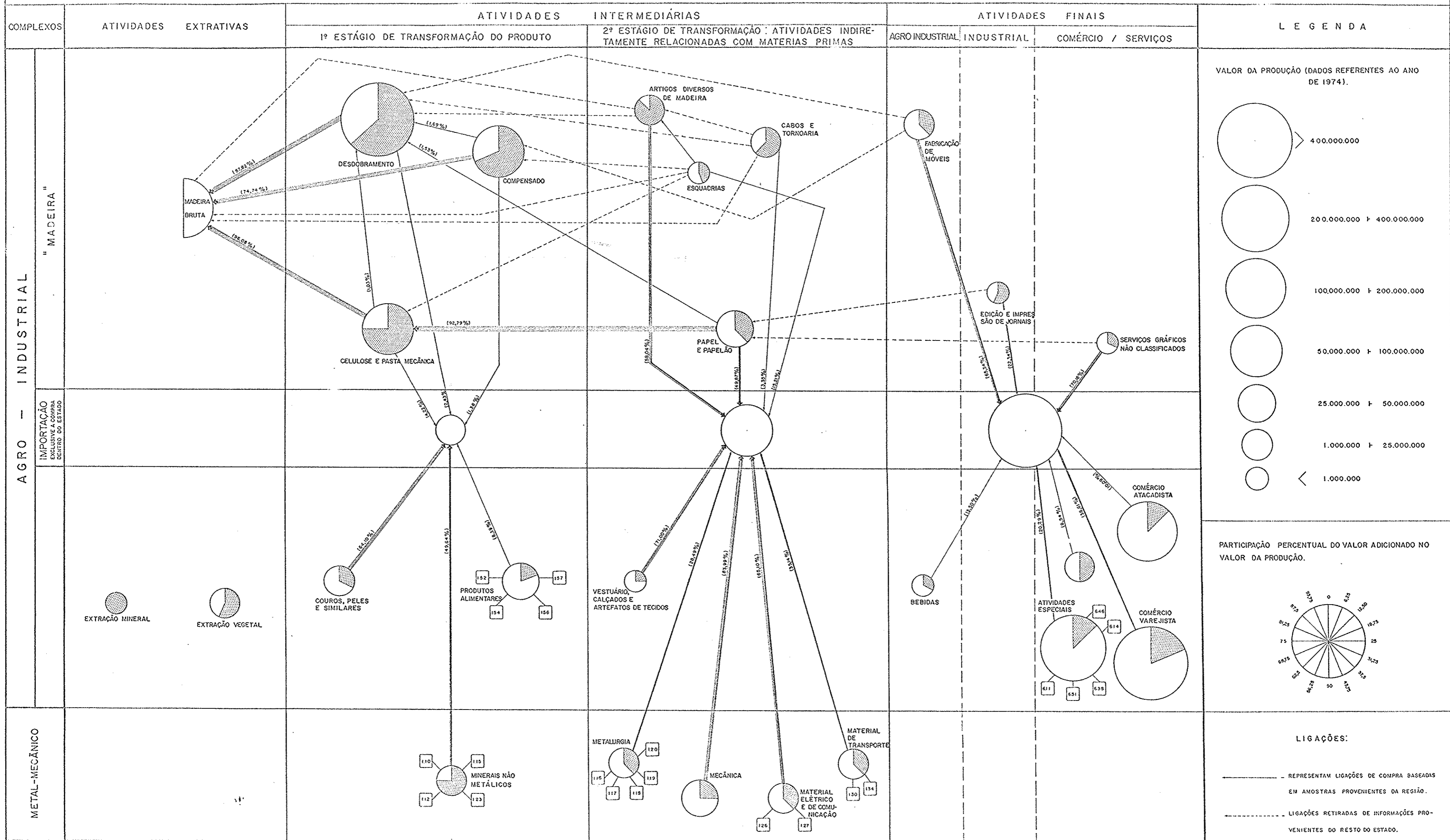
O presente item do trabalho que, talvez, constituiu-se num dos mais importantes e para o qual foi dado grande ênfase, não foi passível de um maior aprofundamento da análise, por situações não proporcionadas ou efetivadas pela equipe de trabalho. Por conseguinte deu-se ao estudo mais um caráter de diagnóstico visando um Plano de Desenvolvimento Integrado para a Associação dos Municípios da Região Centro-Oeste do Paraná-AMCOPAR.

Inicialmente, procurar-se-á através dos tópicos: imagem representativa da Região Plano; comportamento conjuntural das atividades econômicas; distribuição setorial da renda regional estimada; origem da renda regional e do emprego regional e da balança comercial, atingir uma visão sintética e global de como encontram-se estruturadas as atividades econômicas regionais. Porém, como se trata de um enfoque até certo ponto ambicioso que demandam metodologias de uso pouco comum (vide procedimentos metodológicos em anexo) e manipulação de dados também de uso não corrente, logicamente traz embutida em si, várias limitações, as quais são conscientemente reconhecidas no decorrer da análise, mas que se tenta minimizá-las, talvez algumas vezes com sucesso e outras não, nos tópicos subsequentes quando se ache a análise para cada um dos setores regionais.

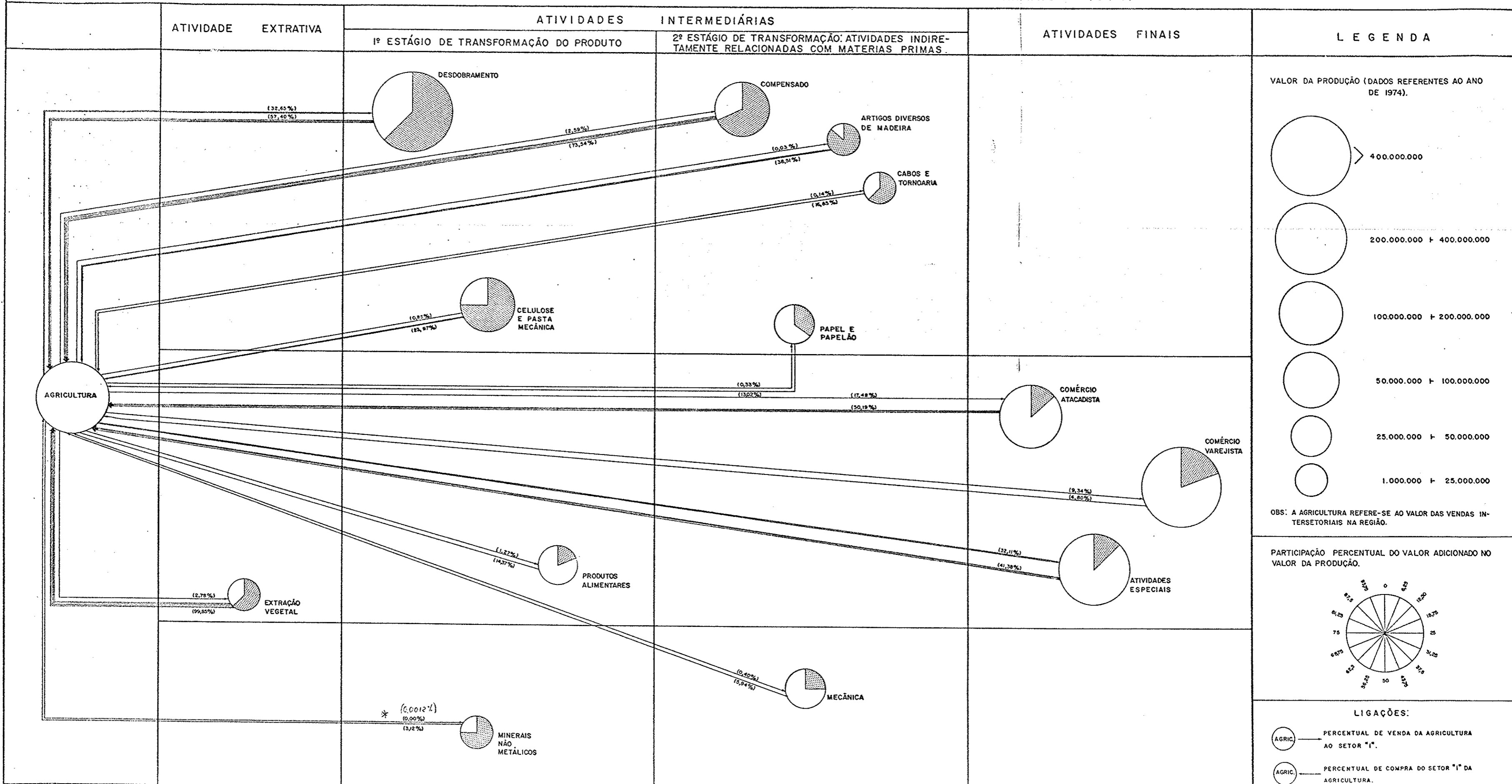
4.4.2 Imagem Representativa da Região Plano

a) A Estrutura Produtiva da Região Plano (uma apresentação gráfica)

As pranchas 4.4.2 (1.^a) e 4.4.2 (2.^a) traduzem o esforço orientado na obtenção de uma maior aproximação da realidade regional, podendo ser apreciado nas mesmas a composição das atividades principais na Região Plano. As informações contidas nas



DEPENDÊNCIA DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS REGIONAIS DO SETOR PRIMÁRIO - 1974.



tabelas 4.4.2 (a) e 4.4.2 (b) se propõem a complementar o propósito de evidenciar a importância que possui cada uma das atividades na região, apresentando o número de pessoal ocupado no ano de 1970 (VIII Recenseamento Geral da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-FIBGE) e o "valor adicionado" apurado pela Secretaria das Finanças do Estado do Paraná, junto aos contribuintes do ICM para o ano de 1974, devendo ser levado em consideração que na avaliação do setor primário não estão deduzidos os insumos utilizados pelo setor, tratando-se, portanto, do conceito de valor da produção. Por outro lado, esse valor refere-se somente à produção primária comercializada, não incluindo conseqüentemente a parcela retida para auto-consumo. O "valor adicionado" no setor secundário e na atividade comercial é a diferença entre os valores das operações de saída de mercadorias em relação aos de entradas, consideradas as variações de estoque. Acha-se incluído, portanto, como "valor adicionado" o consumo intermediário de serviços (transporte, energia elétrica, etc), o que acarretaria uma dupla contagem na estimativa do valor adicionado, caso fosse incluída nas outras atividades do setor terciário.¹

Observada a apresentação gráfica e tabular mencionadas, não resta margem de dúvidas que as atividades predominantes na região são a agropecuária e a madeira, ambas sendo complementadas pelas atividades comerciais. Sem considerar novamente as eventuais limitações dos dados amostrais (a serem considerados na abordagem metodológica), a seguir, apresenta-se algumas inferências sobre as atividades principais.

O setor agropecuário da região, embora apresente uma participação considerável no valor da produção regional (20,2%) não constitui em si mesma uma magnitude econômica relevante, haja visto a sua pequena participação relativa no contexto estadual (4,2% do valor da produção agropecuária estadual segundo as informações da Secretaria das Finanças para o ano de 1974).

¹Paraná. Secretaria da Fazenda. Economia Paranaense 1973. Estatística Econômico Financeira. Curitiba 1973

TABELA 4.4.2 (a) - PESSOAL OCUPADO POR SETOR DE ATIVIDADE - 1970 64

SETOR DE ATIVIDADE	ESTADO DO PARANÁ	%	REGIÃO PLA NO-AMCOPAR	%
SETOR PRIMÁRIO	1.981.471	87,65	116.048	89,96
SETOR INDUSTRIAL	114.344	5,06	7.693	5,96
<u>Indústria Extrativa</u>	2.370	0,10	1	-
Extração Mineral	2.370	0,10	1	-
<u>Indústria Transformação</u>	111.974	4,96	7.692	5,96
Minerais não Metálicos	12.474	0,55	178	0,14
Metalurgia	4.371	0,19	18	0,01
Mecânica	3.518	0,16	37	0,03
Mat.Elétrico Comunicações	862	0,04	6	-
Mat.Transportes	2.533	0,11	30	0,02
Madeira	37.325	1,65	6.166	4,78
Mobiliário	7.278	0,32	117	0,09
Papel e Papelão	5.222	0,23	634*	0,49
Borracha	681	0,03	13	0,01
Couros e Peles	1.192	0,06	21*	0,02
Química	4.063	0,18	14	0,01
Prod. Farmacêuticos	128	0,01	-	-
Perfumaria, Sabões, Velas	208	0,01	-	-
Prod.Mat. Plástica	1.108	0,05	-	-
Têxtil	4.351	0,19	3	-
Vestuário, Calçados	1.459	0,07	10*	0,01
Prod. Alimentares	17.490	0,77	277	0,21
Bebidas	2.302	0,10	44	0,03
Fumo	272	0,01	-	-
Editorial e Gráfica	3.795	0,17	32*	0,02
Diversas	1.342	0,06	2	-
SETOR TERCIÁRIO	164.810	7,29	5.259	4,08
<u>Comércio</u>	110.618	4,89	3.709	2,88
Com.Atacadista	19.584	0,87	486	0,38
Com. Varejista	91.034	4,02	3.223	2,50
<u>Serviços</u>	54.192	2,40	1.550	1,20
Serv. Aloj. Aliment.	20.874	0,92	663	0,51
Serv. Rep. Man.Conserv.	11.402	0,50	456	0,35
Outros Serviços	21.916	0,98	431	0,34
TOTAL	2.260.625	100,00	129.000	100,00

FONTE: FIBGE - Censo Industrial do Paraná - 1970

* Exclui o Município de Prudentópolis

TABELA 4.4.2 (b) - VALOR ADICIONADO P/SETOR DE ATIVIDADE - 1974

SETOR DE ATIVIDADE	ESTADO DO PARANÁ	%	(em Cr\$1.000,00)	
			REGIÃO PLANO AMCOPAR	%
SETOR PRIMÁRIO	14.399.459	43,02	599.644	42,66
SETOR INDUSTRIAL	9.540.234	28,50	602.139	42,83
Minerais não Metálicos	626.821	1,87	1.471	0,10
Metalurgia	302.199	0,90	1.397	0,09
Mecânica	290.676	0,87	8.202	0,58
Mat.Elétricos e Com.	122.688	0,37	512	0,04
Mat. de Transporte	65.913	0,20	843	0,06
Madeira	2.420.195	7,23	509.271	36,23
Mobiliário	280.437	0,84	1.663	0,12
Papel e Papelão	854.692	2,55	59.886	4,26
Borracha	34.878	0,10	129	-
Couros e Peles	48.031	0,14	473	0,03
Química	1.005.802	3,00	201	0,02
Prod. Farmacêuticos	10.569	0,03	193	0,01
Prod. Mat. Plástica	141.508	0,42	-	-
Têxtil	212.823	0,64	100	-
Vestuário e Calçados	79.000	0,24	203	0,01
Prod. Alimentares	2.328.930	6,96	11.557	0,82
Bebidas	171.370	0,51	198	0,01
Fumo	804	-	-	-
Editorial e Gráfica	51.247	0,15	533	0,04
Diversas	491.542	1,47	4.846	0,34
SETOR TERCIÁRIO				
Comércio	9.489.165	28,35	203.876	14,50
TOTAL	33.472.754	100,00	1.405.735	100,00

FONTE: Secretaria das Finanças do Estado do Paraná

Um novo enfoque da prancha 4.4.2 (2.^a) permite de tectar um fator altamente negligente para o crescimento econômico regional, qual seja, a fraca ligação do setor secundário com o setor primário, favorecendo portanto o setor terciário, o que significa que os produtos derivados do setor primário são exportados com pouco ou quase nenhum processamento. Assim verifica-se que do total das vendas da produção agropecuária, 35,42% foram destinados às atividades madeireiras, percentual este que deve expressar basicamente a relação com a extração de madeira não apropriada no setor secundário, o qual motivou a apresentação separada das duas pranchas cuja justificativa encontra-se no apêndice metodológico. Os outros destinatários principais da produção agropecuária regional são as atividades de Extração de Produtos Vegetais e Oleaginosas com 2,78% e Produtos Alimentares com apenas 1,27%, enquanto o Comércio Varejista detém 9,34% do total, o Comércio Atacadista 17,48% e os serviços comerciais 22,18%. Uma abordagem mais detalhada será apresentada no tratamento setorial das atividades agropecuárias.

O parque industrial do Centro Oeste Paranaense é inexistente, se for apropriado a atividade madeireira no setor primário, o que não se constitui em nenhuma exorbitância se for considerado que essa atividade tradicional e predadora da Região exporta sua riqueza natural, já quase esgotada, com um beneficiamento apenas primário, em consequência, sem nenhuma repercussão significativa para o crescimento econômico regional, fato este constatado ao se visualizar sua linha de produção na prancha 4.4.2 (1.^a), que ilustra claramente a predominância quase absoluta da atividade de Desdobramento da Madeira sobre as de Compensado, Cabos e Tornoaria e Artigos diversos de Madeira. Na mesma prancha pode ser apreciada, ainda, as interligações existentes no denominado "complexo madeireiro" (composto pelas atividades da Madeira, de Mobiliário, Papel e Papelão e Editorial e Gráfica), assim como a intensidade dessas ligações para as atividades cujas amostras regionais foram representativas. Ainda que serão feitas considerações pormenorizadas na abordagem do setor secundário, cabe aqui destacar o elevado grau de dependência "externa" das matérias primas, pois o mesmo considerando como "externas" apenas as compras de outros Estados e do exterior, as ativi

dades do 2º estágio de transformação e as atividades finais, principalmente, apresentam uma dependência considerável que atinge os 15% em Esquadrias chegando a 70% em Serviços Gráficos não Classificados.

É oportuno lembrar que as ligações indicando compras do "exterior" são resultados verificados na apropriação global (universo) de todas e cada uma das atividades (levantados a partir da Guia de Informações do ICM), os quais apresentam índices reveladores da elevada vulnerabilidade deste setor industrial incipiente, pois quase todas as atividades são supridas em torno de 50% e as vezes mais, de matérias primas provindas do "exterior". Este é o caso das atividades de Metal-Mecânica, Couros e Peles, e Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecido, enquanto que as atividades de Bebidas e Produtos Alimentares da Região parecem ser tipicamente processadas de matérias primas locais, nada impedindo porém, que grande parcela de suas compras provenha de outras regiões do Estado, fato desta que não foi possível identificar pelos motivos já mencionados.

As atividades de apoio à produção, em particular as atividades do Comércio (Atacadista e Varejista), e as Atividades Especiais², mantêm uma participação expressiva no valor da produção regional (43%), embora apresentem também uma razoável dependência "externa", como era de se esperar.

Resumindo a apreciação da prancha da estrutura produtiva da Região, pode se dizer que na mesma não se percebe uma integração considerável entre as atividades, apresentando porém uma elevada dependência do "exterior", que provoca uma compressão angustiante da capacidade de crescimento autônomo da Região. Outrossim, resta verificar se esta ocorrência acentua-se ou não no decorrer do tempo, para o qual seria de extrema importância a comparação deste instantâneo com um anterior. Todavia, a obtenção deste último se apresenta hoje quase impossível, fato este que motivou ainda mais a aplicação do Método Estrutural-Diferencial na busca do conhecimento

² Estas atividades, segundo a classificação da Secretaria das Finanças, compreendem: consignações e representações, armazenagem, cooperativa, oficinas mecânicas, editorial e gráfica, ambulantes, feirantes e cabeceira de feira e diversas.

do comportamento conjuntural do sistema econômico regional.

b) Comportamento Conjuntural das Atividades Econômicas

As desigualdades regionais surgem, via de regra, pela concentração de esforços em uma ou em outra localidade, com vantagens comparativas sobre as demais, na ânsia de se acelerar o desenvolvimento econômico de um país. Tal concentração provoca, a curto e médio prazo, economias de aglomeração que se diluirão com o correr do tempo via deseconomias externas, entre as quais o engarrafamento de tráfego, deficiência de infra-estrutura básica, poluição, etc.

Desta forma, uma determinada região pode estar crescendo tanto por possuir atividades econômicas (a nível nacional ou estadual), que estejam crescendo rapidamente, como por deter uma participação crescente ante ao total nacional. A análise estrutural ou de participação, ou ainda "share analysis", atem-se à primeira parte, já que espelha a estrutura regional em relação à economia nacional. A análise diferencial ou do deslocamento, "shift analysis", se encarrega da segunda parte ao abordar as mudanças regionais em indicadores da atividade econômica, num período de tempo, atendo-se em particular, se a mudança regional foi maior ou menor do que a nacional.

O Método Estrutural-Diferencial, ou "Shift-Share Analysis", tem sido comumente empregado como instrumento de análise nos trabalhos que visam estudar os crescimento comparativos interregionais. Tem-se, por exemplo, o trabalho desenvolvido por Lodder³, que empregou esta técnica em sua análise sobre o crescimento comparativo dos Estados brasileiros. O emprego deste método, no presente trabalho, objetiva mostrar o comportamento da economia regional ante a estadual.

³LODDER, C.A.- Crescimento da ocupação regional e seus componentes-IPEA. série monográfica. nº 8.

A aplicação do método às informações da Região Plano baseiam-se nos dados censitários de emprego para os setores primário, secundário e terciário, constantes da tabela 4.4.2 (c). Uma maior desagregação dessas informações é altamente desejável, porém não foi possível sua obtenção, assim como também não foi possível obter o valor da transformação Industrial para o ano de 1959, fatores estes que limitam consideravelmente os resultados da análise, haja visto a falta de comparabilidade das duas variáveis que além de possibilitar uma visão mais concreta do comportamento regional, permitiriam a observação da atuação de uma das variáveis em relação a outra e vice-versa.

Se hipoteticamente uma das variáveis apresentasse, num determinado setor, sinal negativo na variação líquida diferencial, isto significaria que o crescimento deste setor na Região foi menor que o crescimento do mesmo no Estado. Por outro lado, se a segunda variável se comportasse de modo inverso, seria mais fácil se detectar o porque de uma ou de outra conduta. Exemplificando tem-se que, se o emprego apresentasse uma variação líquida diferencial ou Regional (VLD) negativa e o valor adicionado uma VLD positiva, este fenômeno poderia indicar que a região está expulsando mão-de-obra concomitantemente com uma elevada concentração de renda.

Desta maneira, a constatação da impossibilidade de lidar com as duas variáveis simultaneamente levou à utilização complementar dos dados de "valor adicionado" fornecidos pela Secretaria das Finanças para o quadriênio 1971/73, que obviamente é um substituto muito imperfeito, pois, além de corresponder a períodos diferentes, expressa o resultado de uma apropriação metodológica e prática não coincidente com a da Fundação IBGE.

Como resultado da aplicação do método, observou-se que só, e tão somente, o setor terciário apresentou uma variação líquida diferencial positiva, ao passo que os setores primário e secundário tiveram-na negativa. Vislumbra-se tais afirmativas pela tabela 4.4.2 (c) que retrata o emprego absoluto e pela tabela anseguir que mostra a decomposição da variação líquida total para a referida variável.

TABELA 4.4.2 (c) - EMPREGO DOS SETORES NA REGIÃO E NO ESTADO

	1959				1970			
	Região	Estado	% da Região	% Região no Estado	Região	Estado	% da Região	% Região no Estado
Primário*	20.564	363.407	71,4	5,7	8.953	251.199	40,9	52,5
Secundário	5.790	68.455	20,1	8,4	7.693	114.344	35,1	6,7
Terciário	2.453	79.988	8,5	3,1	5.259	164.810	24,0	3,2
TOTAL	28.807	511.850	100,0	5,6	21.905	530.353	100,0	4,1

FONTE: Censos Agrícolas, Industrial, Serviços e Comércio de 1960 e 1970

* Referente a categoria de empregados temporários e permanentes; não inclui o total das pessoas ocupadas no setor.

DECOMPOSIÇÃO DA VARIAÇÃO LÍQUIDA TOTAL - EMPREGO

1959/70			
	VLD	VLP	VLT
Primário	(-5.261)	(-7.092)	(-12.353)
Secundário	(-1.978)	3.672	1.694
Terciário	205	2.512	2.717
Total	(-7.034)	(- 908)	(- 7.942)

FONTES: Tabela 4.4.2 (c)

Observa-se, pela tabela 4.4.2 (c) que houve uma violenta dispensa de mão-de-obra agrícola que os demais setores econômicos da Região não puderam absorver. A tabela de variação líquida total mostra através do sinal negativo, que o setor primário é um setor não dinâmico frente ao Estado, ao passo que os setores secundário e terciário, por apresentarem sinal positivo, devem possuir teoricamente vantagens locacionais em relação ao Paraná, no entanto tal afirmativa carece de estudos mais detalhados.

A queda na oferta dos empregos agrícolas deve ter provocado, certamente, uma forte emigração dado que, como já foi visto num dos quadros anteriores, o de emprego, os dois outros setores econômicos não possuíam, na época, capacidade de absorção da mão-de-obra liberada. Intentou-se verificar se esta liberação refletiu-se na produção agrícola da Região através do valor adicionado, mas, em vista da falta de dados, não o foi possível. Partiu-se então para a quantificação física dos principais produtos agrícolas da Região, no período em análise, e observou-se que a não ser a cana-de-açúcar, o centeio e a cebola, todos os demais produtos agrícolas considerados apresentaram taxas de crescimento positivas, e ainda mais que nas culturas da batata inglesa, trigo e batata doce, tais taxas foram superiores às médias do Estado, conforme pode-se verificar pela tabela 4.4.2 (d).

TABELA 4.4.2 (d) - PRODUÇÃO E ÁREA DAS PRINCIPAIS CULTURAS DA REGIÃO PLANO

PRODUTO	R E G I Ã O						E S T A D O						PARTICIPAÇÃO DA REGIÃO NO ESTADO							
	QUANTIDADE (t)		ÁREA (HA)		PRODUTI-VIDADE	(KG/HA)	TAXA DE CRES- CIMENTO QUAN- TIDADE	TAXA DE CRES- CIMENTO ÁREA	QUANTIDADE (t)	ÁREA (HA)	PRODUTI-VIDADE	(KG/HA)	TAXA DE CRES- CIMENTO QUAN- TIDADE	TAXA DE CRES- CIMENTO ÁREA	QUANTIDADE (t)	ÁREA (t)				
	1959 (1)	1970 (2)	1959 (3)	1970 (4)	1959 (1/3)	1970 (2/4)	1959/70 %	1959/70 %	1959 (5)	1970 (6)	1959 (7)	1970 (8)	1959 (5/7)	1970 (6/8)	1959 (1/5)	1970 (2/6)	1959 (3/7)	1970 (4/8)		
ALGODÃO	178	582	165	731	1.087	786	11,48	14,48	112.803	397.083	131.131	373.287	861	1.084	12,11	9,88	0,2	0,1	0,1	0,2
APENDIM	-	89	-	157	-	-	-	-	-	142.825	-	110.167	-	1.206	-	-	-	-	-	-
ARROZ	12.604	25.566	12.846	24.111	981	1.080	6,04	5,89	171.382	375.805	209.253	441.645	819	850	7,38	7,03	7,4	6,8	5,1	5,4
BATATA INGLESA	4.172	11.341	-	1.493	-	7.586	9,52	-	84.532	183.803	-	25.932	-	8.317	6,20	-	4,9	6,9	-	5,7
CANA-DE-AÇÚCAR	5.360	4.615	-	184	-	28.140	1,3	-	722.824	1.686.252	-	30.035	-	58.143	8,00	-	0,7	0,3	-	0,5
FECULA	25.588	28.658	53.480	70.401	478	407	1,04	2,53	221.808	457.086	454.083	926.875	488	403	6,80	6,70	11,5	8,3	11,8	7,6
MANDIOCA	648	34.900	-	2.558	-	13.043	43,88	-	10.880	1.024.516	-	87.445	-	11.718	45,40	-	3,9	3,4	-	2,9
MILHO	247.955	319.352	199.687	214.833	1.247	1.408	2,33	0,68	1.474.493	3.426.389	1.083.898	2.121.208	1.361	1.615	7,97	6,30	16,8	9,3	18,3	10,1
TRIGO	8.586	41.809	12.454	35.287	697	1.185	15,36	8,93	58.828	205.359	78.886	250.213	765	821	12,07	11,35	14,8	20,3	16,2	14,1
SOJA	-	8.035	-	8.055	-	987	-	-	3.547	411.642	-	395.484	-	1.041	54,08	-	-	1,5	-	1,5
AVEIA	-	184	-	-	-	-	-	-	-	838	-	-	-	-	-	-	-	22,0	-	-
BATATA DOCE	714	3.138	-	-	-	-	14,41	-	29.180	39.439	-	-	-	2,77	-	-	2,4	7,6	-	-
CENTEIO	498	315	-	-	-	-	-4,1	-	2.020	2.054	-	-	-	-3,2	-	-	17,0	15,3	-	-
FUMO	32	139	-	-	-	-	14,28	-	1.003	8.410	-	-	-	21,32	-	-	3,2	1,7	-	-
DEBOLA	1.001	575	-	-	-	-	-4,8	-	7.940	10.515	-	-	-	-	-	-	12,5	5,5	-	-
ERVA-MATE	3.315	5.528	-	-	-	-	4,76	-	26.072	43.208	-	-	-	4,70	-	-	12,7	12,8	-	-

FONTE: CENSO AGROPECUÁRIO - 1970
CENSO AGRÍCOLA - 1960

Analisando-se a retro-citada tabela, observa-se que não só a produção, mas de igual forma, a área cresceu, o que se ria humanamente impossível de ocorrer com a continuidade, durante o período observado, da mesma função de produção já que se constatou a ocorrência de uma liberação de mão-de-obra. Esta mudança na função de produção, da agricultura regional, se deu via utilização de tecnologia mais avançada, como o emprego de sementes selecionadas e a utilização mais intensiva de mecanização. Seguramente foi este último fator de produção o grande responsável pela liberação da mão-de-obra agrícola da Região, pois, conforme a tabela a seguir, a Região passou de 369 tratores em 1959 para 839 em 1970, com um incremento de 127% e de nenhuma colhedeira para 729 no mesmo período.

Para o período 1971/74, conforme já salientou-se, foi utilizada a variável valor adicionado. Como o método estrutural-diferencial fundamenta sua análise através das taxas reais de crescimento, inflacionou-se os valores para 1974.

As tabelas seguintes apresentam os valores inflacionados do "valor adicionado" e o desmembramento de sua variação líquida total.

VALOR ADICIONADO PELA REGIÃO PLANO EM TERMOS REAIS (ANO BASE= 1974)

SETORES/ ATIVIDADES	(em CR\$ 1,00)			
	REGIÃO PLANO		ESTADO DO PARANÁ	
	1971(*)	1974	1971(*)	1974
Primário	180.136.934	599.644.545	6.190.898.586	14.399.459.103
Indústria	216.017.041	602.139.304	4.166.536.121	9.540.233.848
Comércio	81.811.755	203.876.010	4.327.672.706	9.489.164.721
TOTAL	477.965.730	1.405.735.056	14.685.107.413	33.472.753.769

FONTE: 1971 - Revista Paranaense de Desenvolvimento N° 33

1974 - Secretaria da Fazenda - Estatística Econômico Financeira

OBS: As diferenças entre a somatória dos setores e o valor adicionado total são devidas a valores adicionados por contribuintes omissos de classificação por atividade econômicas.

(*) Valores inflacionados para 1974 segundo o índice geral de preços coluna 2 - Conjuntura Econômica - Fundação Getúlio Vargas

TRATORES E COLHEDEIRAS DA REGIÃO E DO ESTADO EM 1959 e 1970

	TRATORES				COLHEDEIRAS				ÁREA COLHIDA* (HA) P/TRATOR		ÁREA COLHI DA*P/ COLHE- DEIRA
	1959	%	1970	%	1950	%	1970	%	1959	1970	1970
Região	369	7,1	839	4,5	-	-	729	3,7	0,1	0,2	0,2
Estado	5.181	100,0	18.619	100,0	-	-	19.719	100,0	0,3	0,4	0,4

FONTE: Censo Agrícola - 1960
Censo Agropecuário - 1970

* Trata-se da área colhida para as principais culturas - tabela 4.4.2 (d)

DECOMPOSIÇÃO DA VARIAÇÃO LÍQUIDA TOTAL - VALOR ADICIONADO-1971/74

	VLD	VLP	VLT
Primário	180.662.753	8.383.572	189.046.325
Secundário	107.519.026	2.237.936	109.756.962
Terciário	24.489.776	(-7.092.752)	17.397.024
TOTAL	312.671.555	3.528.756	316.200.311

Da tabela da variação líquida total observa-se que todos os setores analisados apresentam sinal positivo na variação líquida diferencial, mostrando que, pela variável "valor adicionado", a região apresentou um maior dinamismo que o Estado nos principais setores econômicos. Deve-se ter o cuidado ao fazer esta afirmação de que a mesma está pressupondo a vigência de preços relativos homogêneos em todo o Estado, o que pode não ser totalmente válido. Para que se pudesse fazer uma afirmação mais precisa seriam necessárias considerações mais pormenorizadas, a qual se tentará fazer na alvidagem setorial.

C. Distribuição Setorial da Renda Regional Estimada (1970)
Uma vez desenvolvida a abordagem estrutural

conjuntural do sistema econômico do ponto de vista da produção, é necessário se fazer também uma abordagem do sistema como gerador de renda, elemento determinante do nível de vida da população habitante da AMCOPAR. Este fator altamente significativo fez com que, mais uma vez, fosse tentada a obtenção de informações próximas ao desejado, pois a carência de dados não permite precisar a distribuição inter-setorial da renda nem ao menos para o Estado, o qual levou ao levantamento das estatísticas disponíveis na Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - FIBGE - através dos censos para o ano de 1970.

Assim, as tabelas 4.4.2 (e) e 4.4.2 (f) mostram, respectivamente, a estimativa da renda interna da Região Plano por setores e sua participação na renda total bem como a participação de cada um dos municípios, que compõem a Região, na estrutura de renda.

TABELA 4.4.2 (B) - ESTIMATIVA DA RENDA INTERNA DA REGIÃO PLANO - 1970

(em Cr\$ 1.000,00)

MUNICÍPIOS	SETOR PRIMÁRIO (VALOR DA PRODUÇÃO)								SETOR SECUNDÁRIO		SETOR TERCIÁRIO		TOTAL		
	PRODUÇÃO ANIMAL		PRODUÇÃO AGRÍCOLA		SILVICULTURA		EXTRAÇÃO VEGETAL		TOTAL (VALOR TRANS)		INDUSTRIAL (COMÉRCIO-SERVIÇOS)				
	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%			
PALMITAL	5.760	34,0	8.741	51,41	-	-	1.420	8,35	15.941	93,76	579	3,41	481	2,83	17.001
PITANGA	8.476	20,92	17.043	42,09	-	-	2.877	7,10	28.396	70,05	10.880	26,75	1.287	3,18	40.523
MANGEL RIBAS	3.496	41,67	4.190	49,95	-	-	231	2,75	7.917	94,37	184	2,19	286	3,44	8.369
GUARAPUAVA	13.310	11,35	33.526	28,59	660	0,56	3.409	2,91	50.905	43,40	43.783	37,32	22.595	19,27	117.293
INÁCIO MARTINS	469	8,66	824	15,21	-	-	466	8,61	1.759	32,48	3.396	62,70	251	4,33	5.416
LARANJEIRAS DO SUL	8.390	26,75	15.629	48,83	25	0,08	138	0,44	24.182	77,10	4.387	13,98	2.797	8,92	31.366
PINHÃO	3.906	19,26	7.533	37,14	-	-	1.040	5,13	12.479	61,53	6.297	31,04	1.508	7,43	20.284
QUEBRAS DO IGUAÇU	1.844	1,28	3.288	2,28	490	0,34	135.791	94,02	141.413	97,92	2.762	1,92	226	0,16	144.421
PRUDENTÓPOLIS	4.474	21,24	10.574	50,20	32	0,15	849	4,03	15.929	75,62	3.429	16,28	1.707	8,10	21.055
REGIÃO PLANO	50.145	12,36	101.348	24,98	1.207	0,30	146.221	36,04	298.921	73,68	75.677	18,85	31.150	7,67	405.742
ESTADO	739.656	11,92	1.857.900	29,94	41.139	0,66	444.176	7,16	3.082.871	49,68	1.660.952	26,77	1.461.626	23,55	6.205.449

FONTE: FIBGE

CENSO AGROPECUÁRIO - 1970

CENSO INDUSTRIAL - 1970

CENSO SERVIÇO - 1970

CENSO COMÉRCIO - 1970

TABELA 4.4.2 (f) - PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS NA ESTRUTURA DA RENDA INTERNA ESTIMADA DA REGIÃO PLANO - 1970

(em %)

MUNICÍPIOS	SETOR PRIMÁRIO				SETOR SECUNDÁRIO	SETOR TERCIÁRIO	TOTAL	
	PRODUÇÃO ANIMAL	PRODUÇÃO AGRÍCOLA	SILVI-CULTURA	EXTRAÇÃO VEGETAL	TOTAL			
PALMITAL	11,53	8,63	-	0,97	5,33	0,76	1,54	4,19
PITANGA	16,90	16,82	-	1,97	9,50	14,32	4,13	9,99
MANOEL RIBAS	6,97	4,14	-	0,16	2,65	0,24	0,92	2,07
GUARAPUAVA	26,54	33,08	54,68	2,33	17,03	57,86	72,54	28,91
INÁCIO MARTINS	0,94	0,81	-	0,32	0,59	4,49	0,84	1,33
LARANJEIRAS DO SUL	16,73	15,42	2,07	0,09	8,09	5,80	6,98	7,73
PINHÃO	7,79	7,43	-	0,71	4,17	8,32	4,84	5,00
QUEDAS DO IGUAÇU	3,68	3,24	40,60	92,87	47,31	3,68	0,73	35,59
PRUDENTÓPOLIS	8,92	10,43	2,65	0,58	5,33	4,53	5,48	5,19
REGIÃO PLANO	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
REGIÃO/ESTADO	6,78	5,45	2,93	32,92	9,70	4,56	2,13	6,54

FONTE: TABELA 3.3.1 (a)

Outrossim, deve-se chamar a atenção para o fato de que estes valores não representam em sua essência uma distribuição da renda, conforme conceituada economicamente, uma vez que no setor primário os dados são de valores da produção, isto é, não estão deduzidos os insumos. No setor terciário acham-se inclusas apenas as atividades de comércio e serviços, estando omitidas as atividades de transportes e comunicações, armazenagem, governo, alugueis e instituições financeiras, as quais à nível de Estado representam, aproximadamente 50% do total do setor. Cabe destacar, ainda, que a própria atividade de comércio - acha-se subestimada estando apropriada somente salários e despesas gerais, sendo que dentro das despesas gerais faltam uma série de aquisições de fatores que deveriam constar na formação da "renda" do setor.

Apontadas estas limitações observa-se que a Região Plano tem a base de sua economia voltada às atividades ligadas ao setor primário, as quais, em seu conjunto, representavam, no ano de 1970, 74% do valor da "renda" interna regional. Sendo que desse total, aproximadamente, a metade são devidas às atividades de extração vegetal, cabendo à produção agrícola, propriamente dita, uma parcela igual a 1/3 da "renda" gerada no setor. Já, se tomarmos as atividades agrícolas e pecuárias em conjunto seu peso dentro da geração de "renda" do setor primário passa a se equivaler às atividades de extração vegetal. Outrossim, cabe salientar que a extração vegetal, no ano, achava-se bastante concentrada no município de Quedas do Iguaçu com 92,8% dessa atividade na região, sendo que as atividades agropecuárias já apresentavam um maior equilíbrio em termos de participação dos municípios na estrutura de "renda", destacando-se porém, o município de Guarapuava, polo regional, com uma representatividade de 31% nessas atividades.

Os dados acima, permitem inferir que a estrutura econômica da região está eminentemente ligada às atividades primárias, isto se apropriarmos a extração vegetal ao setor, com participação na "renda" gerada pelo setor primário estadual de 9,7%. Entretanto, caso considere-se como setor primário apenas as atividades agropecuárias, esta participação declina para

5,8%, o que demonstra o peso da atividade de extração vegetal na Região.

O setor secundário contribui com 18,7% na formação da "renda" gerada pela Região Plano, com uma participação na "Renda" industrial do Estado, em torno de 4,5% sendo que o município de Guarapuava representava aproximadamente 60% da "renda" industrial da Região. Por outro lado, caso aproprie a atividade de extração vegetal junto ao setor secundário, uma vez que as ligações entre esta atividade e o setor parecem ser mais estreitas em decorrência da relação direta com a atividade madeireira, o peso do secundário na formação da "renda" regional passaria para 54,7% e a contribuição da "renda" do setor secundário regional na estadual para 10,5%.

Quanto ao setor terciário deixa-se de fazer maiores comentários pelo fato do mesmo estar bastante subestimado e devido ao caráter de dependência que este setor apresenta dos demais.

Em rápidas palavras este era o retrato da Região, no ano 1970, em termos de sua estrutura de "renda", que parece ser o melhor indicador disponível para complementar a caracterização do sistema econômico. Evidentemente, nestes 5 anos pós censo a economia da área deve ter passado por modificações profundas, no entanto a carência de dados não permite uma análise mais precisa e atualizada, o qual pretende ser realizada quando do tratamento dos setores individualmente.

d) Origem da Renda e do Emprego Regional

Embora tenha sido possível efetuar um levantamento estimativo da "renda" da Região, parece não ser suficiente a desagregação nos setores primário, secundário e terciário, pois não permite conhecer quais as atividades específicas que estão proporcionando tais "rendas", motivo pelo qual se pretende complementar a informação com uma outra fonte que, ao perder em precisão ganha em desagregação e atualidade. Trata-se do "valor adicionado" publicado pela Secretaria das Finanças, para o ano de 1974, o qual se pretende utilizar como um "proxi" da renda. Acredita-se que o uso de uma aproximação grosseira da variável desejada se

justifica, desde que se tenha o cuidado de utilizá-la apenas como um indicador, na falta de outra fonte mais fidedigna.

A Tabela 4.4.2 (g). registra na sua primeira coluna o "valor adicionado" por cada uma das atividades econômicas da Região, enquanto as colunas seguintes representam uma estimativa desse "valor adicionado" por fonte geradora, ou seja, uma diferenciação da parcela devida a estímulos provenientes da própria Região, e de outras regiões do Estado (coluna 2), os estímulos provenientes de outros Estados (coluna 3) e por último, os estímulos provenientes do exterior do País (coluna 4). Esta alocação foi realizada considerando as mesmas proporções observadas no destino das saídas de mercadorias da Região Plano para dentro do Estado (incluindo a própria Região Plano); para outros Estados e para o Exterior, constante na tabela 4.4.2 (h).

Assim, ainda que mais uma vez se depare com as dificuldades decorrentes da fonte e alcance das informações (evidenciando-se a premente necessidade de se precisar o relacionamento da Região Plano com o resto do Estado) pode-se, com muita cautela, esperar que a "renda" gerada na Região seja determinada em 1/3 pela influência do próprio Estado (incluindo a própria Região), enquanto que aproximadamente 1/5 dessa renda provém diretamente de decisões tomadas em outros Estados (pelo menos em 1974) e aproximadamente 3% devido às influências do exterior.

O grau de dependência regional quanto à geração de renda se modifica sensivelmente se for observado pela ótica do emprego, como pode ser visualizado na tabela 4.4.2 (i), onde a ligação com o próprio Estado assume uma proporção em torno de 90%, enquanto os outros Estados estariam afetando apenas em torno de 8% a estrutura de emprego, e o exterior não atingindo sequer 0,5%. Essa mudança no grau de dependência deve ser explicada, em parte talvez, pela defasagem das informações (1970 para as informações de pessoal ocupado) e principalmente devido a elevada concentração (90%) do pessoal ocupado da Região no setor primário, aliada ao fato deste setor efetuar suas transações, principalmente, dentro do Estado e ao que tudo indica dentro da própria Região, haja visto a grande interferência de intermediários que por sua vez deverão estar na dependência de decisões provenientes de outros Estados e até do Exterior. Desta maneira, pode-se prever

TABELA 4.4.2 (p) - DISTRIBUIÇÃO DO "VALOR ADICIONADO" (1974) SEGUNDO A ORIGEM DOS ESTÍMULOS

ATIVIDADE	VALOR ADICIONADO							
	TOTAL		P/O ESTADO		P/OUTROS ESTADOS		P/EXTERIOR	
		%		%		%		%
-SETOR PRIMÁRIO	599.644.000	42,51	566.363.758	94,45	33.280.242	5,55	-	-
-SETOR SECUNDÁRIO	599.400.267	42,50	299.144.207	49,91	257.898.418	43,02	42.357.642	7,07
<u>Minerais não Metálicos</u>	1.078.888	0,08	1.003.366	93,00	75.522	7,00	-	-
<u>Metalurgia</u>	1.705.117	0,12	1.694.545	99,38	10.572	0,62	-	-
<u>Mecânica</u>	6.755.717	0,48	6.532.103	96,69	223.614	3,31	-	-
<u>Mat. Elétrico e de Comunicações</u>	532.737	0,04	523.414	98,25	9.323	1,75	-	-
<u>Material de Transporte</u>	744.621	0,05	743.727	99,88	893	0,12	-	-
<u>Madeira</u>	505.343.709	35,83	246.110.459	48,70	217.804.735	43,10	41.428.516	8,20
Madeira - a classificar (1.35.0)	122.819.883	8,71	35.114.205	28,59	70.805.663	57,65	16.900.016	13,76
Desdobramento da Madeira	348.082.183	24,68	204.219.817	58,67	120.262.394	34,55	23.599.972	6,78
Madeira Compensada	28.850.335	2,04	5.894.123	20,43	22.956.212	79,57	-	-
Esquadrias de Madeira	62.196	-	62.196	100,00	-	-	-	-
Fabr. Cabos de Mad.p/Ferram. e Utens.	3.886.879	0,28	755.570	19,44	2.202.581	56,67	928.528	23,89
Utensílios não Classificados	1.642.433	0,12	64.548	3,93	1.577.885	96,07	-	-
<u>Mobiliário</u>	1.591.160	0,11	1.559.624	98,02	31.536	1,98	-	-
Mobiliário - a classificar (1.35.0)	760.938	0,05	751.122	98,71	9.816	1,29	-	-
Fabr. de Móveis de Madeira	724.003	0,05	702.283	97,00	21.720	3,00	-	-
Fabr. de Móveis p/Instalações Comerc.	104.202	0,01	104.202	100,00	-	-	-	-
Fabr. de Artigos não Classificados	2.017	-	2.017	100,00	-	-	-	-
<u>Papel e Papelão</u>	94.846.114	3,87	27.672.851	50,64	26.973.263	49,36	-	-
Papel e Papelão - a classificar(1.37.0)	14.944.871	1,06	14.944.871	100,00	-	-	-	-
Celulose e Pasta Mecânica	28.046.242	1,99	7.140.573	25,46	20.905.669	74,54	-	-
Fabr. Papel, Papelão, Cart. e Cartão	11.655.001	0,82	5.567.407	47,94	6.067.594	52,06	-	-
<u>Borracha</u>	136.794	0,01	82.555	60,35	54.239	39,65	-	-
<u>Couros, Peles e Produtos Similares</u>	501.449	0,04	405.522	80,87	95.927	19,13	-	-
<u>Química</u>	87.793	-	62.754	71,48	25.039	28,52	-	-
<u>Prod. Farmac. e Medicinais</u>	220.080	0,02	219.772	99,86	308	0,14	-	-
<u>Têxtil</u>	24.976	-	24.976	100,00	-	-	-	-
<u>Vestuário e Calçados o Artefatos de Tec.</u>	158.470	0,01	158.470	100,00	-	-	-	-
<u>Produtos Alimentares</u>	7.880.626	0,56	6.809.649	86,41	141.851	1,80	929.126	11,79
Bebidas	142.059	0,01	139.957	98,52	2.102	1,48	-	-
<u>Editorial e Gráfica</u>	381.063	0,03	381.063	100,00	-	-	-	-
Editorial e Gráfica - a classificar(1.61.0)	160.901	0,01	160.981	100,00	-	-	-	-
Edição de Jornal	111.716	0,01	111.716	100,00	-	-	-	-
Ind. Gráficas não Classificadas	108.366	0,01	108.366	100,00	-	-	-	-
<u>Diversos</u>	17.468.894	1,24	5.019.400	28,73	12.449.494	71,27	-	-
Extração de Vegetais	12.300.337	0,88	588.541	4,75	11.801.796	95,25	-	-
Extração de Minerais	899.856	0,06	899.856	100,00	-	-	-	-
Construção Civil	3.918.466	0,28	3.311.104	84,50	607.362	15,50	-	-
Outras Atividades	260.235	0,02	219.899	84,50	40.336	15,50	-	-
-SETOR TERCIÁRIO	211.414.557	14,99	197.106.525	93,23	12.978.151	6,14	1.329.881	0,63
<u>Comércio Atacadista</u>	16.521.671	1,17	14.750.548	89,28	1.769.471	10,71	1.652	0,01
<u>Comércio Varejista</u>	138.107.938	9,79	133.260.349	96,49	4.847.589	3,51	-	-
<u>Atividades Especiais</u>	51.481.745	3,65	45.113.453	87,63	5.040.063	9,79	1.328.229	2,58
<u>Não Discriminada</u>	5.303.203	0,38	3.982.175	75,09	1.321.028	24,91	-	-
TOTAL	1.410.458.824	100	1.862.614.490	75,34	304.156.811	21,56	43.607.523	3,1

FONTE: SECRETARIA DE FINANÇAS DO ESTADO DO PARANÁ

TABELA 4.4.2 (N) - DESTINO DAS SAIDAS DA REGIÃO PLANO (1974)

(em Cr\$1,00)

ATIVIDADE	TOTAL DAS SAIDAS	%	P/D ESTADO	%	P/OUTROS ESTADOS	%	P/EXTERIOR	%
SETOR PRIMÁRIO	599.239.000	21,76	565.584.000	94,45	33.255.000	5,55	-	-
SETOR SECUNDÁRIO	958.138.665	34,79	499.667.581	52,15	392.048.241	40,92	66.422.843	6,93
<u>Mineróis não Metálicos</u>	1.342.687	0,05	1.248.734	93,00	93.953	7,00	-	-
<u>Metalmrgia</u>	3.905.102	0,14	3.860.970	99,38	24.222	0,62	-	-
<u>Mecânica</u>	29.118.193	1,06	28.155.643	96,69	862.550	3,31	-	-
<u>Material Elétrico e de Comunicações</u>	1.285.309	0,05	1.262.907	98,25	22.482	1,75	-	-
<u>Material de Transporte</u>	1.802.942	0,06	1.800.710	99,88	2.232	0,12	-	-
<u>Madeira</u>	747.241.534	27,13	364.258.316	48,75	321.239.749	42,99	61.743.469	8,26
Madeira - à classificar (1.35.0)	184.280.602	0,69	52.683.767	28,59	100.235.427	57,65	25.361.405	13,76
Desdobramento de Madeira	514.782.848	10,60	301.992.652	58,67	177.877.691	34,55	34.912.505	6,78
Madeira Compensada	39.953.739	1,45	6.164.373	20,43	31.789.368	79,57	-	-
Escudrias de Madeira	145.900	0,01	145.900	100,00	-	-	-	-
Fab. Cabos de Mad. p/Ferrom. e Utensílios	0.152.422	0,22	1.185.986	10,44	3.488.870	56,67	1.460.556	23,89
Utensílios não classificados	1.926.023	0,07	75.628	3,93	1.850.395	96,07	-	-
<u>Mobiliário</u>	4.354.108	0,10	4.274.235	98,18	79.873	1,84	-	-
Mobiliário - e classificar (1.36.0)	2.067.929	0,08	2.041.322	98,71	26.607	1,29	-	-
Fabricação de Móveis de Madeira	1.780.218	0,06	1.726.892	97,00	53.326	3,00	-	-
Fabricação de Móveis p/instal. Comercial	476.978	0,02	476.978	100,00	-	-	-	-
Fabricação de Artigos não classificados	29.043	-	29.043	100,00	-	-	-	-
<u>Papel e Papelão</u>	93.802.620	3,41	47.690.209	50,84	46.112.411	49,16	-	-
Papel e Papelão - à classificar (1.37.0)	22.558.451	0,82	22.558.451	100,00	-	-	-	-
Celulosa e Pasta Mecânica	40.133.114	1,46	10.218.492	25,46	29.914.622	74,54	-	-
Fabr. de Papel, Papelão, Cartolina e Cartão	31.111.055	1,13	14.813.260	47,94	16.197.789	52,06	-	-
Ferracha	152.535	0,01	92.053	60,35	60.482	39,65	-	-
<u>Couras, Peles, Produtos Similares</u>	1.553.970	0,06	1.256.773	80,87	297.197	19,13	-	-
<u>Cuítica</u>	111.612	-	79.776	71,46	31.836	28,54	-	-
<u>Produtos Farmacêuticos e Medicinais</u>	453.830	0,02	453.187	99,86	643	0,14	-	-
<u>Têxtil</u>	53.833	-	53.833	100,00	-	-	-	-
<u>Vestuário, Calçados e Artigos de Tecidos</u>	519.743	0,02	519.743	100,00	-	-	-	-
<u>Produtos Alimentares</u>	39.708.438	1,44	34.312.615	86,41	716.150	1,80	4.679.374	11,79
<u>Bebidas</u>	388.240	0,01	382.506	98,52	5.734	1,48	-	-
<u>Editorial e Gráfica</u>	847.234	0,03	847.234	100,00	-	-	-	-
Editorial e Gráfica - à classificar (1.81.0)	246.114	0,01	246.114	100,00	-	-	-	-
Edição de Jornal	211.735	0,01	211.735	100,00	-	-	-	-
Ind. Gráficas não classificados	389.385	0,01	389.385	100,00	-	-	-	-
<u>Diversos</u>	31.496.504	1,14	9.097.837	28,89	22.398.667	71,11	-	-
Extração de Vegetais	22.143.789	0,80	1.052.205	4,75	21.091.514	95,25	-	-
Extração de Minerais	920.278	0,03	920.278	100,00	-	-	-	-
Construção Civil	7.050.877	0,29	8.633.801	84,50	1.217.018	15,50	-	-
Outras Atividades	581.552	0,02	401.415	84,50	60.137	15,50	-	-
SETOR TERCIÁRIO	1.188.652.861	43,45	1.100.804.207	92,60	70.888.281	6,68	7.850.473	0,68
<u>Comércio Atacadista</u>	141.997.447	5,16	126.776.808	89,28	15.212.463	10,71	8.076	0,01
<u>Comércio Varejista</u>	707.650.235	25,69	682.834.370	96,49	24.815.665	3,51	-	-
<u>Atividades Especiais</u>	307.979.984	11,18	269.888.707	87,63	30.148.880	9,79	7.942.397	2,58
<u>Não Discriminada</u>	39.025.295	1,42	20.364.222	75,00	9.721.073	24,91	-	-
TOTAL	2.754.030.826	100	2.174.455.708	78,96	505.201.522	18,34	74.373.316	2,7

FONTE: SECRETARIA DE FINANÇAS DO ESTADO DO PARANÁ

TABELA 4.4.2 (1) - PESSOAL OCUPADO (1970) SEGUNDO A ORIGEM DOS ESTÍMULOS

SETOR DE ATIVIDADE	TOTAL	%	P/O ESTADO	%	P/OUTROS ESTADOS	%	P/EXTERIOR	%
SETOR PRIMÁRIO	116.048	89,96	109.607	94,45	6.441	5,55	-	-
SETOR SECUNDÁRIO	7.693	5,96	3.840	49,91	3.310	43,02	543	7,07
Minerais não Metálicos	178	0,14	166	93,00	12	7,00	-	-
Metalurgia	18	0,01	18	99,38	-	0,62	-	-
Mecânica	37	0,03	36	96,69	1	3,31	-	-
Material Elétrico e de Comunicações	6	-	6	98,25	-	1,75	-	-
Material de Transporte	30	0,02	30	99,88	-	0,12	-	-
Madeira	6.168	4,78	3.003	48,70	2.657	43,10	506	8,20
Mobiliário	117	0,09	115	98,02	2	1,98	-	-
Papéis e Papelão	*634	0,49	321	50,64	313	49,36	-	-
Borracha	13	0,01	8	60,35	5	39,65	-	-
Couros, Peles e Prod. Similares	*21	0,02	17	80,87	4	19,13	-	-
Química	14	0,01	10	71,48	4	28,52	-	-
Prod. Farmac. e Medicinais	-	-	-	-	-	-	-	-
Têxtil	3	-	3	100,00	-	-	-	-
Vestuário, Calçados e Artigos de Tecido	*10	0,01	10	100,00	-	-	-	-
Produtos Alimentares	277	0,21	239	86,41	5	1,80	33	11,79
Bebidas	44	0,03	43	98,52	1	1,48	-	-
Editorial e Gráfica	*32	0,02	32	100,00	-	-	-	-
Diversos	3	-	1	28,89	2	71,11	-	-
SETOR TERCIÁRIO	5.259	4,06	4.902	93,21	317	6,03	40	0,76
Comércio Atacadista	486	0,38	434	89,30	52	10,70	-	-
Comércio Varejista	3.223	2,50	3.110	96,49	113	3,51	-	-
Atividades Especiais	1.550	1,20	1.358	87,63	152	9,79	40	2,56
TOTAL	129.000	100	118.349	91,74	10.068	7,81	583	0,45

FONTE: FIBGE - Censo Industrial do Paraná 1.970

* Exclui o Município de Prudentópolis

OBS: A SOMATÓRIA DE TODAS AS ATIVIDADES NÃO COINCIDE COM O TOTAL
POR CAUSA DAS DIFERENÇAS SETORIAIS

pelas considerações das estimativas apresentadas que a formação da renda regional depende consideravelmente, do crescimento econômico dos outros Estados brasileiros, não ocorrendo o mesmo com a formação de emprego, a qual depende diretamente (nada se podendo dizer da dependência indireta, que se presume seja bastante elevada) do próprio crescimento estadual.

e) Balança Comercial da Região Plano

No intuito de condensar todas as informações que dizem respeito ao trânsito de mercadorias, tanto de entrada como saída, na Região Plano, anteriormente apresentadas, foi elaborada a balança comercial da Região, a qual acha-se apresentada na tabela 4.4.2 (j). Em sua construção procurou-se desagregar os setores econômicos regionais o mais pormenorizada mente possível, chegando ao nível de atividades naqueles gêneros em que os dados permitiam. O setor primário apesar de aparecer na tabela foi desconsiderado no cômputo geral, uma vez que distorceria a balança regional, pois infelizmente os dados da Secretaria das Finanças não computam os valores de compras dos mercados nacional e externo e, ainda mais, as entradas do mercado estadual referem-se somente a compra de produtos primários não incluindo a aquisição de insumos industriais modernos tais como: adubos, fertilizantes, corretivos, vacinas, etc. Assim sendo, a Balança Comercial em seu aspecto global compreende apenas os setores secundário e terciário.

Deve-se chamar atenção para o fato de que os dados não permitem que se desagregue a Região do Estado, portanto nas saídas e entradas do mercado estadual acha-se inclusa a própria Região Plano.

No cômputo geral das atividades industriais e comerciais a Região apresenta um superavit de Cr\$ 615 mil dos quais pouco menos de 3/4 deve-se às suas transações dentro do próprio Estado. Estas transações foram levadas a termo, principalmente, pelas atividades comerciais, as quais no tocante ao volume de negócios apresentam-se bastante superiores às atividades de transformação.

ATIVIDADES	ESTADUAL			NACIONAL			EXTERIOR			TOTAL	
	SAÍDAS	ENTRADAS	SALDO	SAÍDAS	ENTRADAS	SALDO	SAÍDAS	ENTRADAS	SALDO	ENTRADAS	SALDO
SECTOR PRIMÁRIO (I)	568.364.000	480.368.000	106.016.000	33.255.000	-	33.255.000	-	-	-	509.639.000	-
TOTAL (I)	568.364.000	480.368.000	106.016.000	33.255.000	-	33.255.000	-	-	-	509.639.000	-
SECTOR SECUNDÁRIO (II)											
<u>Minerais não Metálicos</u>	1.248.734	177.692	1.071.042	83.953	175.130	(-91.177)	-	-	-	1.342.647	352.412
<u>Metallurgia</u>	3.800.970	1.009.844	1.401.126	24.222	702.744	(-766.522)	-	-	-	3.805.192	2.782.588
<u>Química</u>	20.155.843	4.288.894	23.866.849	902.550	27.500.711	(-21.530.161)	-	-	-	29.116.133	26.799.705
<u>Mat. Elétrica e de Comunicações</u>	1.262.907	306.273	956.634	22.482	571.133	(-548.651)	-	-	-	1.285.349	877.356
<u>Materiais de Transporte</u>	1.600.710	845.215	755.495	2.232	457.900	(-145.588)	-	-	-	1.807.942	1.303.115
<u>Madeira</u>	384.258.318	289.107.211	75.151.105	321.239.748	9.028.506	312.213.163	81.743.489	-	81.743.489	747.241.534	298.133.797
<u>Madeira - à classificar (1.39.0)</u>	52.685.707	88.518.827	(-35.834.860)	108.235.427	3.852.588	102.282.838	25.381.408	-	25.381.408	184.200.602	92.471.215
<u>Desdobramento de Madeira</u>	301.992.852	166.094.063	115.898.589	177.877.691	4.841.821	173.235.870	34.812.505	-	34.812.505	190.735.884	324.046.964
<u>Madeira Compensada</u>	0.164.373	11.632.787	(-10.468.414)	31.788.368	150.653	31.820.513	-	-	-	38.853.738	11.792.640
<u>Fabr. de Esquadrias de Madeira</u>	145.900	67.248	58.652	-	15.850	(-15.850)	-	-	-	145.900	102.898
<u>Cabos de Mad. p/fermentas</u>	1.195.998	2.055.465	(-1.459.468)	3.488.870	82.065	3.384.785	1.489.558	-	1.489.558	8.152.422	2.747.570
<u>Fabr. de Utens. não Classificados</u>	75.628	119.001	(-43.373)	1.850.395	184.569	1,685.806	-	-	-	1,928.023	283.580
<u>Mobiliário</u>	4.274.235	1,668,848	2,605,289	70,933	1,492,154	(-1,401,045)	-	-	-	4,354,168	3,161,100
<u>Mobiliário - à classificar (1.36.0)</u>	2,041,322	969,415	1,071,007	28,607	487,652	(-1,401,045)	-	-	-	2,087,929	1,457,087
<u>Móveis de Madeira</u>	1,728,882	445,560	1,283,322	53,326	840,024	(-786,698)	-	-	-	1,780,216	1,285,604
<u>Móveis p/Instal. Comerciais</u>	476,978	181,362	295,616	-	164,148	(-164,148)	-	-	-	476,978	345,510
<u>Fabr. de Artigos não Classificados</u>	28,043	72,580	(-44,538)	-	330	(-330)	-	-	-	28,043	72,918
<u>Papel e Papelão</u>	47,090,709	34,402,533	12,688,176	40,112,411	12,277,260	33,835,121	1,083,562	(-1,083,562)	83,802,620	47,783,265	46,039,235
<u>Papel e Papelão - à classificar (1.37.0)</u>	22,558,451	9,165,835	13,392,516	-	878,500	(-878,500)	-	-	-	22,558,451	10,045,515
<u>Fabr. de Celulose e Pasta Celulosa</u>	10,218,492	13,275,708	(-3,057,216)	20,814,622	584,441	20,330,181	-	-	-	40,133,114	13,860,149
<u>Fabr. de Papel, Papelão, Cartão e Cartão</u>	14,013,266	11,860,890	2,052,376	18,197,789	10,813,260	7,384,529	1,083,562	(-1,083,562)	31,111,035	23,857,721	7,253,334
<u>Borracha</u>	92,053	23,340	68,713	60,482	35,125	25,357	-	-	-	152,535	58,465
<u>Couro, Peles e Produtos Similares</u>	1,258,773	453,802	804,971	207,197	810,118	(-512,819)	-	-	-	1,553,970	1,263,918
<u>Química</u>	79,778	27,162	52,616	31,838	-	31,838	-	-	-	111,812	27,182
<u>Produtos Farmacêuticos e Medicinais</u>	453,187	143,354	309,833	843	85,304	(-84,661)	-	-	-	453,830	228,858
<u>Têxtil</u>	53,833	74,668	(-21,038)	-	4,792	(-4,792)	-	-	-	53,833	79,661
<u>Vestuário, Calçados e Arti. Tecido</u>	518,743	148,870	370,773	-	384,768	(-384,768)	-	-	-	519,743	513,756
<u>Produtos Alimentares</u>	34,312,815	31,817,686	2,495,240	710,150	2,815,027	(-2,104,877)	4,879,374	-	4,879,374	38,708,438	34,732,683
<u>Bebidas</u>	302,506	228,754	152,752	5,734	35,847	(-30,113)	-	-	-	388,240	265,601
<u>Editorial e Gráfica</u>	847,234	331,873	515,361	-	327,201	(-327,201)	-	-	-	847,234	659,074
<u>Editorial e Gráfica - à classificar (1.61.0)</u>	246,114	133,763	112,351	-	57,270	(-57,270)	-	-	-	246,114	191,033
<u>Edição de Jornal</u>	211,735	84,917	126,818	-	27,307	(-27,307)	-	-	-	211,735	127,224
<u>Ind. Gráficas não Classificadas</u>	389,385	103,193	286,192	-	242,824	(-242,824)	-	-	-	389,385	345,817
<u>Diversos</u>	0,007,637	14,588,489	(-14,580,852)	22,398,687	578,140	21,820,527	-	-	-	31,498,504	15,186,879
<u>Extração de Vegetais</u>	1,052,265	10,980,589	(-9,928,324)	21,091,514	-	21,091,514	-	-	-	22,143,799	10,950,589
<u>Extração de Minerais</u>	820,278	-	820,278	-	-	820,278	-	-	-	820,278	820,278
<u>Construção Civil</u>	8,633,861	3,498,348	5,135,513	1,217,018	328,628	880,388	-	-	-	7,850,877	3,824,076
<u>Outras Atividades</u>	481,415	120,552	360,863	90,137	251,512	(-161,375)	-	-	-	581,552	381,084
TOTAL (II)	408.687.581	380.675.857	119.041.824	302.048.241	52.448.988	329.598.255	88.422.843	1,083.562	65.339.281	956.138.665	434.159.505
SECTOR TERCIÁRIO (III)											
<u>Concreção Alvenaria</u>	128.776.808	123.102.861	5.674.047	15.212.403	13.872.503	1.389.870	8.078	-	8.078	141.997.447	138.925.454
<u>Concreção Variável</u>	682.834.370	305.162.356	377.672.014	24.815.865	242.154.043	(-217.338.178)	-	45.548	(-45.548)	707.650.235	877.361.947
SUB-TOTAL	808.611.278	508.265.217	301.346.061	40.028.228	255.976.036	(-215.948.308)	8.078	45.548	(-37.472)	849.647.682	764.287.401
<u>Atividades Especiais</u>	769.888.707	743.178.028	26.710.679	30.148.880	61.598.088	(-31.448.218)	7.842.397	281.175	7.651.222	307.978.084	305.068.201
<u>S/Classificatório</u>	29.304.222	31.491.606	(-2.187.384)	8.721.073	4.763.456	4.957.617	-	-	-	38.025.295	36.255.002
SUB-TOTAL	799.192.929	774.670.534	24.522.295	38.869.953	66.361.544	(-26.491.601)	7.842.397	281.175	7.651.222	347.003.279	341.323.203
TOTAL (III)	1.108.804.207	782.935.751	325.868.356	78.898.281	322.338.190	(-242.439.900)	7.050.473	336.723	7.613.750	1.196.652.964	1.105.610.604
T O T A L (I + II + III)	1.688.471.788	1.163.551.708	444.510.800	471.946.522	374.786.176	(-97.158.346)	74.373.316	1.420.285	72.953.031	2.154.791.629	1.530.770.169

No entanto, apesar do comércio apresentar maior volume de negócios foi o setor industrial que mais contribuiu para a formação do excedente econômico da Região representando 85% do total deste superavit.

A grande maioria das atividades mostram-se deficitárias quando de suas relações com o mercado nacional, porém estes déficits são compensados em suas relações com os mercados estadual e externo à exceção dos ramos Têxtil e Fabricação de Artigos de Mobiliário, não classificados, que apresentam saldos negativos em ambos os mercados naquele ano.

São poucas as atividades regionais que mantêm relações com o resto do mundo, destacando-se, no tocante às vendas, as do ramo madeireiro que perfazem 80% das vendas da Região ao exterior. Sendo que este total representa, diretamente, cerca de 1/3 das exportações paranaenses de madeira. Já em termos globais a Região participa diretamente apenas com 1,5% do total das exportações paranaenses.

No tocante a dependência da Região de suas compras no mercado externo esta foi praticamente insignificante em 1974, representando apenas 0,09% do total das compras diretas.

Chega-se assim ao final do esforço orientado no sentido de proporcionar uma caracterização genérica do sistema econômico regional, a qual, por se tratar de um enfoque até certo ponto ambicioso, é portadora de limitações várias, que foram plenamente reconhecidas no decorrer da exposição, mas que se espera sejam diluídas dentro da análise setorial, a seguir.

4.4.3. - SETOR PRIMÁRIO

a) Caracterização Geral.

Conforme já foi mencionado, anteriormente, é bastante sentida a carência de dados estatísticos que permitam uma melhor visualização da importância do setor primário regional. Assim adotar-se-á, com este fim, fundamentalmente, dados levantados pela Secretaria das Finanças do Estado do Paraná; de "valor adicionado", publicados por aquele órgão, e de valor da produção, os quais embora coletados não são tabulados e publicados, fato que demandou um exaustivo trabalho por parte da equipe empenhada na elaboração desse estudo. Outra fonte utilizada com bastante insistência foi a Fundação Instituto Brasileiro de Estatística-FIBGE, via censos 1960 e 1970, que apesar de apresentarem o inconveniente da defasagem no tempo eram os únicos disponíveis para representarem algumas variáveis levantadas.

Assim, pode-se verificar pela tabela 4.4.3 (a) que apresenta, via dados coletados pela Secretaria das Finanças, para o ano de 1974, o valor da produção total e o valor da produção primária, onde esta última contribuía com 20% na geração do valor total na Região contra apenas 14% a nível de Estado. Sendo que a contribuição regional à formação do valor da produção primária estadual foi de 4,2% naquele ano. Cabendo salientar, mais uma vez, que estes valores para o setor primário possivelmente estejam subestimados, pois aquela Secretaria ao computar os dados da atividade extrativa vegetal (atividade primária) as apropria dentro do setor secundário, quando a atividade principal da empresa que extrai estiver classificada no setor secundário.

Como não se possui uma série histórica de valores da produção para todos os setores econômicos que permitam uma avaliação do comportamento evolutivo do setor primário e como os mesmos, conforme já mencionados, são de difícil compilação, passar-se-á a trabalhar com os valores publicados pela Secretaria das Finanças em suas estatísticas Econômicas Financeiras, as quais para a indústria e comércio referem-se ao "valor adiciona

TABELA 4.4.3 (a) - VALOR DA PRODUÇÃO SETOR PRIMÁRIO - 1974

(em Cr\$ 1,00)

MUNICÍPIOS	VALOR DA PRODUÇÃO PRIMÁRIA	%	VALOR DA PRODUÇÃO TOTAL	%	SETOR PRIMÁRIO/TOTAL (%)
PALMITAL	34.050.561	5,68	58.200.121	1,96	58,5
PITANGA	74.444.673	12,42	198.389.604	6,70	37,5
MANOEL RIBAS	21.517.032	3,59	27.946.018	0,94	77,0
GUARAPUAVA	287.212.541	47,90	1.893.824.443	63,91	15,2
INÁCIO MARTINS	14.885.880	2,48	81.592.628	2,75	18,2
LARANJEIRAS DO SUL	80.764.667	13,47	271.606.797	9,17	29,7
PINHÃO	40.004.479	6,67	125.417.763	4,23	31,9
QUEDAS DO IGUAÇU	20.160.082	3,36	219.748.434	7,42	9,2
PRUDENTÓPOLIS	26.578.968	4,43	86.491.860	2,92	30,7
REGIÃO PLANO	599.618.883	100,00	2.963.217.668	100,00	20,2
ESTADO	14.399.459.103		103.048.557.103		14,0
REG.PLANO/EST: (%)	4,16		2,88		

FONTE:- Secretaria das Finanças

do" e para o setor primário ao valor da produção ou seja, não estão deduzidos os insumos utilizados. Assim o valor total, não apenas por este fato mas também por tratar-se de valores fiscais, constitui-se apenas numa "aproximação grosseira do valor adicionado" conceituado economicamente, porém válidos para fins comparativos.

A tabela 4.4.3 (b) arrola estes valores, bem como a participação do setor primário no total, para o período de 1971 à 1974 dentro da Região Plano.

Como se observa adotando este critério não correto, porém único disponível, de trabalhar com variáveis não homogêneas, as quais apesar de visarem os resultados permitem visualizar o comportamento do setor, a participação da valor da produção primária regional no total que é de 20% passa para 40% (valor da produção primário/"proxi do valor adicionado" total) na média do período 1971/1974, sendo que nos municípios de Manoel Ribas, Palmital, Pitanga, Laranjeiras do Sul e Prudentópolis, é que o setor primário mostra-se mais atuante em participações relativas no "valor adicionado total", em 1974, em torno de 90% nos três primeiros e de 50% nos dois últimos.

Em termos de participação do valor da produção primária na "proxi do valor adicionado total", o comportamento na Região Plano, durante o período em análise, deu-se da seguinte maneira: apresentou um decréscimo de 22,69% de 1971 para 1972 voltando a crescer, nos períodos de 1972/1973 e 1973/1974 a taxas de 32,36% e 10,60% respectivamente, aliás, comportamento este que se verificou, em menor intensidade, para o Estado como um todo. Dos municípios que integram a Região Plano, Guarapuava e Pinhão foram os que mais contribuíram para este fato, uma vez que de 1971 para 1972 apresentaram inclusive um decréscimo no valor da produção primária, em termos absolutos de 25,06% e 46,05%, respectivamente, causado pela grande quebra havida, naquele ano, na produção de trigo, principalmente, e arroz.

Para uma melhor visualização e análise do crescimento do valor da produção do setor primário na Região Plano estes foram levados à preços reais de 1974 e acham-se arrolados na tabe

TABELA 4.4.3 (b) - VALOR DA PRODUÇÃO DO SETOR PRIMÁRIO

(em Cr\$ 1,00)

MUNICÍPIOS	1971			1972			1973			1974		
	TOTAL*	SETOR PRIMÁRIO (VAL. DA PRODUÇÃO)	SETOR PRIMÁRIO RIO/TOTAL	TOTAL*	SETOR PRIMÁRIO (VAL. DA PRODUÇÃO)	SETOR PRIMÁRIO RIO/TOTAL	TOTAL*	SETOR PRIMÁRIO (VAL. DA PRODUÇÃO)	SETOR PRIMÁRIO RIO/TOTAL	TOTAL*	SETOR PRIMÁRIO (VAL. DA PRODUÇÃO)	SETOR PRIMÁRIO RIO/TOTAL
PALMITAL	7.312.205	5.890.603	82,03	11.856.145	10.009.881	84,43	20.833.983	19.631.184	94,23	38.157.055	34.050.581	89,24
PITANGA	27.847.527	10.484.732	37,96	47.447.259	20.420.057	43,03	86.966.897	49.173.827	56,54	126.815.320	74.444.673	58,70
MANOEL RIBAS	5.617.038	5.276.940	93,85	8.788.028	8.272.521	94,75	19.976.181	18.855.580	94,88	22.717.715	21.517.032	94,71
GUARAPUAVA	155.378.661	47.065.885	30,88	202.855.887	35.723.062	17,61	448.164.275	145.833.590	32,42	760.803.565	287.212.541	37,75
INÁCIO MARTINS	8.428.147	597.144	8,29	15.956.008	2.354.394	14,78	33.895.157	9.546.606	28,33	55.745.097	14.665.600	26,32
LARANJ. DO SUL	27.867.185	14.473.888	51,94	36.773.113	14.967.541	40,70	67.646.023	47.626.135	54,34	133.440.165	80.764.667	22,18
PINHÃO	18.677.238	8.895.162	44,19	18.449.474	4.682.783	24,13	85.060.230	25.824.248	30,04	76.857.231	40.004.479	52,18
QUEDAS DO IGUAÇU	10.464.527	3.691.324	35,27	13.636.522	3.628.702	26,61	65.008.233	11.619.903	17,87	145.089.328	20.160.062	13,89
PRUDENTÓPOLIS	15.431.958	7.059.745	45,75	20.817.864	9.247.204	44,42	41.871.932	15.895.528	37,48	46.183.917	28.578.968	57,55
REGIÃO PLANO	275.824.465	103.953.423	37,69	378.578.879	110.316.125	29,14	891.123.021	343.706.602	38,57	1.405.708.384	599.618.883	42,66
ESTADO	8.474.481.786	3.572.843.756	42,16	13.350.835.050	5.353.605.822	40,10	22.048.947.384	9.243.831.050	41,92	33.472.753.708	14.398.459.103	43,02

*proxí do valor adicionado total

FCNTE: 1971 - REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO - Nº 33 - 1972
BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ S/A.

1972/3/4 - ECONOMIA PARANAENSE - ESTATÍSTICA ECONÔMICA - FISCAL
GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ - SECRETARIA DA FAZENDA

la 4.4.3 (b). Como se observa o valor produção, gerado pelas atividades primárias dos municípios que compõem a Região, decresceu 9,3% no período 1971/1972 e voltou a apresentar taxas reais de crescimento da ordem de 170,7% e 35,5% nos períodos subsequentes, enquanto que para o Estado, em igual período, o crescimento do setor foi de 28,1, 49,9% e 21,0%. Com isto a participação da atividade primária regional no Estado passou de 2,9% para 4,2% no período, e induzido por este fator, também, a contribuição da Região à "proximidade do valor adicionado total" do Estado foi significativa conforme pode-se verificar pelo quadro abaixo

TAXA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO DO SETOR PRIMÁRIO PERÍODO 1971/74

	SETOR PRIMÁRIO	TOTAL
	(VALOR DA PRODUÇÃO) (PROXIMIDADE DO VALOR ADICIONADO)	
REGIÃO PLANO	49,3%	43,2%
ESTADO	32,5%	31,6%

Para este vertiginoso crescimento da produção primária no período 1972/1973, na Região Plano, os municípios que mais contribuíram foram os que fazem parte da Microrregião Homogênea 290 da FIBGE, a qual dentre as 24 microrregiões em que se acha dividido o Estado, apresentou o maior crescimento em termos reais no período, atingindo o elevado índice de 240%. Municípios como: Pinhão, Guarapuava e Inácio Martins apresentaram, neste período, um crescimento, respectivamente de: 378%, 254,2% e 252,2%, isto em decorrência das culturas de: soja, aveia e arroz em Pinhão; - soja, trigo e milho em Guarapuava; - soja, trigo e batata-inglesa em Inácio Martins.

Uma vez que, os valores apresentados para o setor primário são de valor da produção, isto é, não deduzidos dos insumos, e para se ter uma idéia sobre a representatividade das compras de insumos, tanto na Região como no Estado, a tabela 4.4.3. (d) mostra a composição das despesas das empresas agrícolas nos períodos censitários. Os itens que realmente podem-se computar como insumos, quais sejam: adubos e corretivos, sementes e mudas,

TABELA 4.4.3 (b) - VALOR DA PRODUÇÃO PRIMÁRIA DA REGIÃO PLANO EM TERMOS REAIS (ANO BASE = 1974)

(em CR\$ 1.000,00)

ANOS	REGIÃO PLANO - AMCOPAR				ESTADO DO PARANÁ			
	VALORES REAIS		ÍNDICE CRESC. REAL		VALORES REAIS		ÍNDICE CRESC. REAL	
	SETOR PRIMÁRIO (VAL.DA PRODUÇÃO)	TOTAL*	SETOR PRIMÁRIO	TOTAL	SETOR PRIMÁRIO (VAL.DA PRODUÇÃO)	TOTAL*	SETOR PRIMÁRIO	TOTAL
1971	180.162	478.032	100,0	100,0	6.191.757	14.687.143	100,0	100,0
1972	163.431	560.858	90,7	117,3	7.931.268	19.778.719	128,1	134,7
1973	442.351	1.146.876	245,5	239,9	11.896.822	28.377.024	192,1	193,2
1974	599.619	1.405.709	332,8	294,1	14.399.459	33.472.754	232,5	227,9

*"proxi do valor adicionado total"

FONTES: TABELA 4.4.3 (b) - Valor da produção do Setor Primário (valores correntes) inflacionados segundo o índice geral de preços coluna 2 - Conjuntura Econômica Fundação Getúlio Vargas.

TABELA 4.4.3 (d) - COMPOSIÇÃO DAS DESPESAS* DAS EMPRESAS AGRÍCOLAS NOS ANOS DE 1960 e 1970

ÍTEMS	(em %)					
	R E G I ã O P L A N O			E S T A D O D E P A R A N Á		
	1960	1970	VAR. 60/70 (%)	1960	1970	VAR. 60/70 (%)
MÃO DE OBRA	29,45	11,37	61,4	58,02	22,10	61,9
ARRENDAMENTOS	1,75	3,78	116,0	2,99	11,00	267,9
ADUBOS E CORRETIVOS	2,04	9,99	389,7	3,73	10,11	171,0
SEMENTES E MUDAS	7,29	5,75	21,1	3,17	4,65	46,7
DEFENSIVOS	1,17	1,84	57,2	2,05	4,73	130,7
DESP.C/TRATO DE ANIMAIS	55,07	31,51	25,7	10,08	14,50	43,8
SERVIÇOS DE EMPREITADA		12,60			11,68	
JUROS E DESP. BANCÁRIAS		3,64			3,84	
IMPOSTOS E TAXAS	33,23	4,82	7,6	19,96	3,08	64,9
OUTRAS DESPESAS		14,70			14,31	
T O T A L	100,00	100,00		100,00	100,00	

* Cr\$/ha cultivado

FONTE: FIBGE (dados censitários)

defensivos e despesas com trato de animais perfaziam em 1970, na Região, em termos de gastos por ha cultivado com culturas permanentes e temporárias e pastagens artificiais, aproximadamente 50% contra 33% na média do Estado, o que mostra que o valor adicionado (próxi da renda) por hectare cultivado na média do Estado foi naquele ano aproximadamente 1/3 maior do que na Região.

Devido ao fato do setor vir apresentando nos últimos anos uma alta propensão à capitalização, que se traduz no crescente emprego de máquinas e implementos, bem como de insumos industrializados, assim como no aperfeiçoamento das técnicas de produção, sem dúvida um dos mais importantes a serem abordados, quando se tenta analisá-lo, é aquela que diz respeito ao crédito e financiamento. Porém, como estas informações, são bastante difíceis de se obter junto aos estabelecimentos que prestam este tipo de serviço, em particular o Banco do Brasil S/A., principal agente repassador dos fundos destinados ao setor agrícola, uma vez que esta possui seus registros centralizados em sua matriz, far-se-á uso dos dados censitários (FIBGE), apenas para se dar uma idéia, em 1970 do uso do financiamento na Região perante a média do Estado e a Região Extremo Oeste Paranaense, esta última com culturas bastante próximas a Região Plano.

USO DO FINANCIAMENTO - 1970

(em Cr\$ 1.000,00)

ITENS	REGIÃO PLANO	EXTREMO OESTE PARANAENSE (MR-21)	ESTADO
INVESTIMENTO	5.441	20.911	78.750
CUSTEIO	10.283	9.995	303.240
SOMA	15.724	30.906	381.990
ÁREA CULTIVADA (ha)	442.753	886.760	7.418.887
FINANCIAMENTO MÉDIO (Cr\$/ha)	35,51	34,85	51,49

FONTE: FIBGE (Censo 1970)

COMPOSIÇÃO DO USO DO FINANCIAMENTO - 1970

(em % de CR\$/ha cultivado)

ITENS	PLANO REGIÃO	EXTREMO OESTE PARANAENSE(MR-21)	ESTADO
INVESTIMENTO	33,15	66,81	20,14
CUSTEIO	62,66	31,94	77,55
COMERCIALIZAÇÃO	4,19	1,25	2,31
TOTAL	100,00	100,00	100,00

FONTE: FIBGE (Censo de 1970)

Infelizmente estes dados não possibilitam muitas análises, pois a FIBGE não os divulga desagregados por tipo de cultura, porém um fato que chama bastante atenção é a participação dos financiamentos de custeio no total dos financiamentos levantados pela Região naquele ano. Isto explica os elevados índices de produtividade de culturas como o trigo (1.073 quilogramas/ha na média do período 1970/73) e da soja, (1.814 quilogramas/ha, uma das maiores do Estado), principalmente, quando se sabe que os solos da Região são quimicamente pobres, mas respondem muito bem à utilização de fertilizantes e corretivos, aos quais se deve atribuir esta elevada produtividade.¹

Outro aspecto de realce e que deveria ser analisado com bastante profundidade para melhor caracterizar o setor primário regional é o relativo a composição do capital das empresas agrícolas. No entanto, também para este item conta-se com a carência de dados mais recentes, que obviamente permitiriam uma melhor visualização do setor. Mesmo assim, e apesar do setor primário regional e mesmo estadual ser um dos mais dinâmicos da economia, o que faz com que os parâmetros se alterem com maior intensidade, principalmente após 1970 com o advento da soja, novamente se fará uso dos dados bastante defasados do censo para caracterizar

¹ CONVÊNIO Ministério de Planejamento/Governo do Estado do Paraná/Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - Estudo de Integração de Polos Agro-Industriais do Paraná - 2a. Fase - Perfil do Setor Agro-Industrial até 1980 - vol. 1 - p. 3/121.

a Região. As tabelas 4.4.3 (e) e 4.4.3 (f) apresentam a composição do estoque de capital e os investimentos realizados no ano, por hectare cultivado, tanto para a Região como para o Estado nos anos de 1960 e 1970, respectivamente. Como se observa em termos de estrutura de capital, tanto na Região como no Estado, não ocorreram grandes modificações, na década, exceção ao item terras que apresentou um substancial decréscimo em termos de importância na composição do capital das empresas agrícolas, porém ainda mantendo-se como o principal item. Sendo que este decréscimo foi mais violento no Estado do que na Região pois apesar dos investimentos em terras, na década, no Estado terem sido maiores que a nível regional em aproximadamente 12%, o aumento da área cultivada no Estado foi de mais ou menos 112% maior do que da Região. Em termos de investimentos por hectare o comportamento da Região é bastante semelhante ao do Estado, sendo que em 1960 apenas no item máquinas e veículos é que o Estado superava sobremaneira a Região com uma taxa de inversão, aproximadamente, 2,5 vezes maior que a regional. Já em 1970, os investimentos da Região nestes dois itens quase que se equiparavam aos do Estado, sendo que as taxas de inversão foram de apenas 5% e 9% maiores, respectivamente, em veículos e máquinas em favor do Estado. Portanto, em termos de mecanização agrícola por hectare cultivado a Região suplantou o Estado em uma taxa de crescimento média na década, de 57,83% a.a. na primeira contra 43,7% a.a. no segundo, conforme pode-se verificar pela tabela abaixo.

TAXA DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICA ANUAL DO CAPITAL E DOS INVESTIMENTOS

ITENS	REGIÃO PLANO		ESTADO DO PARANÁ	
	ESTOQUE CAPITAL 1959/1969	INVESTIMENTO 1960/1970	ESTOQUE CAPITAL 1959/1969	INVESTIMENTO 1960/1970
TERRAS	43,97	-	41,94	-
BENFEITORIAS	49,72	28,49	47,47	24,20
ANIMAIS	41,99	23,65	49,20	29,59
MÁQ.E VEÍCULOS	43,00	57,83	43,65	43,70
TOTAL	47,66	39,99	46,63	36,92

TABELA 4.4.3 (e) - COMPOSIÇÃO DO CAPITAL EM 1960, DAS EMPRESAS AGRÍCOLAS EM TERMOS REAIS (ANO BASE = 1974)

(em CR\$/ha cultivado)

Í T E M S	R E G I Ã O P L A N O					E S T A D O D U P A R A N Á				
	ESTOQUE	%	INVESTIM.	%	TAXA DE	ESTOQUE	%	INVESTIM.	%	TAXA DE
	EM 1959(1)		EM 1960(2)		INVERSÃO	EM 1959(3)		EM 1960(4)		INVERSÃO
					(1)/(2)					(3)/(4)
TERRAS	57,62	63,33	-	-	-	82,32	75,16	-	-	-
BENFEITORIAS	10,48	11,52	3,51	63,63	0,335	11,71	10,69	4,22	64,54	0,360
ANIMAIS	15,70	17,26	1,44	26,14	0,092	9,67	8,83	1,21	18,53	0,125
MÁQUINAS	7,18	7,89	0,56	10,23	0,079	5,82	5,32	1,11	16,93	0,190
VEÍCULOS										
TOTAL	90,98	100	5,51	100	0,060	109,52	100	6,54	-	0,060

FONTE: FIRGE - valores do censo de 1960 inflacionados segundo o índice geral de preços - coluna 2 - Conjuntura Econômica - Fundação Getúlio Vargas.

TABELA 4.4.3 (f) - COMPOSIÇÃO DO CAPITAL EM 1970, DAS EMPRESAS AGRÍCOLAS EM TERMOS REAIS - (ANO BASE = 1974)

(em CR\$/ ha cultivado)

ITENS	R E G I Ã O P L A N O					E S T A D O D O P A R A N Ã				
	ESTOQUE		INVESTIM.		TAXA DE	ESTOQUE		INVESTIM.		TAXA DE
	EM 1969(1)	%	EM 1970(2)	%	INVERSÃO (1)/(2)	EM 1969(3)	%	EM 1970(4)	%	INVERSÃO (3)/(4)
TERRAS	2.203,97	49,17	35,03	22,11	0,016	2.733,05	54,32	40,50	26,74	0,015
BENFEITORIAS	593,11	13,23	43,05	27,29	0,073	569,50	11,32	36,85	24,33	0,065
ANIMAIS	522,82	11,66	12,13	7,69	0,023	528,43	10,50	16,16	10,67	0,031
MÁQUINAS	133,36	2,98	28,41	18,01	0,213	99,16	1,97	23,10	15,24	0,233
NOVAS CULTURAS E MATOS PLANTA DOS	905,53	20,20	13,80	8,76	0,015	982,82	19,53	16,28	10,75	0,017
VEÍCULOS	123,44	2,75	25,30	16,04	0,205	118,62	2,36	18,58	12,27	0,216
TOTAL	4.482,23	100	157,72	100	0,035	5.031,58	100	151,46	100	0,030

FONTE: - FIBGE - valores do censo de 1970 inflacionados segundo o índice geral de preços - coluna 2 - Conjuntura Econômica - Fundação Getúlio Vargas.

Até o momento teve-se a pretensão de dar um retrato do setor primário regional como um todo, porém tal não passou de simples e limitadas especulações pois além de se contar com a carência de dados estatísticos deparou-se também com a defasagem das variáveis no tempo. Assim dentro das possibilidades, procurar se-á. na desagregação das atividades componentes do setor, sanar, quando os dados e informações permitirem, algumas dessas deficiências e limitações.

b) Agricultura

As tabelas 4.4.3 (g) e 4.4.3 (h) mostram, respectivamente, a participação de cada uma das culturas, tanto permanentes como temporárias, na formação do valor da produção agrícola regional, bem como sua evolução no período 1970/1973, sendo que a desagregação por municípios acha-se em anexo.

Como se observa a contribuição das culturas permanentes no valor total da produção agrícola, em todos os municípios da Região, é bastante insignificante não chegando a representar sequer 2%, razão pela qual não mereceram maiores comentários na análise que se segue.

A contribuição da Região Plano no valor da produção estadual foi de 5,4% na média do período 1970/1973, sendo que esta vem diminuindo ao longo do período pois, enquanto o valor da produção cresceu a uma taxa de 27% a.a. no Estado em termos regionais o crescimento, foi de apenas 17% a.a..

Observe-se que o valor da produção regional, em 1973, foi gerada em 86,9% pelas seguintes culturas: Milho (34,5%), soja (18,3%), Feijão (13,7%), Trigo (8,0%), Batata-Inglesa (7,9%) e Arroz (4,4%), desta forma foram elaboradas as tabelas 4.4.3 (i) à 4.4.3 (n) onde se encontram demonstradas a evolução dessas principais lavouras no período de 1970/1973.

Para melhor visualização, o quadro seguinte mostra estas diversas culturas acompanhadas de suas posições hierárquicas dentro da Região Plano.

HIERARQUIA DAS LAVOURAS NA REGIÃO PLANO

VALOR MÉDIO NO PERÍODO 1970/73						
LAVOURAS	VALOR CORRENTE DA PRODUÇÃO (Cr\$1.000,00)	POSIÇÃO	ÁREA COLHIDA (ha)	POSIÇÃO	QUANTIDADE (t)	POSIÇÃO
MILHO	73.712,0	1º	198.228,5	1º	363.782,0	1º
SOJA	24.594,0	4º	18.125,0	5º	32.880,5	6º
FEIJÃO	27.100,5	2º	38.068,5	3º	34.755,0	5º
TRIGO	25.006,2	3º	41.164,5	2º	44.183,8	2º
BATATA-INGLESA	15.412,0	6º	3.553,5	6º	35.547,8	4º
ARROZ	17.655,3	5º	24.449,8	4º	39.416,0	3º

FONTE: TABELAS 4.4.3 (b) à 4.4.3 (m)

TABELA 4.4.3 (g) - VALOR DA PRODUÇÃO POR CULTURAS - REGIÃO PLANO

CULTURAS	(em Cr\$ 1.000,00)							
	1970		1971		1972		1973	
	VALOR ABSOLUTO	%	VALOR ABSOLUTO	%	VALOR ABSOLUTO	%	VALOR ABSOLUTO	%
BANANA	276	0,22	435	0,28	499	0,25	329	0,10
CAQUI	45	0,03	53	0,03	80	0,04	133	0,04
FIGO	33	0,03	37	0,02	53	0,03	30	0,01
LARANJA	597	0,46	826	0,52	1.004	0,50	918	0,27
LIMÃO	11	0,01	12	0,01	15	0,01	34	0,01
MAÇA	38	0,03	42	0,03	72	0,03	29	0,01
MARMELO	2	0	2	0	2	0	-	-
PERA	36	0,03	37	0,02	66	0,03	76	0,02
PÊSSEGO	2	0	2	0	6	0	20	0,01
TANGERINA	29	0,02	35	0,02	51	0,03	110	0,03
UVA	479	0,37	639	0,40	852	0,42	785	0,24
TOTAL PERMANENTES	1.548	1,20	2.120	1,33	2.700	1,34	2.464	0,74
ALFAFA	508	0,40	668	0,42	739	0,37	575	0,17
ALGODÃO	1.394	1,08	2.324	1,46	3.919	1,94	5.970	1,79
ALHO	500	0,39	528	0,33	697	0,34	2.665	0,80
AMENDOIM	694	0,54	881	0,55	983	0,49	1.343	0,40
ARROZ	10.884	8,45	23.105	14,51	21.990	10,90	14.642	4,39
AVEIA	500	0,39	1.130	0,71	1.140	0,56	12.135	3,64
BATATA-DOCE	923	0,72	1.283	0,81	1.470	0,73	6.083	1,82
BATATA-INGLESA	12.904	10,01	9.252	5,81	13.075	6,48	26.417	7,92
CANA-DE-AÇUCAR	623	0,48	794	0,50	1.022	0,51	1.932	0,58
CEBOLA	1.325	1,03	1.443	0,91	1.402	0,70	1.493	0,45
CENTEIO	702	0,54	818	0,51	917	0,45	2.064	0,62
CEVADA	23	0,02	30	0,02	36	0,02	336	0,10
FEIJÃO	17.220	13,36	20.676	12,98	24.908	12,35	45.598	13,67
FUMO	182	0,14	208	0,13	226	0,11	316	0,09
MAMONA	90	0,07	118	0,07	367	0,18	968	0,29
MANDIOCA	1.854	1,44	2.227	1,40	2.663	1,32	4.473	1,34
MELANCIA	483	0,37	614	0,39	666	0,33	795	0,24
MILHO	42.952	33,33	53.240	33,42	83.488	41,39	115.168	34,52
SOJA	4.725	3,67	8.346	5,24	24.264	12,03	61.041	18,30
TOMATE	78	0,06	134	0,08	112	0,06	134	0,04
TRIGO	28.747	22,31	29.347	18,42	14.923	7,40	27.008	8,09
TOTAL TEMPORÁRIAS	127.311	98,80	157.166	98,67	199.007	98,66	331.156	99,26
TOTAL REG. PLANO	128.859	100	159.286	100	201.707	100	333.620	100
TOTAL ESTADO	2.075.080		2.705.555		3.573.746		6.916.990	
REGIÃO/ESTADO (%)	6,21		5,89		5,64		4,82	

FONTE: M.A. - SUPLAN

TABELA 4.4.3 (h) - VALOR DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA (CULTURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS) DA REGIÃO PLANO EM TERMOS REAIS (ANO BASE = 1974)

(em Cr\$ 1.000,00)

ANOS	R E G I ã O P L A N O - A M C O P A R		E S T A D O D O P A R A N Á	
	VALORES REAIS	ÍNDICE DE CRES- CIMENTO REAL	VALORES REAIS	ÍNDICE DE CRES- CIMENTO REAL
1.970	265.785	100	4.332.109	100
1.971	272.385	102,5	4.689.003	108,2
1.972	294.825	110,9	5.294.439	122,2
1.973	426.198	160,3	8.902.175	205,5

FONTE: TABELA 4.4.3 (g) - (valores correntes) inflacionados segundo o índice geral de preços-coluna 2 - Conjuntura Econômica - Fundação Getúlio Vargas.

TABELA 4.4.3 (1) - PRODUÇÃO AGRÍCOLA - CULTURA: MILHO

MUNICÍPIOS												
ANO	PALMITAL	PITANGA	MANOEL RIBAS	GUARA PUAVA	INÁCIO MARTINS	LARANJEI- RAS DO SUL	PINHÃO	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO	ESTADO	REGIÃO/ ESTADO(%)
área (ha)	28.000	40.000	12.500	33.000	2.600	37.000	8.000	8.000	19.500	188.600	1.883.309	10,00
1 %	14,85	21,21	6,63	17,50	1,38	19,62	4,24	4,24	10,34	100		
9 quant.(t)	58.800	84.000	26.250	59.400	3.900	66.600	14.400	14.400	29.250	357.000	3.559.364	10,03
7 %	16,47	23,53	7,35	16,64	1,09	16,66	4,03	4,03	8,19	100		
0 rendim.(t/ha)	2,100	2,100	2,100	1,800	1,500	1,800	1,800	1,800	1,500	1,892	1,890	
área (ha)	31.000	44.000	13.750	36.000	2.800	39.000	8.500	9.000	19.550	203.900	2.005.064	10,17
1 %	15,20	21,58	6,74	17,80	1,37	19,13	4,17	4,41	9,59	100		
9 quant.(t)	52.080	67.920	17.100	65.340	4.200	70.200	15.000	16.200	29.250	337.290	3.655.086	9,23
7 %	15,44	20,14	5,07	19,37	1,25	20,61	4,45	4,80	8,67	100		
1 rendim.(t/ha)	1,680	1,544	1,243	1,800	1,500	1,800	1,765	1,800	1,496	1,654	1,823	
área (ha)	35.000	50.000	15.000	37.000	2.820	40.000	8.700	9.200	19.550	217.270	1.994.620	10,69
1 %	16,11	23,01	6,90	17,03	1,30	18,41	4,00	4,24	9,00	100		
9 quant.(t)	73.500	105.000	31.500	66.600	4.230	72.000	15.660	16.560	29.325	414.375	3.829.541	10,82
7 %	17,74	25,34	7,60	16,07	1,02	17,38	3,78	4,00	7,07	100		
2 rendim.(t/ha)	2,100	2,100	2,100	1,800	1,500	1,800	1,800	1,800	1,500	1,907	1,920	
área (ha)	31.573	43.412	13.025	29.994	2.230	33.151	7.025	7.735	14.999	183.144	1.620.000	11,30
1 %	17,24	23,70	7,11	16,38	1,22	18,10	3,84	4,22	8,19	100		
9 quant.(t)	65.478	90.040	26.999	53.315	3.304	58.929	12.458	13.736	22.204	346.463	2.997.000	11,56
7 %	18,90	25,99	7,78	15,39	0,95	17,01	3,60	3,96	6,41	100		
3 rendim.(t/ha)	2,100	2,100	2,100	1,800	1,500	1,800	1,798	1,800	1,500	1,891	1,850	

FONTE: M.A. - SUPLAN.

TABELA 4.4.3 (j) - PRODUÇÃO AGRÍCOLA - CULTURA: SOJA

ANO	M U N I C Í P I O S										ESTADO	REGIÃO/ ESTADO(%)
	PALMITAL	PITANGA	MANDEL RIBAS	GUARÁ PUAVA	INÁCIO MARTINS	LARANJEI- RAS DO SUL	PINHÃO	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO		
área (ha)	-	-	-	8.500	-	-	2.000	-	-	10.500	304.211	3,45
1 %				80,95			19,05			100		
9 quant.(t)	-	-	-	12.750	-	-	3.000	-	-	15.750	368.005	4,28
7 %				80,95			19,05			100		
0 rendim.(t/ha)	-	-	-	1,500	-	-	1,500	-	-	1,500	1,210	
área (ha)	-	-	-	8.500	-	-	2.200	-	-	10.700	357.701	3,00
1 %				79,44			20,56			100		
9 quant.(t)	-	-	-	13.260	-	-	3.432	-	-	16.692	461.746	3,62
7 %				79,44			20,56			100		
1 rendim.(t/ha)	-	-	-	1,560	-	-	1,560	-	-	1,560	1,290	
área (ha)	-	300	50	16.250	-	-	4.000	-	-	20.600	452.692	4,55
1 %		1,46	0,24	78,88			19,42			100		
9 quant.(t)	-	450	75	35.205	-	-	8.400	-	-	44.130	688.158	6,41
7 %		1,02	0,17	79,77			19,04			100		
2 rendim.(t/ha)	-	1,500	1,500	2,166	-	-	2,100	-	-	2,142	1,520	
área (ha)	140	400	60	22.000	300	2.400	5.400	-	-	30.700	817.815	3,75
1 %	0,46	1,30	0,20	71,66	0,98	7,82	17,59			100		
9 quant.(t)	210	600	90	40.000	450	3.600	10.000	-	-	54.950	1.327.418	4,14
7 %	0,38	1,09	0,16	72,79	0,82	6,55	18,20			100		
3 rendim.(t/ha)	1,500	1,500	1,500	1,818	1,500	1,500	1,852	-	-	1,789	1,623	

FONTE: M.A. - SUPLAN.

TABELA 4.4.3 (k) - PRODUÇÃO AGRÍCOLA - CULTURA: FEIJÃO

ANO	MUNICÍPIOS										ESTADO	REGIÃO PLANO/ ESTADO (%)
	PALMITAL	PITANGA	MANDEL RIBAS	GUARA PUAVA	INÁCIO MARTINS	LARANJEI- RAS DO SUL	PINHÃO	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO		
área (ha)	3.750	6.200	1.800	5.950	950	1.800	1.380	6.000	6.100	33.930	790.139	4,29
1 %	11,05	18,27	5,31	17,54	2,80	5,31	4,07	17,68	17,98	100		
9 quant.(t)	4.500	7.440	2.160	4.284	684	2.160	993	7.200	4.392	33.813	729.694	4,64
7 %	13,31	22,00	6,39	12,67	2,02	6,39	2,94	21,29	12,99	100		
0 rendim.(t/ha)	1,200	1,220	1,200	0,720	0,720	1,200	0,720	1,200	0,720	0,996	0,924	
área (ha)	4.200	6.800	2.000	6.550	1.100	3.600	1.650	6.200	6.200	38.300	826.313	4,64
1 %	10,97	17,75	5,22	17,10	2,87	9,40	4,31	16,19	16,19	100		
9 quant.(t)	3.780	6.120	1.800	2.750	792	4.320	693	7.440	4.464	32.160	757.274	4,25
7 %	11,75	19,03	5,60	8,55	2,46	13,43	2,15	23,13	13,88	100		
1 rendim.(t/ha)	0,900	0,900	0,900	0,420	0,720	1,200	0,420	1,200	0,720	0,840	0,916	
área (ha)	5.000	7.500	2.200	6.600	1.200	3.700	1.700	6.300	6.200	40.400	845.933	4,78
1 %	12,38	18,56	5,45	16,34	2,97	9,15	4,21	15,59	15,35	100		
9 quant.(t)	6.000	9.000	2.640	4.752	864	4.400	1.224	7.560	4.464	40.904	601.558	6,80
7 %	14,67	22,00	6,45	11,62	2,11	10,76	2,99	18,48	10,92	100		
2 rendim.(t/ha)	1,200	1,200	1,200	0,720	0,720	1,200	0,720	1,200	0,720	1,012	0,711	
área (ha)	7.216	9.856	2.816	5.896	1.065	3.344	1.531	5.720	2.200	39.644	709.274	5,59
1 %	18,20	24,86	7,10	14,87	2,69	8,44	3,86	14,43	5,55	100		
9 quant.(t)	6.494	8.870	2.253	4.245	511	2.508	1.102	4.576	1.584	32.143	472.079	6,81
7 %	20,20	27,60	7,01	13,21	1,59	7,60	3,43	14,24	4,93	100		
3 rendim.(t/ha)	0,900	0,900	0,800	0,720	0,480	0,750	0,720	0,800	0,720	0,810	0,666	

FONTE: M.A. - SUPLAN.

TABELA 4.4.3 (L) - PRODUÇÃO AGRÍCOLA - CULTURA: TRIGO

ANO	M U N I C Í P I O S										ESTADO	REGIÃO/ ESTADO(%)
	PALMITAL	PITANGA	MANDEL RIBAS	GUARA PUAVA	INÁCIO MARTINS	LARANJEI- RAS DO SUL	PINHÃO	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO		
1	500	1.100	700	28.000	490	4.000	7.200	800	2.050	44.840	287.598	15,59
9	1,12	2,45	1,56	62,44	1,09	8,92	16,06	1,78	4,57	100	283.308	21,28
7	360	792	304	42.000	368	3.200	10.800	640	1.640	60.304		
0	0,80	1,31	0,84	69,65	0,61	5,31	17,91	1,06	2,72	100	0,985	
	0,720	0,720	0,720	1,500	0,750	0,800	1,500	0,800	0,800	1,344		
1	600	1.300	800	30.000	500	4.200	8.500	850	2.100	48.850	342.442	14,26
9	1,23	2,66	1,64	61,41	1,02	8,60	17,40	1,74	4,30	100	334.856	16,30
7	480	1.040	640	36.000	400	3.360	10.200	680	1.780	54.580		
1	0,88	1,91	1,17	65,96	0,73	6,16	18,69	1,25	3,26	100	0,978	
	0,800	0,800	0,800	1,200	0,800	0,800	1,200	0,800	0,847	1,117		
1	750	1.500	900	27.500	530	150	8.000	100	2.100	41.530	397.332	10,45
9	1,81	3,61	2,16	66,22	1,28	0,36	19,26	0,24	5,06	100	256.567	9,75
7	600	1.200	720	13.200	127	9	8.640	8	525	25.027		
2	2,40	4,79	2,88	52,74	0,51	0,04	34,52	0,02	2,10	100	0,645	
	0,800	0,800	0,800	0,480	0,240	0,060	1,080	0,060	0,250	0,602		
1	675	1.238	750	13.500	375	6.900	3.900	225	1.875	29.438	341.015	8,63
9	2,29	4,21	2,55	45,86	1,27	23,44	13,25	0,76	6,37	100	384.713	9,57
7	576	1.056	640	17.800	240	8.832	4.992	288	2.400	36.824		
3	1,56	2,87	1,74	48,34	0,65	23,98	13,56	0,78	6,52	100	1,128	
	0,853	0,853	0,853	1,280	0,640	1,280	1,280	1,280	1,280	1,250		

FONTE: M.A. - SUPLAN.

TABELA 4.4.3 (m) - PRODUÇÃO AGRÍCOLA - CULTURA: BATATA-INGLESA

ANO	M U N I C I P I O S										ESTADO	REGIÃO PLANO/ ESTADO (%)
	PALMITAL	PITANGA	MANDEL RIBAS	GUARA PUAVA	INÁCIO MARTINS	LARANJEI- RAS DO SUL	PINHÃO	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO		
área (ha)	60	320	55	1.641	320	230	160	-	900	3.686	43.367	8,50
1 %	1,63	8,68	1,49	44,52	8,68	6,24	4,34	-	24,42	100		
9 quant.(t)	432	2.880	495	27.242	2.856	1.656	1.632	-	4.860	42.053	410.085	10,25
7 %	1,03	6,85	1,18	64,78	6,79	3,94	3,88	-	11,56	100		
0 rendim.(t/ha)	7,200	9,000	9,000	16,600	8,925	7,200	10,200	-	5,400	11,410	9.456	
área (ha)	65	350	60	1.042	375	240	165	90	920	3.307	41.980	7,86
1 %	1,97	10,58	1,81	31,51	11,34	7,26	4,99	2,72	27,82	100		
9 quant.(t)	468	3.150	540	17.754	3.375	1.728	1.683	648	4.968	34.314	378.270	9,07
7 %	1,36	9,18	1,57	51,74	9,84	5,04	4,90	1,89	14,48	100		
1 rendim.(t/ha)	7,200	9,000	9,000	17,038	0,900	7,200	10,200	7,200	5,400	10,38	9,011	
área (ha)	70	380	65	980	285	250	150	100	800	3.080	38.631	7,97
1 %	2,27	12,33	2,12	31,81	9,25	8,12	4,87	3,25	25,98	100		
9 quant.(t)	504	3.420	585	18.960	2.721	1.800	1.530	720	3.360	33.600	344.007	9,76
7 %	1,50	10,18	1,74	56,43	8,10	5,36	4,55	2,14	10,00	100		
2 rendim.(t/ha)	7,200	9,000	9,000	19,348	9,547	7,200	10,200	7,200	4,200	10,909	8,906	
área (ha)	105	500	95	861	385	600	145	450	800	4.141	44.855	9,23
1 %	2,54	12,07	2,29	20,79	9,30	19,32	3,50	10,87	19,32	100		
9 quant.(t)	756	4.500	855	6.509	3.686	4.800	1.218	2.700	7.200	32.224	326.744	9,86
7 %	2,35	13,96	2,65	20,20	11,44	14,90	3,78	8,38	22,34	100		
3 rendim.(t/ha)	7,200	9,000	9,000	7,560	9,574	6,000	6,400	6,000	9,000	7,780	7,284	

FONTE: M.A. - SUPLAN.

TABELA 4.4.3. (n) - PRODUÇÃO AGRÍCOLA - CULTURA: ARROZ

ANO	M U N I C Í P I O S										ESTADO	REGIÃO/ ESTADO(%)
	PALMITAL	PITANGA	MANDEL RIBAS	GUARA PUAVA	INÁCIO MARTINS	LARANJEI- RAS DO SUL	PINHÃO	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO		
área (ha)	300	600	275	12.500	160	1.600	5.500	400	520	21.855	462.181	4,73
1 %	1,37	2,75	1,26	57,20	0,73	7,32	25,17	1,83	2,38	100		
9 quant.(t)	450	900	413	17.500	211	2.400	7.699	600	700	30.953	550.237	5,62
7 %	1,45	2,91	1,33	56,54	0,68	7,75	24,87	1,94	2,52	100		
0 rendim.(t/ha)	1,500	1,500	1,500	1,400	1,320	1,500	1,400	1,500	1,500	1,420	1,277	
área (ha)	330	660	300	14.000	170	3.500	6.000	450	530	25.940	460.911	5,63
1 %	1,27	2,54	1,16	53,97	0,66	13,49	23,13	1,73	2,04	100		
9 quant.(t)	594	990	540	25.200	225	5.250	9.000	675	795	43.269	599.445	7,22
7 %	1,37	2,29	1,25	58,24	0,52	12,13	20,80	1,56	1,84	100		
1 rendim.(t/ha)	1,800	1,500	1,800	1,800	1,323	1,500	1,500	1,500	1,500	1,668	1,300	
área (ha)	370	730	400	12.000	180	3.600	5.500	480	530	23.790	453.471	5,25
1 %	1,56	3,07	1,68	50,44	0,76	15,13	23,12	2,02	2,22	100		
9 quant.(t)	666	1.095	720	18.000	237	5.400	8.250	720	795	35.803	673.899	5,32
7 %	1,86	3,05	2,01	50,16	0,66	15,05	22,99	2,01	2,21	100		
2 rendim.(t/ha)	1,800	1,500	1,800	1,500	1,320	1,500	1,500	1,500	1,500	1,503	1,436	
área (ha)	420	800	360	13.500	184	3.700	5.800	500	950	26.214	472.339	5,55
1 %	1,60	3,05	1,37	51,50	0,70	14,11	22,13	1,91	3,62	100		
9 quant.(t)	630	1.200	540	25.920	237	5.550	11.136	750	1.596	47.559	661.184	7,19
7 %	1,32	2,52	1,14	54,50	0,50	11,67	23,42	1,58	3,36	100		
3 rendim.(t/ha)	1,500	1,500	1,500	1,920	1,288	1,500	1,920	1,500	1,680	1,814	1,400	

FONTE: M.A. - SUPLAN.

Apesar da soja colocar-se na 4.^a posição, entre os seis principais produtos regionais, no tocante a valor da produção, em termos médios do período 1970/73, esta oleaginosa foi de todos os produtos agrícolas da Região o que demonstrou uma maior dinamicidade, tendo apresentado no período um crescimento na ordem de 696,4% fato que confere a este produto uma taxa de crescimento médio anual de 99,7% a.a..

O milho e o feijão seguiram ao longo dos quatro anos analisados apresentando valores reais de produção crescentes com taxas de crescimento anuais em torno de 18% ao ano, enquanto o arroz e o trigo mostraram-se com taxas de crescimento negativas, conforme verifica-se pela tabela 4.4.3 (Q).

Cabe ainda fazer alguns comentários quanto a estas lavouras na região em questão.

- MILHO

O milho é o principal produto agrícola em importância na Região, representando 11,3% da área colhida no Estado, no ano de 1973, e contribuindo com 11,5% da produção estadual, a qual equivale a aproximadamente 1/4 da produção nacional.

Com práticas culturais bastante simples, o milho se adapta a climas e solos diversificados, sendo que a Região apresenta nesta cultura, no período, um rendimento superior a média estadual.

Entre os municípios da Região, Pitanga, seguido de Laranjeiras do Sul são os que mais se dedicaram a este cultivo, tendo sido responsáveis por 42% da produção da Região no quadriênio 1970/1973.

- SOJA

Embora seja uma cultura que só recentemente tenha obtido uma acelerada expansão de área no Estado, a soja ao que parece encontrou na Região uma rápida resposta ao seu desenvolvimento, tendo apresentado, em termos de área colhida, um crescimento da ordem de 192,3% no período de 1970 a 1973. Sendo que vem se verificando ao longo desses anos uma incorporação de novos municípios da área no cultivo dessa leguminosa.

TABELA 4.4.3 (0) - VALOR DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA (TEMPORÁRIAS) DA REGIÃO PLANO EM TERMOS REAIS (ANO BASE - 1974)

GÊNEROS	1970		1971		1972		1973		TAXA DE CRESCIMENTO GEOMÉTRICO ANUAL (%)
	VALOR REAL	ÍNDICE REAL CRESCIMENTO	VALOR REAL	ÍNDICE REAL CRESCIMENTO	VALOR REAL	ÍNDICE REAL CRESCIMENTO	VALOR REAL	ÍNDICE REAL CRESCIMENTO	
ARROZ	22.722	100	40.043	176,2	32.578	143,4	18.844	82,9	-6,0
MILHO	89.670	100	92.270	102,9	129.686	137,9	148.221	165,3	18,2
SOJA	9.864	100	14.464	146,6	35.947	364,4	78.560	796,4	99,7
TRIGO	60.015	100	50.861	84,7	22.108	36,8	34.759	57,9	-16,6
FEIJÃO	35.950	100	35.833	99,7	36.900	102,6	58.685	163,2	17,7
BATATA-INGLESA	26.939	100	16.035	59,5	19.370	71,9	33.999	126,2	8,0

FONTE: TABELA 4.4.3 (g)

Cita-se como principais fatores desta acelerada expansão na área de soja,² tanto a nível estadual como regional, os seguintes:

- a) Carência no mercado internacional, primordialmente de faros e tortas, bem como do produto "in natura", criando perspectivas favoráveis para expansão da cultura;
- b) Implantação, no Estado de um complexo industrial de processamento de oleaginosas cujo efeito, a nível do agricultor, é uma comercialização assegurada para o grão;
- c) A expansão das lavouras tritícolas, devido a subsídios governamentais, a qual gerou positivo impacto na soja, em virtudes das práticas rotacionais entre estas culturas;
- d) Maior lucratividade desta leguminosa quando comparada com as demais culturas temporárias;
- e) Políticas governamentais de apoio à cultura através de créditos, de preços mínimos favoráveis e de estímulos às exportações.

Apesar de serem poucos os municípios da área, que se encontram ligados a esta cultura, sua participação na produção estadual, na média do período de 1970/1973, foi de 4,6%, apresentando um excelente rendimento de 1.750 kg/ha, comparável ao dos maiores produtores mundiais.

- FEIJÃO

Tendo sido a terceira cultura em termos de área colhida na Região, com 38.068,5 ha na média do período em estudo, o cultivo do feijão acha-se presente, com bastante intensidade em todos os municípios da área, destacando-se, no entanto, como maiores produtores, por ordem de importância, Pitanga, Palmital, Quedas do Iguaçu e Guarapuava, que juntos são responsáveis por 3/4 da produção regional. Apesar de demandar grande parcela da área total cultivada, esta cultura ocupa posição secundária relativamente às demais no que se refere a melhorias tecnológicas, sendo

²Ibid, p.3/113

poucas as propriedades onde o feijão é a cultura exclusiva, o que propicia uma oferta atomizada.

Em termos de rendimento por unidade de área esta leguminosa³, apesar de superar a média estadual, não apresentou nos últimos anos ganhos de produtividade, o que é atribuído entre outros fatores, a:

- a) Falta de adoção de processos racionais de cultivo;
- b) Incidência de pragas e doenças;
- c) Excessiva vulnerabilidade da cultura às condições climáticas;
- d) Baixa produtividade das variedades existentes.

Cabe salientar que esta cultura tem caráter típico de subsistência, sendo também alimento das classes de baixo nível de renda, daí sua grande importância econômica no mercado interno, onde o consumo per-capita de 26 kg/ano representa o maior consumo mundial.⁴

- TRIGO

Por ser o trigo um dos elementos preponderantes na pauta das importações brasileiras, viu-se o governo na contingência de estimular a sua produção, através da criação de infraestrutura tais como, silos, armazéns, etc., e recursos financeiros que vierem provocar uma reação do setor tritícola paranaense. A Região Plano, atendendo este apelo, tem na triticultura uma de suas principais lavouras, sendo que na média do período 1970/1973 esta ocupava a terceira posição em valor da produção e a segunda em termos de área colhida e produção dentre as culturas presentes na Região.

A triticultura que até o final da década de 60 apresentava elevados índices de crescimento na Região, influenciada por fatores como:

- Subsídios governamentais aliados à atualização dos preços mínimos e créditos bancários;

(3) Ibid, p. 3/200

(4) Ibid, p. 3/194

- Garantia de comprado cereal pelo governo, com base nos preços mínimos fixados previamente;

- Expansão das lavouras de soja, já que estas culturas são rotacionais e tanto uma quanto outra necessitam das mesmas características de solo e clima; vem nos últimos anos apresentando um decréscimo em área colhida e conseqüentemente produção, fazendo com que sua participação na produção estadual caísse de 21,2% em 1970 para 9,6% em 1973.

Apenas para complementar a visualização da triticultura na Região e seu comportamento nos últimos anos, a tabela 4.4.3 (p) mostra as aquisições, feitas pela Comissão do Trigo Nacional CTRIN/Banco do Brasil, do cereal produzido nas safras de 1968 à 1974, tanto a nível regional como estadual.

- BATATA-INGLESA

Seu cultivo no Brasil data de aproximadamente três décadas, Consumida inicialmente apenas por estrangeiros foi com o passar do tempo introduzida nos hábitos alimentares dos brasileiros, sendo atualmente uma das principais fontes de alimento do país. Daí sua grande importância no âmbito estadual, pois a produção paranaense é das mais expressivas, em termos de volume físico tendo, nos últimos anos da década de 60, representado 25% da produção brasileira, o que coloca o Estado entre os três primeiros produtores nacionais.

Na Região Plano, apesar de ser esta cultura uma das que apresenta a maior participação em termos de contribuição a produção estadual, verifica-se que apesar da área colhida ter apresentado um crescimento superior à média estadual tal não ocorreu com a quantidade produzida, evidenciando que a produtividade regional tem apresentado um decréscimo relativo, comparativamente à estadual. Isto porque os bataticultores da Região são portadores de um nível tecnológico relativamente mais baixo que de outras partes do Estado, pois desenvolve seus trabalhos por tração animal, com área média cultivada em torno de 25 hectares e, empregando quantidades de fertilizantes inferiores às recomendadas para os tipos de solo onde estão assentadas e as variedades

TABELA 4.4.3 (p) - COMERCIALIZAÇÃO DE TRIGO PELO CTRIN - BANCO DO BRASIL

MUNICÍPIOS	(em tonelada)													
	1968	%	1969	%	1970	%	1971	%	1972	%	1973	%	1974	%
MANOEL RIBAS	256	1,05	498	1,24	245	0,57	223	0,57	69	1,32	71	0,54	428	2,79
PALMITAL	303	1,24	325	0,81	221	0,51	16	0,04	6	0,12	-	-	70	0,46
PITANGA	369	1,52	636	1,59	224	0,52	25	0,06	-	-	217	1,66	465	3,03
GUARAPUAVA	17.437	71,66	29.622	73,88	32.211	74,46	28.154	71,39	3.161	60,54	9.093	69,66	10.746	70,08
INÁCIO MARTINS	2	0,01	11	0,03	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
LARANJEIRAS DO SUL	1.132	4,65	1.117	2,79	516	1,19	592	1,50	73	1,40	865	6,63	1.453	9,48
PINHÃO	4.715	19,38	7.701	19,21	9.808	22,67	10.408	26,39	1.912	36,62	2.807	21,50	1.837	11,98
QUEDAS DO IGUAÇU	15	0,06	30	0,07	32	0,07	16	0,04	-	-	-	-	126	0,82
PRUDENTÓPOLIS	105	0,43	152	0,38	3	0,01	3	0,01	-	-	1	0,01	209	1,36
REGIÃO PLANO	24.334	100	40.092	100	43.260	100	39.437	100	5.221	100	13.054	100	15.334	100
ESTADO	86.041		138.802		172.100		239.860		88.991		453.884		1.006.696	
REGIÃO/ESTADO(%)	28,28		28,88		25,14		16,44		5,87		2,88		1,52	

FONTE: CTRIN/BANCO DO BRASIL

plantadas são obtidas em suas próprias culturas.⁵

- ARROZ

Em termos de volume de produção na Região o arroz assumiu a terceira posição no quadriênio de 1970/1973 representando 6,3% da produção estadual, sendo que os municípios de Guarapuava e Laranjeiras do Sul foram responsáveis por 2/3 da produção regional.

A rizicultura da Região vem nos últimos anos apresentando ganhos de produtividade, superando inclusive os acréscimos em termos de Estado, passando de um índice 10,0% superior ao estadual, em 1970, para atingir um percentual de 29,5% maior do que a média estadual em 1973, sendo que parece ser o processo migratório o fator que mais contribuiu para isto, visto que o grande contingente de gaúchos que se estabelecem nesta Região trazem consigo a tradição agrícola.

c). Pecuária

A criação animal apesar de ser uma atividade tradicionalmente alocada na Região era a que, em 1970, possuía a menor representatividade em termos de contribuição à geração da "renda" regional. Esta atividade participando apenas com 12,4% no total da "renda" gerada na Região Plano, no entanto apresenta-se superior à contribuição da mesma atividade no total da "renda" estadual - que é de 11,9%, sendo que 6,8% da renda gerada no Estado pela produção animal é devido a Região em estudo.

Dentre os municípios, Manoel Ribas é o que se acha mais dependente dessa atividade, sendo que sua contribuição à "renda" municipal praticamente equipara-se à de agricultura.

Em termos de peso no total da "renda" gerada, na Região Plano, pela produção animal, Guarapuava, Laranjeiras do Sul e Pitinga são, por ordem de importância, os municípios de maior significância.

- Bovinocultura

A tabela 4.4.3 (q) mostra o rebanho bovino por Municí-

⁵ Ibid., p. 3/277.

TABELA 4.4.3 (q) - POPULAÇÃO BOVINA DA REGIÃO PLANO

MUNICÍPIOS	1970		1973		1974	
	CABEÇAS	%	CABEÇAS	%	CABEÇAS	%
MANDEL RIBAS	15.086	6,38	16.277	6,35	19.286	6,89
PALMITAL	20.874	8,82	22.381	8,73	25.010	8,94
PITANGA	30.402	12,85	33.062	12,90	34.571	12,36
GUARAPUAVA	80.683	34,09	86.979	33,93	99.921	35,72
INÁCIO MARTINS	3.672	1,55	4.069	1,58	4.815	1,72
LARANJEIRAS DO SUL	29.833	12,61	32.554	12,70	43.528	15,56
PINHÃO	41.041	17,34	44.761	17,46	34.393	12,29
QUEDAS DO IGUAÇU (*)	6.115	2,58	6.612	2,58	8.884	3,18
PRUDENTÓPOLIS	8.943	3,78	9.664	3,77	9.337	3,34
TOTAL REGIÃO PLANO	236.649	100,00	256.359	100,00	279.745	100,00
TOTAL ESTADO	4.692.677		5.086.501		5.834.000	
REGIÃO/ESTADO (%)	5,04		5,04		4,80	

FONTE: Para 1970 - Censo Agropecuário

Para 1974 - GECOFA

Para 1973 - C.B.E.A./FIBGE

(*) - Antigo Município de Campo Novo

pio dentro da Região Plano para os anos de 1970, 1973 e 1974. Infelizmente, não foi possível obter uma série de dados para quantificar o rebanho regional, tampouco conseguiu-se uma uniformização de fonte estatística, não obstante as informações arroladas na tabela parecem ser bastante compatíveis.

Conforme se observa a participação da bovinocultura regional é bastante insignificante em termos estaduais, tendo inclusive perdido representatividade no período 1973/1974, este fato, segundo informantes qualificados, se deve à intensificação do cultivo do binômio soja/trigo.

Outrossim, entre os municípios que compõem a Região, Guarapuava, Pinhão, Laranjeiras do Sul e Pitanga são os que possuem os maiores efetivos, onde o primeiro concentra pouco mais de 1/3 do rebanho da Região. Esta composição, praticamente, não sofreu modificações nos últimos anos.

Segundo alguns levantamentos levados a efeito pelo Grupo Executivo de Controle da Febre Aftosa - GECOFA e técnicos ligados ao setor, é possível fazer-se um rápido comentário, em termos qualitativos, sobre a bovinocultura da Região. Esta área apresenta uma baixa taxa de natalidade situando-se bastante aquém da média estadual e principalmente da região de pecuária dinâmica-Norte do Estado. Também em termos de produtividade (kg-carne/ha-ano), que sem dúvida é um dos melhores indicadores para se avaliar economicamente o valor de uma técnica, esta Região apresenta uma média bastante inferior a do Norte do Estado.

Estes fatores se verificam principalmente devido ao baixo nível alimentar a que são submetidas as matrizes, em particular durante o aleitamento do bezerro, menor precocidade do gado, linhagem do gado e a incidência bastante alta de moléstias, principalmente a brucelose.

- Suinocultura

As mesmas recomendações feitas aos dados de bovinos cabem também para a suinocultura.

Esta atividade em termos de participação na média esta-

dual acha-se bem mais concentrada na Região do que a bovinocultura, representando aproximadamente 11% do rebanho paranaense.

Dos municípios que integram a Região, Guarapuava, Pitanga, Laranjeiras do Sul e Palmital detém, aproximadamente, 70% do rebanho regional, conforme pode-se verificar pela tabela 4.4.3(r).

De um rebanho de 753.261 cabeças, em 1973, dada a inexistência de estabelecimentos frigoríficos, pelo menos de porte razoável, com inspeção federal, a Região exportou, 87.085 cabeças vivas, as quais representaram 12% do seu efetivo. Desse total 70% foi comercializado com outras regiões do Estado e o restante destinado a outros Estados brasileiros.

d) Avicultura

Apesar desta atividade representar, caso haja coerência entre os dados do Departamento Estadual de Estatística e da FIBGE, em 1970, apenas 10% do valor da produção animal da Região ela apresentou ao longo da década 1960/70 um crescimento, que se não foi significativo (em torno de 28%), foi maior que a média do Estado, conforme pode-se constatar pela tabela abaixo:

VALOR DA PRODUÇÃO DE AVES EM TERMOS REAIS

(Ano base = 1974)

ANO	REGIÃO PLANO		ESTADO DO PARANÁ	
	VALORES REAIS	ÍNDICE DE CRESC.REAL	VALORES REAIS	ÍNDICE DE CRESC.REAL
1.960	9.567.971	100	168.019.927	100
1.965	9.540.438	99,7	215.512.038	128,3
1.969	10.329.590	106,9	182.308.735	108,5
1.970	12.265.116	128,2	191.983.290	114,3

FONTE: TABELA 4.4.3 (-\$) (valores correntes) inflacionados segundo o índice geral de preços - coluna 2 - Conjuntura Econômica - Fundação Getúlio Vargas.

Esta produção no entanto acha-se bastante concentrada

TABELA 4.4.3 (r) - POPULAÇÃO SUÍNA DA REGIÃO PLANO

MUNICÍPIOS	1970		1973	
	CABEÇAS	%	CABEÇAS	%
MANOEL RIBAS	48.556	7,18	54.526	7,24
PALMITAL	80.997	11,98	90.176	11,97
PITANGA	132.589	19,60	150.295	19,95
GUARAPUAVA	146.351	21,64	165.674	22,00
INÁCIO MARTINS	10.340	1,53	11.864	1,58
LARANJEIRAS DO SUL	106.562	15,75	120.235	15,96
PINHÃO	48.455	7,17	54.526	7,24
QUEÇAS DO IGUAÇU (*)	23.145	3,42	25.865	3,43
PRUDENTÓPOLIS	79.355	11,73	80.080	10,63
TOTAL REGIÃO PLANO	676.351	100	753.261	100
TOTAL ESTADO	6.215.147	-	6.990.449	-
REGIÃO/ESTADO (%)	10,88	-	10,78	-

FONTE: 1970 - CENSO AGROPECUÁRIO

1973 - C.B.E.A./FIBGE

(*) - ANTIGO MUNICÍPIO DE CAMPO NOVO

nos municípios de Guarapuava, Prudentópolis e Pitanga que detém aproximadamente 70% da produção de aves da Região, sendo que destes a metade encontra-se dentro do município de Guarapuava, conforme verifica-se pela tabela 4.4.3 (s). Segundo se pode detectar esta atividade é bastante marginal na Região, voltada ao auto-consumo e atendimento das necessidades locais.

e) Produtos de Origem Animal

Trata-se de outra atividade que se desenvolve em caráter marginal na Região e que, ao menos ao longo da década 1960/1970, vem apresentando um decréscimo em termos de contribuição à produção estadual, conforme atestam os dados da tabela 4.4.3 (t).

Da mesma forma que a produção de aves, estes produtos estão voltados apenas ao mercado regional, sendo que com raras exceções somente a produção de mel e cera de abelhas, que se encontra inclusa no item outros e cuja produção acha-se pulverizada em todos os municípios da Região, é comercializado com outras regiões do Estado.

O leite é consumido cru, constituindo-se numa constante ameaça à saúde da população pois, pode transmitir doenças ao consumidor como a tuberculose, brucelose, salmonelose, etc..

Ao que parece, existe interesse por parte das autoridades regionais em intensificar a atividade leiteira, via implantação de um posto de resfriamento na Região e que possibilitasse o transporte do produto para ser pasteurizado na região de Curitiba, porém segundo técnicos da ACARPA a oferta regional é insuficiente para uma unidade de resfriamento.

f) Extrativa Vegetal

A atividade extrativa até final da década de 60 constituía-se na atividade motora da Região, principalmente no que diz respeito a madeira. Inclusive foi esta atividade a responsável pelo início do processo de industrialização na Região e que até nossos dias acha-se alicerçado sobre o setor madeireiro.

Conforme já foi mencionado anteriormente dos 74% do valor da "renda interna" que era gerado pelas atividades do setor

TABELA 4.4.3 (a) - PRODUÇÃO DE AVES - REGIÃO PLANO

(em R\$ 1,00)

MUNICÍPIOS												REGIÃO PLANO	ESTADO	REGIÃO PLANO/ ESTADO (%)	
A D	GENÉRIOS	ITENS	PALMITAL	PITANGA	MANDEL RIDAS	GUARA PUAVA	INÁCIO MARTINS	LARANJEI- RAS DO SUL	QUEDAS DO IGUAÇU	PINHÃO	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO	ESTADO	REGIÃO PLANO/ ESTADO (%)	
1	GALINACEOS	QUANT.	-	188.000	180.000	425.000	-	88.000	-	-	130.000	889.000	18.763.301	5,66	
		VALOR	-	19,82	18,02	42,54	-	8,51	-	-	13,01	100,00	119.535	2.214.716	5,40
2	OUTROS(*)	QUANT.	-	23.730	19.200	60.650	-	7.255	-	-	8.700	100,00	64.820	485.813	13,09
		VALOR	-	19,85	16,08	50,74	-	6,07	-	-	7,28	100,00	12.503	102.050	12,14
3	PRD.AVES	QUANT.	-	7.400	5.560	42.470	-	2.550	-	-	7.000	100,00	100,00	132.038	5,89
		VALOR	-	11,40	8,47	65,42	-	3,83	-	-	10,78	100,00	100,00	2.318.875	5,89
1	GALINACEOS	QUANT.	106.000	238.000	127.000	498.000	85.300	181.000	-	80.000	185.000	1.498.300	25.655.782	5,77	
		VALOR	7,07	15,75	8,48	33,24	5,69	12,08	-	5,34	12,35	100,00	1.278.850	30.818.884	4,15
2	OUTROS(*)	QUANT.	7.100	9.300	3.300	40.800	4.700	4.500	-	7.000	8.500	100,00	85.000	778.854	10,81
		VALOR	8,35	10,04	3,88	47,77	5,53	5,29	-	8,24	10,00	100,00	157.850	1.638.228	9,63
3	PRD.AVES	QUANT.	75.000	157.650	63.460	623.300	80.950	129.150	-	110.150	187.050	1.438.780	32.456.113	4,43	
		VALOR	5,23	10,07	4,42	43,38	5,83	8,80	-	7,67	13,71	100,00	100,00	100,00	100,00
1	GALINACEOS	QUANT.	96.800	180.000	86.000	551.650	102.500	112.000	45.000	88.000	258.000	1.478.750	27.455.789	5,39	
		VALOR	8,55	10,82	4,46	37,31	6,93	7,57	3,04	8,01	17,31	100,00	3.775.836	88.845.165	5,48
2	OUTROS(*)	QUANT.	5.080	8.570	3.520	36.850	7.500	5.300	2.000	7.280	9.500	100,00	85.600	848.228	10,69
		VALOR	5,93	10,01	4,11	43,06	8,78	8,18	2,34	8,50	11,10	100,00	100,00	4.078.328	8,73
3	PRD.AVES	QUANT.	209.316	350.190	143.110	1.850.850	237.170	346.800	138.900	255.300	602.200	4.131.836	72.823.484	5,67	
		VALOR	5,07	8,48	3,46	44,80	5,74	8,38	3,31	6,18	14,57	100,00	100,00	100,00	100,00
1	GALINACEOS	QUANT.	104.600	188.000	88.300	555.800	104.420	124.700	68.200	80.135	274.500	1.554.655	28.944.820	5,37	
		VALOR	8,73	10,81	4,26	35,74	8,72	8,02	4,26	5,80	17,66	100,00	5.354.608	87.011.251	6,15
2	OUTROS(*)	QUANT.	5.490	9.000	3.700	35.800	7.580	5.600	2.200	8.865	9.500	100,00	85.735	850.038	10,08
		VALOR	5,07	8,14	3,38	49,13	4,38	6,48	3,16	6,40	13,90	100,00	100,00	4.518.745	10,58
3	PRD.AVES	QUANT.	294.697	474.880	195.809	2.908.000	278.081	378.260	181.380	388.314	777.500	5.874.981	81.858.886	6,35	
		VALOR	5,02	8,08	3,33	48,50	4,70	8,44	3,09	8,61	13,23	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: - D.E.E.

(*) - OUTROS - Inclui: Patos, Marrecos, Gansos e Perus

TABELA 4.4.3 (6) - PRODUÇÃO E VALOR DOS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL

(em Cr\$ 1,00)

ANOS	GÊNEROS	ITENS	MUNICÍPIOS											REGIÃO PLANO ESTADO	REGIÃO PLANO ESTADO (%)
			PALMITAL	PITANGA	MANDEL RIDAS	GUARA PUAVA	INÁCIO MARTINS	LARANJEI- RAS DO SUL	QUEDAS DO IGUAÇU	PINHÃO	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO	ESTADO		
1980	LEITE	QUANT.	-	650.000	800.000	2.772.000	-	616.500	-	-	1.000.800	8.040.500	197.032.305	3,71	
		VALOR	-	12,25	12,97	39,94	-	6,91	-	-	25,93	100,00	2.654.907	3,90	
		QUANT.	-	12,750	13,500	48,886	-	8,287	-	-	18,000	103,423	2.654.907	3,90	
		VALOR	-	12,33	13,05	48,24	-	8,97	-	-	17,41	100,00	2.654.907	3,90	
		QUANT.	-	800.000	780.000	1.215.000	-	300.000	-	-	300.000	3.405.000	45.013.865	7,66	
		VALOR	-	25,78	22,32	34,78	-	8,58	-	-	8,58	100,00	45.013.865	7,66	
	OVOS	VALOR	-	31,500	25,200	60,750	-	10,500	-	-	7,500	135,450	1.043.242	6,97	
		VALOR	-	23,26	18,61	44,85	-	7,75	-	-	5,54	100,00	1.043.242	6,97	
	OUTROS(*)	QUANT.	-	51,000	37,000	85,100	-	8,600	-	-	82,500	218,200	1.953.080	11,17	
		VALOR	-	23,37	14,21	29,84	-	3,94	-	-	28,84	100,00	1.953.080	11,17	
	VALOR-P.O.A.VALOR	VALOR	-	2,232	1,242	3,940	-	3,10	-	-	1,750	9,474	49,610	10,02	
		VALOR	-	23,58	13,11	41,58	-	3,27	-	-	18,47	100,00	49,610	10,02	
VALOR-P.O.A.VALOR	VALOR	-	48,482	39,942	114,588	-	20,087	-	-	27,250	248,347	4.047,959	5,34		
	VALOR	-	18,72	16,08	46,14	-	8,09	-	-	10,87	100,00	4.047,959	5,34		
1981	LEITE	QUANT.	1.380.000	2.376.000	900.000	8.720.000	486.000	1.784.000	-	900.000	2.550.000	20.078.000	370.078.622	5,42	
		VALOR	6,87	11,83	4,48	48,42	2,42	8,78	-	4,48	12,70	100,00	40.140,873	7,80	
		QUANT.	237,600	138,000	90,000	1.044,000	97,200	211,680	-	108,000	308,000	3.132,480	40.140,873	7,80	
		VALOR	7,59	4,41	2,87	62,08	3,10	0,75	-	3,45	9,77	100,00	40.140,873	7,80	
		QUANT.	432,000	960,000	125,000	1.148,330	337,500	812,500	-	178,688	540,000	4.331,988	64.427,820	6,72	
		VALOR	9,07	22,10	2,89	28,51	7,79	14,14	-	4,00	12,46	100,00	64.427,820	6,72	
	OVOS	VALOR	384,000	151,200	37,500	574,165	101,250	183,750	-	70,668	216,000	1.718,531	25.391,890	6,77	
		VALOR	22,35	8,80	2,18	33,41	5,88	10,69	-	4,11	12,57	100,00	25.391,890	6,77	
	OUTROS(*)	QUANT.	24,800	41,500	11,500	70,000	31,700	12,500	-	19,000	77,500	288,300	1.788,120	16,12	
		VALOR	6,53	14,40	3,99	24,28	10,99	4,34	-	8,58	26,88	100,00	1.788,120	16,12	
	VALOR-P.O.A.VALOR	VALOR	33,775	17,008	6,050	55,400	15,810	7,400	-	14,700	43,090	194,133	1.358,855	14,28	
		VALOR	17,40	8,78	3,58	28,54	8,14	3,61	-	7,57	22,20	100,00	1.358,855	14,28	
VALOR-P.O.A.VALOR	VALOR	855,375	308,208	134,450	2.573,565	214,260	402,830	-	193,386	565,090	5.045,144	88.891,610	7,54		
	VALOR	12,98	6,07	2,66	51,02	4,25	7,98	-	3,83	11,20	100,00	88.891,610	7,54		
1982	LEITE	QUANT.	972.000	1.620.000	1.080.000	14.000.000	740.000	1.826.000	318.000	1.800.000	860.000	23.116.000	455.193.356	5,09	
		VALOR	4,20	7,01	4,87	60,57	3,20	7,03	1,38	8,22	3,72	100,00	146.716,492	6,88	
		QUANT.	311,040	599,400	367,200	7,000,000	259,000	650,400	127,200	570,000	344,000	10.228,240	146.716,492	6,88	
		VALOR	3,04	5,80	3,59	68,44	2,53	6,38	1,24	5,58	3,38	100,00	146.716,492	6,88	
		QUANT.	242,000	395,000	165,000	1,269,000	230,000	825,000	175,000	185,800	545,000	3.841,800	69.349,350	5,54	
		VALOR	8,30	10,28	4,28	33,03	5,89	16,27	4,56	5,10	14,18	100,00	69.349,350	5,54	
	OVOS	VALOR	242,000	395,000	165,000	1,803,500	207,000	825,000	210,000	185,800	438,000	4.370,300	73.477,869	5,86	
		VALOR	5,53	9,02	3,77	43,46	4,73	14,26	4,80	4,47	9,98	100,00	73.477,869	5,86	
	OUTROS(*)	QUANT.	33,800	55,600	11,500	31,000	36,600	8,400	1,300	13,300	33,500	224,800	1.422,825	15,80	
		VALOR	14,95	24,72	5,12	13,78	16,28	3,74	0,58	5,82	14,80	100,00	1.422,825	15,80	
	VALOR-P.O.A.VALOR	VALOR	36,840	135,800	30,320	83,800	27,420	21,700	3,050	20,250	106,000	444,780	3.518,217	12,65	
		VALOR	8,28	30,48	6,82	14,30	8,10	4,86	0,69	4,55	23,83	100,00	3.518,217	12,65	
VALOR-P.O.A.VALOR	VALOR	589,880	1.130,000	562,520	8.867,100	493,420	1.287,100	340,250	780,050	886,000	15.052,320	225.710,878	6,87		
	VALOR	3,92	7,51	3,74	59,56	3,28	6,62	2,26	5,22	5,88	100,00	225.710,878	6,87		
1983	LEITE	QUANT.	1.000.000	1.728.000	864.000	4.014.000	947.500	1.880.000	332.000	845.000	900.000	13.690.500	460.258.873	2,97	
		VALOR	7,89	12,62	6,31	35,80	6,92	14,46	2,43	8,90	6,57	100,00	178.950,659	3,76	
		QUANT.	432,000	777,600	362,680	2,948,400	379,000	782,000	132,800	348,650	450,000	6.624,330	178.950,659	3,76	
		VALOR	8,52	11,74	5,48	44,51	5,72	11,86	2,00	5,28	6,78	100,00	178.950,659	3,76	
		QUANT.	261,500	420,000	173,250	1,273,500	235,000	450,000	175,000	188,800	150,000	3.337,050	72.405,077	4,01	
		VALOR	7,84	12,59	5,19	38,17	7,04	13,48	5,24	5,88	4,49	100,00	72.405,077	4,01	
	OVOS	VALOR	326,875	525,000	216,503	2.547,000	258,500	675,000	282,500	288,200	180,000	5.289,638	96.681,410	5,47	
		VALOR	6,18	9,93	4,09	48,15	4,89	12,78	4,98	5,64	3,48	100,00	96.681,410	5,47	
	OUTROS(*)	QUANT.	34,200	55,600	11,775	27,050	38,750	9,500	1,600	12,200	34,300	224,875	1.450,835	15,91	
		VALOR	15,20	24,72	5,23	12,02	17,23	4,22	0,71	5,42	15,25	100,00	1.450,835	15,91	
	VALOR-P.O.A.VALOR	VALOR	102,750	169,500	38,925	76,150	37,325	27,350	4,400	26,800	103,600	587,000	4.304,608	13,38	
		VALOR	17,50	28,88	6,63	12,97	6,36	4,66	0,75	4,57	17,68	100,00	4.304,608	13,38	
VALOR-P.O.A.VALOR	VALOR	861,625	1.472,100	618,368	5.571,550	674,825	1.494,350	389,700	674,650	733,800	12.500,886	277.126,677	4,51		
	VALOR	8,89	11,78	4,85	44,56	5,40	11,85	3,20	5,40	5,87	100,00	277.126,677	4,51		

FONTE: D.E.E.

(*) OUTROS - Lã, Cera e Mel de Abelha

primário, em 1970, aproximadamente a metade era devido ao extrativismo vegetal.

Ainda hoje, em termos de valor da produção, a atividade extrativa praticamente se equiparã a agrícola, porém devido a seu caráter predatório e em consequência etinerante e também, por incorporar pouca mão de obra o extrativismo vem apresentando um grande decréscimo em quase todos os municípios da Região, só sobrevivendo aquelas indústrias que possuem grandes reservas próprias. Atualmente a atividade extrativa madeireira regional acha-se totalmente concentrada no município de Quedas do Iguaçu, aliás, fato que já se notava via dados do censo de 1970 no qual este município apareceu como responsável por mais de 90% do valor da produção extrativa vegetal da Região.

Conforme se observa, os comentários acima referem-se apenas ao período censitário, isto porque, quando se busca informações que cubram os anos intercalados se depara com dados que não apresentam coerência estatística.

Assim a tabela 4.4.3 (u), que mostra um evolutivo do setor extrativo vegetal tanto a nível de Estado como Região, não merecerá maiores comentários, no tocante a madeira, pois apresenta inúmeras distorções quando comparada com os valores do censo de 1970, inclusive apresentando o município de Quedas do Iguaçu com uma participação insignificante, fato que não condiz com a realidade.

No tocante a atividade ervateira, que constituiu-se por quase cem anos como uma das atividades fundamentais, da economia paranaense, pode-se dizer que se acha em vias de extinção, com seus dias praticamente contados. Isto devido a perda acelerada de seus tradicionais mercados: Uruguai, Argentina e Chile, sem contar o retraimento do mercado nacional, que cada dia mais se encolhe na receptividade ao produto⁶. Em termos regionais, a se confiar nos dados apresentados na tabela 4.4.3 (u), verifica-se um decréscimo, nesta atividade, de 47,7% no período de 1960/72, o que corresponde a um declínio médio no período de 5,2% ao ano.

(6) Jornal "Gazeta do Povo", Curitiba, sábado, 10 de Janeiro de 1976

TABELA 4.4.3 (a) - VALOR E PRODUÇÃO - EXTRATIVA VEGETAL

ANEXO GÊNEROS	ITENS	MUNICÍPIOS										ESTADO	REGIÃO PLANO ESTAC (1)
		PALMITAL	PITANGA	MANDEL RIBAS	GUARÁ PUAVA	INÁCIO MARIINS	LARANJEI- RAS DO SUL	QUEGAS DO IGUAÇU	PINHÃO	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO		
1 MADEIRA	QUANT.	-	390.000	610.000	1.761.320	-	416.000	-	-	46.500	3.223.820	16.443.070	19,37
	%	-	12,10	18,92	54,64	-	12,80	-	-	1,44	100,00	8,086.745	45,34
	* VALOR	-	338.400	104.200	1.815.580	-	385.800	-	-	36.800	2.780.880	104.500,00	26,57
	%	-	12,26	3,77	89,38	-	13,24	-	-	1,34	100,00	37.039.598	28,67
8 ERVA-MATE	QUANT.	-	450.000	-	8.000.000	-	-	-	-	9.550.000	10.000.000	391.788	28,67
	%	-	4,50	-	80,00	-	-	-	-	35,50	100,00	8.400.513	44,21
	* VALOR	-	9.000	-	80.000	-	-	-	-	35.500	104.500	2.865.160	44,21
	%	-	0,81	-	57,42	-	-	-	-	33,87	100,00	100,00	-
0 VALOR-E.V.VALOR	QUANT.	-	347.400	104.200	1.875.580	-	365.800	-	-	72.400	2.865.160	100,00	-
	%	-	12,13	3,84	68,84	-	12,76	-	-	2,53	100,00	-	-
	QUANT.	27.170	438.540	13.000	1.554.257	77.700	370.000	-	188.000	57.000	2.733.697	24.268.812	11,20
	%	0,99	15,95	0,48	58,86	2,84	13,54	-	7,24	2,09	100,00	81.183.822	15,30
1 MADEIRA	* VALOR	129.950	2.568.020	22.800	4.838.400	73.100	3.846.000	-	870.000	269.200	12.417.470	100,00	-
	%	1,05	20,68	0,18	37,35	0,58	30,87	-	7,01	2,17	100,00	37.705.698	31,65
	QUANT.	145.000	850.000	-	5.048.000	200.000	130.000	-	2.200.000	3.450.000	12.021.000	100,00	-
	%	1,29	7,02	-	41,98	1,88	1,08	-	18,30	28,70	1.821.250	5.447.147	33,44
8 ERVA-MATE	* VALOR	18.450	110.500	-	758.500	40.000	13.000	-	330.000	552.000	1.821.250	100,00	-
	%	1,04	6,07	-	41,55	2,20	0,71	-	16,12	30,31	100,00	88.611.083	18,44
	QUANT.	148.800	2.678.520	22.800	5.395.300	113.100	3.659.000	-	1.200.000	821.200	14.236.720	100,00	-
	%	1,05	18,81	0,16	37,89	0,78	27,10	-	8,43	5,77	100,00	-	-
1 MADEIRA	QUANT.	85.070	520.200	21.100	2.318.000	72.000	492.000	56.000	107.000	87.000	3.736.370	23.359.752	16,20
	%	2,28	13,92	0,58	82,00	1,83	13,16	1,50	2,86	1,78	100,00	173.660.338	15,16
	* VALOR	1.185.560	5.861.600	121.000	14.484.000	1.035.000	583.400	1.309.000	347.500	1.350.000	28.367.500	100,00	-
	%	4,50	22,57	0,48	54,83	3,83	2,22	4,86	1,32	5,12	100,00	30.047.080	21,65
8 ERVA-MATE	QUANT.	220.000	1.000.000	-	1.548.000	520.000	185.000	-	1.298.000	1.800.000	8.569.000	100,00	-
	%	3,55	15,22	-	29,58	7,82	2,82	-	18,73	27,40	100,00	7.385.890	22,55
	* VALOR	55.000	250.000	-	484.400	145.600	84.750	-	324.000	360.000	1.663.750	100,00	-
	%	3,31	15,03	-	27,91	8,75	3,88	-	19,47	21,64	100,00	181.026.026	15,42
0 VALOR-E.V.VALOR	* VALOR	1.240.560	6.201.600	121.000	14.848.400	1.180.600	648.580	1.309.000	671.500	1.710.000	28.031.250	100,00	-
	%	4,43	22,12	0,43	53,33	4,21	2,31	4,87	2,40	6,10	100,00	-	-
	QUANT.	130.000	400.200	559.890	714.000	77.600	580.000	85.000	80.000	75.500	2.682.070	21.738.237	12,38
	%	4,85	14,92	20,87	26,82	2,89	21,83	2,42	2,98	2,82	100,00	241.503.208	18,28
1 MADEIRA	* VALOR	1.769.800	6.882.000	6.792.300	3.150.000	1.352.500	12.720.000	1.560.000	454.800	2.106.500	36.773.900	100,00	-
	%	4,58	17,70	22,58	8,14	3,49	32,81	4,02	1,17	5,43	100,00	31.974.503	22,84
	QUANT.	220.000	1.000.000	-	1.800.000	824.000	180.000	-	-	3.500.000	7.334.000	100,00	-
	%	3,00	13,84	-	24,54	8,51	2,59	-	-	47,72	100,00	11.777.313	22,82
7 ERVA-MATE	* VALOR	66.000	300.000	-	848.000	216.400	88.500	-	-	1.400.000	2.888.500	100,00	-
	%	2,45	11,12	-	24,01	8,00	2,46	-	-	51,87	100,00	253.282.011	16,37
	QUANT.	1.835.800	7.162.000	8.792.300	3.804.000	1.570.800	12.785.500	1.560.000	454.800	3.506.500	41.472.800	100,00	-
	%	4,43	17,30	21,20	9,17	3,79	30,83	3,76	1,10	6,45	100,00	-	-
1 MADEIRA	QUANT.	130.000	360.000	29.000	1.823.200	78.400	600.000	80.000	230.000	85.800	3.456.400	100,00	-
	%	3,78	11,08	0,84	53,08	2,26	17,48	2,33	6,69	2,50	100,00	167.722.900	-
	* VALOR	2.178.000	7.840.000	182.400	136.284.000	2.147.000	9.350.000	2.500.000	14.450.000	2.883.400	100,00	-	
	%	1,16	4,07	0,10	73,88	1,14	9,24	1,33	7,70	1,60	100,00	7.081.895	-
8 ERVA-MATE	QUANT.	220.000	800.000	-	1.280.000	514.800	185.000	-	780.000	3.211.995	7.081.895	100,00	-
	%	3,11	12,71	-	17,78	7,27	2,75	-	11,01	45,38	100,00	2.829.050	-
	* VALOR	68.000	315.000	-	504.000	173.300	88.250	-	273.000	1.220.500	2.829.050	100,00	-
	%	2,52	12,02	-	18,24	8,61	2,61	-	10,42	48,58	100,00	180.342.850	-
1 VALOR-E.V.VALOR	* VALOR	2.242.000	7.955.000	182.400	138.788.000	2.320.300	12.418.250	2.500.000	14.729.000	4.213.900	100,00	-	
	%	1,16	4,18	0,10	72,92	1,22	9,15	1,31	7,74	2,21	100,00	-	-
	QUANT.	136.000	375.000	30.000	1.875.000	85.830	815.000	84.000	230.500	89.000	3.481.330	22.943.827	15,22
	%	3,90	10,73	0,86	52,84	2,48	17,61	2,41	6,60	2,58	100,00	532.602.902	44,45
1 MADEIRA	* VALOR	2.831.000	9.063.750	234.000	173.430.000	8.135.000	17.890.000	2.612.000	18.887.000	5.610.000	236.769.750	100,00	-
	%	1,29	3,83	0,10	73,75	3,64	7,59	1,10	7,13	2,38	100,00	30.707.160	20,57
	QUANT.	200.000	909.000	-	1.071.000	582.300	196.000	-	624.000	2.730.210	6.303.510	100,00	-
	%	3,17	14,28	-	16,89	8,24	3,11	-	9,80	43,31	100,00	16.801.847	15,82
7 ERVA-MATE	* VALOR	68.000	346.500	-	642.000	215.451	88.600	-	243.360	1.092.064	2.873.885	100,00	-
	%	2,47	12,96	-	24,01	8,06	2,56	-	8,10	40,84	100,00	540.404.548	43,55
	QUANT.	7.897.000	9.410.250	231.000	174.072.000	8.350.451	18.038.600	2.612.000	17.130.360	8.702.084	239.443.745	100,00	-
	%	1,21	3,93	0,10	72,70	3,48	7,53	1,09	7,15	2,60	100,00	-	-

FONTES: D.A.E.
(1) Inclui Jango, toras e dormentes

g) Comercialização de Produtos Primários

Na construção dos fluxos de comercialização de produtos primários foram utilizados os dados coletados pela Secretaria das Finanças do Estado, os quais referem-se somente a primeira comercialização.

A tabela 4.4.3 (v) mostra como se comportaram, nos anos de 1973 e 1974, os municípios que integram a Região Plano em termos de colocar no mercado as suas produções agrícolas, pecuária e extrativa.

Como se observa, as vendas para fora do Estado, apesar de terem apresentado um crescimento da ordem de 60% de 1972 para 1973, são bastante insignificantes, não chegando a representar sequer 5% do total das vendas regionais.

Devido ao fato de que dentro do item "vendas para outros municípios" se encontram incluídos municípios que fazem parte da Região Plano, este foi desagregado, para o ano de 1974, dando origem a tabela 4.4.3 (x). Assim, como se verifica do total das vendas regionais 66% compõem o consumo interno e 28% são destinados a outras regiões do Estado - prancha 4.4.3 (1ª.). Sendo que os municípios que mais retêm a produção primária regional são pela ordem: Guarapuava e Laranjeiras do Sul, principais núcleos urbanos da Região. Palmital, Manoel Ribas e Prudentópolis, são os municípios que mantem maior desvinculação da Região, comercializando grande parte de sua produção primária como outras regiões do Estado.

Até o momento tentou-se mostrar, de uma maneira bastante sucinta, os mercados com que conta a Região Plano, no ano de 1974, para colocação de sua produção primária. Conforme se constata 66% do total das vendas foram levadas a efeito dentro da própria Região, os quais via compras dos diversos setores de atividades regionais acham-se alocados na tabela 4.4.3 (z). Assim verifica-se que as atividades de comércio atacadista e atividades especiais foram responsáveis, em primeira comercialização, por 50% do total das compras de produtos primários na Região. Este fato talvez explique o porque das vendas diretas para o res

TABELA 4.4.3 (V) - FLUXO DE VENDAS DA PRODUÇÃO DE PRODUTOS PRIMÁRIOS DA ANCOPAR - 1973/1974

(em Cr\$ 1,00)*													
MUNICÍPIOS	ANO	CONSUMO LOCAL	%	VENDAS PARA OUTROS MUNICÍPIOS	%	VENDAS PARA FORA DO ESTADO	%	CTRIN B. B. (TRIGO)	%	COMISSÃO FINANCIAMENTO BANCO DO BRASIL	%	TOTAL	%
PITANGA	1973	17.600.090	36,32	29.626.857	60,25	1.684.880	3,43	-	-	-	-	46.173.827	100,00
	1974	20.835.319	27,98	53.023.833	71,23	428.387	0,58	152.334	0,20	-	-	74.435.673	100,00
	VAR. %	16,65		78,07		-74,58		-				51,38	
PALMITAL	1973	1.728.956	8,81	17.248.385	67,86	653.863	3,33	-	-	-	-	19.631.184	100,00
	1974	5.841.544	17,45	26.898.431	78,00	1.114.888	3,27	95.588	0,28	-	-	34.050.561	100,00
	VAR. %	243,64		55,84		70,52		-				73,45	
MANCEL RIBAS	1973	2.104.417	11,10	11.571.847	61,05	5.227.820	27,58	51.496	0,27	-	-	18.955.589	100,00
	1974	2.104.701	9,78	11.151.341	51,83	7.705.568	35,81	555.421	2,58	-	-	21.517.032	100,00
	VAR. %	0,01		-3,84		47,38		978,57				13,51	
QUARAPUAVA	1973	91.007.420	62,53	47.745.223	32,78	6.375.592	4,38	445.355	0,31	-	-	145.833.590	100,00
	1974	202.498.880	70,50	65.307.011	22,75	17.207.758	5,98	2.138.882	0,74	25.862	0,01	287.238.233	100,00
	VAR. %	122,36		38,80		169,90		380,26				97,23	
INÁCIO MARTINS	1973	4.807.481	50,38	4.726.326	49,51	12.798	0,13	-	-	-	-	9.546.606	100,00
	1974	2.849.518	18,14	11.804.802	78,91	141.560	0,95	-	-	-	-	14.665.880	100,00
	VAR. %	-40,72		151,67		1.066,02		-				55,53	
LARANJEIRAS DO SUL	1973	20.144.217	42,30	22.764.824	47,80	4.717.094	0,90	-	-	-	-	47.626.135	100,00
	1974	31.400.838	38,88	46.854.531	58,01	2.500.298	3,10	-	-	-	-	80.764.867	100,00
	VAR. %	55,92		105,81		-47,00		-				69,58	
QUEÇAS DO IGUAÇU	1973	4.052.302	41,78	6.650.033	57,31	108.568	0,03	-	-	-	-	11.619.903	100,00
	1974	12.510.901	62,10	7.563.502	37,52	77.589	0,38	-	-	-	-	20.160.382	100,00
	VAR. %	157,89		13,58		-28,54		-				73,50	
PINHÃO	1973	11.886.958	46,03	13.721.137	53,13	138.030	0,54	77.123	0,30	-	-	25.824.248	100,00
	1974	18.682.508	46,70	20.247.408	50,61	1.006.004	2,51	68.557	0,18	-	-	40.004.479	100,00
	VAR. %	57,10		47,56		623,58		-11,11				54,91	
PRUDENTE POLÍCIA	1973	5.307.189	33,81	10.317.281	65,73	71.049	0,48	-	-	-	-	15.695.529	100,00
	1974	11.700.874	44,06	14.831.879	55,80	37.215	0,14	-	-	-	-	26.578.868	100,00
	VAR. %	120,64		43,75		-47,63		-				69,24	
TOTAL DA REGIÃO PLANO	1973	159.759.030	46,46	164.382.503	47,86	18.890.685	5,52	573.974	0,17	-	-	343.706.602	100,00
TOTAL DA REGIÃO PLANO	1974	306.551.084	51,48	257.832.829	43,00	30.215.378	5,04	3.010.792	0,50	25.662	0,01	569.639.545	100,00
1973/1974	VAR. %	93,14		58,85		59,13		424,55				74,48	

FONTE: SECRETARIA DAS FINANÇAS

[*]: Referem-se a valores de produção

TABELA 4.4.3 (x) - FLUXO DE VENDAS DA PRODUÇÃO DE PRODUTOS PRIMÁRIOS NA REGIÃO - 1974

(em Cr\$ 1.000,00)*

MUNICÍPIOS	V E N D A S										CONSUMO REGIÃO	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL (%)	VENDAS NO RES TO DO ESTADO	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL (%)
	CONSUMO LOCAL	PITANGA	PALMITAL	MANDEL RIBAS	GUARA PUAVA	INÁCIO MARTINS	LARANJEI- RAS DO SUL	QUEDAS DO IGUAÇU	PINHÃO	PRUDEN- TÓPOLIS				
PITANGA	20.035	-	-	132	25.071	-	146	-	1.019	411	47.614	63,96	26.245	35,26
PALMITAL	5.941	553	-	-	2.372	-	-	-	-	32	8.898	26,13	23.941	70,31
MANDEL RIBAS	2.105	3	-	-	278	-	-	-	-	-	2.386	11,08	10.870	50,52
GUARAPUAVA	202.499	57	-	-	-	-	663	372	1.024	516	205.131	71,41	62.735	21,64
INÁCIO MARTINS	2.849	-	-	-	5.302	-	-	-	69	-	8.220	55,22	6.524	43,63
LARANJEIRAS DO SUL	31.410	-	-	-	32.681	-	-	37	-	8	64.114	79,38	14.150	17,52
QUEDAS DO IGUAÇU	12.519	-	-	-	423	-	1.567	-	-	-	14.509	71,96	5.573	27,64
PINHÃO	18.682	-	-	-	15.133	58	19	-	-	107	33.999	84,99	4.930	12,32
PRUDENTÓPOLIS	11.710	-	-	-	1.104	-	-	-	216	-	13.030	49,02	13.512	50,64
T O T A I S											397.901	66,36	168.451	28,10

FONTE: SECRETARIA DAS FINANÇAS

(*) Referem-se a valores da produção

PRANCHA 4.4.3 (1ª) FLUXO DE VENDAS DA PRODUÇÃO DE
PRODUTOS PRIMÁRIOS DA AMCOPAR-74

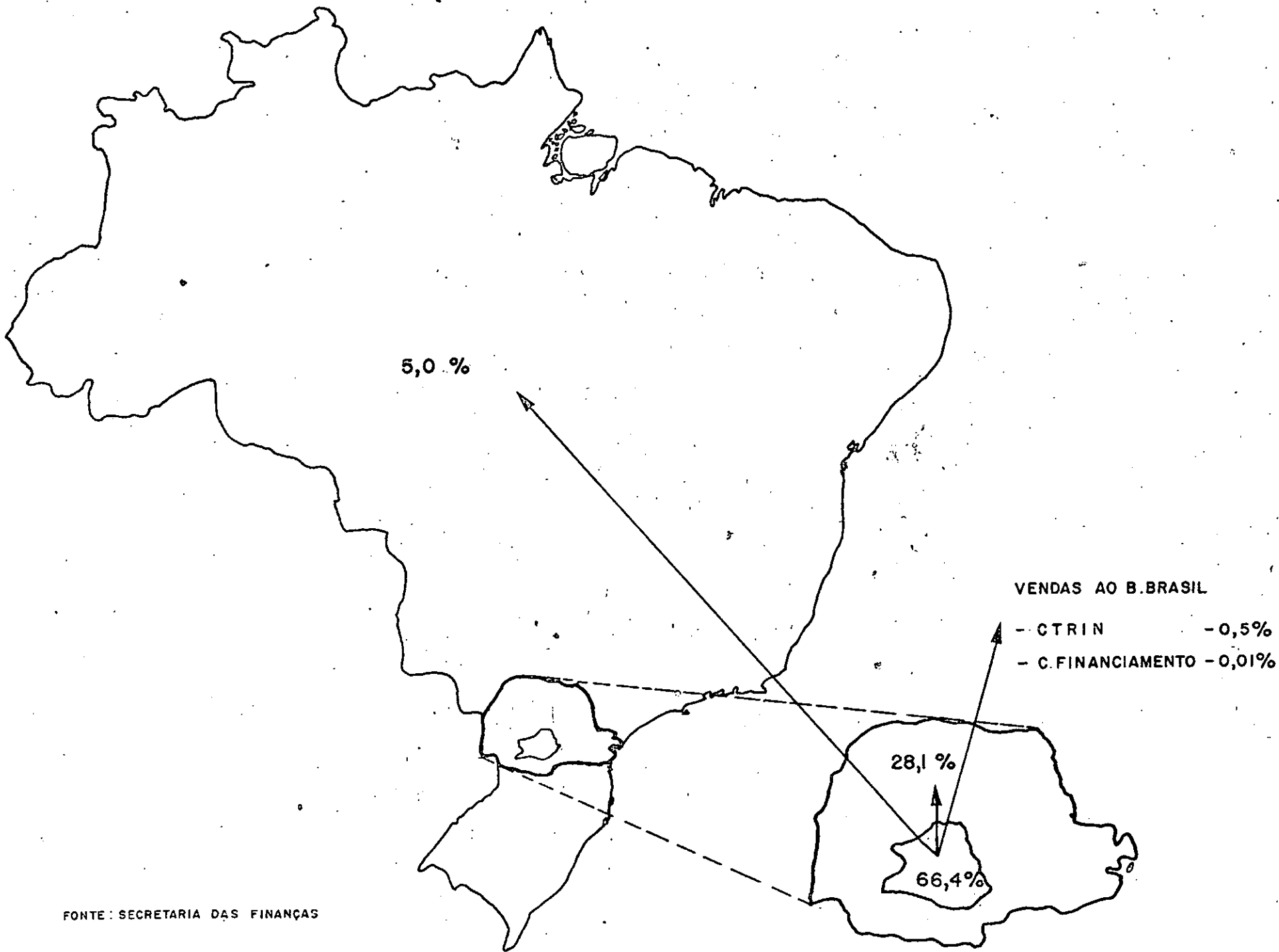


TABELA 4.4.3 (z) - COMPRAS DE PRODUTOS PRIMÁRIOS PELOS VÁRIOS SETORES DE ATIVIDADE - 1974

(em Cr\$ 1.000,00) *

MUNICÍPIOS	ATIVIDADES INDUSTRIAIS								ATIVIDADES COMERCIAIS						ATIVIDADES ESPECIAIS			TOTAIS		
	MADEIRA		PAPEL/PAPELÃO		PROD. ALIMENT.		DIVERSAS		TOTAL	C. VAREJISTA		C. ATACADISTA		TOTAL	ESPECIAIS		TOTAL	DA REGIÃO	RESTO DO ESTADO	TOTAL
	DA REGIÃO	RESTO DO ESTADO	DA REGIÃO	RESTO DO ESTADO	DA REGIÃO	RESTO DO ESTADO	DA REGIÃO	RESTO DO ESTADO		DA REGIÃO	RESTO DO ESTADO	DA REGIÃO	RESTO DO ESTADO		DA REGIÃO	RESTO DO ESTADO				
GUARAPUAVA	02.775	5.058	3.040	1.284	2.677	57	12.533	2.247	110.477	19.255	1.068	41.815	8.281	71.398	121.842	44.178	166.118	284.843	63.151	347.994
INACIO MARTINS	2.025	184	-	-	-	-	-	-	2.809	257	8	28	-	286	-	-	-	2.508	190	3.098
LARANJEIRAS DO SUL	15.185	667	-	-	351	68	-	-	16.269	10.038	668	8.231	105	19.042	-	-	-	33.805	1.508	35.313
PINHÃO	7.421	371	572	-	1.320	738	0	-	10.432	94	2	11.412	7	11.515	182	-	182	21.010	1.118	22.128
QUEÇAS DO IGUAÇU	9.281	218	-	-	183	-	-	-	9.682	3.237	-	177	-	3.414	40	-	40	12.928	218	13.146
MANGEL RIBAS	288	-	-	-	125	-	-	-	411	1.007	-	549	-	1.640	100	-	100	2.237	-	2.237
PALMITAL	25	-	-	-	8	-	-	-	31	1.138	-	4.773	-	5.911	-	-	-	5.942	-	5.942
PITANGA	17.000	791	415	-	125	-	8	-	18.337	2.036	-	1.812	-	3.850	52	-	52	21.448	751	22.238
PRUDENTÓPOLIS	6.688	120	-	-	38	18	3	-	6.868	998	128	1.086	1	2.213	3.870	1.372	5.342	12.782	1.639	14.421
REGIÃO PLANO	141.287	7.408	4.633	1.284	5.033	880	12.551	2.247	175.324	36.152	1.872	69.881	9.374	119.279	126.368	45.548	171.914	397.903	68.614	466.517

FONTE: SECRETARIA DAS FINANÇAS

(*) Referem-se a valores de produção

to do Brasil representarem apenas 5% do total das vendas. Certamente em uma segunda comercialização este percentual deve se elevar sobre maneira, pois aquelas atividades estão na dependência' de decisões provenientes de outros Estados e até do exterior.

Mais uma vez, se detecta a pequena integração existente entre as atividades agropecuárias e o setor industrial da Região, pois do total das vendas de produtos primários apenas 27% dirige-se ao setor de transformação da Região. Sendo que deste total 24% certamente são provenientes da atividade extrativa vegetal pois estão vinculadas as indústrias madeireira e de papel e papelão. Outrossim, a indústria de produtos alimentares não chega a reter sequer 1% da produção agropecuária da Região.

No tocante a compra de recursos do setor primário de outras regiões do Estado para movimentar suas atividades econômicas, a dependência da Região foi, naquele ano, relativamente pequena, atingindo 15% do total das compras, sendo que novamente as atividades especiais e o comércio atacadista se sobressaem, representando 80% deste total.

Reunindo todas as informações anteriormente apresentadas montou-se a tabela abaixo para mostrar como se comportou a Região Plano, bem como cada um dos municípios que a compõem em termos da comercialização de produtos primários, no ano de 1974, com outros municípios do Estado e inclusive da própria Região.

COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS DENTRO DO ESTADO - 1974

(em Cr\$ 1.000,00)			
MUNICÍPIOS	SAÍDAS	ENTRADAS	SALDO
PITANGA	53.024	1.404	51.620
PALMITAL	26.898	-	-
MANOEL RIBAS	11.151	132	11.019
GUARAPUAVA	65.367	145.495	(-80.128)
INÁCIO MARTINS	11.895	249	11.646
LARANJEIRAS DO SUL	46.854	3.901	42.953
QUEDAS DO IGUAÇU	7.563	627	6.936
PINHÃO	20.247	3.447	16.800
PRUDENTÓPOLIS	14.832	2.711	12.121
REGIÃO PLANO	168.481	68.614	99.867

FONTE: SECRETARIA DAS FINANÇAS

Assim, como se observa, a exceção de Guarapuava, todos os demais municípios e inclusive a própria Região obtiveram um saldo favorável no tocante a comercialização de produtos primários. Guarapuava por possuir uma atividade econômica mais intensa e diversificada foi levada a importar de outros municípios mais produtos primários do que os excedentes exportáveis que criou, apresentando ao final do exercício de 1974 um déficit 22% superior as suas vendas.

4.4.4 - ANÁLISE DA ESTRUTURA INDUSTRIAL DA AMCOPAR

A análise do setor secundário geralmente se reveste de importância, máxime quando é possível identificar as interações inter e intra-setoriais decorrentes das relações existentes entre as diversas atividades econômicas, através das quais é possível se analisar as mudanças, tanto qualitativas como quantitativas, decorrentes das perdas ou incorporações de novas ligações, que ocorrem ao longo do processo de crescimento econômico regional.

O estudo desse setor se utilizará dos enfoques metodológicos apresentados em apêndice, com os quais se pretende focalizar aspectos ligados a composição e mudanças da estrutura industrial, assim como seu grau de diversificação e organização espacial, devendo ser dado um tratamento preferencial ao "Complexo da Madeira, Mobiliário, Papel e Papelão e Editorial e Gráfica).

a) Apreciação do Fundo Industrial da Região.

Os coeficientes a seguir apresentados visam complementar aquela primeira identificação do papel desempenhado pelo setor secundário delineados na abordagem das características fundamentais do sistema econômico regional (item 4.4.2) onde foi evidenciado (ver tabela 4.4.2 (a) e 4.4.2 (b), sua pequena importância, seja em termos de pessoal ocupado, seja em termos de "valor adicionado".

Coefficiente de Atratividade Industrial

Regional	=	$\frac{\sum \text{Emprego Industrial da Região}}{\text{População Total da Região}}$	=	$\frac{7.693}{330.129}$	=	0,0233
Estadual	=	$\frac{\sum \text{Emprego Industrial do Estado}}{\text{População Total do Estado}}$	=	$\frac{114.344}{6.929.868}$	=	0,0165

Coefficiente de Industrialização

Regional	=	$\frac{\sum \text{Emprego Industrial da Região}}{\text{Total do Pessoal Ocupado da Região}}$	=	$\frac{7.693}{129.000}$	=	0,0596
Estado	=	$\frac{\sum \text{Emprego Industrial do Estado}}{\text{Total do Pessoal Ocupado do Estado}}$	=	$\frac{114.344}{2.260.625}$	=	0,0506

As fontes básicas utilizadas provêm do VIII - Recenseamento Geral - 1970, para as variáveis do total demográfico e pessoal ocupado.

Os dois primeiros coeficientes permitem avaliar a taxa de atratividade do tecido industrial da Região e do Estado, em relação a sua população total, onde se verifica a pouca significação industrial na região (233 empregos industriais por 10.000 habitantes) assim como no Estado (165 empregos industriais por 10.000 habitantes), fortemente orientados para o setor primário completada pelas atividades do terciário tradicional. Os dois últimos coeficientes expressam o grau de concentração do emprego industrial com relação ao total regional (ou estadual) cujos resultados confirmam o baixo nível de industrialização, tanto na Região como no próprio Estado. Todavia, cabe salientar que uma consideração sobre a industrialização de um dado sistema econômico não deve ser obtida de uma observação isolada, senão a partir de comparações com todos os subsistemas componentes (no caso a comparação das microrregiões do Estado) a fim de permitir a aplicação de determinados conceitos como o de "requisitos mínimos" seja no valor de produção, seja na quantidade de emprego, a partir da qual a noção da estrutura industrial toma um significado real.

Uma vez verificado que a Região assim como o Estado não são suficientemente industrializados, e desejando-se qualificar melhor a grandeza da primeira em relação ao último são apresentados os seguintes coeficientes de participação relativa:

Participação Relativa do Emprego Industrial

Σ Emprego Industrial da Região	=	<u>7.693</u>	=	0,0673
Σ Emprego Industrial do Estado		114.344		

Participação Relativa da Produção Industrial

Σ Valor da Produção Industrial da Região	=	<u>150.115</u>	=	0,035
Σ Valor da Produção Industrial do Estado		4.288.512		
Σ Valor Adicionado Industrial da Região	=	<u>75.194</u>	=	0,0453
Σ Valor Adicionado Industrial do Estado		1.660.952		

Os resultados desses coeficientes apresentam-se novamente limitados, pois enquanto a Região acusa uma participação não significativa na geração de produto industrial do Estado (assim como no emprego e na "renda"), não é possível precisar seu lugar correspondente no contexto das demais microrregiões, pois isto implicaria em coleta e processamento de dados que se tornam inviáveis com os recursos disponíveis.

Se a comparação inter-regional não foi muito precisa, não ocorre o mesmo com a comparação intra-regional, onde a participação relativa dos municípios em diversas variáveis do setor industrial, fornecidas pelo Censo de 1970, encontram-se reunidas na tabela 4.4.4 (a) (as mesmas variáveis a nível de municípios e gêneros acham-se em anexo). Baseada numa outra fonte (Secretaria das Finanças) a tabela 4.4.4 (b) também proporciona uma ilustração da participação relativa, de cada um dos municípios que compõem a Região Plano, nos últimos anos expressa em termos de "valor adicionado". Uma observação desta variável revela ser sumamente significativa a concentração da atividade econômica no município de Guarapuava que detém em torno de 50% do valor adicionado industrial da Região, em qualquer uma das fontes e ao longo do quinquênio 1970/1974. Os outros municípios da maior importância relativa quanto à produção industrial foram: Pitanga, recentemente superado por Quedas do Iguaçu, Pinhão e Laranjeiras do Sul, que em conjunto detém aproximadamente 1/3 do "valor adicionado" pela industrial regional.

b) Indicador de Capitalização do Setor Industrial

Apesar de constituir-se num dos principais itens a serem abordados quando se procura analisar setorialmente qualquer sistema produtivo, principalmente numa economia de livre empresa, o índice de capitalização é extremamente difícil de ser obtido dado a insuficiência de estatísticas que divulguem a variável estoque de capital, de fundamental importância para a análise.

Ao se tentar proceder, para o setor industrial da Região, um estudo sobre o fator capital esbarrou-se nesse problema tendo sido possível obter, através da Secretaria das Finanças do Estado, via Guias Informativas do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias,

TABELA 4.4.4 (a) - INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A INDÚSTRIA - ANO 1970

REGIÃO PLANO

MUNICÍPIOS	Nº DE ESTABE- LECIMENTOS		PESSOAL OCUPADO		SALÁRIOS (Cr\$1.000,00)		DESP.C/OPERA- ÇÕES INDUSTRIAIS (Cr\$ 1.000,00)		VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO (Cr\$1.000,00)		VALOR DE TRANSFOR- MAÇÃO INDUSTRIAL (Cr\$ 1.000,00)	
		%		%		%		%		%		%
GUARAPUAVA	222	45,21	4.198	54,56	11.634	59,24	43.323	57,53	87.106	57,70	43.783	57,85
INÁCIO MARTINS	17	3,46	430	5,59	1.180	6,01	3.013	4,00	6.409	4,25	3.396	4,49
PINHÃO	25	5,09	694	9,02	1.785	9,09	8.763	11,64	15.060	9,98	6.297	8,32
LARANJEIRAS DO SUL	43	8,76	570	7,41	1.076	5,48	3.629	4,82	8.016	5,31	4.387	5,80
QUEDAS DO IGUAÇU	18	3,67	272	3,54	662	3,37	2.277	3,02	5.059	3,33	2.782	3,62
PRUDENTÓPOLIS	57	11,61	474	6,16	1.077	5,48	2.604	3,46	6.033	4,00	3.429	4,53
PITANGA	81	16,50	940	12,22	2.016	10,27	10.837	14,39	21.677	14,36	10.840	14,32
PALMITAL	9	1,83	66	0,86	151	0,77	600	0,80	1.179	0,78	579	0,77
MANDEL RIBAS	19	3,87	49	0,64	56	0,29	254	0,34	438	0,29	184	0,24
TOTAL DA REGIÃO	491	100	7.693	100	19.637	100	75.300	100	150.977	100	75.677	100
TOTAL DO ESTADO	10.855	-	114.344	-	347.796	-	2.627.560	-	4.288.512	-	1.660.952	-
REGIÃO/ESTADO	4,52	-	6,73	-	5,65	-	2,87	-	3,52	-	4,56	-

FONTE: FIBGE

TABELA 4.4.4 (3) - VALOR ADICIONADO PELO SETOR SECUNDÁRIO 1971 à 1974 - VALORES ABSOLUTOS E RELATIVOS

(em Cr\$ 1,00)

MUNICÍPIOS	1971					1972					1973					1974				
	TOTAL		SECUNDÁRIO		SEC/ TOTAL	TOTAL		SECUNDÁRIO		SEC/ TOTAL	TOTAL		SECUNDÁRIO		SEC/ TOTAL	TOTAL		SECUNDÁRIO		SEC/ TOTAL
	VALOR	PARTICIPAÇÃO RELATIVA %	VALOR	PARTICIPAÇÃO RELATIVA %		VALOR	PARTICIPAÇÃO RELATIVA %	VALOR	PARTICIPAÇÃO RELATIVA %		VALOR	PARTICIPAÇÃO RELATIVA %	VALOR	PARTICIPAÇÃO RELATIVA %		VALOR	PARTICIPAÇÃO RELATIVA %	VALOR	PARTICIPAÇÃO RELATIVA %	
BOA VISTA	155.378.267	58,4	73.588.222	59,0	47,38	202.855.887	53,7	170.481.745	59,3	58,4	449.104.275	50,5	186.138.052	52,8	44,1	789.001.561	54,1	322.037.651	53,5	47,3
BOA VISTA	8.428.147	2,3	5.207.108	4,3	82,41	15.058.008	4,2	12.958.398	6,4	81,2	33.085.157	3,8	23.232.358	6,2	88,8	55.745.087	4,0	39.745.355	8,6	74,7
BOA VISTA	19.677.216	7,1	10.253.208	8,2	52,11	18.440.474	5,1	13.088.324	6,8	71,8	85.880.230	9,6	23.907.048	6,3	27,8	78.657.231	5,5	33.277.836	5,5	43,4
BOA VISTA	27.667.105	10,1	8.051.175	8,5	28,89	30.773.113	8,7	13.346.533	6,8	38,3	87.646.023	9,6	28.215.544	7,5	32,2	133.440.165	8,5	34.232.582	5,6	25,8
BOA VISTA	10.404.527	3,8	5.042.508	4,5	53,82	13.036.522	3,8	8.055.357	3,4	50,1	65.008.233	7,3	47.262.284	12,8	72,7	145.058.328	10,3	112.871.882	18,7	77,8
BOA VISTA	15.431.858	5,8	6.802.870	5,3	42,79	20.817.884	5,5	8.887.653	4,8	48,4	41.871.032	4,7	21.288.488	5,7	50,6	46.183.917	3,3	14.338.080	2,4	31,7
BOA VISTA	27.547.527	10,0	14.484.232	11,8	52,38	47.447.259	12,5	24.222.801	12,0	51,1	88.966.897	8,8	32.591.804	8,7	37,5	128.815.320	9,0	44.858.003	7,5	35,4
BOA VISTA	7.312.205	2,7	878.042	0,5	9,27	11.858.145	3,1	1.088.573	0,5	8,0	20.633.893	2,3	180.378	0,1	0,9	38.157.055	2,7	828.723	0,1	2,1
BOA VISTA	5.817.039	2,0	63.260	0,1	1,13	9.788.828	2,8	102.827	0,1	1,0	18.978.181	2,2	201.948	0,1	1,0	22.717.715	1,6	102.238	0,07	0,4
TOTAL DO MUNICÍPIO	275.124.465	100	124.852.114	100	45,20	378.578.078	100	202.081.412	100	53,5	601.123.021	100	375.079.881	100	42,1	1.504.735.258	100	622.105.324	100	41,4
TOTAL DO ESTADO	8.874.441.786	-	2.404.474.885	-	28,37	13.350.635.050	-	4.119.703.217	-	30,8	22.048.947.384	-	6.320.870.577	-	28,7	33.472.753.789	-	8.540.233.648	-	25,4
RECÍPICO/ESTADO	3,25	-	5,18	-	2,84	-	4,92	-	-	-	4,04	-	5,83	-	-	4,20	-	5,31	-	-

Fonte: 1971 - Revista Paranaense de Desenvolvimento - Novembro/Dezembro - 1972 - N° 33
1972 - 1973 e 1974 - Secretaria de Fazenda - Estatística Econômico-Financeira

Obs.: As diferenças entre a soma das partes e valor adicionado total, são devidas a valores arredondados por atividade econômica.

apenas informações sobre fluxos, para o ano de 1974, ou seja a formação bruta do capital, que representa os acréscimos ocorridos, durante o exercício contábil, nas unidades fiscais de ativo os quais permitem um método de produção contínuo, englobando-se as novas imobilizações realizadas e a reposição dos equipamentos desgastados.

Ressalta-se aqui, novamente, que para uma análise mais elaborada seria necessário uma pesquisa para apurar a variável estoque, bem como uma série dos fluxos de investimentos, fato que não foi possível dada as já tão comentadas restrições impostas ao trabalho, motivo pelo qual, limitar-se-á apenas a apresentação das tabelas 4.4.4 (c) e 4.4.4 (d) com rápidos comentários adicionais.

Como era de se esperar os ramos industriais da Madeira e Papel e Papelão, que detém cerca de 95% do valor adicionado pela indústria regional, foram os que mais investiram no ano de 1974 representando, respectivamente, 67% e 26% do total dos investimentos regionais, composição esta não muito diferente da média estadual já que as atividades que apresentaram maior volume de investimentos foram pela ordem: Produtos Alimentares, Madeiras, Minerais não Metálicos e Papel e Papelão.

Verifica-se ainda que a origem dos bens que constituem as inversões do ramo madeireiro são em aproximadamente 98% provenientes do mercado nacional, dos quais 59% são aquisições dentro do próprio Estado. Já no ramo papeleiro por se tratarem de equipamentos mais sofisticados constata-se uma maior dependência dos mercados nacional (resto do Brasil) e externo, em particular a maquinária destinada ao fabrico de papel, papelão, cartolinas e cartões (código 1372) cujas importações no ano corresponderam a 10% do total das inversões.

Nas duas últimas colunas da tabela 4.4.4 (c) tentou-se construir um indicador de capitalização por ramos industriais, verificando-se por unidade de "valor adicionado" quanto foi reinvestido no ano, tanto a nível regional como estadual, este indicador é restritivo haja visto que toda a formação de capital do ano pode ter sido executada via financiamentos e não através de reinver

TABELA 4.4 (c) - FORMAÇÃO DE CAPITAL (1974)

SETOR DE ATIVIDADES	ORIGEM DA FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO					R E G I Ã O		E S T A D O (em Cr\$1.000,00)			
	DO	DE OUTROS		DO	TOTAL	PARTICIPAÇÃO SETORIAL	PARTICIPAÇÃO		F.P.F.		
	ESTADO	ESTADOS	EXTERIOR	SETORIAL			V.A.	SETORIAL	V.A.		
Minerais não metálicos	23.000	100,0	-	-	23.000	0,11	2,13	14,09	22,82		
Metalurgia	156.823	100,0	-	-	156.823	0,78	9,32	1,72	5,77		
Mecânica	181.063	90,81	18.818	0,30	200.461	0,99	2,80	1,88	8,55		
Ret. Elétrico e de Com.	16.130	100,0	-	-	16.130	0,09	3,40	1,76	14,73		
Ret. de Transporte	-	-	-	-	-	-	-	0,59	9,16		
Madeira (Total)	7.823.433	58,63	5.341.085	39,52	250.000	1,85	13.514.518	60,90	2,87	15,30	6,42
1.35.9	802.070	60,83	440.037	33,17	-	-	1.350.707	8,69	1,10	-	-
1.35.1	5.888.557	58,21	4.345.271	41,41	250.000	2,38	10.493.828	51,94	3,81	-	-
1.35.2	1.044.776	65,71	545.227	34,28	-	-	1.590.003	7,67	5,51	-	-
1.35.5	77.430	98,81	2.550	3,19	-	-	78.880	0,40	2,06	-	-
Mobiliário (Total)	21.724	47,30	24.203	52,70	-	-	45.827	0,23	3,08	1,38	4,83
1.36.0	4.288	72,30	1.835	27,70	-	-	5.803	0,03	0,78	-	-
1.36.1	17.456	43,61	22.588	56,39	-	-	40.824	0,20	5,53	-	-
1.36.4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1.36.8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Papel e Papelão (Total)	2.036.782	38,23	3.100.588	58,18	190.824	3,58	5.328.204	28,37	8,75	7,93	9,42
1.37.0	-	-	216	100,0	-	-	216	0,00	0,00	-	-
1.37.1	2.036.782	61,82	1.208.428	38,38	-	-	3.305.211	16,36	11,78	-	-
1.37.2	-	-	1.831.953	80,57	190.824	8,43	2.022.777	10,01	17,38	-	-
Borracha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,15	4,39
Couro, Peles e Simil.	-	-	24.787	100,0	-	-	24.787	0,12	4,95	0,21	4,48
Cúrnica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5,83	6,70
Prod. Farm. e Medicinale	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,09	5,35
Têxtil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5,88	27,97
Vest., Calç. e Tecidos	150	100,0	-	-	-	-	150	0,00	0,08	0,53	6,76
Prod. Alimentares	301.429	75,21	89.372	24,79	-	-	400.801	1,98	15,09	29,20	12,74
Bebidas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,78	4,67
Editorial e Gráfica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,52	10,31
Diversos	353.088	72,13	136.453	27,87	-	-	488.518	2,42	2,80	10,31	21,28
0.014-Extr. Minerais	137.948	50,27	136.453	48,73	-	-	274.401	1,36	30,48	-	-
0.018-Extr. Vegetais	166.004	100,0	-	-	-	-	166.004	0,82	1,34	-	-
0.182 a 199-Outras Atividades	48.114	100,0	-	-	-	-	48.114	0,24	16,87	-	-
0.2 -Construção Civil	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,06	7,60
Prod. Mat. Plásticas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	11.018.300	54,54	8.745.326	43,28	440.824	2,18	20.204.450	100,0	3,38	100,0	10,65

FONTE: Secretaria das Finanças

Obs.- os nomes correspondentes aos códigos encontram-se em anexo

TABELA 4.4.4 (d) - FORMAÇÃO DE CAPITAL DO ESTADO

(em %)

SETOR DE ATIVIDADES	1 9 7 3		1 9 7 4	
	PARTICIP.	F.B.K.F	PARTICIP.	F.B.K.F
	SETORIAL	V.A.	SETORIAL	V.A.
Minerais não Metálicos	5,61	8,01	14,09	22,82
Metalurgia	2,42	8,65	1,72	5,77
Mecânica	2,05	12,09	1,88	6,58
Mat. Elétrico e de Comunic.	1,45	9,86	1,78	14,73
Material de Transporte	0,94	11,68	0,59	9,16
Madeira	23,48	7,36	15,30	6,42
Mobiliário	1,72	4,65	1,36	4,93
Papel e Papelão	9,28	13,14	7,93	9,42
Borracha	0,66	23,53	0,15	4,39
Couros, Peles e Similares	0,16	2,38	0,21	4,49
Química	5,97	4,97	6,63	6,70
Óleos	3,27	4,51	-	-
Adubos e Fertilizantes	1,80	12,68	-	-
Prod. Farmac. e Medicinais	0,12	6,17	0,09	8,35
Prod. de Mat. Plástica	1,91	20,80	1,06	7,60
Têxtil	4,69	14,68	5,86	27,97
Vestuário, Calçados e Tecidos	1,00	8,88	0,53	6,79
Produtos Alimentares	12,97	4,58	29,20	12,74
Bebidas	1,99	6,40	0,79	4,67
Fumo	0,00	-	-	-
Editorial e Gráfica	0,58	9,84	0,52	10,31
Diversos	23,00	45,60	10,31	21,29
Total Indústria	100,00	8,93	100,00	10,65

FONTE: SECRETARIA DAS FINANÇAS

sões de lucros, porém mesmo assim se constitui, num indício de acréscimo na capacidade produtiva, mas na falta de observações evolutivas utilizou-se apenas com fins comparativos com a média estadual. Como se observa, dos dois principais ramos industriais da região apenas papel e papelão apresentam um comportamento semelhante a média estadual sendo que na atividade madeireira este indicador foi 58% menor que a nível estadual.

c) Comportamento Evolutivo do Setor Industrial
Classificação dos Gêneros Industriais

O processo de crescimento econômico regional se origina nas inter-relações dos fatores culturais, sócio-políticos, e, principalmente, na interdependência econômica, definida, basicamente, pela riqueza do tecido industrial, cuja elevada dinamicidade característica, acarreta transformações em toda a estrutura econômica, uma vez que o crescimento de cada uma das atividades são desiguais. Assim ao se desejar investigar o comportamento das atividades industriais torna-se extremamente útil uma classificação das mesmas em setores, razoalmente homogêneos, que facilitem sua compreensão, motivo pelo qual se utilizará a classificação apresentada por Chenery⁽¹⁾, que classificou os diferentes ramos industriais (2 dígitos), segundo a sua elasticidade de crescimento, em três grandes grupos:

Indústrias Tradicionais: produtos alimentares, bebidas, fumo, têxtil, couros e peles e similares, madeira e mobiliário;

Indústrias Intermediárias: vestuário, calçados e artefatos de tecidos, borracha, editorial e gráfica, minerais não metálicos e diversos;

Indústrias Modernas: metalúrgica, mecânica, material elétrico e de comunicação, material de transporte, papel e papelão, química, produtos farmacêuticos, produtos de perfumaria e matérias plásticas.

(1) CHENERY, Hollis B. A Study of Industrial Growth. United Nations, NY, 1969 - in "Diagnóstico - 5a. Região Administrativa" - Secretaria de Economia e Planejamento - Coordenadoria de Ação Regional Governo do Estado de São Paulo.

As indústrias classificadas como tradicionais apresentam certas características comuns, que permitem que se obtenham algumas conclusões relativas ao seu comportamento. Estas características são:

- exigem menor grau de qualificação da mão de obra;
- exigem menor intensidade de capital, tanto em relação a mão de obra como ao produto;
- apresentam maior facilidade no que tange a obtenção de insumos;
- permitem a utilização de estruturas organizacionais mais simples;
- caracterizam-se por apresentar um elevado grau de divisibilidade.

As indústrias classificadas como intermediárias e modernas, por sua vez, apresentam também algumas características que lhe são peculiares:

- exigem um maior grau de qualificação da mão de obra;
- exigem relação capital/produto e capital/mão de obra mais elevada;
- necessitam de um mercado consumidor de maior porte;
- apresentam uma estrutura organizacional mais complexa;
- demanda pelos insumos internos mais escassos.

Cumprе ressaltar, entretanto, que a aplicação dessa classificação aos ramos industriais da Região Plano é antes de mais nada ilustrativo, haja visto, que os mesmos não identificam as mesmas conceituações internacionais, nacionais ou até estadual. Assim, percebe-se através das tabelas 4.4.4 (e), 4.4.4 (f) e 4.4.4 (g) que a participação relativa dos ramos industriais da Região é extremamente diferente da composição estadual, exceto no gênero Madeira e talvez Papel e Papelão, que poderão apresentar uma estrutura semelhante ao do Estado, pois os outros gêneros tais como: a Metalurgia e Mecânica, o Material Elétrico e de Comunicações e Material de transporte, não são senão oficinas de médio e pequeno porte principalmente, que se destinam à separação de equipamentos e fabricação de pequenas peças.

TABELA 4.4.4 (a) - PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS RAMOS INDUSTRIAIS POR MUNICÍPIOS - VALOR ADICIONADO - 1972

RAMOS DE ATIVIDADE	(em %)									
	ESTADO	GUARA PUAVÁ	INÁCIO MARTINS	PINHÃO	LARANJEI- RAS DO SUL	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS	PITANGA	PALMITAL	MANDEL RIBAS
MINERAIS NÃO METÁLICOS	6,37	0,13	-	-	0,11	-	1,13	-	-	-
METALURGIA	2,28	0,07	-	-	0,57	-	-	-	-	-
MECÂNICA	2,55	0,32	-	-	-	-	-	-	-	-
MAT. ELÉTRICO E COMUNIC.	1,34	0,02	-	-	-	-	-	-	-	-
MAT. DE TRANSPORTE	0,52	0,04	-	-	-	-	0,21	0,01	-	-
MADEIRA	24,32	91,83	91,95	98,05	90,74	91,01	93,33	93,14	99,83	85,17
MOBILIÁRIO	2,93	0,18	-	-	1,26	0,09	-	0,08	-	-
PAPEL E PAPELÃO	6,47	5,87	3,93	1,92	-	-	1,95	5,90	-	-
BORRACHA	0,26	-	-	-	-	-	-	-	-	-
COUROS, PELES E SIMILARES	0,57	-	-	0,01	0,62	0,11	0,25	0,04	-	-
QUÍMICA	9,47	0,05	-	-	-	-	0,22	0,10	-	-
ÓLEOS	4,95	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ADUBO E FERTILIZANTE	1,01	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PROD. FARMAC. E MEDICINAIS	0,21	0,06	-	-	-	-	-	-	-	-
PROD. MAT. PLÁSTICA	0,88	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TÊXTIL	3,16	-	-	-	0,03	-	-	-	-	-
VESTUÁRIO, CALÇADOS E ARTE FATOS DE TECIDOS	0,84	-	-	-	0,09	0,19	0,07	-	-	-
PRODUTOS ALIMENTARES	32,12	1,21	4,11	-	4,33	4,14	2,52	0,25	0,16	12,66
BEBIDAS	3,03	0,12	-	-	-	-	0,18	0,04	-	2,16
FUMO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
EDITORIAL E GRÁFICA	0,54	-	-	-	0,35	-	0,25	0,03	-	-
DIVERSOS	2,05	0,03	-	-	1,83	4,43	0,22	0,35	-	-

FONTE: Secretaria da Fazenda - Estatística Econômica Financeira

TABELA 4.4.4 (f) - PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS RAMOS INDUSTRIAIS POR MUNICÍPIOS - VALOR ADICIONADO - 1973

RAMOS DE ATIVIDADE	ESTADO	(em %)								
		GUARA PUAVÁ	INÁCIO MARTINS	PINHÃO	LARANJEI- RAS DO SUL	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS	PITANGA	PALMITAL	MANDEL RIBAS
MINERAIS NÃO METÁLICOS	6,25	0,21	-	-	0,05	0,02	1,75	-	-	-
METALURGIA	2,49	0,05	-	-	0,25	-	-	-	-	-
MECÂNICA	1,51	0,68	-	-	-	0,01	-	-	-	-
MAT. ELÉTRICO E COMUNIC.	1,31	0,07	-	-	-	-	-	-	-	-
MAT. DE TRANSPORTE	0,72	0,18	-	-	-	-	0,16	-	-	-
MADEIRA	28,48	85,53	90,75	95,27	92,47	97,18	93,89	95,13	94,33	88,33
MOBILIÁRIO	3,30	0,24	-	-	1,45	0,04	-	0,13	-	-
PAPEL E PAPELÃO	6,30	11,33	3,48	4,72	-	-	2,20	3,57	-	-
BORRACHA	0,25	0,03	-	-	-	-	-	-	-	-
COURO, PELES E SIMILARES	0,61	-	-	-	0,42	0,02	0,04	0,02	-	-
QUÍMICA	10,73	0,04	-	-	-	-	-	0,10	-	-
ÓLEOS	6,47	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ADUBOS E FERTILIZANTES	1,26	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PROD. FARMAC. E MEDICINAIS	0,17	0,07	-	-	-	-	-	-	-	-
PROD. MAT. PLÁSTICA	0,82	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TÊXTIL	2,85	0,01	-	-	0,02	-	-	-	-	-
VEST. CALÇ. E ART. TECIDOS	1,00	-	-	-	0,13	0,04	0,04	0,02	2,41	-
PRODUTOS ALIMENTARES	25,32	0,90	5,76	-	4,25	1,52	1,48	0,15	3,24	10,58
BEBIDAS	2,78	0,08	-	-	0,02	-	0,16	0,12	-	1,08
FUMO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
EDITORIAL E GRÁFICA	0,52	0,09	-	-	0,18	-	0,08	0,02	-	-
DIVERSOS	4,50	0,61	-	-	0,70	1,12	0,16	0,69	-	-

TABELA 4.4.4 (g) - PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS RAMOS INDUSTRIAIS POR MUNICÍPIOS - VALOR ADICIONADO - 1974

RAMOS DE ATIVIDADE	ESTADO	(em %)								
		GUARA PUAVÁ	INÁCIO MARTINS	PINHÃO	LARANJEI- RAS DO SUL	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS	PITANGA	PALMITAL	MANOEL RIBAS
MINERAIS NÃO METÁLICOS	6,57	0,22	0,14	0,87	0,09	0,01	2,62	-	-	-
METALURGIA	3,16	0,29	-	-	1,36	0,00	-	-	-	-
MECÂNICA	3,04	2,54	-	-	-	0,02	-	-	-	-
MAT. ELÉTRICO E DE COMUNIC.	1,28	0,16	-	-	-	-	-	-	-	-
MAT. DE TRANSPORTE	0,69	0,24	-	-	-	-	0,49	-	-	-
MADEIRA	25,36	77,96	87,14	85,94	87,40	98,73	83,94	91,25	84,89	79,71
MOBILIÁRIO	2,93	0,21	-	-	1,90	0,24	0,01	0,15	-	-
PAPEL E PAPELÃO	8,95	14,86	11,59	9,28	-	-	7,73	7,19	-	-
BORRACHA	0,36	0,04	-	-	-	-	-	-	-	-
COUROS, PELES E SIMILARES	0,50	0,08	-	-	0,47	0,01	0,18	0,04	-	-
QUÍMICA	10,54	0,04	-	-	-	-	-	0,16	-	-
ÓLEOS	4,95	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ADUBOS E FERTILIZANTES	2,42	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PROD. FARMAC. E MEDICINAIS	0,11	0,06	-	-	0,01	-	-	-	-	-
PROD. MAT. PLÁSTICA	1,48	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TÊXTIL	2,23	0,03	-	-	0,01	-	-	-	-	-
VEST. CALÇ. E ART. TECIDOS	0,82	0,01	-	-	-	0,04	0,06	0,02	13,36	-
PRODUTOS ALIMENTARES	24,41	1,59	1,11	3,89	8,32	0,91	3,93	0,53	1,74	20,18
BEBIDAS	1,79	0,02	-	-	-	-	0,49	0,14	-	0,10
FUMO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
EDITORIAL E GRÁFICA	0,53	0,11	-	-	0,32	-	0,27	0,07	-	-
DIVERSOS	5,15	1,43	-	-	0,06	-	0,22	0,42	-	-

FONTE: Secretaria das Finanças - Estatística Econômico-Financeira

Modificações Estruturais na década 1960/70

Estipulado os cuidados necessários na aplicação da classificação industrial apresentada por Chenery, a seguir procura-se observar a participação e evolução do setor industrial da Região a partir das informações mais acessíveis. Estas informações são o número de pessoal ocupado, o "valor adicionado" gerado pela produção, obtido via levantamentos fiscais do Estado, e o número de estabelecimentos industriais.

No que diz respeito a pessoal ocupado não foi possível a tabulação dos dados comparativos uma vez que o censo de 1960 não proporciona nenhuma outra informação desagregada a nível de ramos industriais, por municípios, além do número de estabelecimentos. Por esta razão a tabela 4.4.4 (h) apresenta apenas a composição estrutural da região confrontada com o resto do Estado, para 1970, na qual se percebe a elevadíssima concentração do setor industrial da Região no grupo das tradicionais (86% do total) decorrente da acentuada especialização na atividade Madeireira, enquanto o Resto do Estado ainda que também tenha seu suporte no grupo das tradicionais, é bem menos acentuada que a região (pouco mais da metade do pessoal ocupado no setor industrial).

Também são claramente diferenciadas as participações dos grupos intermediários e modernos no que tange a pessoal ocupado, no qual o Resto do Estado apresenta uma participação quase 6 vezes maior que a Região no primeiro, e praticante o dobro no segundo.

As ocorrências verificadas na composição estrutural do pessoal ocupado se confirmam na composição baseada no "valor adicionado" - tabela 4.4.4 (i) - ainda que o grupo das intermediárias tenha diminuído sua participação em benefício do grupo das modernas, enquanto o grupo das tradicionais permanece bastante estável.

Impossibilitado de realizar uma apreciação do comportamento industrial por gêneros, procurou-se então acompanhar a evolução do setor industrial por município, surgindo porém, um novo fator que limita a comparação, os desmembramentos municipais, os quais não permitem conhecer a evolução real do setor industrial de cada um dos municípios atuais, exceto para Prudentópolis que não sofreu desmembramento na década de 60. Mas, considerando-se que Manoel Ri

TABELA 4.4.4 (h) - COMPARATIVO DA COMPOSIÇÃO ESTRUTURAL DO SETOR INDUSTRIAL - PESSOAL OCUPADO - 1970

GÊNEROS DAS INDÚSTRIAS	REGIÃO PLANO		RESTO DO ESTADO	
	NÚMEROS	%	NÚMEROS	%
Extração Mineral	1	0,01	2.369	2,07
TRADICIONAIS	6.628		63.582	
Madeira	6.166	80,15	31.159	27,25
Mobiliário	117	1,52	7.161	6,26
Couros, Peles e Similares	* 21	0,27	1.171	1,02
Têxtil	3	0,03	4.348	3,80
Produtos Alimentares	277	3,60	17.213	15,05
Bebidas	44	0,57	2.258	1,97
Fumo	-	-	272	0,24
INTERMEDIÁRIAS	235		19.516	
Minerais não Metálicos	178	2,31	12.296	10,75
Borracha	13	0,17	668	0,58
Vest., Calçados e Art. de Tecidos	10	0,13	1.449	1,27
Editorial e Gráfica	* 32	0,41	3.763	3,29
Diversas	2	0,03	1.340	1,17
MODERNAS	739		21.274	
Metalurgia	18	0,23	4.353	3,81
Mecânica	37	0,48	3.481	3,04
Mat. Elétrico e de Comunicação	6	0,08	856	0,75
Mat. de Transporte	30	0,39	2.503	2,19
Papel e Papelão	* 634	8,24	4.588	4,01
Química	14	0,18	4.049	3,54
Prod. Farmac. e Medicinais	-	-	128	0,11
Perf., Sabões e Velas	-	-	208	0,18
Prod. de Mat. Plásticas	-	-	1.108	0,97
TOTAL	7.693	100	106.651	100

FONTES: Censo Industrial do Paraná - 1970

(*) Exclui o Município de Prudentópolis

TABELA 4.4.4 (1) - COMPARATIVO DA COMPOSIÇÃO ESTRUTURAL DO SETOR INDUSTRIAL - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL - 1970.

GÊNERO DAS INDÚSTRIAS	1 9 7 0			
	REGIÃO PLANO		RESTO DO ESTADO	
	VALOR	C. ESTRUTURAL	VALOR	C. ESTRUTURAL
Extração Mineral	(x)	-	21.959	1,39
TRADICIONAIS				
Madeira	62.239	82,24	311.566	19,65
Mobiliário	432	0,57	64.238	4,05
Couros, Peles e Similares	(x)	-	13.918	0,88
Têxtil	(x)	-	140.471	8,86
Produtos Alimentares	2.086	2,76	391.042	24,67
Bebidas	66	0,09	49.444	3,12
Fumo	-	-	(x)	-
INTERMEDIÁRIAS				
Minerais não Metálicos	604	0,80	118.766	7,49
Borracha	(x)	-	12.947	0,82
Vest., Calç. e Art. Tecidos	12	0,02	8.573	0,54
Editorial e Gráfica	187	0,25	51.997	3,28
Diversas	(x)	-	13.627	0,86
MODERNAS				
Metalurgia	80	0,11	53.802	3,39
Mecânica	208	0,27	54.338	3,43
Mat. Elétrico e de Comunic.	39	0,05	8.896	0,56
Mat. de Transporte	100	0,13	29.187	1,84
Papel e Papelão	7.955	10,51	78.375	4,94
Química	(x)	-	128.322	8,09
Prod. Farmac. e Medicinais	-	-	(x)	-
Perf., Sabões e Velas	-	-	5.359	0,34
Prod. de Mat. Plásticas	-	-	(x)	-
TOTAL	75.677	100	1.585.275	100

FONTE: Censo Industrial do Estado do Paraná - FIBGE - 1970

OBS.: (x) - Dado omitido pelo censo para não identificar o informante

bas foi o único cujo município desmembrado não continua pertencendo à Região, e observando-se que a participação relativa desse município no ano de 1970 não foi muito significativa, optou-se pela sua exclusão a fim de contar com uma visão menos visada do comportamento regional. Estes resultados se encontram discriminados na tabela 4.4.4 (j), cuja avaliação confere uma posição de destaque' ao município de Prudentópolis na década de 60, período no qual apresentou uma taxa geométrica de crescimento sensivelmente superior aos outros municípios da Região, e inclusive, ligeiramente superior a taxa média de crescimento do Resto do Estado. Por sua vez Laranjeiras do Sul apresentou bons resultados na década passada, todavia a separação do atual município de Quedas do Iguaçu não permitiu identificar o detentor desse dinamismo.

Já no tocante ao número de estabelecimentos industriais se verifica que, em 1970, das 491 unidades, lotadas na Região 78% constituem-se de industriais classificadas como tradicionais, sendo que os dois outros grupos, intermediárias e modernas, possuem a mesma participação, em torno de 10% do total. Nota-se uma profunda modificação nesta estrutura, durante a década de 60, tanto quantitativa como qualitativa, com a incorporação de 52 novas unidades, das chamadas modernas, ao parque industrial da Região. Com isto, conforme pode-se verificar pela tabela 4.4.4 (k), a participação das indústrias modernas regionais praticamente se equivalem a participação das mesmas no restante do Estado, enquanto as tradicionais são bem menos expressivas que a nível regional.

Em termos municipais Guarapuava detém 45% do parque industrial da Região Plano, sendo que praticamente a metade das indústrias modernas lá se acham alocadas e, em sua grande maioria são estabelecimentos ligados ao gênero Papel e Papelão, mais precisamente ao fabrico de celulose e pasta mecânica.

Contudo apesar de seu grande peso em termos regionais, Guarapuava foi o município que apresentou a menor taxa de crescimento anual (2,1% a.a.) na década, conforme pode-se verificar pela tabela a seguir, a qual foi elaborada levando-se em conta os problemas de desmembramentos municipais anteriormente mencionados.

TABELA 4.4.4 (j) - MODIFICAÇÕES ESTRUTURAIS NA DÉCADA - 1960/70

MUNICÍPIOS	PESSOAL OCUPADO NA INDÚSTRIA			VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL ⁽²⁾		
	1960 (1)	1970	TAXA GEOMÉTRI- CA DE CRESCIM. 60/70	1960 (1) Em 1.000	1970 Em 1.000	TAXA GEOMÉTRI- CA DE CRESCIM. 60/70
PRUDENTÓPOLIS	236	474	6,55	2.609	7.159	9,61
LARANJEIRAS DO SUL *	416	842	6,62	* 7.243	* 14.967	6,82
GUARAPUAVA	**4.320	**5.322	1,91	** 56.667	**111.641	6,36
PITANGA	*** 785	***1.006	2,28	*** 10.652	*** 23.839	7,60
REGIÃO PLANO ⁽³⁾	5.757	7.644	2,61	77.171	157.606	6,71
RESTO DO ESTADO	62.698	106.700	4,95	1.189.130	3.309.935	9,75

FONTES: Censo Industrial do Estado do Paraná - FIBGE - 1960 e 1970

OBS. : (1) refere-se ao ano de 1959

(2) valores inflacionados para 1974 - coluna 2 - Conjuntura Econômica-Fundação Getúlio Vargas

(3) exclui Manoel Ribas, que em 1960 abrangia Ivaiporã

* LARANJEIRAS DO SUL abrange o distrito de Quedas do Iguaçu (ex-Campo Novo)

** GUARAPUAVA abrange os distritos de Inácio Martins e Pinhão

*** PITANGA abrange o distrito de Palmital

TABELA 4.4.4 (A) - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS - REGIÃO PLANO

GÊNERO DAS INDÚSTRIAS	MUNICÍPIOS																				REGIÃO PLANO		RESTO DO ESTADO							
	GUARAPUAVA		INÁCIO MARTINS		LARANJEIRAS DO SUL		MANDEL RIBAS		PALMITAL		PINHAO		PITANGA		PRUDENTÓPOLIS		QUEDAS DO IGUAÇU		1960	1970	1960	1970	1960	1970						
	1960	1970	1960	1970	1960	1970	1960	1970	1960	1970	1960	1970	1960	1970	1960	1970	1960	1970	%	%	%	%	%	%						
Extração Mineral	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,2	91	1,50	200	1,93
TRADICIONAIS	198	164	13	31	37	3	18	8	22	53	66	22	40	17	307	91,10	365	78,41	4.104	67,50	6.851	66,10								
Madeira	137	101	11	22	18	3	0	4	13	44	37	7	14	11	213	63,21	218	44,40	1.246	20,49	2.059	20,15								
Papel e Papelão	3	10	1	-	8	-	2	-	1	-	4	-	4	2	3	0,88	32	6,52	475	7,81	791	7,83								
Couro, Pele e Similares	6	2	-	-	-	-	-	-	1	3	2	2	2	1	11	3,28	8	1,83	103	1,70	78	0,75								
Têxtil	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,20	43	0,71	150	1,45								
Produtos Alimentares	49	43	1	8	8	-	7	3	7	5	18	13	20	1	73	21,86	109	22,20	2.010	33,06	3.568	34,43								
Bebidas	3	7	-	3	1	-	1	1	-	1	5	-	-	2	7	2,08	17	3,46	227	3,73	173	1,67								
Fumo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,02							
INTERMEDIÁRIAS	10	29	1	1	2	-	1	1	1	3	6	14	9	1	28	8,31	51	10,30	1.387	22,81	2.068	19,95								
Minerais não Metálicos	7	21	1	1	1	-	1	-	1	-	-	7	6	-	15	4,45	31	6,31	958	15,76	1.397	13,48								
Serragem	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,41	2	0,03	65	0,63								
Vest. Calç. e Art. Tecidos	3	1	-	-	-	-	-	-	-	3	4	7	1	1	13	3,88	7	1,43	223	3,67	175	1,73								
Editorial e Gráfica	-	5	-	-	1	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	0	1,83	140	2,30	294	2,83								
Diversas	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	2	0,41	64	1,05	133	1,28								
RECEPTAS	2	28	3	-	4	-	-	-	2	-	8	-	8	-	2	0,58	54	11,00	468	8,19	1.245	12,22								
Fotolurgia	-	5	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	1,43	167	2,74	368	3,53								
Mecânica	-	4	-	-	1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	7	1,43	44	0,72	273	2,63								
Mat. Elétrico e de Comunic.	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	0,61	26	0,43	104	1,00								
Mat. de Transporte	1	3	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	6	-	1	0,30	11	2,24	124	2,04	272	2,63								
Papel e Papelão	1	12	3	-	-	-	-	-	2	-	6	-	2	-	1	0,30	25	5,00	20	0,33	60	0,58								
Cuínica	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,20	82	1,35	97	0,94								
Prod. Farmac. e Medicinais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	0,10	6	0,06								
Perf., Sabões e Velas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	26	0,43	31	0,30								
Prod. Mat. Plásticas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	0,05	36	0,35								
TOTAL	210	222	17	32	43	3	19	9	25	56	81	38	57	18	337	100	491	100	8.080	100	10.364	100								

Fonte: Censo Industrial do Estado do Paraná - FIDGE - 1960 e 1970

Obs.: Manoel Ribas em 1960 abrangia Ivaiporã

NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS

MUNICÍPIOS	1960 (1)	1970	Taxa Geométrica de Crescimento 60/70
Prudentópolis	36	57	4,27
Laranjeiras do Sul	32*	61*	6,04
Guarapuava	210**	264	2,10
Pitanga	56***	90	4,41
Região Plano ⁽²⁾	337	472	3,11
Resto do Estado	6.080	10.364	4,97

FONTE: Censo Industrial do Estado do Paraná 1960 à 1970 - FIBGE

OBS: (1) Refere-se ao ano de 1959

(2) Exclui-se Manoel Ribas, que em 1960 abrangia Ivaiporã

- * Laranjeiras do Sul abrange o distrito de Quedas do Iguaçu
- ** Guarapuava abrange os distritos de Inácio Martinson e Pinhão
- *** Pitanga abrange o distrito de Palmital

Outrossim, aproveitando algumas informações do cadastro Industrial da F.I.B.G.E., para 1965 foram elaboradas as tabelas 4.4.4 (1) à 4.4.4 (m), as quais mostram em termos percentuais a composição da indústria regional, no tocante a extratificação do número de estabelecimentos por valor das vendas. Com este intuito o valor das vendas regionais foram divididos em 16 extratos, a saber: (extratificação da própria da própria FIBGE, inflacionada a preços de 1974).

<u>EXTRATOS</u>		<u>VALOR DAS VENDAS (em Cr\$ 1.000,00)</u>
0	-	menos de 34
1	-	34 menos de 47
2	-	47 " 67
3	-	67 " 166
4	-	166 " 332
5	-	332 " 498
6	-	498 " 664
7	-	664 " 1.328
8	-	1.328 " 1.992
9	-	1.992 " 3.320
10	-	3.320 " 4.980
11	-	4.980 " 6.641
12	-	6.641 " 13.281
13	-	13.281 " 19.921
14	-	19.921 " 33.201
15	-	33.201 " 66.401
16	-	66.401 e mais

Conforme pode-se depreender das tabelas 4.4.4 (L) e 4.4.4 (m) as indústrias tradicionais que em 1965 representavam 89% do total do setor na Região constituem-se em sua grande maioria de pequenas firmas, 77% do total apresentavam valor das vendas anuais inferior a Cr\$ 500.000,00. Sendo de grande representatividade as empresas ligadas ao ramo madeireiro, principalmente as serrarias.

Ainda dentre as empresas classificadas como tradicionais' as de menor porte, em 1965, eram as ligadas aos ramos de Couros e Peles e Produtos Alimentares que se restringem a uma primeira elaboração.

Dentro das duas outras classificações sugeridas por Chene ry, ou seja, indústrias ditas intermediárias e modernas seu peso' na Região naquele ano era bastante inexpressivo contando com duas empresas de médio porte (valor das vendas entre Cr\$ 1.992.000,00 e Cr\$ 4.980.000,00) e uma de grande porte (valor das vendas entre Cr\$ 33.201.000,00 e Cr\$ 66.401.000,00) vinculada a fabricação de celulose e pasta mecânica.

TABELA 4.4.4 (L) - REGIÃO PLANO - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS - VALOR DAS VENDAS - 1.965

GÊNERO DAS INDÚSTRIAS	(em %)																I	
	0	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15		16
<u>TRADISSIONAIS</u>	82,20	100	84,12	84,55	85,84	88,24	100	100	83,75	82,31	100	100	100	-	-	-	-	88,75
MADEIRA	13,09	38,89	70,58	72,73	81,25	85,30	93,75	88,00	83,75	82,31	100	100	100	-	-	-	-	54,37
- Desdobramento de Madeira	12,04	27,78	52,04	65,45	75,00	73,53	83,75	82,00	75,00	76,93	50,0	100	100	-	-	-	-	47,50
- Fabric. de Madeira Compensada	-	5,55	-	1,82	3,13	5,88	-	14,00	6,25	7,69	50,0	-	-	-	-	-	-	3,33
- Fabric. de Esquadrias	1,05	5,55	5,88	3,64	-	2,84	-	2,00	-	7,69	-	-	-	-	-	-	-	1,87
- Fabric. de Cabos de Mad. p/Farramentas	-	-	11,77	-	3,13	2,84	-	-	12,5	-	-	-	-	-	-	-	-	1,48
- Fabric. de Cestos, Esteiras (vime-bambu)	-	-	-	1,82	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,21
MOBILIÁRIO	3,14	-	-	7,27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,08
- Fabric. de Móveis de Mad., Vime e Bambu	2,62	-	-	7,27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,37
- Fabric. de Artigos de Colchoaria	0,52	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,21
COUROS, PELES E PRODUTOS SIMILARES	6,20	-	-	1,82	1,58	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,82
PRODUTOS ALIMENTARES	40,32	81,11	17,85	10,81	3,13	2,94	8,25	2,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	21,25
- Beneficiamento e Moagem de Cereais	34,58	50,0	17,85	8,08	3,13	2,94	8,25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18,12
- Fabric. de Produtos de Paderia	5,76	11,11	-	-	-	-	-	2,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,92
- Fabric. e Prepar. de Prod. Alim. Diversos	-	-	-	1,82	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,21
BEBIDAS	19,37	-	5,88	1,82	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8,13
<u>INTERMEDIÁRIAS</u>	16,75	-	5,88	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6,88
MINERAIS NÃO METÁLICOS	13,09	-	5,88	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5,42
- Britamento e Aparelham. do Pedra	0,52	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,21
- Fabric. de Art. de Barro Cozido	10,47	-	5,88	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4,35
- Fabric. de Cimento e Peças de Cimento	2,10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,83
VESTUÁRIOS, CALÇADOS E ARTEFATOS DE TECIDOS	3,68	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,46
<u>MOEÇA</u>	1,05	-	-	5,45	14,08	11,78	-	-	8,25	7,69	-	-	-	-	-	-	100	4,37
PAPEL E PAPERÃO	0,52	-	-	5,45	14,08	8,82	-	-	8,25	7,69	-	-	-	-	-	-	100	3,95
- Fabric. de Celulosa e Pasta Mecânica	0,52	-	-	5,45	14,08	8,82	-	-	8,25	7,69	-	-	-	-	-	-	100	3,95
QUÍMICA	0,52	-	-	-	-	2,94	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,21
- Fabric. de Preparado p/Limpeza	-	-	-	-	-	2,94	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,21
- Fabric. de Prod. Corvidos de Destilação Petrol.	0,52	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,21
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	-	-	-	100	100

FONTE: FIBGE - Cadastro Industrial - 1985

TABELA 4.4.4 (m) - PECIÃO PLANO - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS - VALOR DAS VENDAS - 1.985

GÊNERO DAS INDÚSTRIAS	(em %)																I	
	0	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15		
<u>TRADICIONAIS</u>	36,85	4,22	3,78	12,21	12,81	7,04	3,76	11,74	3,52	2,82	0,47	0,23	0,47	-	-	-	-	100
MACEIPA	9,58	2,68	4,60	15,32	18,82	11,11	5,75	18,77	5,75	4,60	0,77	0,38	0,77	-	-	-	-	100
- Desdobramento de Madeira	40,09	2,19	3,95	15,79	21,05	10,86	8,58	17,98	5,26	4,39	0,44	0,44	0,88	-	-	-	-	100
- Fabric. de Madeira Compensada	-	8,25	-	8,25	12,50	12,50	-	43,75	0,25	0,25	8,25	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. de Esquadrias	22,22	11,11	11,11	22,22	-	11,11	-	11,11	-	11,11	-	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. de Cabos de Mad. p/Ferramentas	-	-	28,57	-	28,57	14,29	-	-	28,57	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. de Cestos, Esteiras (vime, bambu)	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
MOBILIÁRIO	60,00	-	-	40,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. de Móveis de Mad., vime, bambu	55,56	-	-	44,44	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. de Artigos de Colchoaria	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
COUROS, PELES E PRODUTOS SIMILARES	85,72	-	-	7,14	7,14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
PRODUTOS ALIMENTARES	75,49	10,78	2,84	5,88	1,88	0,88	0,88	0,88	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Beneficiamento e Moagem de Cereais	75,88	10,34	3,45	5,75	2,30	1,15	1,15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. de Produtos de Paderia	78,57	14,29	-	-	-	-	-	7,14	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. e Prepar. de Prod. Alim. Diversos	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
BEBIDAS	84,88	-	2,58	2,58	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
<u>INTERMEDIÁRIAS</u>	86,97	-	3,03	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
MINERAIS NÃO METÁLICOS	80,15	-	3,85	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Britamento e Aparelhamento de Pedras	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. de Artigos de Barro Cozido	85,24	-	4,78	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. de Cimento e Peças de Cimento	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
VESTUÁRIO, CALÇADOS E ARTEFATOS TECIDOS	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
<u>FOFEPHAS</u>	9,52	-	-	14,28	42,86	18,05	-	-	4,78	4,78	-	-	-	-	-	-	4,78	100
PAPEL E PAPELÃO	5,26	-	-	15,78	47,38	15,78	-	-	5,26	5,26	-	-	-	-	-	-	5,26	100
- Fabric. de Celulose e Pasta Mecânica	5,26	-	-	15,78	47,38	15,78	-	-	5,26	5,26	-	-	-	-	-	-	5,26	100
QUÍMICA	50,00	-	-	-	-	50,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. de Preparado p/Limpeza	-	-	-	-	-	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
- Fabric. de Prod. Deriv. do Destil. Petrol.	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
TOTAL	39,78	3,75	3,54	11,40	13,33	7,08	3,33	10,42	3,33	2,71	0,42	0,21	0,42	-	-	-	0,21	100

FONTE: FIBGE - CADASTRO INDUSTRIAL - 1.985

Já, após decorrido quase uma década a estrutura da indústria regional sofreu uma sensível mudança, se não em termos quantitativos pelo menos em termos qualitativos, com as indústrias tradicionais perdendo participação no total regional, em favor das classificadas como intermediárias e modernas, principalmente estas últimas que apresentaram um acréscimo de participação em torno de 160%.

Estes dados para 1974 acham-se tabulados nas tabelas ... 4.4.4 (n) e 4.4.4 (o), ambas referentes a outras fonte - Secretaria das Finanças: Conforme pode-se verificar dentro das indústrias modernas surgiram na década alguns novos gêneros industriais como: Metalurgia, Mecânica, Materiais Elétricos e Comunicações, Materiais de Transporte e Produto Farmacêuticos e Medicinais. Se bem que em muitos casos estas empresas não passem de simples oficinas de consertos e reparações elas podem constituir elementos de integração da estrutura econômica regional.

Outra mudança importante ocorrida na década, diz respeito as empresas tradicionais que em 1965 eram em quase sua totalidade constituídas de pequenas firmas (apenas 11% do total podiam ser enquadradas como de médio e grande porte) e em 1974 com a instalação de novos estabelecimentos e ampliação dos já existentes passaram a representar 45% do total das firmas (vendas anuais superior a Cr\$ 664.000,00).

Modificações Conjunturais - 1972/74

No intuito de apreciar melhor o comportamento do setor industrial atribuindo os méritos correspondentes a cada ramo em particular, e, considerando que as transformações estruturais se processaram principalmente durante a passagem da década 60/70, a seguir serão avaliados os resultados do comportamento dos ramos industriais, nos anos de 1972 à 1974, a partir da aplicação do Método Estrutural-Diferencial, baseados nas informações de "valor adicionado" proporcionadas pela Secretaria das Finanças do Estado.

As tabelas 4.4.4 (p) à 4.4.4 (r), retratam o "valor adicionado" em 1972 e 1974 para os gêneros industriais da Região e do Estado, bem como a decomposição da variação líquida total - VLT -

Tabela 4.4.4 (m) - REGIÃO PLANO - NÚMERO DE ESTABELECIAMENTOS - VALOR DAS VENDAS - 1.074

(em %)

GRUPOS DAS INDÚSTRIAS	CÓDIGO	0	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17
TRADICIONAIS		25,10	4,24	4,24	8,73	5,06	5,40	4,74	6,48	8,98	8,23	8,23	3,24	8,23	1,0	0,75	0,75	0,5	100
Fadeira	1.35.0	20,63	1,50	1,50	6,52	6,35	4,70	6,52	12,70	6,35	0,55	4,76	3,17	7,04	-	-	1,50	3,48	100
	1.35.1	15,81	2,64	1,70	3,41	3,41	6,82	3,41	11,36	10,72	10,72	9,56	0,25	10,22	2,27	1,14	1,14	-	100
	1.35.2	14,28	-	-	-	14,28	-	-	-	-	14,28	14,28	26,57	-	-	-	-	-	100
	1.35.3	-	-	50,00	50,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.35.5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50,00	50,00	-	-	-	-	-	-	100
	1.35.9	-	-	-	-	-	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Mobiliário	1.36.0	57,15	14,29	4,78	8,52	-	-	8,52	4,78	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.36.1	27,27	-	-	18,18	45,48	-	-	8,08	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.36.4	-	-	-	50,00	50,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.36.8	-	-	-	-	-	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Couras, Peles e Prod. Similares	1.39	33,34	11,11	11,11	22,22	-	-	22,22	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Têxtil	1.40	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Produtos Alimentares	1.52	32,31	4,82	3,06	23,06	9,23	7,69	4,82	4,82	4,82	1,54	3,08	-	1,54	-	-	-	-	100
	1.54	14,29	14,29	28,57	42,85	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.58	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.57	30,00	-	40,00	-	-	10,00	-	10,00	-	-	-	-	10,00	-	-	-	-	100
Bebidas	1.59	80,00	10,00	5,00	5,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
INTERMEDIÁRIAS		50,78	1,35	5,40	13,51	13,52	1,35	4,05	-	1,35	-	-	1,35	-	-	1,35	-	-	100
Minerais não Metálicos	1.10	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.12	80,00	4,00	-	8,00	8,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.13	50,00	-	-	50,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.15	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Barroco	1.38	-	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Vestuário, Peles e Artes. Tecidos	1.51	50,00	-	25,00	-	12,50	12,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Editorial e Gráfica	1.61.0	33,33	-	-	33,33	33,33	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.61.1	50,00	-	-	-	50,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.61.8	-	-	-	50,00	50,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Diversas	0.14	25,00	-	-	25,00	25,00	-	25,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	0.18	66,67	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	33,33	-	-	100
	0.19	-	-	-	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.64	-	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.67	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.69	50,00	-	-	50,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.98	50,00	-	-	-	50,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	2.10	66,67	-	-	8,33	-	-	8,33	-	8,33	-	-	8,33	-	-	-	-	-	100
MODERNAS		13,10	1,84	1,84	22,84	8,84	6,58	6,20	8,20	8,58	8,58	4,92	1,84	1,84	1,84	4,92	-	-	100
Metallurgia	1.16	-	-	-	-	50,00	50,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.17	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.18	12,50	-	-	37,50	25,00	12,50	-	-	12,50	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.20	-	-	-	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Mecânica	1.23	25,00	-	12,50	37,50	-	-	-	-	-	12,50	-	-	-	-	12,50	-	-	100
Mat. Elétrica e de Comunicações	1.26	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.27	-	-	-	-	-	-	-	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Material de Transporte	1.30	25,00	-	-	25,00	-	-	25,00	25,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.34	40,00	-	-	40,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Papel e Papelão	1.37.0	-	-	-	-	25,00	-	25,00	-	-	-	25,00	-	-	-	25,00	-	-	100
	1.37.1	5,56	-	-	-	11,11	5,56	5,56	18,86	16,86	16,86	11,11	5,56	-	5,56	-	-	-	100
	1.37.2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50,00	-	50,00	-	-	100
Química	1.43	100,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
	1.45	-	50,00	-	50,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
Prod. Farmacêuticos	1.47	-	-	-	50,00	-	50,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100
TOTAL		78,18	3,54	4,10	11,75	7,40	5,04	5,04	7,28	8,10	5,41	5,22	2,40	4,85	0,93	1,31	0,56	0,37	100

FONTE: Secretaria das Finanças

TABLA 4.4.4 (a) - REGIÃO PLANO - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS - VALOR DAS VENDAS - 1974

GÊNEROS	CÓDIGO	(em \$)																	
		0	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	Σ
TRADICIONAIS		86,00	80,46	77,27	81,90	80,00	81,50	70,40	87,10	84,05	86,21	89,28	86,08	86,15	80,00	47,84	100,00	100,00	74,81
Madeira	1.35.0	0,61	5,26	4,55	9,32	10,00	11,12	22,23	20,52	12,12	15,79	10,72	13,33	18,23	-	-	33,53	100,00	19,75
	1.35.1	18,53	20,32	13,62	8,52	15,00	44,45	22,23	51,29	54,55	87,07	80,72	73,33	80,72	80,00	28,55	86,67	-	32,64
	1.35.2	0,60	-	-	-	2,50	-	-	-	3,03	3,45	7,14	-	-	-	14,20	-	-	1,31
	1.35.3	-	-	4,55	1,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
	1.35.5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,45	3,57	-	-	-	-	-	-	0,37
	1.35.8	-	-	-	-	-	-	-	-	3,03	-	-	-	-	-	-	-	-	0,19
Mobiliário	1.38.0	7,05	15,78	4,55	3,17	-	-	7,41	2,56	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,92
	1.38.1	1,99	-	-	5,17	12,50	-	-	2,56	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,05
	1.38.4	-	-	-	-	2,50	3,70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
	1.38.9	-	-	-	-	-	-	-	-	3,03	-	-	-	-	-	-	-	-	0,19
Cursos, Paleas e Prod. Similares	1.39	1,99	5,28	4,55	3,17	-	-	7,41	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,88
Têxtil	1.49	-	15,79	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,56
Produtos Alimentares	1.52	13,91	15,79	9,09	23,82	15,00	18,83	11,12	7,68	9,09	3,45	7,14	-	3,88	-	-	-	-	12,13
	1.54	0,66	5,28	9,09	4,78	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,31
	1.58	-	-	-	1,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,19
	1.57	1,88	-	16,16	-	-	3,70	-	2,56	-	-	-	-	3,85	-	-	-	-	1,87
Bebidas	1.59	10,80	-	9,09	1,50	2,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,73
INTERMEDIARIAS		27,81	5,28	16,16	15,88	25,00	3,70	11,10	-	3,03	-	-	8,67	-	-	14,20	-	-	13,61
Minerais não Metálicos	1.10	-	-	9,09	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
	1.12	13,24	5,28	-	3,17	5,00	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4,88
	1.13	1,32	-	-	3,17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6,78
	1.15	0,60	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,69
	1.38	-	-	-	-	2,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,68
Barracha	1.51	2,65	-	9,09	-	2,50	3,70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,48
Vest. Calçados, Art. Tecidos	1.61.0	0,66	-	-	1,58	2,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,58
Editorial e Gráfica	1.61.1	0,60	-	-	-	2,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
	1.61.8	-	-	-	1,59	2,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
Diversas	0.14	0,60	-	-	1,58	2,50	-	3,70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,75
	0.18	1,32	-	-	-	-	-	3,70	-	-	-	-	-	-	-	14,20	-	-	0,56
	0.19	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,19
	1.64	-	-	-	-	2,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,19
	1.87	-	-	-	1,58	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,19
	1.89	0,66	-	-	-	2,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
	1.98	0,60	-	-	1,59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
	2.10	5,30	-	-	1,50	-	-	3,70	-	3,03	-	-	8,67	-	-	-	-	-	8,24
MODERNAS		5,30	5,28	4,55	22,22	15,00	14,80	16,50	12,62	12,12	13,70	10,71	6,67	3,85	20,00	42,67	-	-	11,36
Metalurgia	1.16	-	-	-	-	-	3,70	3,70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
	1.17	-	-	-	3,17	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
	1.18	0,66	-	-	4,78	5,00	3,70	-	-	3,03	-	-	-	-	-	-	-	-	1,49
	1.20	-	-	-	-	-	-	3,70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,19
Mecânica	1.23	1,33	-	4,55	4,78	-	-	-	-	-	3,45	-	-	-	14,20	-	-	-	1,48
Mat. Elétrico e de Comunicações	1.26	-	-	-	1,58	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,19
	1.27	-	-	-	-	-	-	2,56	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,19
Mat. de Transporte	1.30	0,66	-	-	1,59	-	-	3,70	2,58	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,75
	1.34	1,33	-	-	3,17	2,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,93
Papel e Papelão	1.37.0	-	-	-	-	2,50	-	3,70	-	-	-	3,57	-	-	14,20	-	-	-	0,75
	1.37.1	0,66	-	-	-	5,00	3,70	3,70	7,70	9,09	10,34	7,14	6,67	-	20,00	-	-	-	3,38
	1.37.2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,85	-	14,20	-	-	0,37
Químico	1.43	0,66	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,19
	1.45	-	5,28	-	1,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
Prod. Farmac. e Medicinais	1.47	-	-	-	1,50	-	3,70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,37
TOTAL		100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

TABELA 4.4.4 (p) - "VALOR ADICIONADO", INFLACIONADO, DA ATIVIDADE INDUSTRIAL - REGIÃO E ESTADO - 1972 (ANO BASE = 1974)

MUNICÍPIOS GÊNEROS DE ATIVIDADES	(em C-3 1.00)										REGIÃO/ ESTADO	COMPOS. ESTRUT.	COMPOS. ESTRUT.	REGIÃO/ ESTADO
	PITANGA	PALMITAL	MANDEL RIBAS	GUARA PUAVA	INÁCIO- MARTINS	PINHÃO	LARANJEI- RAS DO SUL	QUEDAS DO IGUAÇU	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO				
Minerais não Metálicos	-	-	-	232.080	-	-	21.752	-	181.845	415.657	0,14	388.777.818	6,37	0,11
Metalurgia	-	-	-	124.958	-	-	112.788	-	-	237.662	0,08	138.154.420	2,28	0,17
Mecânica	-	-	-	571.221	-	-	-	-	-	571.221	0,19	155.033.233	2,55	0,37
Mat. Elétrico e de Comunicação	-	-	-	35.703	-	-	-	-	-	35.703	0,01	81.783.740	1,34	0,04
Mat. de Transporte	3.500	-	-	71.403	-	-	-	30.077	-	105.070	0,03	31.736.974	0,52	0,33
Madeira	33.423.877	1.581.800	128.737	163.922.326	17.648.485	20.320.780	17.841.685	8.216.088	13.367.143	277.552.011	92,43	1.484.313.812	24,32	18,70
Mobiliário	28.710	-	-	321.313	-	-	249.137	8.114	-	808.274	0,20	178.825.637	2,93	0,34
Papel e Papelão	2.117.254	-	-	10.478.320	754.352	387.919	-	-	270.280	14.027.134	4,67	394.881.184	6,47	3,55
Borracha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15.868.488	0,26	-
Couros, Peles e Prod. Similares	14.358	-	-	-	-	2.073	122.592	11.140	12.891	163.052	0,05	34.788.606	0,57	0,47
Química	35.866	-	-	80.254	-	-	-	-	-	125.140	0,04	577.978.104	9,47	0,02
Óleos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	61.642.868	1,01	-
Adubos e Fertilizantes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	107.104	0,04	12.816.855	0,21	0,04
Prod. Farmacêuticos	-	-	-	107.104	-	-	-	-	-	-	-	53.708.725	0,88	-
Prod. Mat. Plástica	-	-	-	-	-	-	5.932	-	-	5.932	0,00	192.863.144	3,16	0,00
Têxtil	-	-	-	-	-	-	17.786	19.242	10.027	47.065	0,02	51.287.418	0,84	0,00
Vest., Calç. e Art. Tecidos	-	-	-	-	-	-	828.526	418.238	322.257	4.628.233	1,54	1.960.368.406	32,12	0,24
Prod. Alimentares	89.714	2.534	10.137	2.158.928	788.801	-	-	-	25.781	257.611	0,09	184.928.801	3,03	0,14
Bebidas	14.358	-	3.288	214.208	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Fumo	-	-	-	-	-	-	89.205	-	35.808	115.779	0,04	32.957.627	0,54	0,35
Editorial e Gráfica	10.768	-	-	-	-	-	5.932	448.803	31.510	611.370	0,20	125.116.913	2,05	0,49
Diversas	71.772	-	-	53.553	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	35.885.032	1.584.553	151.152	178.506.289	18.194.808	20.724.925	18.772.642	10.126.455	14.322.449	300.268.783	100	6.103.264.026	100	4,92

FONTES: Secretaria de Fazenda - Estatística Econômica Financeira

OBS: - valores correntes de 1972 inflacionados para 1974 pelo Índice Geral de Preços - Coluna 2 -
Conjuntura Econômica - Fundação Getúlio Vargas

- As somas dos municípios não coincidem pois os valores foram encontrados e partir de dados relativos

TABELA 4.4.4 (a) - "VALOR ADICIONADO" PELA INDÚSTRIA POR GÊNERO DE ATIVIDADE - 1.974

GÊNERO DE ATIVIDADES	(em R\$ 1.000)													
	MUNICÍPIOS	PITANGA	PALMITAL	RAIOEL RINAS	CIANHA PUAVA	INACIO MARTINS	PIINHÃO	LARANJEIRAS DO SUL	QUEDAS DO IGUAÇU	PRINCEB-TÁPOLIS	REGIÃO PLANO	COMPÓS. ESTRUT.	ESTADO	CONPRÓS. ESTRUT.
Minerais não Metálicos	-	-	-	708.482	55.643	268.517	30.878	11.257	375.883	1.471.241	0,24	826.071.000	6,57	0,23
Metallurgia	-	-	-	933.909	-	-	482.642	-	-	1.388.751	0,23	302.189.000	3,17	0,46
Mecânica	-	-	-	8.179.758	-	-	-	22.374	-	8.702.330	1,38	290.676.000	3,05	2,82
Mat. Elétr. e Comunicação	-	-	-	512.280	-	-	-	0,02	-	512.260	0,09	122.688.000	1,29	0,42
Mat. de Transporte	-	-	-	772.800	-	-	-	-	70.281	843.151	0,14	85.813.000	0,89	1,78
Madeira	40.887.802	888.524	103.930	251.080.352	34.834.137	20.588.872	29.744.459	111.438.211	12.036.212	508.270.599	84,58	2.420.195.000	25,37	21,04
Mobiliário	87.344	-	-	870.278	-	-	848.818	270.892	1.433	1.862.568	0,28	280.437.000	2,84	0,58
Papel e Papelão	3.228.022	-	-	47.854.784	4.800.481	3.088.183	-	-	1.108.408	58.885.889	9,95	854.692.000	8,90	7,01
Borracha	-	-	-	128.815	-	-	-	-	-	128.815	0,02	34.878.000	0,37	0,37
Couro, Peles e Simil.	17.938	-	-	297.030	-	-	158.853	11.287	25.810	472.038	0,08	48.031.000	0,50	4,82
Química	71.833	-	-	128.815	-	-	-	0,47	0,01	0,18	0,03	1.005.802.000	10,54	0,62
Óleos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	478.859.000	5,02	-
Adubos e Fertilizantes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	231.787.000	2,43	-
Prod. Farmac. e Medic.	-	-	-	183.222	-	-	-	-	-	183.222	0,03	10.569.000	0,11	1,83
Prod. Mat. Plástica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	141.508.000	1,48	-
Têxtil	-	-	-	88.811	-	-	3.403	-	-	100.014	0,02	212.823.000	2,23	0,05
Vest., Calç., Art. Tecidos	8.078	108.045	-	32.203	-	-	-	45.148	8.803	202.878	0,03	78.000.000	0,83	0,26
Prod. Alimentares	237.948	14.071	28.311	5.120.398	441.173	1.284.307	2.831.508	1.027.132	503.525	11.558.574	1,92	2.328.030.000	24,41	0,50
Bebidas	82.854	-	-	84.407	-	-	-	-	70.281	197.522	0,03	171.370.000	1,80	0,12
Fumo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	804.000	0,01	-
Editorial e Gráfica	31.427	-	-	354.241	-	-	108.804	-	38.215	533.287	0,09	51.247.000	0,54	1,04
Diversas	188.563	-	-	4.605.130	-	-	20.419	-	31.545	4.845.665	0,60	481.642.000	5,15	0,90
TOTAL	144.896.003	888.723	130.388	372.037.651	39.245.385	31.277.830	34.032.562	112.871.682	14.338.060	602.130.304	100	8.540.233.000	100	0,31

FONTE: Secretaria das Finanças - Estatística Econômica Financeira

NOTA: As somas dos municípios não coincidem pois os valores foram arredondados a partir dos dados relativos.

TABELA 4.4.4 (r) - DECOMPOSIÇÃO DA VARIAÇÃO LÍQUIDA TOTAL - "VALOR ADICIONADO" POR GÊNERO DE INDÚSTRIA - 1972/74

GÊNERO DE ATIVIDADE	VLD	VLP	VLT
Minerais não metálicos	801.083	(-33.284)	767.799
Metalurgia	880.625	113.916	964.541
Mecânica	7.135.461	100.156	7.235.617
Mat. Elétrico e de Comunicação	458.700	(-6.862)	451.838
Material de Transporte	624.936	40.398	665.334
Madeira	56.718.059	(-16.165.965)	39.552.094
Mobiliário	708.662	(-75.516)	633.146
Papel e Papelão	29.525.173	6.621.735	36.146.908
Borracha	-	-	-
Couros, Peles e Produtos Similares	247.520	(-50.825)	196.695
Química	(-17.121)	5.987	(-11.134)
Óleos	-	-	-
Adubos e Fertilizantes	-	-	-
Produtos Fertilizantes e Medic.	104.902	(-92.938)	11.964
Prod. Matéria Plástica	-	-	-
Têxtil	93.468	(-3.493)	89.975
Vest., Calç. e Art. de Tecidos	130.454	(-7.127)	123.327
Produtos Alimentares	6.058.204	(-2.334.276)	3.723.928
Bebidas	(-41.201)	(-197.248)	(-238.449)
Fumo	-	-	-
Editorial e Gráfica	353.258	(-15.911)	337.347
Diversos	2.443.311	1.367.695	3.811.006
TOTAL	132.778.327	(-38.802.501)	93.975.826

FONTES: Tabelas 4.4.4 (p) e (q)

desses gêneros.

Verifica-se, através destes dados, que a Região não dispunha, no período em análise, de empresa fabril ligada a produção e/ou beneficiamento final ou intermediário de gêneros tais como : o fumo, Produtos Oriundos de Matéria-Plástica, Adubos e Fertilizantes e Óleos. Outra constatação importante foi que a indústria regional mostrou-se, pelo menos teoricamente, com um certo dinamismo, já que todos os gêneros de que a Região dispunha, com exceção da Química, apresentaram sinais positivos na variação líquida diferencial - VLD. Cabe aqui a ressalva levantada na análise feita a economia como um todo no que diz respeito aos preços relativos.

Para dirimir as dúvidas surgidas com a constatação empírica de que a Região se mostrava altamente dinâmica, durante o período analisado, resolveu-se testificar, mais amiúde, tal comportamento por meio da participação do "valor adicionado" do setor industrial regional frente ao estadual e do "valor adicionado" pelos três setores, na Região e no Estado.

As tabelas 4.4.4 (s) e 4.4.4 (t) mostram os resultados obtidos nessa verificação. Para o primeiro caso observa-se que, apesar de alguns gêneros industriais terem crescido violentamente durante a época analisada, como é o caso do Têxtil que cresceu em torno de 1.586%, somente o item Madeira, apesar de ter tido um crescimento relativamente pequeno no confronto com os demais gêneros industriais, mostrou-se como a única atividade industrial de importância na Região contribuindo com 6,7% para o crescimento do Estado.

Faz-se essa afirmativa fundamentada no fato de que da parcela de 4,94% com que a indústria regional contribuiu para os 56,3% da taxa de crescimento da indústria estadual, 3,79% deve-se à atividade madeireira e 1,18% às demais.

No que tange à economia como um todo, verifica-se que é o crescimento do setor primário, com pequena vantagem sobre o secundário, quem mais participou, a nível regional, para que a taxa de crescimento da economia estadual alcance-se os 127,9%, sendo que desses, 6,2% devem-se à Região. Em suma, sem os municípios inte

TABELA 4.4.4 (a) - CONTRIBUIÇÃO DA INDÚSTRIA REGIONAL PARA O CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA ESTADUAL

(em Cr\$ 1,00)

GÊNERO DE ATIVIDADES	VALOR ADICIONADO		VALOR ADICIONADO		Δ V.A.	Δ VA/VA72(B)	K*=(D)(A)	%
	1.972	% (A)	1.974	%				
Minaerais não Metálicos	415.657	0,007	1.471.241	0,015	1.055.584	253,9	0,017	0,03
Metalurgia	237.662	0,004	1.396.751	0,015	1.159.089	487,7	0,019	0,03
Mecânica	571.221	0,009	8.202.330	0,086	7.631.109	1.335,9	0,125	0,22
Material Elétrico e de Comunicação	35.703	0,0006	512.260	0,005	476.557	1.334,8	0,006	0,01
Material de Transporte	105.070	0,002	843.151	0,009	738.081	702,5	0,012	0,02
Madeira	277.552.011	4,55	509.270.599	5,34	231.718.588	83,5	3,796	6,74
Mobiliário	608.274	0,099	1.682.566	0,174	1.054.292	173,3	0,017	0,03
Papel e Papelão	14.027.134	0,23	59.885.899	0,628	45.858.765	326,9	0,751	1,33
Borracha	-	-	128.815	0,001	-	-	-	-
Couros, Peles e Produtos Similares	163.052	0,003	472.638	0,005	309.586	189,9	0,005	0,008
Química	125.140	0,002	200.648	0,002	75.508	60,3	0,001	0,002
Óleos	-	-	-	-	-	-	-	-
Adubos e Fertilizantes	-	-	-	-	-	-	-	-
Produtos Farmacêuticos e Medicinais	107.104	0,002	193.222	0,002	86.118	80,4	0,001	0,002
Produtos Matéria Plástica	-	-	-	-	-	-	-	-
Têxtil	5.932	-	100.014	0,001	94.082	1.586,0	0,001	0,002
Vest., Calçados e Artefatos de Tecidos	47.065	0,0008	202.978	0,002	155.913	331,3	0,003	0,005
Produtos Alimentares	4.628.233	0,075	11.556.574	0,121	6.928.341	149,7	0,113	0,20
Bebidas	257.611	0,004	197.522	0,002	(-60.089)	(-23,3)	(-0,001)	(-0,002)
Fumo	-	-	-	-	-	-	-	-
Editorial e Gráfica	115.779	0,002	533.287	0,006	417.508	360,6	0,007	0,01
Diversos	611.370	0,010	4.845.665	0,051	4.234.295	692,6	0,069	0,13
Total Região	300.268.763	4,92	602.139.304	6,31	301.870.541	100,5	4,94	6,77
Total Estado	6.103.264.026	100,0	9.540.233.000	100,0	3.436.968.974	56,3	56,3	100,0

$$K^* = \frac{\Delta VA}{VA_{rg\ 72}} \cdot \frac{VA_{rg\ 72}}{VA_{tot.Est.72}}$$

FONTE: Secretaria das Finanças

TABELA 4.4.4 (t) - CONTRIBUIÇÃO DA ECONOMIA REGIONAL PARA O CRESCIMENTO DA ECONOMIA ESTADUAL

(em Cr\$ 1,00)

	VALOR ADICIONADO		VALOR ADICIONADO		Δ VA	Δ VA/VA71(B)	K*=(B)(A)	%
	1.971	%(A)	1.974	%				
Primário	180.136.934	1,2	599.644.545	1,8	419.507.611	232,8	2,8	2,2
Secundário	216.017.041	1,5	602.139.304	1,8	386.122.263	178,7	2,6	2,0
Terciário	81.811.755	0,5	203.876.010	0,6	122.064.255	149,2	0,8	0,6
Total Região	477.965.730	3,2	1.405.735.056	4,2	927.769.326	194,1	6,2	4,8
Total Estado	14.685.107.413	100,0	33.472.753.769	100,0	18.787.646.356	127,9	127,9	100,0

$$K^* = \frac{\Delta VA}{VA \text{ rg } 71} \cdot \frac{VA \text{ rg } 71}{VA \text{ tot. Est. } 71}$$

FONTE: - Secretaria das Finanças

grantes da AMCOPAR o Paraná teria crescido, de forma direta, 121,7%, aproximadamente, no período 1971/74, ao invés dos 127,9% constatados.

d) O Complexo Industrial da Madeira

Como já foi mencionado, anteriormente, dá-se aqui a denominação de "complexo" industrial da madeira ao conjunto de ramos industriais composto pelos gêneros Madeira, Mobiliário, Papel e Papelão e Editorial e Gráfica, os quais, tradicionalmente, mantêm entre si um grau de inter-relacionamento maior que com qualquer outro gênero industrial. A abordagem deste "complexo" será efetuada através do "Método das Linhas de Produção", introduzida no início deste capítulo, e com o qual se pretende proporcionar uma idéia mais precisa da composição e diversificação do tecido industrial.

É de pleno reconhecimento, que esta análise deveria ser extendida a todas as linhas de produção que constituem o sistema industrial, tais como as linhas de produção das agro-alimentares, de couro, têxtil, madeira, papel e papelão, metal, mecânica e química, todavia, serão consideradas apenas as linhas de produção da madeira e do papel-papelão haja visto que ambas, em conjunto, representam 90% do valor da produção industrial da Região Plano no ano de 1974, e principalmente devido a falta absoluta de dados secundários que permitam construir as demais linhas de produção.

É extremamente importante ficar de sobre-aviso de que as deduções aqui resultantes são mais de caráter "probabilístico" do que definitivas.

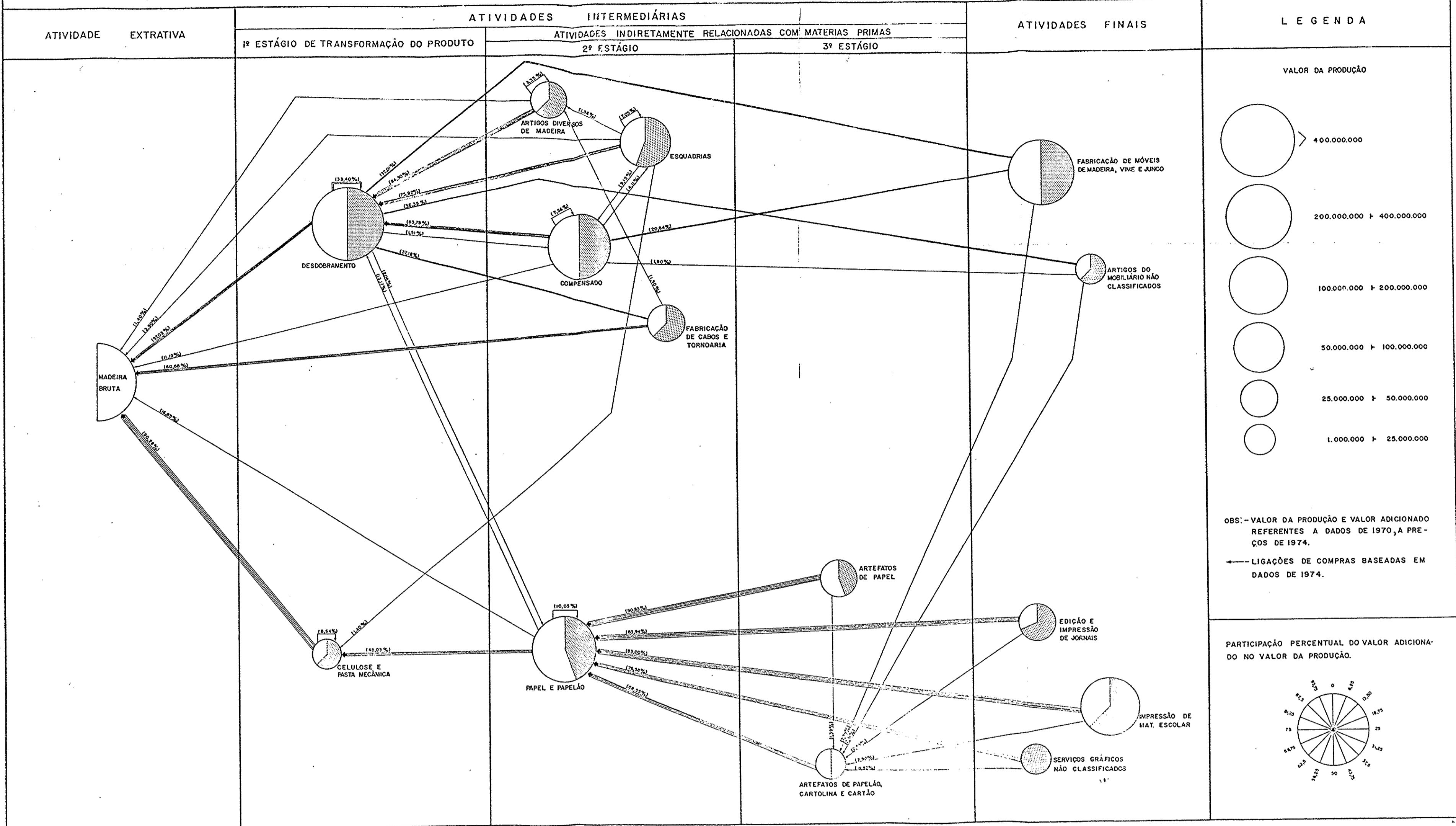
O "complexo" industrial da madeira é formado por duas linhas de produção originadas na mesma matéria prima (madeira bruta), a partir da qual uma delas passa a constituir a linha de produção da madeira, cujo processo de transformação encontra seu ponto final na indústria do mobiliário, e a outra, passa a compor a linha de produção de papel-papelão, cujo processo de transformação finaliza no ramo industrial de Editorial e Gráfica.

A organização econômica da linha de produção da madeira da Região Plano (ilustrada na prancha 4.4.2 (1a.), identifica a fraca integração existente na fase intermediária, onde as atividades com

efeito para traz (constituídas pelas atividades fortemente dependentes das matérias básicas) não são muito significativas, ocorrendo uma fortíssima concentração na atividade de desdobramento' da Madeira localizada no primeiro estágio de transformação do produto. Por sua vez, a organização econômica do Resto do Estado também apresenta uma ligeira concentração na atividade primária' de desdobramento, só que nesta é contrabalançada pela produção de compensados no segundo estágio de transformação e pela fabricação de móveis nas atividades finais.

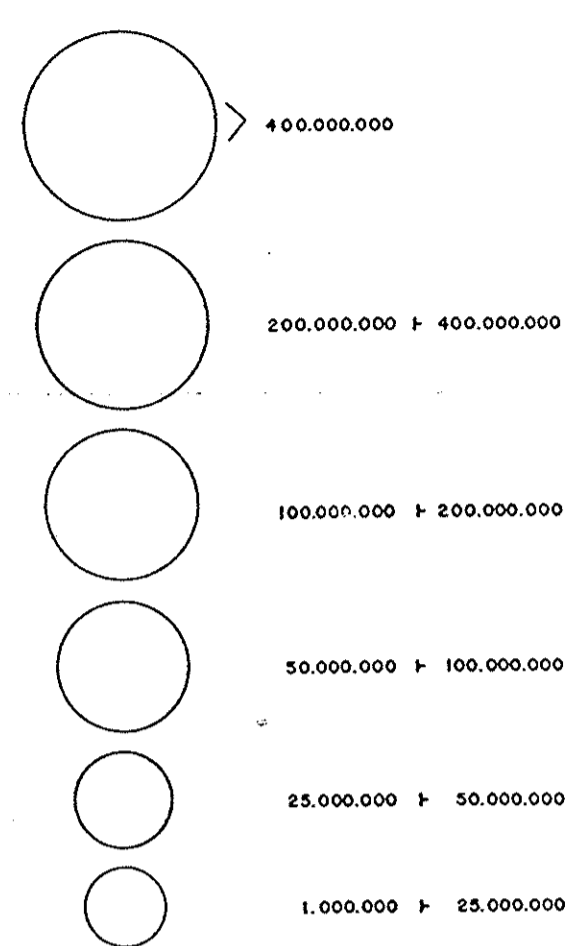
Por outro lado, deve ficar bem claro que o emprego do método persegue basicamente dois objetivos: primeiro, efetivar uma aplicação empírica com a qual se espera obter algumas deduções de ordem qualitativa, comparativa e até a quantitativa (com as limitações crescendo na mesma ordem), e segundo, propiciar os primeiros passos para adaptação, aperfeiçoamento e desenvolvimento deste método alienígena capaz de se constituir num instrumental útil, se aplicado a uma estrutura industrial razoável e com cobertura de pesquisa mínima.

Após a breve justificativa, passa-se a considerar as pranchas 4.4.2 (1a.) e 4.4.4 (1a.), que contém a organização econômica do "complexo" industrial da madeira da Região Plano e do Resto do Estado, respectivamente. Ainda que comentado no tratamento metodológico, em apêndice, lembra-se novamente que a primeira está baseada em informações com uma representatividade em torno de 50% do valor da produção total para cada uma das atividades ligadas por uma linha cheia, não se possuindo nenhuma informação para as atividades ligadas por linhas pontilhadas (ligações identificadas apenas a partir da organização do Resto do Estado), enquanto a segunda se fundamenta numa representatividade, por atividade de produção, da ordem de 5 a 10% do valor da produção, sendo as amostras provenientes, principalmente, das microrregiões de Curitiba, Médio Iguaçu e Extremo Oeste. Insiste-se novamente que a hipótese aqui estabelecida quanto a representatividade da população é apenas uma condição necessária aceita para permitir a aplicação do método, cuja validade não foi possível testar pelas limitações financeiras e temporárias.



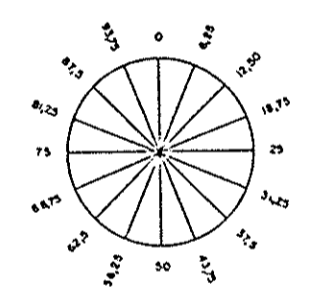
LEGENDA

VALOR DA PRODUÇÃO



OBS: - VALOR DA PRODUÇÃO E VALOR ADICIONADO REFERENTES A DADOS DE 1970, A PREÇOS DE 1974.
 ← LIGAÇÕES DE COMPRAS BASEADAS EM DADOS DE 1974.

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DO VALOR ADICIONADO NO VALOR DA PRODUÇÃO.



A linha de produção de papel e papelão da Região Plano apresenta uma organização interna estritamente linear onde se percebe apenas a fase de elaboração "pesada", ou seja a fabricação de Celulose e Pasta Mecânica feita fundamentalmente a partir da madeira bruta (96% da compra total de insumos) e a fabricação de Papel-papelão a partir daquele produto semi-bruto, que representa 93% de novas compras, nota-se claramente a ausência na Região das atividades de transformação na estrutura produtiva da linha Papel-papelão. Esta indústria de base possui, geralmente, uma elevada dependência das fontes de abastecimentos e de energia, e requer um custo de imobilização e escala de produção que lhe conduz a uma integração das duas fases mencionadas dentro de uma única unidade de produção, o que deve explicar a diferente composição da estrutura interna do Resto do Estado frente a regional. Naquela se observa uma ligação de compra mais diversificada e o surgimento, ainda que bastante tímido, de algumas outras atividades de transformação. Nas atividades terminais da linha de Papel e Papelão merece destaque a atividade de Impressão de Material Escolar, cuja compra de insumos daquela atividade perfaz 83%.

A seguir acham-se arrolados os resultados comparativos da diversificação intra-setorial do "complexo" madeireiro calculados com base no valor adicionado gerado em cada estágio de produção.

	<u>REGIÃO PLANO</u>	<u>PARANÁ</u>
Extração*	-	-
1º Estágio	95,48	51,84
2º Estágio	4,07	27,81
3º Estágio	-	1,37
Ativ. Final	0,45	18,98
Total	100,00	100,00

* Não se dispõe de informações.

Estes resultados indicam que a Região, além da constatação anteriormente ressaltada de uma elevada especialização inter-setorial (Madeira, Papel e Papelão), também conta com uma grande concentração intra-setorial (Desdobramento, Compensados, Celulose e Pasta Mecânica), portanto com a ausência de uma série de ati

vidades, a qual se constitui num fator altamente limitante no efeito de indução e dinamismo da estrutura industrial.

Assim, pode-se perceber que o setor industrial da Região não possui uma estrutura suficiente para um desenvolvimento autônomo devido a sua concentração externa nas atividades tradicionais (madeira, etc.), ainda que exista concomitantemente uma parcela reduzida de indústrias modernas (Papel-Papelão), esta não desempenha o papel dinâmico típico deste ramo industrial, haja visto que o gênero Papel-Papelão da Região não passa de um processamento muito primário. Todavia levando-se em consideração que as atividades madeireiras tem uma tradição secular na Região, e na hipótese de se desejar promover a expansão deste "complexo" industrial, a seguir tentar-se-á detectar os efeitos multiplicadores das atividades que compõem o "complexo".

Em decorrência da falta de informações, completas, sobre a estrutura produtiva da Região serão utilizados os dados pertinentes ao Resto do Estado, os quais implicam na consideração de uma estrutura econômica mais diversificada para a qual a Região poderá tender.

Os multiplicadores de produção determinados e classificados por ordem de grandeza são:

ATIVIDADES	MULTIPLICADOR DE PRODUÇÃO	EFEITO DIRETO	EFEITO INDIRETO
- Outros serviços gráficos não classificados	3,34	1,00	2,34
- Artigos diversos de Madeira	3,31	1,00	2,31
- Artefatos de Papel não associados à Produção de Papel	3,19	1,00	2,19
- Edição e Impressão de Jornais	3,06	1,00	2,06
- Impressão de Material Escolar p/uso industrial e Comercial	3,04	1,00	2,04
- Esquadrias	2,84		
- Artefatos de Papelão cartolina e cartão	2,63		

ATIVIDADES	MULTIPLICADOR DE PRODUÇÃO	EFEITO DIRETO	EFEITO INDIRETO
- Compensados	2,43		
- Papel e Papelão	2,37		
- Fab. de Cabos e	2,37		
- Fab. de móveis de madeira, vime e junco	2,17		
- Celulose e Pasta Mecânica	1,98		
- Desdobramento	1,90		
- Artigos do Mobiliário não classificados	1,80		

Esses multiplicadores de produção expressam o resultado dos efeitos diretos e indiretos no "complexo" madeireiro resultante do aumento de uma unidade monetária na demanda de um produto. Esses multiplicadores são condicionados pela organização interna do "complexo", ou seja, pelo grau de diversificação intra-setorial que é o elemento chave na definição da capacidade indutora das atividades industriais.

Desta maneira, percebe-se que as atividades mais dinâmicas no interior do "complexo" são: Outros Serviços Gráficos não classificados, Artigos Diversos de madeira, Artefatos de papel não associados à produção de papel e Impressão de material escolar para uso industrial ou comercial, que apresentaram os maiores multiplicadores, sobrepujando inclusive as atividades de Artigo de Mobiliário não classificado e de Fabricação de móveis de madeira, vime e junco, que, embora se constituem no ponto terminal de um processo de transformação mais longo, apresentam pouca diversificação, fato que identifica uma pequena capacidade de indução, que por sua vez é determinada pelo grau de dependência manifestado no coeficiente das compras dessas atividades efetuadas no interior do "complexo", em relação ao valor da sua produção.

Desta maneira, a partir dos resultados previstos a organização econômica do "complexo" madeireiro (referente ao Resto do Estado), pode-se considerar que a estrutura interna das linhas de produção da Madeira/Papelão da Região Plano ainda estão distantes de formar um conjunto inter-relacionado e interdependente, que possa constituir um complexo, e isto se deve à extrema concentra-

ção, e portanto, uma fraquíssima diversificação das atividades in-tra-setorial, verificando-se inclusive a inexistência de determinadas atividades, as quais se constituem em fatores altamente limitativos na propagação satisfatória dos efeitos multiplicadores.

e) Organização Espacial das Atividades Industriais

No anseio de complementar o exame da estrutura produtiva' do setor industrial da Região Plano a seguir serão abordados alguns aspectos ligados à distribuição espacial das atividades industriais, em específico o alcance geográfico dos diversos bens industriais produzidos na Região.

Para atender tal objetivo foi adotada uma nova classificação das atividades industriais, desta vez baseada na sua abrangência de mercado, que nas idéias originais de Tinbergen⁽¹⁾ representa um ordenamento baseado nos conceitos de setores regionais, nacionais e internacionais. O mesmo autor esclarece previamente que as definições destes setores somente podem ser aproximadas... consideram-se "setores regionais" aqueles cujos produtos não possam ser transportados a outras regiões, devido a custos de transportes proibitivos, como por exemplo a indústria da construção,... A maioria dos outros setores regionais são os que prestam serviços. Os "setores nacionais" podem ser considerados como aqueles cujos produtos, pelas mesmas razões, não podem ser transportados para o exterior. Estes dois tipos de setores, o regional e os outros nacionais, constituem os setores nacionais e podem ser contrastados com os setores internacionais, cujos produtos podem ser transportados ao exterior⁽²⁾.

Com essa finalidade foram construídas as tabelas 4.4.4(u) e 4.4.4 (v) que identificam os mercados dos produtos e dos insumos da Região Plano, onde se percebe a elevada influência dos outros Estados, que detêm 38% do destino da produção industrial e

(1) TINBERGEN, San. Desenvolvimento planejado.

Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1975

(2) Ibid. p. 83,84

TABELA 4.4.4 (u) - ORIGEM DOS INSUMOS INDUSTRIAIS DA AMOPAR - 1974

(em Cr\$ 1.00)

ATIVIDADES	PRODUÇÃO		ORIGEM DOS INSUMOS							
		%	DO ESTADO	%	OUTROS ESTADOS	%	EXTERIOR	%	TOTAL	%
TRADICIONAIS	853.120.748	82,54	323.352.248	37,00	14.284.522	1,67	-	-	337.636.770	39,58
Madeira	803.477.506	77,74	289.107.211	35,88	9.026.586	1,12	-	-	298.133.797	37,10
- Madeira (1.35.0)	215.291.098	20,83	88.510.827	41,12	3.952.586	1,83	-	-	92.471.215	42,95
- Desdobram. de Madeira(1.35.1)	538.818.067	52,13	188.094.063	34,54	4.841.821	0,86	-	-	190.735.884	35,40
- Madeira Compensada (1.35.2)	40.842.975	3,83	11.632.787	28,82	159.853	0,38	-	-	11.762.640	29,01
- Esquadrias (1.35.3)	165.084	0,02	87.248	52,85	15.650	9,48	-	-	102.858	62,33
Fab.Cabas e Torneario (1.35.5)	6.634.249	0,64	2.655.485	40,03	82.005	1,39	-	-	2.747.570	41,42
- Art. diversos do mad.(1.35.0)	1.026.023	0,19	119.001	8,18	164.500	0,54	-	-	203.590	14,72
Mobiliário	4.752.200	0,48	1.668.046	35,12	1.482.154	31,40	-	-	3.161.100	66,52
- Mobiliário (1.36.0)	2.218.005	0,22	969.415	43,71	487.652	21,99	-	-	1.457.067	65,70
- Móveis de Madeira (1.36.1)	2.009.807	0,19	445.580	22,17	840.024	41,80	-	-	1.285.604	63,97
- Móveis p/Instal.Com.(1.36.4)	449.712	0,04	181.362	40,33	164.148	36,50	-	-	345.510	76,83
- Artigos não classif. (1.36.9)	74.736	0,01	72.589	97,13	330	0,44	-	-	72.919	97,57
Couros, Pelos e Prod. Similares	1.765.367	0,17	453.802	25,70	810.116	45,89	-	-	1.263.818	71,59
Têxtil	104.637	0,01	74.869	71,55	4.792	4,58	-	-	79.861	76,13
Produtos Alimentares	42.613.319	4,12	31.817.600	74,67	2.915.027	6,84	-	-	34.732.693	81,51
Bebidas	407.660	0,04	228.754	56,36	35.847	8,79	-	-	265.601	65,15
INTERMEDIÁRIAS	35.974.855	3,48	15.270.364	42,45	1.460.302	4,12	-	-	16.750.746	46,56
Minaerais não Metálicos	1.431.710	0,14	177.692	12,41	175.130	12,23	-	-	352.822	24,64
Borracha	195.259	0,02	23.340	11,95	35.125	17,99	-	-	58.455	29,64
Vest. Calçados e Art. Tecidos	672.228	0,06	148.970	22,16	364.786	54,26	-	-	513.756	76,43
Fotografia e Gráfica	1.040.137	0,10	331.873	31,91	327.201	31,46	-	-	659.074	63,37
- Editorial e Gráfica (1.81.0)	352.014	0,04	133.763	38,00	57.270	16,27	-	-	191.033	54,27
- Edição de Jornal (1.81.1)	233.940	0,02	84.817	40,57	27.307	11,67	-	-	122.224	52,24
- Ind. Gráficas não class.(1.81.8)	454.183	0,04	103.193	22,72	242.624	53,42	-	-	345.817	76,14
Diversas	32.635.523	3,16	14.588.489	44,70	578.140	1,77	-	-	15.166.629	46,47
- Extração de Vegetais	23.350.928	2,26	10.860.589	46,84	-	-	-	-	10.960.589	46,94
- Extração de Minaerais	899.856	0,09	-	-	-	-	-	-	-	-
- Construção Civil	7.743.442	0,75	3.498.348	45,18	326.628	4,22	-	-	3.824.976	49,40
- Outras Atividades	641.299	0,06	129.552	20,20	251.512	39,22	-	-	381.084	59,42
MODERNAS	144.464.168	13,88	42.003.345	29,08	36.605.002	25,30	1.083.562	0,75	78.771.989	55,22
Metalurgia	4.487.705	0,43	1.889.844	44,34	792.744	17,68	-	-	2.782.589	62,00
Mecânica	33.545.422	3,25	4.288.994	12,79	22.500.711	67,07	-	-	26.789.705	79,86
Mat. Elétrico e de Comunicação	1.410.093	0,14	308.223	21,72	571.133	40,50	-	-	877.356	62,22
Mat. de Transporte	2.047.736	0,20	845.215	41,28	457.900	22,36	-	-	1.303.115	63,64
Papel e Papelão	102.409.499	9,81	34.402.533	33,59	12.277.290	11,98	1.083.562	1,06	47.763.385	46,64
- Papel e Papelão (1.37.0)	24.990.386	2,42	9.185.935	36,68	879.580	3,52	-	-	10.045.515	40,20
- Fab. Celuloso e P.Mec.(1.37.1)	41.806.391	4,05	13.275.708	31,58	584.441	1,39	-	-	13.860.149	33,07
- Fab.Papel,Papelão, Cartolina e Cartão (1.37.2)	35.512.722	3,44	11.860.890	33,58	10.813.269	30,45	1.083.562	3,05	23.657.721	67,18
Oufnício	114.975	0,01	27.182	23,64	-	-	-	-	27.182	23,64
Prod. Farmacêuticos e Medicinais	448.738	0,04	143.354	31,95	85.304	19,01	-	-	228.658	50,96
TOTAL	1.033.559.772	100	360.625.857	36,89	52.448.986	5,07	1.083.562	0,10	434.159.565	42,01

FONTE: Secretaria das Finanças

TABELA 4.4.4 (v) - DESTINO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DA AMCOPAR - 1974

(em Cr\$ 1,00)								
ATIVIDADES	PROD. TOTAL	%	P/O ESTADO	%	P/OUTROS ESTADOS	%	P/EXTERIOR	%
<u>TRADICIONAIS</u>	853.120.749	82,54	404.538.578	47,42	322.338.763	37,70	66.422.843	7,79
MADEIRA	803.477.506	77,74	364.258.316	45,33	321.239.749	39,98	61.743.469	7,68
- Madeira (1.35.0)	215.291.098	20,83	52.683.767	24,47	106.235.427	49,34	25.361.408	11,78
- Desdobram. de Madeira (1.35.1)	530.818.067	52,13	301.992.652	56,05	177.877.691	33,01	34.912.505	6,48
- Madeira Compensada (1.35.2)	40.642.975	3,93	8.164.373	20,09	31.789.366	78,22	-	-
- Esquadrie de Madeira (1.35.3)	165.094	0,02	145.900	88,37	-	-	-	-
- Fab. de Cabos de Madeira p/ Ferramentas e Utens. (1.35.5)	6.634.249	0,64	1.195.996	18,03	3.486.870	52,56	1.469.556	22,15
- Utens. não classif. (1.35.9)	1.926.023	0,19	75.628	3,93	1.850.395	96,07	-	-
MOBILIÁRIO	4.752.260	0,46	4.274.235	89,94	79.933	1,68	-	-
- Mobiliário (1.36.0)	2.218.005	0,22	2.041.322	92,03	26.607	1,20	-	-
- Fab. de Móv. de Mad. (1.36.1)	2.009.807	0,19	1.726.892	85,92	53.326	2,65	-	-
- Fab. de Móveis p/instalações comerciais (1.36.4)	449.712	0,04	476.978	106,06	-	-	-	-
- Fab. de Móv. não classif. (1.36.9)	74.736	0,01	29.043	38,86	-	-	-	-
COURO, PELES E PROD. SIMILARES	1.765.367	0,17	1.256.773	71,19	297.197	16,83	-	-
TÊXTIL	104.637	0,01	53.833	51,45	-	-	-	-
PRODUTOS ALIMENTARES	42.613.319	4,12	34.312.915	80,52	716.150	1,68	4.679.374	10,93
BEBIDAS	407.660	0,04	382.506	93,83	5.734	1,41	-	-
<u>INTERMEDIÁRIAS</u>	35.974.855	3,48	11.005.601	32,82	22.553.102	62,69	-	-
MINERAIS NÃO METÁLICOS	1.431.710	0,14	1.248.734	87,22	93.953	6,56	-	-
BORRACHA	195.259	0,02	92.053	47,14	60.482	30,97	-	-
VEST., CALÇ. E ART. DE TECIDOS	672.226	0,06	519.743	77,32	-	-	-	-
EDITORIAL E GRÁFICA	1.040.137	0,10	847.234	81,45	-	-	-	-
- Editorial e Gráfica (1.61.0)	352.014	0,04	246.114	69,91	-	-	-	-
- Edição de Jornal (1.61.1)	233.940	0,02	211.735	90,51	-	-	-	-
- Ind. Gráf. não classif. (1.61.9)	454.183	0,04	389.385	85,73	-	-	-	-
DIVERSOS	32.635.523	3,16	9.097.837	27,88	22.398.667	68,63	-	-
- Extração de Vegetais	23.350.926	2,26	1.052.285	4,51	21.091.514	90,32	-	-
- Extração de Minerais	899.858	0,09	920.276	102,27	-	-	-	-
- Construção Civil	7.743.442	0,75	6.633.861	85,67	1.217.016	15,72	-	-
- Outras Atividades	641.299	0,06	491.415	76,63	90.137	14,05	-	-
<u>MODERNAS</u>	144.464.160	13,98	83.323.402	57,68	47.156.376	32,64	-	-
METALURGIA	4.487.705	0,43	3.880.970	86,48	24.222	0,54	-	-
MECÂNICA	33.545.422	3,25	28.155.643	83,93	962.550	2,87	-	-
MAT. ELÉTRICO E DE COMUNICAÇÃO	1.410.093	0,14	1.262.907	89,56	22.482	1,59	-	-
MATERIAL DE TRANSPORTE	2.047.736	0,20	1.800.710	87,94	2.232	0,11	-	-
PAPEL E PAPELÃO	102.409.499	9,91	47.690.209	46,57	46.112.411	45,03	-	-
- Papel e Papelão (1.37.0)	24.990.386	2,42	22.558.451	90,27	-	-	-	-
- Celulose e Past.Mac. (1.37.1)	41.906.391	4,05	10.218.492	24,38	29.914.622	29,91	-	-
- Fab. de Papel, Papelão, Cartão lino e Cartão (1.37.2)	35.512.722	3,44	14.913.266	41,99	16.197.789	45,61	-	-
QUÍMICA	114.975	0,01	79.776	69,38	31.836	31,90	-	-
PROD. FARMACÊUTICOS E MEDICINAIS	448.738	0,04	453.187	100,99	643	0,14	-	-
TOTAL	1.033.559.772	100	499.667.581	43,51	392.040.241	37,93	66.422.843	6,43

FONTE: Secretaria das Finanças

12% do mercado abastecedor de insumos. Esses índices se encontram mais acentuados nos grupos das atividades intermediárias (63%) no destino da produção, e no grupo das atividades modernas (46%) no que diz respeito à origem dos insumos.

Observações adicionais das tabelas permitem visualizar o grau de dependência (em termos das vendas dos produtos e compras dos insumos) de cada uma das atividades industriais, encontrando-se algumas atividades mais voltadas para o mercado regional, nacional ou até internacional. É com intuito de qualificar melhor essas atividades que foi montada a classificação constante na tabela 4.4.4 (x) que por sua vez está baseada na tabela 4.4.4 (v). Nesta foram considerados como setores internacionais todas as atividades que produzem bens e serviços destinados ao exterior, como setores nacionais todas as atividades que remetem mais de 50% do total das vendas para outros Estados (estipulado a partir da dispersão das informações apresentadas), e, como setores regionais e microrregionais (na impossibilidade de distinção, por falta de informações a esse nível) as outras atividades restantes que tenham pelo menos 1/3 de sua produção voltada para o mercado estadual estipulado também através da dispersão. Assim temos que os setores internacionais pertencem todos ao grupo das tradicionais, enquanto que nos setores nacionais se encontram 22% de atividades pertencentes ao grupo das tradicionais e 78% pertencente ao grupo das modernas.

Das informações acima pode-se depreender que as atividades com maior abrangência de mercado (e por conseguinte com maiores possibilidades de crescimento) se concentram no grupo das atividades tradicionais. Quanto as atividades enquadradas no grupo das modernas pode-se dizer, novamente, que esta classificação não seja muito apropriada, haja visto que as mesmas não passam de um processamento ainda primário, a nível regional.

É oportuno destacar que este ordenamento poderia proporcionar resultados de maior alcance, tal como, a identificação preliminar das atividades mais atrativas para a Região, assim como a avaliação do efeito decorrente da expansão da capacidade produtiva de uma atividade classificada no setor internacional nas outras a

CLASSIFICAÇÃO SETORIAL DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS DA REGIÃO

<u>SETORES</u>	<u>ÂMBITO</u>	<u>PRODUTOS DAS ATIVIDADES</u>
Internacionais	Internacional	<ul style="list-style-type: none"> . Desdobramento da madeira . Fabricação de cabos de madeira p/ferramentas e utensílios . Madeira não classificada . Produtos Alimentares
Nacionais	Nacional	<ul style="list-style-type: none"> . Agropecuária . Madeira compensada . Fab. de cabos de madeira p/ferramentas e utensílios . Utensílios não classificados . Madeira não classificada . Celulose e Pasta Mecânica . Fab. de Papel, Papelão, Cartolina e Cartão . Extração de Vegetais
Regionais	Estadual	
Microrregionais	Região Plano	<ul style="list-style-type: none"> . Agropecuária . Minerais não Metálicos . Metalurgia . Mecânica . Mat. Elétrico e de Comunicação . Material de Transporte . Esquadria de Madeira . Desdobramento da madeira . Fabricação de Móveis de Madeira . Fab. de Mób. p/instal. comerciais . Mobiliário não classificados . Fabricação de Papel, Papelão, Cartolina e Cartão . Papel e Papelão não classificados . Borracha . Couros, Peles e Prod. Similares . Química . Prod. Farmacêuticos e Medicinais . Têxtil . Vest., Calçados e Art. de Tecidos . Produtos Alimentares . Bebidas . Editorial e Gráfica . Edição de Jornal . Ind. Gráficas não classificadas . Extração de Minerais . Construção Civil . Comércio Atacadista . Comércio Varejista . Atividades Especiais

tividades de âmbito nacional e regional. Porém, o ordenamento aqui efetuado não é suficiente para tal fim, resultando necessário para tanto conhecer pelo menos a mesma composição para as outras regiões do Estado.

Ao concluir esta análise da organização espacial das atividades industriais, deseja-se dar um certo ênfase ao ramo industrial da Madeira/Papel-Papelão para os quais se possuem informações adicionais provenientes do Sistema Nacional Integrado de Informações-Econômico-Fiscais-SINIEF para o período de 1974, cujos resultados expressam a declaração das firmas com "valor adicionado" maior ou igual a 1.200.000 cruzeiros anuais e uma representatividade em torno de 52% e 30% das vendas regionais da Madeira e Papel-Papelão, respectivamente. A participação relativa proveniente do processamento dessas informações encontram-se arrolados na tabela 4.4.4(z) que registra a predominância extrema de São Paulo no fluxo de bens industriais da Região Plano no contexto nacional. A Região Sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) apresenta uma participação razoável como mercado de insumos para a Região, não ocorrendo o mesmo em relação à venda dos produtos, onde o atual Estado do Rio de Janeiro detém o segundo lugar com uma participação não muito significativa.

Quanto a organização espacial do "complexo" madeireiro, pode-se dizer que o mesmo se vê sensivelmente afetado em determinados estágios de produção por fatores locacionais. Isto parece explicar a orientação geográfica das "indústrias de base" que são localizadas, geralmente, nas zonas de exploração dos recursos ou em torno de um entroncamento viário mais próximo de um grande centro urbano, quando se utiliza de insumos semi-bruto.

Por outro lado, as atividades com efeito para frente (constituídos pelas atividades produtoras de bens destinados à demanda final) também sofrem o efeito exercido pelos principais centros urbanos, que se constituem no seu principal mercado consumidor, além da facilidade e vantagens oferecidas por um mercado de trabalho qualificado mais abundante. Desta maneira, apenas as atividades intermediárias pesadas são as que apresentam uma orientação locacional menos acentuada, ainda que possa se dizer que a implantação nas zonas de exploração seja a regra geral.

TABELA 4.4.4 (z) - MERCADO NACIONAL DE MADEIRA E PAPEL - PAPELÃO

RAMO DE ATIVIDADE DESTINO E ORIGEM	COMPRA DE INSUMOS		VENDA DOS PRODUTOS	
	MADEIRA	PAPEL - PAPELÃO	MADEIRA	PAPEL - PAPELÃO
Rio Grande do Sul	2,46	15,47	0,22	-
Santa Catarina	26,17	7,18	0,27	0,04
REGIÃO SUL	28,63	22,55	0,49	0,04
SÃO PAULO	62,30	76,07	80,83	84,59
Rio de Janeiro	5,46	1,08	8,32	0,12
Guanabara	1,87	0,20	1,25	13,71
RIO DE JANEIRO (atual)	7,33	1,28	9,57	13,83
Goiás	-	-	0,67	-
Distrito Federal	-	-	0,10	-
Mato Grosso	0,72	-	1,33	-
Minas Gerais	-	-	6,57	-
Bahia	-	-	0,30	-
Paraíba	1,02	-	0,01	-
Pernambuco	-	-	0,09	1,54
Rio Grande do Norte	-	-	0,00	-
Acre	-	-	0,04	-
TOTAL	100	100	100	100

FONTE: SINIEF - Ministério da Fazenda

4.4.5 - Análise das Atividades de Apoio

Entre os setores econômicos, o terciário se constitui naquele de mais difícil retratação e análise, pois não conta senão com umas poucas fontes de dados sistemáticos e periódicos, mesmo a nível estadual ou até nacional. No entanto, os dados coletados e que serão apresentados no decorrer deste item, servem como indicativos das principais atividades do setor. Assim, procurar-se-á mostrar, se bem que de maneira suscinta, a importância para a Região das atividades comerciais, movimentos bancários, turismo e atividades cooperativistas.

Conforme já ficou evidenciado, anteriormente, é pequena a participação do setor terciário na atividade econômica da Região. Das 35.714 pessoas que compõem a população economicamente ativa da Região apenas 17,38% encontram-se diretamente vinculadas a este setor. Dentro do setor terciário as atividades que agregam maior número de indivíduos são: Prestação de Serviços, Comércio de Mercadorias e Atividades Sociais, que participam com 5,67%, 3,66% e 2,76% do total da população economicamente ativa ligada ao setor. Dentre os municípios que compõem a Região Plano, apenas Guarapuava possui, em termos de população economicamente ativa diretamente ligada ao setor terciário, uma participação acima da média da Região, com 32,64% do total da população vinculada as atividades econômicas.

a) Apoio Técnico e Financeiro (Extensão Rural e Sistema Bancário)

O industrial, de maneira geral, se preocupa com o aumento da produção na sua empresa e com a melhoria da qualidade de seu produto, e o seu maior contato com técnicos especializados e com o mercado financeiro o leva ao emprego de técnicas modernas e ao uso de capitais de terceiros para promover a evolução do seu empreendimento. O agricultor e o pecuarista tradicionais por outro lado, atem-se mais à valorização de suas terras, isolando-se nos afazeres de sua fazenda e, geralmente não tomando conhecimento das novas técnicas existentes. De modo geral, não acreditam no emprego dessas técnicas e não utilizam capitais de terceiros, sejam quais

forem as condições que lhes sejam oferecidas, simplesmente para não contraírem dívidas.

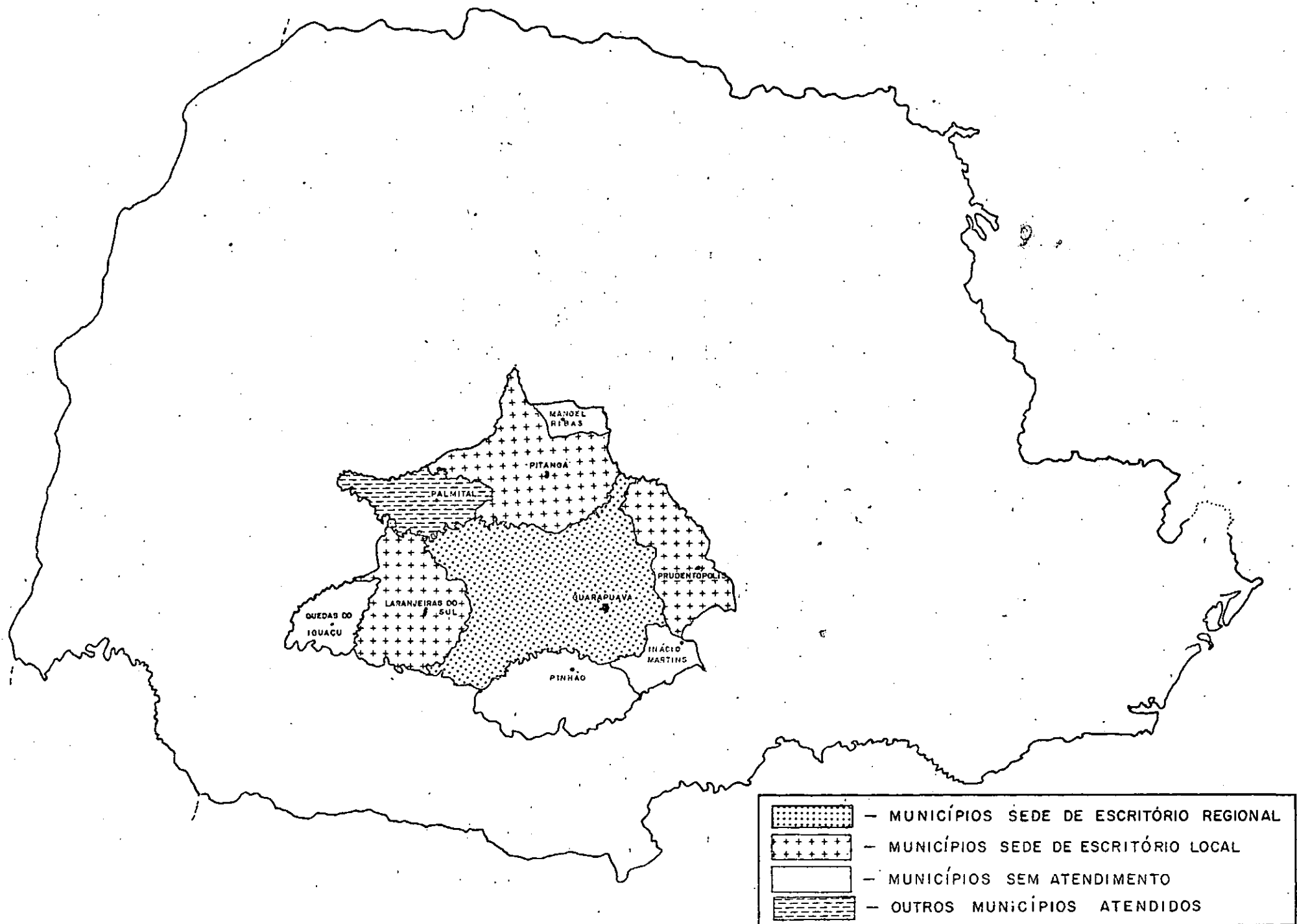
Entretanto, a Região conta com escritórios da Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná-ACARPA que prestam assistência técnica aos agricultores e pecuaristas, inclusive na preparação de projetos para obtenção de financiamentos. Além disso, a Secretaria da Agricultura do Estado mantém e quipes de assessoria funcionando na assistência técnica, enquanto que a COPEL vem oferecendo o seu serviço de eletrificação rural aos solicitantes.

Extensão Rural

A ACARPA surgiu justamente para preencher este espaço, através de Assistência Técnica Educativa junto ao produtor rural aliado a um esforço de conscientizar e organizar o produtor e sua comunidade.

A Extensão Rural no Estado do Paraná nas sedes regionais, tem como seus principais executores o Ministério da Agricultura e a Secretaria de Agricultura, ambos atuando com recursos orçamentários. Estas entidades participam na manutenção da ACARPA, como entidades diretamente interessadas no desenvolvimento da agropecuária e na promoção do homem rural. Também as entidades Bancárias- Banco do Estado do Paraná S/A., Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul-BRDE, Banco de Desenvolvimento do Estado do Paraná-BADEP e Banco Nacional de Crédito Cooperativo-BNCC, possuem convênios com a ACARPA e participam na manutenção da estrutura desta, através de assistência financeira. Sendo o crédito rural educativo, o principal instrumento a serviço do trabalho de orientação técnica, atua ainda no campo do cooperativismo, através de convênios com Cooperativas Agrícolas, visando o assessoramento técnico-administrativo às mesmas, a seus entrepostos e quadros sociais. A ACARPA ainda recebe para sua manutenção recursos destinados pelas Prefeituras onde possui escritórios locais. A prancha 4.4.5 (1.^a), facilita a visualização do atendimento da ACARPA na Região Plano.

Através do Núcleo Regional de Guarapuava, a



ACARPA desenvolverá na Região Plano, prioritariamente, os seguintes programas, que fazem parte das metas a atingir em 1976:

Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural

- Implantação, em conjunto com Instituto Agronômico do Paraná-IAPAR, de 6 unidades de observação nos produtos básicos para o Estado (referem-se a 10 culturas a serem assistidas prioritariamente), sendo que como meta para o Estado tem-se a implantação de 100 unidades de observação.
- Assessoramento a uma cooperativa com 100 associados ampliando e desenvolvendo programas especiais de suporte à produção, conservação de solo e água, administração rural, produção de sementes, mudas e reprodutores.
- Assessoramento a programação e realização de três exposições-feiras no município de Guarapuava, de uma programação prevista para o Estado de 28 exposições-feiras agropecuárias.
- Ampliação do número de unidades de execução (Escritórios Locais) para oito, atualmente na Região existem quatro escritórios (Guarapuava, Laranjeiras do Sul, Pitanga e Prudentópolis), com os quais o atendimento somente não alcançará o município de Palmital.
- Expandir a estrutura técnica elevando para 29 o número de técnicos locais e regionais. No Estado, a estrutura técnica atualmente é composta de 416 técnicos e é prevista sua ampliação para 655 técnicos, aumentando assim, a estrutura de execução a nível de produtor que de 376 passará para 582 técnicos, os quais serão alocados nos núcleos regionais da Secretaria da Agricultura do Estado do Paraná.
- Nas metas globais para o Estado, é prevista a ampliação do número de produtores assistidos, de 132.334 para 180.000, em atividades agropecuárias já a nível regional a previsão de atendimento é

de 5.000 produtores, ou seja, aproximadamente, 3% do Estado.

- Prestação de assistência técnica às culturas e criações prioritárias, visando atingir as seguintes metas:

	<u>ESTADO</u>	<u>REGIÃO</u>	<u>PARTICIPAÇÃO</u>
			%
Soja	490.000 ha	15.600 ha	3,2
Trigo	328.000 ha	12.000 ha	3,6
Milho	182.000 ha	5.500 ha	3,0
Feijão	36.000 ha	1.650 ha	4,6
Arroz	15.200 ha	4.000 ha	26,3
Café	115.000 ha	-	-
Algodão	23.000 ha	-	-
Fruticultura	730 ha	160 ha	21,9
Pecuária de Corte	555.000 cab.	33.000 cab.	5,9
Pecuária Leiteira	35.700 cab.	11.200 cab.	31,4
Conserv.de Solos	345.000 ha	15.600 ha	4,5
Suínocultura	300.000 cab.	-	-
Olericultura	2.548 ha	-	-

- Realização de 23 cursos com lotação de 700 participantes, visando a introdução de pacotes tecnológicos na exploração agropecuária e de mecanização agrícola, em articulação com a Companhia Agropecuária de Fomento Econômico do Paraná, Café do Paraná e IAPAR. Este mesmo programa a nível estadual conta com uma previsão de 400 cursos com 12.000 frequentadores.
- Realização de 15 cursos intensivos de conservação de solos para 750 produtores de um total de 100 cursos a ser levados a efeito em todo o Estado.
- Realização de 23 cursos (de um total de 500 no Paraná) voltados para a introdução de hábito de higiene, saneamento e a alimentação, em articulação com a Comissão Nacional de Alimentação Escolar (CNAE), Secretaria de Estado da Saúde e Bem Estar Social, Subsecretaria de Estado de Educação e Cultura e Legião Brasileira de Assistência (LBA).
- Programas de implantação de 191 campos de demonstração de 8 culturas consideradas prioritárias para o Estado, dos quais os municípios da

Região serão beneficiados com a implantação de 15 campos.

Programa de Crédito Rural

Os programas creditícios a serem executados pela ACARPA, na Região Plano, deverão atingir as seguintes metas em fins de 1976:

- Obtenção de crédito rural para programas especiais que tenham por objetivo atender determinados setores ainda defasados em relação ao desenvolvimento agrícola.
- Executar adequadamente, com total fluidez, os planos de crédito a nível de produtor.
- Para o Estado como um todo é previsto a elaboração e a orientação de 3.000 novos projetos de crédito rural orientado num montante de Cr\$ 600 milhões (contra Cr\$ 420 milhões em 1975), sendo que 80 serão implantados na Região com uma verba de Cr\$ 12 milhões.

Além das linhas de ação a serem desenvolvidas pela ACARPA, em 1976, outros programas deverão ser desenvolvidos ainda que dependendo da integração e articulação com outros órgãos e entidades, a saber:

1) Com a Secretaria de Agricultura, através de convênios feitos com as seguintes entidades:

a) Instituto Agrônômico do Paraná - IAPAR através dos seguintes programas:

Pesquisa e desenvolvimento tecnológico de produtos agrícolas, com a dinamização de um centro de produção e experimentação, na Região, para os projetos especiais dos produtos: feijão, soja, arroz e para o projeto especial de fruticultura, que visará observar o comportamento varietal das seguintes culturas: macieira, pessegueiros, nectarineiras e ameixeiras. Sendo previsto ainda um estudo da produtividade associada a variedade, porta-enxerto e espaçamento de macieiras.

Organização e execução da pesquisa pecuária: dinamização de um centro de produção e experimentação, a fim de desenvolver o projeto especial - plantas forrageiras.

Sistemas de controle de erosão: Desenvolvimento do proje-

to especial de orientação aos agricultores para manejo e conservação de solos.

- b) Departamento de Economia Rural - DERAL - com a implantação de uma agência regional, no município de Guarapuava, visando cobrir a Região com estudos e informações econômicas: levantamento de dados para diagnóstico e tendências, coleta de dados para previsão das safras, estudos de comercialização, etc.
- c) Departamento de Fiscalização - DEFIS e Coordenadoria de 'Cooperação - CECQOP, Programa de Cooperativismo com vistas a realizar estudos em conjunto com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA nas cooperativas, e beneficiando-as ainda com prestação de assistência técnica administrativa e orientação funcional. Realização de Fiscalização e controle do cooperativismo.

Programa de Defesa Sanitária Vegetal - Vigilância a diversas culturas.

Programa de Defesa Sanitária Animal - Fiscalização na aplicação de vacinação prevista nos projetos raiva e aftosa.

- d) CAFÉ DO PARANÁ - preparação ou fornecimento de bens de serviço e insumos (fornecimento de 200 sacas de semente de arroz; 1500 sacas de sementes de trigo nacional; 2.000 sacas de semente de soja e 1.500 sacas de semente de milho).
- e) Companhia Paranaense de Silos e Armazens - COPASA - Implantação de uma unidade móvel própria, no município de Pitanga, com capacidade estática de 4.200 toneladas para o 1º trimestre.

2) Com outros órgãos e entidades

- a) Fundação Instituto de Terras e Colonização - FITC - Elaboração de cadastro territorial em convênio com as Centrais' Elétricas do Sul do Brasil - ELETROSUL, nos municípios de Laranjeiras do Sul, Guarapuava e Pinhão.
- b) Coordenadoria de Defesa dos Recursos Naturais Renováveis - CERENA - Instalação e condução de unidades de observação, regularização de parques e reservas florestais, demarcação e

preservação de novos parques e reservas, estruturação de Coordenadorias regionais, com equipes de fiscalização, dotando o sistema de moderno equipamento de fiscalização e controle.

Além destes programas convém salientar que o Banco do Brasil S/A., através da Comissão Coordenadora da Política Nacional de Crédito Rural - CONCRED e da Carteira de Crédito Rural - CREAM, atende financeiramente toda a Região, nas agências localizadas em Guarapuava e Laranjeiras do Sul. Por intermédio desta Carteira, o Banco do Brasil, presta ampla e diversificada assistência creditícia às atividades agropecuárias, em cujo contexto há normas operacionais que determinam o tratamento especial para pequenos e médios produtores, com objetivo de estimular o emprego de técnicas modernas com vista ao aumento da produtividade.

O Banco do Brasil conta com os programas listados abaixo e cujas qualificações foram fornecidas pelas agências regionais:

- 1 - Programa de Desenvolvimento da Pecuária de Corte - PRO-DEPE - existem recursos que não são procurados pelos pecuaristas. São financiáveis com recursos do programa, todos os investimentos necessários à exploração pecuária. Tem por objetivo promover a elevação dos índices de produtividade da pecuária bovina de corte ou mista e, assim elevar a produção de carne ou de leite, mediante assistência técnica e creditícia. São beneficiados neste programa o pecuarista tradicional pessoa física ou jurídica que seja proprietário de fazenda ou detenha sua posse a título justo, por prazo igual ou superior ao de vigência do contrato de financiamento. É realizado com encargos financeiros de juros de 7% ao ano, incidentes sobre os saldos devedores, mais correção monetária, com prazo de até 12 anos, incluindo uma carência de 4 anos. Os limites de operações são os seguintes: - Mínimo de 200 vezes o maior salário mínimo regional e máximo de 5 mil vezes o valor do maior salário mínimo. Os recursos concedidos pe

lo programa sã podem ser aplicados em investimento, não sendo admitidos o seu emprego em gastos gerais e de Administração dos beneficiários, capital de giro, compra de terreno, pagamentos de dívidas, aquisição de animais (exceto reprodutores ou matrizes) e aquisição de veículos (exceto utilitários).

- 2 - Programa Nacional de Pastagens - PRONAP - conta com recursos do Banco Central e tem a finalidade de elevar o nível tecnológico da pecuária de corte a nível do produtor rural, melhoria de manejos e de tratos sanitários para obtenção de maior taxa de natalidade e menor mortalidade, a alimentação em níveis técnicos e a elevação da taxa de desfrute. As taxas de juros variam de 0 a 7% a.a. e os prazos oscilam entre 5 e 12 anos, com 2 a 4 anos de carência. Na Região, atualmente, é o mais procurado e os recursos estão esgotados.
- 3 - Programa Nacional de Calcário - PROCAL - realizado, com recursos do Banco Central, por meio de repasses. Visa aumentar a produtividade das terras, por meio da difusão da prática de correção de acidez do solo. A assistência financeira do aludido programa está voltada para as seguintes finalidades: Investimentos para a instalação, ampliação e aparelhamento de unidades de calcário agrícola; Estocagem da produção animal e aquisição, pelos produtores rurais ou por suas cooperativas, bem como o transporte e aplicação do calcário.

Os encargos do programa se subdividem, da seguinte forma: na parte relativa ao setor industrial é cobrado juros de 12% a.a., exigíveis semestralmente, cobrando-se ainda comissão de abertura de crédito de 0,5% nas operações de estocagem, com um prazo de até 10 anos, com 2 de carência, aos casos de investimento e de até um ano, para estocagem, obedecendo ainda os limites de até 90% dos valores orçados no caso dos investimentos e de até 80% do preço do calcário no depósito para estocagem. Na parte agrícola os juros são integralmente subsidiados pelo Banco Central, com prazo de até 5 anos, podendo ser utilizado o limite de até 100% do

financiamento.

- 4 -Programa de Estímulos Técnicos e Financeiros para o Desenvolvimento da Pecuária Leiteira tem como finalidade os financiamentos dos investimentos destinados a: formação ou melhorias de pastagens, construção de cercas, aquisição de matrizes e reprodutores, etc..São beneficiados neste Programa, o produtor rural desde que seja fornecedor regular' de leite, seja proprietário do imóvel ou detenha a sua posse a título justo, demonstre a capacidade de aumentar a produção em 50% e acate as orientações técnicas. É realizada' com encargos financeiros de juros de 7% a.a., com prazo de até 12 anos, com 4 anos de carência. Possui os seguintes limites de operação de empréstimos - mínimo de Cr\$ 30.000,00 e máximo de Cr\$ 300.000,00.
- 5 -Programa de Desenvolvimento da Armazenagem - PRODEŠAR -com recursos do Banco do Brasil, 50% e do Banco de Interamerica no de Reconstrução e Desenvolvimento - BIRD, 50%. Visa implantar, ampliar ou modernizar os armazéns e silos que se destinam a guarda ou beneficiamento de arroz, feijão, milho, soja e trigo. O prazo do financiamento é de até 8 anos, com 2 anos de carência, com taxas de juros de 7,5% a.a., mais correção monetária igual a variação da taxa cambial e comissão de 1% a.a. calculada sobre o valor do empréstimo ou sobre os saldos não utilizados, sendo a assistência técnica obrigatória. Na Região há pouca procura deste tipo de crédito, talvez em função do reajuste pela ORTN.
- 6 -Programa Nacional de Armazenagem - PRONAZEM - projetos de armazém a nível de fazenda. Objetiva, principalmente, a construção, ampliação e modernização de armazéns e silos ' de diferentes tipos e níveis. Cabe a execução do Programa, Companhia Brasileira de Armazenamento - CIBRAZEM que contará com recursos do Banco Central e Banco do Brasil (recursos próprios). Encargos Financeiros: juros de 15% a.a.
- 7 -Financiamentos para aquisição de Sementes - do qual infelizmente não se obteve maiores informações.
- 8 -Financiamentos para insumos modernos - os tomadores de

crédito para aquisição de insumos, pagarão somente juros de 7% a.a., cabendo ao Banco Central, complementar a remuneração das instituições financeiras abonando-lhes subsídios, com recursos do FUNAGRI/FUNDAG de 8%. O Programa adota mecanismo que consiste no desconto de 40% sobre o valor da aquisição de fertilizantes, subsidiado pelo Banco Central.

9 - Reflorestamento - Fruticultura - a cargo do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - IBDF, os prazos dos empréstimos poderão atingir até 8 anos, com 4 anos de carência, cujos financiamentos poderão atingir até 80% do valor. Aos mutuários que pretendem obter financiamento de áreas iguais ou superiores a 100 ha, exige-se medidas de conservação do solo. Convém dizer que na Região existe a Associação Conservacionista do solo, entidade Municipal, assistida pela ACARPA.

Vê-se que há disponibilidade de recursos, tanto técnicos quanto financeiros, na Região. Se não são mais utilizados, um pouco deve-se a omissão ou falta de condições administrativas dos próprios empresários, principalmente aqueles empresários tradicionais do setor primário, por não possuírem informações suficientes ou por se mostrarem resistentes em aceitar a evolução da estrutura técnica e econômico-financeira dos processos produtivos.

A seguir apresenta-se, mesmo que seja numa visão rápida, o Sistema Bancário da Região, salientando que ele representa um papel importantíssimo para a tomada de capital de giro, principalmente.

As tabelas 4.4.5 (a) e 4.4.5 (b), construídas com dados do Departamento Estadual de Estatística (DEE), mostram a evolução do disponível, empréstimos e depósitos para os anos de 1971, 1972, 1973, 1974 e os seis primeiros meses de 1975, tanto em termos absolutos como a participação relativa de cada um dos municípios no total da Região, cujo desmembramento a nível de municípios encontram-se nos anexos 4.4.5 (1º) e 4.4.5 (2º).

Por outro lado a tabela 4.4.5 (c) expressa os valores reais e índices de crescimento, tanto para a Região como para o Estado, das variáveis, depósitos e empréstimos, onde se evidencia

TABELA 4.4.5 (a) - MOVIMENTO BANCÁRIO DA REGIÃO PLANO (VALORES CORRENTES)

(em Cr\$ 1.000,00)

M U N I C Í P I O S												
	PALMITAL	PITANGA	MANOEL RIBAS	GUARA PUAVA	LARANJEI- RAS DO SUL	PINHÃO	PRUDEN- TÓPOLIS	REGIÃO PLANO	MÉDIA MENSAL	ESTADO	MÉDIA MENSAL/ ESTADO	
D I S P O N Í V E L	1971	-	1.114	319	20.299	3.206	291	621	25.850	2.154	2.259.766	188.315
	1972	-	1.427	206	18.963	10.312	459	603	31.970	2.664	2.755.071	229.589
	1973	-	3.168	-	34.983	7.794	918	632	47.495	3.957	3.989.239	332.437
	1974	1.047	3.786	-	26.355	10.663	830	793	43.474	3.623	2.540.842	211.737
	1975	-	-	-	14.503	4.299	-	-	18.802	1.567	3.136.760	261.397
E M P R E S T I M O S	1971	-	6.017	3.025	479.120	91.385	2.832	4.686	587.065	48.922	34.000.082	283.334
	1972	-	10.123	3.544	651.943	221.799	4.491	3.368	895.268	74.605	54.517.308	454.311
	1973	-	19.011	-	1.358.481	442.616	10.635	335	1.831.078	152.590	85.922.960	716.025
	1974	1.758	41.650	-	2.500.741	772.402	19.722	2.151	3.338.424	278.202	81.680.446	680.670
	1975	-	-	-	1.533.335	616.463	-	-	2.149.798	179.150	95.770.632	798.089
D E P O S I T O S	1971	-	13.396	3.498	273.096	45.169	4.593	10.212	349.964	29.164	23.755.995	197.967
	1972	-	19.326	5.024	407.277	94.069	13.354	17.609	556.659	46.388	34.508.479	287.571
	1973	-	50.256	-	1.055.770	176.070	36.861	36.436	1.355.393	112.949	54.868.151	457.235
	1974	6.253	57.489	-	1.611.670	228.860	48.548	52.413	2.005.233	167.103	44.318.751	369.323
	1975	-	-	-	520.738	113.724	-	-	634.462	52.872	43.330.637	361.089

FONTE: D.E.E. - Pr.

TABELA 4.4.5 (b) - MOVIMENTO BANCÁRIO DA REGIÃO (VALORES RELATIVOS)

(em %)

		M U N I C Í P I O S						REGIÃO PLANO	REGIÃO/ESTADO	
		PALMITAL	PITANGA	MANOEL RIBAS	GUARA PUAVA	LARANJEIRAS DO SUL	PINHÃO	PRUDEN-TÓPOLIS		
D I S P O N I V E L	1971	-	4,31	1,23	78,53	12,40	1,13	2,40	100,0	1,14
	1972	-	4,46	0,65	59,31	32,25	1,44	1,89	100,0	1,16
	1973	-	6,67	-	73,66	16,41	1,93	1,33	100,0	1,19
	1974	2,41	8,71	-	60,62	24,53	1,93	1,82	100,0	1,71
	1975	-	-	-	77,14	22,86	-	-	100,0	5,99
E M P R E S T I M O S	1971	-	1,02	1,85	81,61	15,57	0,48	0,80	100,0	1,73
	1972	-	1,14	0,40	73,56	25,02	0,51	0,66	100,0	1,63
	1973	-	1,04	-	74,19	24,17	0,58	0,08	100,0	2,13
	1974	0,05	1,25	-	74,91	23,14	0,59	0,77	100,0	4,09
	1975	-	-	-	71,32	28,68	-	-	100,0	2,24
O E P O S I T O S	1971	-	3,83	0,98	78,03	12,91	1,13	2,92	100,0	1,47
	1972	-	3,47	0,90	73,16	16,90	2,40	3,16	100,0	1,61
	1973	-	3,71	-	77,89	12,99	2,72	2,69	100,0	2,47
	1974	0,34	2,87	-	80,37	11,41	2,42	2,61	100,0	4,52
	1975	-	-	-	82,08	17,92	-	-	100,0	1,46

FONTE: tabela 4.4.5 (a)

TABELA 4.4.5 (c) - MOVIMENTO BANCÁRIO DA REGIÃO PLANO EM TERMOS REAIS (ANO BASE = 1.974)

(em Cr\$1000,00)

ANOS	DEPÓSITOS				EMPRÉSTIMOS			
	VALORES REAIS		ÍNDICE DE CRESCIMENTO REAL		VALORES REAIS		ÍNDICE DE CRESCIMENTO REAL	
	REGIÃO	ESTADO	REGIÃO	ESTADO	REGIÃO	ESTADO	REGIÃO	ESTADO
1.971	606.436	41.165.623	100	100	1.017.297	58.917.110	100	100
1.972	824.680	51.123.673	136	124	1.312.990	80.766.382	129	137
1.973	1.744.206	70.607.808	288	171	2.356.347	110.571.101	232	188
1.974	2.005.233	44.318.751	331	108	3.338.424	81.680.446	328	139

FONTE: TABELA 4.4.5. (a) - MOVIMENTO BANCÁRIO DA REGIÃO PLANO (VALORES CORRENTES)
 INFLACIONADOS SEGUNDÓ O ÍNDICE GERAL DE PREÇOS
 COLUNA 2 - CONJUNTURA ECONÔMICA - FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

claramente o maior dinamismo da Região, seja em termos de empréstimos como de depósitos.

A tabela seguinte apresenta uma relação da rede bancária da Região Plano, declarando sua principal característica:

REDE BANCÁRIA DA REGIÃO PLANO

MUNICÍPIOS	ESTABELECIMENTOS	CARACTERÍSTICAS DO SISTEMA BANCÁRIO
GUARAPUAVA	BCO. DO BRASIL S/A	EMPRESTADOR
	BCO. BAMERINDUS DO BRASIL S/A	
	BCO. DO ESTADO DO PARANÁ S/A	
	BCO. BRAS. DE DESCONTOS S/A	
	BCO. ITAÚ AMÉRICA S/A.	
	BCO. MERCANTIL DO BRASIL S/A	
	BCO. REAL S/A	
LARANJ. DO SUL	BCO. DO BRASIL S/A	EMPRESTADOR
	BCO. BAMERINDUS DO BRASIL S/A	
	BCO. NACIONAL S/A	
	BCO. DO ESTADO DO PARANÁ S/A	
PINHÃO	(x)	ARRECADADOR
PITANGA	(x)	ARRECADADOR
PALMITAL	(x)	ARRECADADOR
PRUDENTÓPOLIS	(x)	ARRECADADOR

(x) Informação omitida para não identificar o informante.

Estes estabelecimentos, juntamente com o Banco de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE e Banco de Desenvolvimento do Paraná S/A - BADEP (ambos sediados em Curitiba), formam o sistema financeiro do Estado, que através dos financiamentos às atividades econômicas da Região e do Estado, se constituem nos principais agentes indutores da Expansão Econômica Regional e Estadual.

b) Intermediação - Prestação de Serviços

Atividades Comerciais

As tabelas 4.4.5 (d) e 4.4.5 (e) apresentam respectivamente o número de estabelecimentos comerciais para o ano dentro da Região Plano. Como se observa Guarapuava se constitui no principal centro comercial da Região.

Esta rede comercial é a responsável pelos valores adicionados que se acham apresentados na tabela 4.4.5 (f). A través do indicador- "valor adicionado" pelo comércio/"valor adicionado" total - verifica-se que a estrutura produtiva da Região Plano se diferencia da média estadual em mais 10%.

Dentre as atividades, responsáveis pela geração deste "valor adicionado", destacou-se as do comércio interregional arrolados na tabela 4.4.5 (g). Nesta se observa que os principais produtos exportados na Região para outras Regiões do Paraná, e mesmo para outros Estados, são: madeiras (serradas e beneficiadas), milho, feijão, erva-mate e soja. Os principais produtos importados são: adubos, fertilizantes, ferragens em geral, combustíveis e lubrificantes, farinha de mandioca, tecidos e louças. As importações são feitas principalmente de produtos manufaturados de consumo final. A Região é grande importadora de açúcar, por não existir usina açucareira nos municípios em estudo e também grande importadora de adubos e fertilizantes, por ter sua base econômica no setor primário.

Cooperativas

A Região é servida pelas seguintes Cooperativas: Cooperativa dos Produtores Rurais do Sul do Paraná Ltda., Cooperativa Agrária Mista de Entre Rios Ltda., Cooperativa Mista Agropecuária de Guarapuava Ltda., Cooperativa Mista dos Ruralistas de Ponta Grossa Ltda., Cooperativa Agrícola de Cotia do Sul do Paraná Ltda., Cooperativa Agropecuária Mista de Laranjeiras do Sul e Cooperativa Agrícola de Irati Ltda. Estas Cooperativas quando não possuem sedes em um dos municípios da Região, estendem sua área de ação

TABELA 4.4.5 (d) - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS NA REGIÃO PLANO - 1974

MUNICÍPIO	ATACADISTA Nº	VAREJISTA Nº	ATIVIDADES ESPECIAIS Nº	TOTAL Nº
PALMITAL	14	203	25	242
PITANGA	18	342	37	397
MANDEL RIBAS	6	64	3	73
GUARAPUAVA	64	1.143	257	1.464
INÁCIO MARTINS	1	39	3	43
LARANJEIRAS DO SUL	26	285	52	363
PINHÃO	3	74	6	83
QUEDAS DO IGUAÇU	2	148	14	164
PRUDENTÓPOLIS	14	258	34	306
REGIÃO PLANO	148	2.556	431	3.135

FONTE: Secretaria das Finanças
Departamento de Rendas Internas-DRI

TABELA 4.4.5 (e) - HABITANTES POR ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS, POR MUNICÍPIO NA REGIÃO PLANO - 1974

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO (1974)	Nº DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS	HABITANTES POR ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS
PRUDENTÓPOLIS	37.900	306	123
PALMITAL	36.200	242	149
PITANGA	78.100	397	196
MANOEL RIBAS	15.000	73	205
GUARAPUAVA	131.600	1.464	89
LARANJEIRAS DO SUL	44.200	363	121
PINHÃO	23.400	83	281
QUEDAS DO IGUAÇU	12.700	164	77
INÁCIO MARTINS	8.600	43	200
TOTAL	387.700	3.135	123

FONTE: POPULAÇÃO - Projeção da População do Paraná - Hipótese Média/COPEL
 Nº de Estabelecimentos Comerciais - Tabela 4.4.5 (d)

TABELA 4.4.5 (f) - VALOR ADICIONADO PELO COMÉRCIO

MUNICÍPIOS	(Em Cps 1,00)											
	1971			1972			1973			1974		
	TOTAL	COMÉRCIO	%	TOTAL	COMÉRCIO	%	TOTAL	COMÉRCIO	%	TOTAL	COMÉRCIO	%
PALMITAL	7.312.205	635.560	8,70	11.796.367	776.891	6,58	20.833.993	1.012.431	4,85	38.157.055	3.297.771	8,64
PITANGA	27.647.527	2.668.563	9,66	47.447.259	2.753.566	5,80	86.966.997	5.201.266	5,98	126.815.320	7.474.644	5,89
MANOEL RIBAS	5.617.039	276.839	4,93	9.752.793	412.061	4,22	19.976.181	818.652	4,09	22.717.715	1.070.297	4,71
GUARAPUAVA	155.378.661	34.126.554	21,97	202.846.650	46.096.799	22,72	449.164.275	105.357.277	23,45	760.903.565	151.653.373	19,93
INÁCIO MARTINS	6.428.147	533.694	8,31	15.956.006	645.213	4,04	33.695.157	816.193	2,71	55.745.097	1.113.622	1,99
LARANJEIRAS DO SUL	27.867.165	5.341.702	19,17	36.773.113	8.423.647	22,90	87.646.023	11.762.175	13,42	133.440.165	18.567.739	13,91
PINHÃO	19.677.238	728.870	3,71	19.449.479	767.307	3,95	85.960.230	36.228.036	42,14	76.657.231	3.374.916	4,40
QUEDAS DO IGUAÇU	10.464.527	1.130.605	10,81	13.636.522	3.172.463	23,26	65.008.233	6.126.066	9,42	145.089.329	12.057.565	8,31
PRUDENTÓPOLIS	15.431.956	1.769.541	11,47	20.817.864	1.896.629	9,11	41.871.932	4.887.744	11,67	46.183.917	5.265.883	11,40
REGIÃO PLANO	275.624.465	47.211.928	17,12	370.476.053	64.944.476	17,16	891.123.021	172.309.840	19,34	1.405.709.394	203.876.010	14,50
ESTADO	8.474.481.786	2.497.413.365	29,47	13.350.635.050	3.859.670.301	28,91	22.048.947.384	6.446.837.744	29,24	33.472.753.769	9.489.164.721	28,34

FONTE: 1.971 - REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO - Nº 33

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ S/A.

1972/74 - ECONOMIA PARANAENSE (ESTATÍSTICA ECONÔMICA - FINANCEIRA)

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ - SECRETARIA DA FAZENDA.

TABELA 4.4.5 (g) - COMÉRCIO INTER-REGIONAL - 1974

MUNICÍPIO	M.R.H.	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO
PALMITAL	287	PRODUTOS AGRÍCOLAS, SUÍNOS E MADEIRAS SERRADAS	GÊNEROS ALIMENTÍCIOS INDUSTRIALIZADOS, VESTUÁRIO, COMBUSTÍVEIS, FERRAGENS, MEDICAMENTOS E RAÇÕES.
PITANGA	287	PRODUTOS AGRÍCOLAS, MADEIRAS SERRADAS, SUÍNOS E ERVA MATE	GÊNEROS ALIMENTÍCIOS, INDUSTRIALIZADOS, COMBUSTÍVEIS, VESTUÁRIO, MEDICAMENTOS, FERRAGENS E RAÇÕES.
MARCEL RIBÁS	287	PRODUTOS AGRÍCOLAS, SUÍNOS, MADEIRAS SERRADAS	GÊNEROS ALIMENTÍCIOS INDUSTRIALIZADOS, VESTUÁRIO, COMBUSTÍVEIS, FERRAGENS, MEDICAMENTOS E RAÇÕES.
GUARAPUAVA	290	MADEIRA, ARROZ, TRIGO, SOJA, BATATA INGLESA, MILHO, ERVA MATE, FEIJÃO, AVEIA, BOVINO, SUÍNO, PASTA MECÂNICA, PAPELÃO, MADEIRA LAMINADA, COMPENSADOS, ETC.	AÇÚCAR, SAL, ÓLEOS COMESTÍVEIS, CEBOLA, FARINHA DE TRIGO, FARINHA DE MANDIOCA, BATATA INGLESA, TECIDOS, LOUÇAS, FERRAGENS, ADUBOS E FERTILIZANTES, COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES, MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, BOVINOS, SUÍNOS, ETC.
INÁCIO MARTINS	290	BATATA INGLESA, FEIJÃO, MILHO, ERVA MATE E MADEIRA - BENEFICIADA:	AÇÚCAR, SAL, CORDURAS VEGETAIS, ARROZ BENEFICIADO, LACTICÍNIOS EM GERAL, CONSERVAS EM GERAL, E OUTROS.
LARANJEIRAS DO SUL	290	MADEIRA, MILHO, FEIJÃO, SOJA, ERVA MATE, SUÍNOS, ETC	AÇÚCAR, SAL, ÓLEOS COMESTÍVEIS, CEBOLA, FARINHA DE TRIGO, FARINHA DE MANDIOCA, BATATA INGLESA, TECIDOS, LOUÇAS, FERRAGENS, ADUBOS E FERTILIZANTES, COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES, MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, ETC.
PINHÃO	290	MADEIRA, ERVA MATE, ARROZ, TRIGO, SOJA, MILHO, AVEIA, FEIJÃO, BOVINOS, SUÍNOS, ETC.	AÇÚCAR, SAL, ÓLEOS COMESTÍVEIS, CEBOLA, FARINHA DE MANDIOCA, BATATA INGLESA, ADUBOS E FERTILIZANTES, COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES, TECIDOS, LOUÇAS, FERRAGENS E MATERIAL DE CONSTRUÇÃO.
QUEDAS DO IGUAÇU	290	MADEIRAS SERRADAS E LAMINADAS, SOJA, TRIGO E MILHO.	ÓLEO COMBUSTÍVEL, ARROZ, AÇÚCAR, BANHA, SAL, CEBOLA, FARINHA DE TRIGO, FARINHA DE MANDIOCA, BATATA INGLESA, TECIDOS, LOUÇAS, FERRAGENS, LUBRIFICANTES, MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, ETC.
FRUDENTÓPOLIS	276	ERVA MATE, MADEIRAS, COMPENSADOS DE MADEIRA, LAMINADOS, TIJOLOS, TELHAS, MILHO, FEIJÃO, SOJA, ETC.	TECIDOS, FERRAGENS, COMBUSTÍVEIS E LUBRIFICANTES, MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, LOUÇAS, AÇÚCAR, SAL, FARINHA DE TRIGO, FARINHA DE MANDIOCA, ADUBOS E FERTILIZANTES, BOVINOS E SUÍNOS.

FONTE: Informações Básicas por Municípios - Fundação IBGE

aos mesmos através de entrepostos.

Nesta Região tem-se, basicamente, duas estruturas cooperativistas bastante diferentes. As que surgiram da exploração do gado leiteiro, e as que se fundamentaram na exploração de produtos tradicionais, como mate, batata inglesa, arroz, etc.. É uma Região de cooperativas antigas que vem diversificando sua atuação. O arroz e a batata apresentam a mesma importância que o trigo, todavia, é a soja a maior responsável isoladamente pelo faturamento obtido pelos associados do centro-oeste.

As cooperativas da Região foram criadas, principalmente, com o fito de proporcionar um maior poder de barganha na comercialização de seus produtos agropecuários.

A seguir são apresentados alguns indicadores qualitativos, sobre esta atividade a nível regional, extraídos do estudo "Cooperativas de Produção Agropecuária do Estado do Paraná-Diagnósticos e Análises".¹

Programa de escolarização

Das Cooperativas que atendem a Região, apenas 2 apresentavam atividades de assistência educacional aos cooperados ou a seus dependentes. Ensino formal só existe nas cooperativas das áreas de colonização alemã com escolas pré-primárias, primárias e secundárias.

Algumas Cooperativas possuem trabalhos com clubes Agrícolas, que prestam assistência educacional, e são pagos através de fundos a serem destinados a atividades educacionais, sendo que o sistema de bolsas de estudo é pouco utilizado. Este mesmo estudo constatou, em pesquisa direta em 1973, que elas dedicam muito pouco à atividade educacional, existindo no entanto interesse na capacitação técnica dos associados, visando uma melhoria na produ

¹ CPEC-BRDE-OCEPAR-IPARDES- Cooperativas de Produção Agropecuária do Estado do Paraná - Diagnósticos e Análises - Curitiba/1974.

tividade.

Assistência Médica, Dentária e Hospitalar aos Associados

Quanto a atuação das cooperativas no que diz respeito a prestação de serviços de saúde destaca-se os seguintes:

- a) Presença de Assistência Direta e Integral
Assistência Médica, Dentária e Hospitalar

Nesta modalidade é feita apenas pela assistência médica, hospitalar e dentária pela Cooperativa Agrária Mista de Entre Rios Ltda., que arca com 100% dos ônus.

- b) Presença de Assistência Direta Parcial

Ocorre quando as cooperativas entram em apenas com uma parte do total da despesa hospitalar, ou prestam auxílio em casos de doenças.

Na Região apenas a Cooperativa Agropecuária Mista de Laranjeiras do Sul praticava esta forma de assistência.

- c) Associados Atendidos através do FUNRURAL ou INPS

Na Região constatou-se que duas cooperativas utilizam-se desta assistência, através de encaminhamento de seus associados para as referidas instituições. São elas: Cooperativa dos Produtores Rurais do Sul do Paraná e Cooperativa Agropecuária Mista de Laranjeiras do Sul.

- d) Atendimento através de Sindicatos Rurais

A atuação de sindicatos rurais é bastante pequena. Através destes, os associados da Agropecuária Mista de Laranjeiras do Sul recebem tratamento médico, hospitalar ou dentário.

Salienta-se, outrossim que para a Cooperativa Agrícola de Iratí Ltda. não foi possível obter-se informações.

Prestação de Serviços Técnicos - Sócio-Educacionais e Creditícios

Prestar serviços é uma das finalidades do modelo Cooperativista, e a difusão da educação uma das suas normas.

A assistência técnica se faz necessária para que os as sociados possuam uma orientação segura na aplicação de técnicas ' modernas produtivas.

A necessidade da prestação de serviços sócio-educacionais torna-se evidente quando se reconhece a influência que exerce a saúde e o conhecimento sobre a capacidade produtiva do ser humano, ou ainda quando constata-se a precariedade da rede médica hospitalar e educacional à disposição do meio rural, área de atuação básica das cooperativas estudadas.

Além disso, um processo educacional especificamente voltado as necessidades do desenvolvimento do cooperativismo, viria criar e consolidar estilos de comportamento que favoreçam efetivamente a evolução de cada entidade cooperativa estabelecida.

O crédito que se coloca à disposição dos cooperados, a través da própria cooperativa, na medida que atenua uma série de obstáculos, que enfrentam os associados na obtenção de recursos ' financeiros com finalidades de investimento e custeio de suas atividades produtivas, é fator determinante de melhora quantitativa e qualitativa da produção, o que vem a beneficiar, também, a cooperativa.

O crédito posto à disposição das cooperativas, por diversos agentes financeiros, apresenta várias modalidades, dentre' as quais pode-se relacionar:

- a) Crédito para aquisição de bens de produção para fornecimento aos associados;
- b) Crédito para capital de giro;
- c) Crédito para investimento das próprias cooperativas;
- d) Empréstimos do Governo Federal, segundo critérios e planos' da Comissão de Financiamentos da Produção, a fim de que as cooperativas façam adiantamentos aos cooperados por conta da produção entregue;
- e) Crédito para comercialização da produção e crédito em geral.

Juntamente com estas modalidades creditícias, as cooperativas introduziram um sistema de prestação de serviços aos associados, tomando recursos dos agentes financeiros e repassando-os' ao quadro cooperativo. Sendo, então, o cooperado atendido com re-

cursos para custeio e investimento em suas atividades e fica com encargos junto à Cooperativa.

Para verificação da incidência deste serviço, procedeu-se o agrupamento do número de cooperativas que aplicaram o repasse, relacionando-o com o número de cooperativas pesquisadas.

Buscando-se obter o alcance da iniciativa, foi comparado o número de associados beneficiados com este tipo de crédito, com o total de associados atuantes.

Apresenta-se a seguir a situação na Região:

TOTAL DE COOPERATIVAS DA REGIÃO	-	7
Nº DE COOPERATIVAS COM REPASSE	-	2
TOTAL DE BENEFICIADOS	-	550
TOTAL DE COOPERADOS ATUANTES NAS COOPERATIVAS QUE EXECUTARAM RE- PASSE	-	735

Considerando estes dados, quanto à incidência do serviço, verifica-se que as cooperativas na Região atuaram pouco com o crédito de repasse em 1973, visto que, das 7 cooperativas, que constituem o atendimento total da Região, apenas as cooperativas Agrária Mista de Entre Rios Ltda e Agropecuária Mista de Laranjeiras do Sul, prestaram este serviço.

No que diz respeito ao alcance do repasse foi constatado que foram atendidos, 550 cooperados, mostrando que houve u ma cobertura de 75% do total dos associados atuantes.

Comercialização

Tendo em vista a falta de dados para analisar-se o comportamento das cooperativas na comercialização de seus produtos, não se faz qualquer comentário a este respeito, limitando-se tão somente à apresentação dos esquemas básicos de atuação das cooperativas.

As cooperativas atuam na comercialização tanto de insumos e bens de consumo para os associados assim como na comercialização de sua produção.

Os produtos recebidos pelas cooperativas vem em consignação, e após comercializados destaca-se desta um valor do preço para cobrir os custos totais e as necessidades de capital, com certa margem de segurança.

Quanto da entrega da produção à cooperativa, o coope- rado pode receber parte do valor que supostamente será obtido pe lo produto, em forma de adiantamento, que após a conclusão da co mercialização será feito o acerto final com as despesas deduzi- das. Para esta finalidade é estabelecido um preço médio.

Algumas cooperativas adotam também o preço do dia pa- ra lotes isolados ou quando os produtos são financiados pela Co- missão de Financiamento da Produção, e devem ser comercializados parceladamente.

A base do movimento das cooperativas estudadas é a co mercialização da produção entregue pelos associados, portanto, o desvio da produção poderá acarretar prejuízos à entidade. Estes desvios ocorrem na Região devido as cooperativas possuírem estru- turas inadequadas para a comercialização de determinados produ- tos.²⁾

Assistência Técnica - Técnicos Atuantes

Verificou-se neste item os aspectos relativos a quan- tidade e qualificação dos técnicos atuantes nas referidas coope- rativas.

Pode-se verificar, pela tabela 4.4.5 (h), que o grande número de técnicos são contratados pelas próprias cooperativas ' (assistência direta) e, em contrapartida, existe um número redu- zido de elementos de instituições públicas prestando serviços ' por meio de convênios (assistência indireta).

c) Turismo

O Turismo ou "indústria sem chaminé" desempenha um pa pel importantíssimo na indução do desenvolvimento econômico. Por

(2) Cooperativas de Produção Agropecuária do Estado do Paraná.
Diagnósticos e Análises - op. cit.

TABELA 4.4.5 (h) - QUALIFICAÇÃO E NÚMERO DE TÉCNICOS - COOPERATIVAS REGIÃO - 1973

QUALIFICAÇÃO	ENGENHEIRO AGRÔNOMOS			TÉCNICOS AGRÍCOLA			VETERINÁRIOS	
	CONTRATO P/COOPERATIVA	CONVÊNIO C/ACARPA	CONVÊNIO C/OUTROS ÓRGÃOS	CONTRATO C/COOPERATIVA	CONVÊNIO C/ACARPA	CONVÊNIO C/OUTROS ÓRGÃOS	CONTRATO P/COOPERATIVA	CONVÊNIO C/OUTROS ÓRGÃOS
COOP. DOS PRODUTORES RURAIS DO SUL DO PARANÁ LTDA.	1	-	-	-	-	-	-	-
COOP. MISTA AGROPECUÁRIA GUARAPUAVA LTDA.	-	-	1	2	-	1	1	-
COOP. AGRÍCOLA MISTA DE ENTRE RIOS LTDA.	1	1	-	-	-	-	-	-
COOP. DOS RURALISTAS DE PONTA GROSSA	1	-	-	-	-	-	1	-
COOP. AGROPECUÁRIA MISTA DE LARANJEIRAS DO SUL	1	-	-	-	-	-	-	-
COOP. AGRÍCOLA DE COTIA-SUL DO PARANÁ	3	-	-	5	-	-	1	-
TOTAL/REGIÃO (*)	7	1	1	7	-	1	3	-

FONTE: COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA DO ESTADO DO PARANÁ - DIAGNÓSTICO E ANÁLISES

(*) ENCONTRA-SE OMITIDA INFORMAÇÕES REFERENTE A COOPERATIVA AGRÍCOLA DE IRATI LTDA.

isso passa a ser focado como atividade geradora de novos empregos, bem como elemento de integração nacional, motivo este que leva os países, estados e regiões a se empenharem em facilitar a exploração do potencial turístico que possuem.

Potencial Turístico da Região

Para quem se desloca até Santa Clara, nas proximidades existe uma série de atrações: O Salto de "José Prodolan", situado a 4 km; o "Salto dos Araújos", a uma distância aproximada de 6 km; e o "Salto do Curucaca", com uma altura de 80 m. localizado aproximadamente a 40 km da Estância. Além dessas, existe na Região outras fontes de água mineral, sendo a mais conhecida a de "São Francisco", que fica perto do local. As fazendas-modelo localizadas nas proximidades constituem atrativos para passeios dos hóspedes do hotel.

Na parte campestre as variações topográficas do solo, proporcionam riqueza visual, que melhor aproveitadas viriam dar mais diversificação à Estância. Na parte do bosque, uma grande parte ainda inexplorada oferece um grande potencial paisagístico na área compreendida entre a estrada nova e o rio Jordão, bem como no morro que faz pano de fundo ao hotel. Esta última oferece opção de busca e exploração a quem dela se utilizar para passeios. Na parte do complexo hoteleiro, encontra-se uma praça, com a fonte, o hotel, as piscinas, os chalés e as casas de banhos. Fica localizada no sopé do morro, próximo à margem do rio Jordão, circundado pelas matas e bosques. O Hotel foi construído para atendimento da atração turística da fonte hidromineral, que pelas virtudes terapêuticas e de repouso, possuem considerável atração potencial. A capacidade instalada do hotel é de aproximadamente 128 pessoas por dia assim distribuídas: 9 apartamentos, de luxo para 2 pessoas, 40 apartamentos Standard para 2 pessoas, 10 chalés para até 3 pessoas. Este hotel, que entrou em funcionamento em Dezembro de 1974, após uma reforma, teve em seu registro de movimento de hóspedes, no período de Dezembro/74 à Outubro de 1975, 2.839 pessoas, conforme dados apresentados na tabela 4.4.5 (i). Vemos ainda que estes dados indicam um fluxo maior nos períodos de férias, porém mesmo assim continua com uma capa-

TABELA 4.4.5 (1) - MOVIMENTO DE HÓSPEDES NA ESTÂNCIA HIDROMINERAL DE SANTA CLARA

1.975

MESES	ADULTOS	CRIANÇAS	TOTAL
DEZEMBRO/74	17	7	24
JANEIRO/75	251	72	323
FEVEREIRO/75	312	61	373
MARÇO/75	249	46	295
ABRIL/75	189	26	205
MAIO/75	146	28	174
JUNHO/75	100	8	108
JULHO/75	451	72	523
AGOSTO/75	201	31	232
SETEMBRO/75	277	40	317
OUTUBRO/75	209	46	255
TOTAL	2.402	437	2.839

FONTE: PARANATUR.

cidade ociosa extremamente elevada, da qual aguarda-se redução sen
sível no futuro.

A Empresa Paranaense de Turismo - PARANATUR, deverá al
cançar o objetivo de fomentar a atividade turística através do es
tímulo à implantação de empreendimentos da iniciativa privada, pau
tando a sua ação como intermediária dos potenciais e demandas tu
rísticas, criando as condições exigidas para a atração de empreen
dimentos privados.

Uma das potencialidades turísticas da Região é a Estân
cia Hidromineral de Santa Clara que, segundo o Plano Diretor da
PARANATUR, é identificada como integrante da Zona de Turismo Esta
dual, cujas características é marcada pela presença de numerosas
fontes, águas termo-minerais, saltos, cataratas e aldeamentos in
dígenas. A sua proximidade com a BR-277, que interliga zonas tu
rísticas do Estado, cria condições básicas e fortalece a tendên
cia à formação de um eixo turístico, que colocaria Santa Clara co
mo integrante do roteiro turístico do Estado. Situada a 24 km da
quela estrada federal, coloca-se num ponto aproximadamente inter
mediário entre Curitiba e Foz do Iguaçu. Santa Clara possui condi
ções de se inserir no eixo turístico, com características com
plementar aos outros pólos turísticos. Porém, a sua integração
ao eixo é inibida atualmente por uma oferta de serviços turísticos
não suficiente para a sua plena utilização, além de contar com
problemas de acesso, pois tem-se que percorrer 12,6 km da BR- 373
até a Estância, através de uma rodovia em precário estado. Isto a
tê que seja concluída a nova pista com pavimentação tipo anti-pó,
que ficaria a cargo do Departamento de Estrada de Rodagem do Esta
do - DER, que certamente trará grandes benefícios a Estância.

Outrossim, cabe salientar a pouca divulgação desse re
canto por parte dos órgãos competentes.

A atual oferta de serviços e equipamentos existentes
na Estância, que já são utilizados através do complexo hoteleiro,
compõem-se de: hotel, restaurante e bar; chalés, casa de banhos ;
piscinas para adultos e crianças, fonte, praças e locais de pas
seio. É previsto a implantação de algumas melhorias que viriam be
neficiar os hóspedes. Dentre as melhorias destaca-se: reforma do

sub-solo do hotel, construção de saunas, sala de descanso e de massagens, salas de banho e imersão, atendimento médico, recreação para crianças, piscina com serviço de bar, salão de jogos e leitura que poderá servir para pequenas convenções.

d) Origem das Compras e Destino da Produção

Afim de se ter uma composição do mercado tanto de compras como de vendas, para as atividades do setor "terciário" regional, assim como se fez para as análises dos setores primário e secundário, utilizou-se os dados da Secretaria de Finanças do Estado do Paraná, levantados através das guias informativas do Imposto sobre circulação de mercadorias-ICM para 1974.

Estes dados encontram-se apresentados na tabela 4.4.5 (j) sendo que para as atividades, tanto atacadistas como varejistas, foi possível desagregar as informações sobre as transações comerciais com o mercado nacional compreendendo: S.Paulo, Região Sul, e resto do Brasil, através das informações levantadas pelo Ministério da Fazenda via Sistema Nacional Integrado de Informações Econômicas e Fiscais - SINIEF.

~~Como~~ as informações do SINIEF, representam na Região uma amostra de 76% do total das transações comerciais, elas foram distribuídas através dos respectivos percentuais, sobre os valores globais provenientes das informações do ICM.

Observa-se que a grande dependência da Região, em termos de compras, para movimentar suas atividades comerciais reside no próprio mercado Paranaense e talvez até Regional, ~~uma vez que não~~ foi possível desmembrá-la do mercado estadual. Esta grande dependência possivelmente deve-se ao fato de que a maioria dos produtos comercializados pela Região, procederem das atividades primárias. Chama-se atenção para as atividades ligadas a serviços de Reparação e Manutenção que utiliza-se do mercado estadual para cerca de 97% de suas compras. Quanto as compras do mercado nacional, pode-se observar através das duas atividades que foram possíveis de serem desagregadas, a grande participação das importações do mercado do Estado de São Paulo, principal polo Nacional. O grau de utilização das compras originárias do mercado Estadual, re

TABELA 4.4.5 (j) - ORIGEM E DESTINO DAS TRANSAÇÕES COMERCIAIS DA REGIÃO PLANO

(em %)

ATIVIDADES TERCIÁRIAS	ORIGEM DAS COMPRAS						DESTINO DA PRODUÇÃO							
	MERCADO ESTADUAL	MERCADO NACIONAL			MERCADO EXTERNO	TOTAL	MERCADO ESTADUAL	MERCADO NACIONAL			MERCADO EXTERNO	TOTAL		
		SÃO PAULO	REG. SUL (SC e RS)	RESTO DO BRASIL				TOTAL BRASIL	SÃO PAULO	REG. SUL (SC e RS)			RESTO DO BRASIL	TOTAL BRASIL
COM. ATACADISTA	89,25	8,72	1,82	0,41	10,75	-	100,00	89,28	7,75	0,05	2,11	10,71	0,01	100,00
COM. VAREJISTA	61,79	28,68	8,64	0,88	38,20	0,01	100,00	96,49	3,29	0,21	0,01	3,51	-	100,00
SERV. DE ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	78,54	-	-	-	21,46	-	100,00	100,00	-	-	-	-	-	100,00
SERV. DE REPARAÇÃO E MANUTENÇÃO	98,77	-	-	-	3,23	-	100,00	97,95	-	-	-	2,02	0,03	100,00
OUTROS SERVIÇOS	73,97	-	-	-	25,91	0,12	100,00	84,32	-	-	-	12,29	3,39	100,00

FONTE: SECRETARIA DAS FINANÇAS

presentava em média 80% das compras do setor terciário da Região.

No tocante a colocação dos produtos ressalta-se que estes dados referem-se somente a primeira comercialização, constando-se novamente a grande vinculação com o mercado estadual que representava em média 94% das vendas do setor terciário regional. Observando-se que, mesmo tratando-se de primeira comercialização, já apresentava algumas vinculações com o mercado Exterior, que certamente referia-se a produtos primários regionais exportáveis, via Cooperativas.

4.5 ANÁLISE DO ESPAÇO ECONÔMICO REGIONAL E SUA INFRA-ESTRUTURA FÍSICA E DE SERVIÇOS

4.5.1 ANÁLISES DA ESTRUTURA ESPACIAL DA REGIÃO PLANO

Dentre as várias definições de Região a mais aceita é a proposta por Boudeville¹, pois, segundo ele, existe do ponto de vista econômico, três maneiras de caracterizá-la. Se ela tiver uma maior ou menor uniformidade será uma região com maior ou menor grau de homogeneidade; se encarada pela sua interdependência e hierarquização de suas múltiplas funções ela será mais ou menos polarizada; e se estudada do ponto de vista do centro de decisão e do fim objetivado, será uma região programa ou piloto.

Para Boudeville, região homogênea corresponde a um espaço contínuo onde cada uma das partes constituintes apresenta características tão semelhantes quanto possíveis às das outras e implica, portanto, na minimização da dispersão.

Região Polarizada ou Nodal, segundo o referido autor, é um espaço contínuo heterogêneo cujas diversas partes são complementares e mantêm entre si e, particularmente com o polo dominante, um intercâmbio maior do que o estabelecido com a região vizinha. Em suma, trata-se de um local onde as irradiações econômicas inter-regionais das aglomerações urbanas sobrepuja, sobremaneira, as intra-regionais, portanto contrário a concentração de região homogênea.

Nas regiões polarizadas existe um posicionamento consoante à hierarquia dos bens especializados por elas produzidas. Assim sendo, pode-se definir uma polarização a nível nacional, regional e local. Os bens e serviços nacionais circulam no conjunto do território nacional; os regionais têm sua circula

¹BOUDEVILLE, J.R.-Os Espaços Econômicos-Ed.Difusão Européia de Livro - São Paulo, 1973

ção circunscrita às divisas da região e os locais atendem seus centros produtores e, quando muito, seus próprios municípios.

As cidades, de igual forma, hierarquizam-se de acordo com a amplitude de suas funções. Os centros menores fornecem, principalmente, mercadorias e serviços de âmbito local e, muito raramente, com determinado grau de especialização, ao passo que os centros mais importantes dispõem de uma variada gama de bens e serviços com um campo de ação tanto local como regional, estadual e nacional. O quadro a seguir resume, esquematicamente, o exposto.

HIERARQUIA DOS POLOS URBANOS EM FUNÇÃO DA IRRADIAÇÃO DAS MERCADORIAS

Hierarquia das Cidades	Irradiação das Mercadorias			
	Local	Regional	Estadual	Nacional
C	Local	Sim	Às vezes	Às vezes
E	Regional	Sim	Sim	Às vezes
N	Estadual	Sim	Sim	Às vezes
T	Nacional	Sim	Sim	Sim
R				
O				

OBS: Adaptado de Boudeville, op. cit., pág. 15

A região programa, ou região piloto, ou ainda região plano, é conforme define Boudeville, um espaço contínuo cujas diversas partes se encontram na dependência de uma mesma decisão, como as filiais de uma matriz. Representa um instrumento colocado nas mãos de uma autoridade, sediada ou não na região, a fim de que seja atingida uma meta econômica determinada.

Em síntese, uma região programa nada mais é do que uma análise e seleção dos recursos disponíveis da região para a realização de um objetivo colimado o qual varia desde a localização de uma indústria motora à criação de novas fontes de energia.

Como o modelo de fluxos é o instrumento utiliza

do para o delineamento das regiões polarizadas, este será empregado na análise da organização do espaço econômico da AMCOPAR.

Modelo de Fluxos:

a) Considerações Iniciais

Um dos instrumentos mais comumente utilizados para se estudar a área de influência de um centro, é o modelo de fluxos, que se baseia na premissa de que as relações de dependências se traduzem na direção e intensidade dos fluxos de comunicações e transportes, e se fundamenta nos seguintes aspectos:

- as atividades econômicas e sociais de uma região tendem a se integrarem em um sistema de centros urbanos;

- as cidades apresentam determinados índices de recursos e de infra-estruturas básicas, que podem criar economias externas propícias a novos investimentos;

- as cidades se constituem nos locais mais racionais onde instalam os serviços sociais básicos, tais como: educação, saúde, administração pública, entre outros, objetivando o atendimento da população regional;

- a hierarquia funcional urbana fornece elementos para a visualização da estrutura territorial e subsídios para a indicação de vantagens locais das diversas regiões, para uma variada gama de atividades tanto econômicas como sociais, que intentam o ótimo locacional.

Roberto V.M. da Rocha² diz que, "às atividades humanas, sociais, econômicas, culturais, políticas, etc, estão interligadas numa determinada estrutura espacial de centros urbanos, cujos elementos integrantes e interdependentes são: a distribuição da população na área geográfica determinada, o sistema de comunicações e transporte existente e as interações sócio-econômicas entre vá-

(2) - ROCHA, R.V.M. - Subsídios à Regionalização e Classificação Funcional das Cidades: Estudo de Caso - Estado de São Paulo. (mimiografado)

rios conjuntos populacionais de área considerada. Torna-se então possível delimitar a estrutura espacial da área, estudando-se de terminados fluxos que ocorrem entre as cidades. Estes fluxos se processam através de sistema de comunicações e de transporte existentes entre as cidade.

É de se esperar que a intensidade e direção de tais fluxos não ocorram de uma maneira uniforme em toda a área geográfica, mas sim que se concentrem em determinadas cidades, resultando em uma heterogeneidade quanto aos centros urbanos e, conseqüentemente, uma hierarquia dos centros populacionais da área. Esta ausência de uniformidade no espaço geográfico nos conduz ao conceito de região polarizada".

Na organização do espaço econômico pelo método de fluxos, para a classificação dos centros em dominantes ou periféricos, existem alguns princípios a serem considerados. Para Nystuen e Dacey³ são três estes princípios:

- uma cidade é independente ou dominante se o fluxo mais intenso que ela irradia se dirige para uma cidade menor do que ela, e uma cidade é subordinada ou dependente quando seu fluxo mais intenso se destina à uma cidade maior.

- se uma cidade A é subordinada à cidade B, e B é subordinada a C, então a cidade A é subordinada à cidade C;

- uma cidade não pode estar subordinada a uma outra cidade que lhe é subordinada.

Procedimento Metodológico

Os fluxos intra e inter-regionais se desenvolvem, em termos de intensidade e frequência, na proporção das distâncias, da divisão das funções e da distribuição da renda. Dois são os indicadores passíveis de serem utilizados para a obtenção e observação desses inter-relacionamentos urbanos:

(3) São Paulo. Secretaria de Economia e Planejamento. Padrões funcionais e espaciais da rede urbana do Estado de São Paulo. São Paulo, 1975. p.II-28

- através da malha viária e das deslocações das massas, fluxo de passageiros ou de Ônibus, uma vez que a quase totalidade das relações se efetuam por tais vias materiais. Esta teoria foi desenvolvida por Brian Berry⁴ o qual constatou empiricamente que quanto maior for a ordem de um centro, maior será a incidência de estradas a convergirem para este e, quanto maior for a concentração do poder aquisitivo, maior e mais densa será a rede de transportes;

- através de pesquisa direta, com o fito de estabelecer não só o sistema de relações entre os diversos centros urbanos, como também fazer o levantamento dos núcleos que promovem a distribuição de bens e serviços, à economia e à população de uma região, por intermédio dos estabelecimentos de comércio varejistas e atacadistas, além de serviços tais como saúde, bancos, educação, entre outras.

Neste item serão apresentados os conceitos e resultados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBG) no trabalho "Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas", uma vez que para levar a efeito um estudo dessa envergadura conta-se, principalmente, com dois fatores restritivos: primeiramente a exigüidade de tempo e em segundo lugar o fato de que em breve se desenvolverá estudo semelhante a nível estadual.

No trabalho ora mencionado utilizou-se da pesquisa direta, tendo por fonte de referência o "Questionário CNG/IPEA", preenchido pelos Agentes Municipais de Estatística do IBG; o qual reuniu a quase totalidade das informações sobre as relações dos municípios brasileiros, inclusive os fluxos agrícolas.

Neste estudo (Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas), cada município foi representando por uma matriz, contendo em suas linhas e colunas, os nomes dos demais municípios com as quais se relaciona e de que tipo eram estas ligações, respectivas. Foi dividida, no sentido das colunas, em três itens:

(4) Fundação IBGE- Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas.

- fluxos agrícolas;
- os vínculos relativos à distribuição de bens e serviços à economia
- as prestações de serviços e distribuição de bens à população.

No primeiro, cada produto agrícola foi discriminado separadamente segundo o município com o qual era comercializado. No segundo arrolou-se a compra de máquinas agrícolas, arame farpado, sacaria, fertilizantes e sementes, abastecimento do comércio atacadista e varejista e serviços bancários. Por último, nos serviços à população anotou-se o varejo comum e fino, o atendimento médico, serviço hospitalar e ensino.

O trabalho ainda ressalva que em decorrência da fonte dos dados empregados, e pelo modo como foi elaborada a matriz, existem algumas restrições possíveis de serem levantadas.

Em primeiro lugar há diferenças no tipo de comércio atacadista, desde os mais comuns como secos e molhados aos mais raros como os de produtos farmacêuticos. Como esses tipos de comércio encontram-se em centros hierárquicos diferentes, a não discriminação dos bens fornecidos às firmas atacadistas impossibilita diferenciar com precisão as áreas de mercados destes produtos. Outro problema ocorre com o item médico onde os fluxos podem representar a procura de clínicas em geral, de um lado, ou com especialização de outro, já que se observa uma hierarquização nas especializações médicas as quais são encontradas em centros de níveis diferentes. Outra restrição ocorre pelo fato de todos os fluxos serem considerados como de igual importância não havendo, portanto, ponderação.

Apesar das mencionadas deficiências, o trabalho elaborado pelo IBG apresentou resultados, ao que parece, satisfatório para a região da AMCOPAR.

Crítérios para a Classificação e Delimitação das Áreas Polarizadas

A classificação das cidades e a delimitação de suas áreas de influência seguiram as seguintes etapas:

- em cada matriz foi somado o número de pontos obtidos por cada setor analisado e o total geral;

- a seguir procurou-se os centros que detiveram os maiores pontos em cada matriz para hierarquizá-los em níveis mais elevados que os demais;

-na hierarquização e subordinação dos diferentes centros, procedeu-se conforme o exposto abaixo:

Reuniu-se as matrizes conforme a dominância de relações com as cidades metropolitanas. A seguir, dentro da respectiva área metropolitana, identificou-se as cidades, ou centros regionais, que usufruíam maior número de relacionamentos diretos com a metrópole que a elas afeta. Por fim, reuniu-se as matrizes dos centros menores e que a elas eram subordinadas, ou seja, aquelas que no cômputo geral mostravam maior relacionamento com os centros regionais; a estes denominou-se centros sub-regionais. Estes centros sub-regionais subordinam um maior ou menor número de municípios e são cidades que, via de regra são intermediárias entre o "nódulo", ou centro regional, e as de menor expressão, ou centros locais. Evidenciam-se, principalmente, por serem um entreposto das colheitas agrícolas e, na distribuição de bens e serviços, têm destaque na venda de implementos e produtos agrícolas, no serviço bancário, em alguns casos, no abastecimento do varejo. Nos serviços à população assumem importância no atendimento médico-hospitalar e no ensino médio e, em casos esporádicos, com algumas unidades independentes de ensino superior. Por último tem-se pequenos centros locais que oferecem um reduzido serviço bancário ou hospitalar às localidades circunvizinhas.

b) Classificação dos Centros para a Região da AMCOPAR

A classificação dos centros se fez conforme sua própria matriz de fluxos e com sua posição obtida nas matrizes dos demais centros.

Para a região em estudo obteve-se:

- No nível 1, ou macrorregional, tem-se Curitiba. Este tipo de centro é complementado em sua função por outros centros metropolitanos, no caso São Paulo.

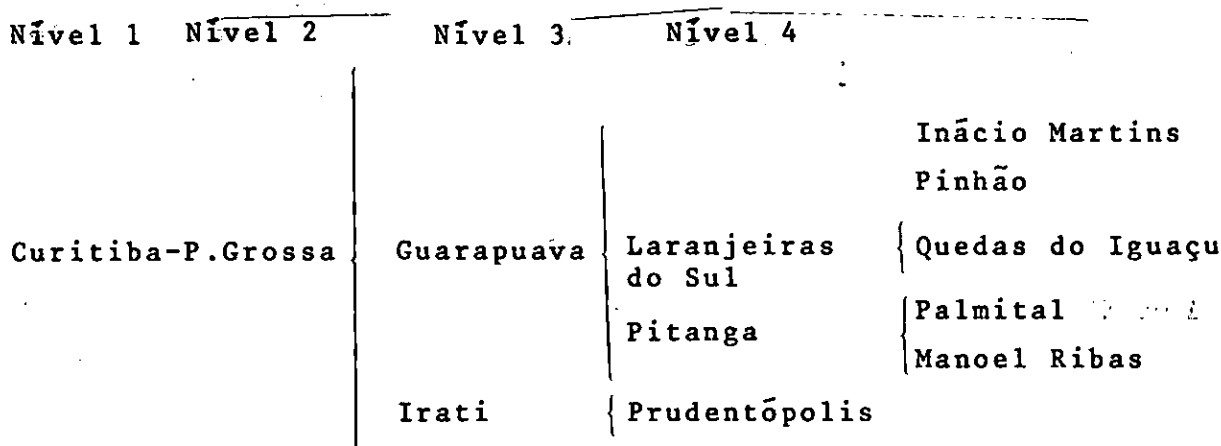
- No nível 2, ou centro regional, observa-se Ponta Grossa. Este nivelamento compreende os centros que se destacam na distribuição de bens e serviços à economia, principalmente na venda de máquinas agrícolas, e nos serviços a população como, por exemplo, médicos especialistas. Estes centros são os que detêm, dentro da área de influência metropolitana ou macrorregional o maior número de relacionamentos.

- No nível 3, ou centro sub-regional, encontra-se Guarapuava. Os centros deste nível subordinam-se aos centros regionais ou diretamente aos centros de nível 1.

- No nível 4, ou centros locais, a região apresenta Laranjeiras do Sul, Pitanga e Prudentópolis. Os dois primeiros são polarizados por Guarapuava enquanto que o último é dependente de um centro extra-regional, no caso Irati.

Laranjeiras do Sul como sendo um centro local polariza Quedas do Iguaçu, e Pitanga por sua vez, subordina Palmital e Manoel Ribas. Os municípios, de Inácio Martins e Pinhão são subordinados diretamente por Guarapuava.

Esquemáticamente tem-se:



4.5.2 HIERARQUIA FUNCIONAL URBANA:

Este item do estudo propõe, como meio para a identificação e hierarquização da rede de cidades da região, o "Método da Hierarquização Funcional", fundamentado conceitualmente na "teoria do lugar central", formulada por Walter Cristaller em 1933 para a Alemanha Meridional, por ser a mais difundida sobre o crescimento urbano. Conforme esta teoria, o crescimento da cidade depende de sua especialização em vários tipos de serviços urbanos e, além de não somente explicar o crescimento de uma urbe industrial, faz referência à distribuição espacial dos centros urbanos dentro do contexto regional.

A "hierarquia funcional" nada mais é do que a classificação das cidades segundo o número e natureza dos bens e serviços que cada uma delas fornece à comunidade regional. Em palavras mais simples, é a classificação das cidades consoante ao seus tamanhos e natureza de seus equipamentos funcionais.

A hierarquização é o resultado do jogo das forças de mercado, já que as funções cujas ocorrências se deve observar nas cidades, para a definição desta hierarquia, são aquelas cujo desempenho local seja decorrente de uma atividade econômica, em vista da demanda existente, seja de produção ou distribuição de serviços. Entretanto, o alcance do fornecimento de determinados serviços depende de múltiplos fatores que incluem o preço do serviço no polo, as dimensões do polo, a densidade populacional do seu "hintêrland"; a distribuição da renda e a distância de outros lugares centrais, ou polos, que fornecem o mesmo serviço. Seu determinante principal, entretanto, é a distância econômica, medida através da distância geográfica convertida em custos do frete e demais custos relativos ao transporte.

As urbes cujas regiões complementares⁵ se identificam, com referência ao tamanho econômico, estrutura pro-

(5) Para Cristaller é a região onde um "lugar central" é o polo; inclui relações em duas direções: centro para região e vice-versa.

dutiva, e outros fatores mais, tempestivamente tenderão a apresentar os mesmos tipos de funções. Desta forma, a hierarquia funcional classifica as cidades conforme os grupos de funções que cada cidade desempenha, sendo que em cada nível hierárquico estão as que desempenham os mesmos tipos de atividades.

Ressalta-se todavia que, mesmo que duas ou mais cidades se aproximem quanto ao tipo ou número de suas funções, e assim sendo pertenceriam, segundo as hipóteses estabelecidas, ao mesmo nível hierárquico, ao se considerar estas atividades projetadas no espaço regional, podem desempenhar outras funções que não as estabelecidas pela teoria. Portanto, uma cidade que muitas vezes deveria figurar em uma determinada ordem, pelo fato de desempenhar certas funções típicas a este nível, não é incluída por não exercer todas as funções constantes desse grupo ou nível hierárquico. Na falta de um melhor indicador que mostrasse quando uma cidade deveria ser alçada ou não a um nível hierárquico superior considerouse, conforme sugere Palomaki⁶, que ela seria incluída em um dado nível hierárquico superior ao dela, quando detiver pelo menos 50% das funções definidoras deste.

Ao efetivar-se a hierarquização, pressupõe-se que todas as cidades pertencem ao mesmo nível hierárquico, ou seja, o de mais baixa ordem, após o que algumas são elevadas, paulatinamente, para um nível superior a medida que possuam mais de 50% das funções definidoras desse nível hierárquico.

Desta forma, para que os centros se projetem com uma posição destacada na hierarquia, necessitam deter funções cuja demanda só é observada em cidades com maior grau de desenvolvimento.

Essa maneira de se promover uma cidade permite que se cumpra uma das hipóteses da teoria do lugar central, a qual reza que os centros urbanos de maior ordem devem possuir todas as

(6) - São Paulo. Secretaria de Economia e Planejamento. Padrões Funcionais e Espaciais da Rede Urbana do Estado de São Paulo. São Paulo, 1975. p.III-6

funções características dos níveis de ordem inferior, e mais as funções que caracterizam e determinam sua posição na hierarquia.

- Funções Consideradas:

Os dados levantados referem-se apenas ao equipamento funcional das sedes municipais, uma vez que uma pesquisa "in loco" nas cidades, vilas e povoados demandaria uma equipe numerosa e um certo período mínimo de pesquisa não disponíveis no presente trabalho.

Para efeito de uma melhor precisão na hierarquização, as funções obtidas foram ponderadas, em alguns casos, de 1 a 3, devido ao fato de que em determinadas funções, suas relações intra eram mutuamente exclusivas obrigando a que se optasse por uma ou por outra ponderação, ao passo que em outras funções suas relações intra podiam ocorrer concomitantemente. Assim sendo, hospital com mais de 70 leitos teve peso 3, entre 40 e 70 peso 2 e menos de 40 peso 1, ao mesmo tempo que a observância de agência de Banco do Brasil teve peso 3, do Estado do Paraná peso 2 e de demais entidades bancárias peso 1. A diferença está que em uma cidade pode-se observar os três tipos de agência bancária, o que não ocorrerá no tocante a leitos hospitalares pois ela terá ou mais de 70, entre 40 e 70 ou menos de 40 leitos.

A seguir estão listadas as funções consideradas neste trabalho e em Anexo estão quantificadas.

1 - Bancos:

- Banco do Brasil
- Banco do Estado do Paraná
- Agência Bancária

2 - ACARPA:

- Regional
- Local

- 3 - Agência Postal e/ou Telegráfica
- 4 - Telefones
- 5 - Postos de Gasolina
- 6 - Drogarias e Farmácias
- 7 - Hotéis
- ~~8 - Pensões~~
- 9 - Restaurantes
- 10 - Bares e Similares
- 11 - Salões de Barbeiro
- 12 - Salões de Beleza
- 13 - Veículos a Motor para Passageiros:
mais de 500
entre 200 e 500
menos de 200
- 14 - Veículos a Motor para Carga:
mais de 500
entre 200 e 500
menos de 500
- 15 - Bibliotecas Públicas
- 16 - Cinemas e Cineteatros
- 17 - Emissoras de Radiofusão
- 18 - Livrarias
- 19 - Jornal Semanal
- 20 - Ensino:
Superior
2º grau
1º grau
- 21 - Médicos
- 22 - Dentistas
- 23 - Farmacêuticos

- 24 - Enfermeiros
- 25 - Pessoal Auxiliar deSaúde
- 26 - Veterinários
- 27 - Químicos
- 28 - Advogados
- 29 - Engenheiros
- 30 - Construtores Licenciados
- 31 - Agrônomos
- 32 - Economistas
- 33 - Leitos Hospitalares:
 - mais de 70
 - entre 40 e 70
 - menos de 40
- 34 - Agência do FIBGE
- 35 - Sindicato Rural
- 36 - Rendas Internas:
 - Delegacia Regional
 - Agência
- 37 - Polícia Civil:
 - Sede de Subdivisão
 - Delegacia
- 38 - Polícia Militar:
 - Sede do Batalhão
 - Destacamento Policial
- 39 - Comércio Atacadista:
 - mais de 10 estabelecimentos
 - até 10 estabelecimentos
- 40 - Comércio Varejista:
 - mais de 200 estabelecimentos
 - entre 100 e 200 estabelecimentos
 - menos de 100 estabelecimentos

- 41 - Posto de Saúde
- 42 - Inspeção de Ensino Estadual:
 - Regional
 - Auxiliar
- 43 - Inspeção de Ensino Municipal.

- A Hierarquia Urbana na Região Plano:

Uma vez montadas as tabelas 4.5.2 (a) e 4.5.2 (b), para os nove municípios da AMCOPAR no tocante às suas funções e frequências, pode-se verificar o número de funções e a importância destas nos municípios, sendo que as mesmas foram representadas por pontos.

Por meio dos pontos, auferidos pelos municípios, foi definida a hierarquia destes via um gráfico de agrupamentos no qual determinou-se os centros de 1º, 2º, 3º e 4º níveis. Os quatro níveis tiveram a seguinte distribuição de pontos:

- 1º nível - 60-67 pontos
- 2º nível - 50-59 pontos
- 3º nível - 30-49 pontos
- 4º nível - 20-29 pontos

A prancha 4.5.2 (1ª) mostra o percentual do número de funções em relação ao total, e dá uma idéia a respeito da divisão funcional destes municípios onde se observa que Guarapuava e Laranjeiras do Sul dividem, mais para o primeiro, a função de centro regional, por deterem em torno de 98% do total das funções consideradas. Guarapuava fica como centro do primeiro nível, ou regional, por possuir o maior número de funções com peso 3.

Esta afirmativa, a respeito da hierarquia sugerida pela prancha 4.5.2 (1ª), foi testada em duas etapas. Primeiramente localizou-se as funções típicas de cada nível e a seguir a ocorrência em percentual dessas funções, em cada município do nível hierárquico.

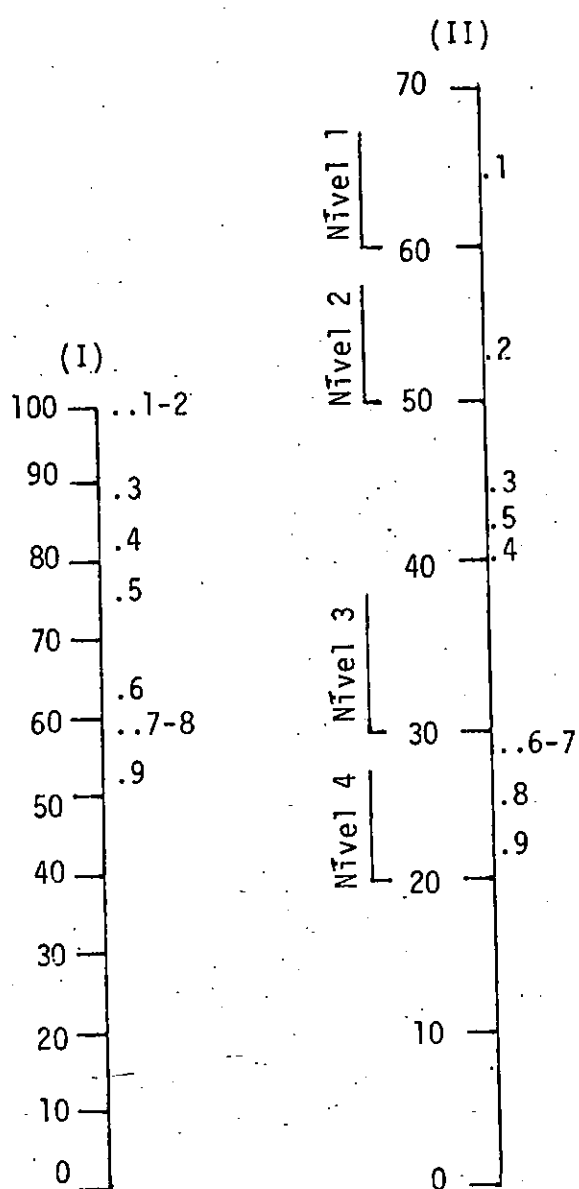
TABELA 4.5.2 (b)

CENTROS URBANOS SEGUNDO O Nº DE PONTOS OBTIDOS

	Nº de Fun ções (43)	Nº de Pon tos (67)	% do Nº de Funções (100)
Guarapuava	42	66	97,67
Laranjeiras do Sul	42	57	97,67
Inácio Martins	22	22	51,16
Pinhão	27	29	62,79
Quedas do Iguaçu	35	40	81,39
Pitanga	33	42	76,74
Palmital	25	29	58,14
Manoel Ribas	25	25	58,14
Prudentópolis	38	46	88,37

FONTE: Tabela 4.5.2 (a)

PRANCHA 4.5.2. (1a) - HIERARQUIA DOS MUNICÍPIOS QUE COMPÕEM A REGIÃO PLANO, SEGUNDO SUAS FUNÇÕES.



(I) Centros Urbanos Segundo a % de Nº de Funções

(II) Centros Urbanos Segundo os Ptos. Obtidos nas Funções.

- 1 - Guarapuava
- 2 - Laranjeiras do Sul
- 3 - Prudentópolis
- 4 - Quedas do Iguaçu
- 5 - Pitanga
- 6 - Pinhão
- 7 - Palmital
- 8 - Manoel Ribas
- 9 - Inácio Martins.

Para tanto adotou-se os seguintes critérios:

- Seria função típica de um nível aquela que tivesse uma ocorrência de pelos menos 50% nos municípios de nível considerado, com exceção de Guarapuava e Laranjeiras do Sul;

- se um município possuir mais de 50% das funções definidoras de um nível hierárquico superior, este centro será hierarquizado neste nível.

As funções típicas observadas, por nível hierárquico, estão listadas a seguir:

- Nível 1 - Guarapuava: Acarpa Regional; Ensino Superior; Delegacia Regional de Rendas Internas; Sede de Subdivisão de Polícia Civil; Sede do Batalhão da Polícia Militar; mais de 10 Atacadistas; mais de 200 Varejistas.

- Nível 2 - Laranjeiras do Sul: Mais de 500 veículos a motor para carga; Emissora de Radiofusão; Químicos; Agência do Banco do Brasil; Inspetoria de Ensino Regional; Construtores Licenciados; Engenheiros; Jornal Semanal; Livrarias; Mais de 500 veículos a motor para passageiros; Acarpa Local; Agência do FIBGE.

- Nível 3 - Prudentópolis: Quedas do Iguaçu e Pitanga: Agência do Banco do Estado do Paraná; Telefones; Hotéis; De 200 a 500 veículos a motor para passageiros; De 200 a 500 veículos a motor para carga; Biblioteca Pública; Ensino de 2º grau; Farmacêuticos; Enfermeiros; Pessoal Auxiliar de Saúde; Veterinários; Advogados; Agrônomos; Economistas; mais de 70 leitos hospitalares; De 100 a 200 varejistas.

- Nível 4 - Pinhão; Palmital; Manoel Ribas e Inácio Martins: Agência Bancária; Agência postal e/ou telegráfica; Posto de gasolina; Farmácia e drogaria; Pensão; Restaurante; Bares e semelhantes; Salão de Barbeiro; Salão de Beleza; Menos de 200 veículos a motor para passageiros; Menos de 200 veículos a motor para carga; Cinemas e Cineteatros; Ensino de 1º grau; Médicos; Dentista; Menos de 70 leitos hospitalares; Sindicato Rural; Agência de Rendas Internas; Destacamento de Polícia Militar; De-

legacia de Polícia Civil; Até 10 Atacadistas; Menos de 100 varejistas; Inspetoria Auxiliar de Ensino; Posto de Saúde; Inspetoria de Ensino Municipal.

Com respeito à mudança de hierarquia, pelo fato de um município possuir mais de 50% das funções definidoras de um nível hierárquico, este fenômeno não ocorreu na região da AMCOPAR pois tanto Pinhão como Palmital, embora próximas do nível hierárquico 3, pela prancha 4.5.2 (1^a) somente possuíam 25% e 31%, respectivamente das funções características do nível 3.

Conclusões

No tocante ao equipamento funcional dos municípios com respeito a infra-estrutura, sua análise e sugestões estão inseridas no item correspondente. Convém lembrar, entretanto, que se dê prioridade àqueles municípios carentes destes equipamentos e que tenham maior dificuldade de comunicação com Guarapuava, ou mesmo Laranjeiras do Sul.

Guarapuava e Laranjeiras do Sul, apresentam um equipamento funcional semelhante, mas é Guarapuava o núcleo regional já que Laranjeiras do Sul ainda depende do centro vizinho para a realização de grande parte de suas transações.

Este tópico, pela necessidade de estudos complementares, constitui-se apenas numa primeira abordagem que deverá servir de base para a elaboração de novos documentos, mais detalhados, tanto para a Região Plano quanto para o Estado.

4.5.3 INFRA-ESTRUTURA FÍSICA

O desenvolvimento de um país, de um estado ou de um município, está intimamente ligado a sua infra-estrutura. Desta forma, procurar-se-á neste item, visualizar a situação atual da região no tocante a transportes (Rodoviário e Ferroviário), Energia Elétrica, Saneamento, Armazenagem e Comunicações, apresentando suas gestões dentro dos planos já elaborados pelos órgãos responsáveis por esses setores, julgados importantes sob a ótica das necessidades de expansão da Região.

Observa-se que os atuais programas de infra-estrutura visam responder as necessidades de crescimento da base econômico-social estadual. Como algumas das prioridades já estabelecidas são respostas a tais necessidades, estas tendem a reforçar um sistema econômico Nacional que é concentrador e no qual o Paraná detem um papel primário-exportador. Portanto, quase sempre as prioridades estabelecidas para o Estado, principalmente no setor de transportes, procuram a maior integração com São Paulo, que é o centro dinâmico do País, do que a integração dos mercados internos e destes com as regiões ainda menos desenvolvidas dentro do Estado.

Deve-se encarar as indicações feitas a seguir como uma base para o estabelecimento de prioridades de intervenção do Estado, com a finalidade de dotar a economia, na medida do possível, de uma infra-estrutura voltada para si e compatível com o interesse Nacional.

Cabe aqui adressar a ressalva que se fornecerá sugestões de intervenção baseadas unicamente nas necessidades da Região e do Estado, não se considerando os custos dos investimentos nem a análise econômica das obras em si, ou sequer as demais atividades sócio-político-econômicas que, entretanto, deverão estar presentes no planejamento desses setores.

a) Transporte Rodoviário:

As Rodovias Federais e Estaduais que cortam os municípios da Região Plano, estão relacionadas na Tabela 4.5.3 (a), cujos dados foram retirados do "Plano Rodoviário Estadual - 1974".

Ainda dentro da Região Plano, mais especificamente nos municípios da Microrregião Homogêneas (MRH)-287, segundo perspectivas existentes no Departamento de Estradas de Rodagem DER, foram aprovadas a construção, a curto prazo, de "Rodovias Vicinais", destinadas ao escoamento dos principais produtos agrícolas da região, em direção aos centros consumidores e principalmente na direção do Porto de Paranaguá, meta final dos corredores de Exportação. A Rodovia Vicinal, a ser construída nesta Região,

TABELA 4.5.3 (a)

BR/PR	CLASSIFICAÇÃO*	MUNICÍPIOS SERVIDOS PELA RODOVIAS	EXTENSÃO/KM
FEDERAIS			
Br-158	Longitudinal	- Sto. Antonio do Caiuã-S. João do Caiuã-Alto do Paraná - Paranevaí- Tamboara S. Carlos do Ivaí- Japurá- São Tomé- Cianorte- Jussara- Terra Boa- Eng. Beltrão- Peabiru-Campo Mourão- Roncador- <u>Pitanga- Palmital- Guarapuava - Laranjeiras do Sul- Chopinzinho- Coronel Vivida- Pato Branco- Vitorino.</u>	537,9
Br-277	Transversal	- Paranaguá- Morretes- São José dos Pinhais- Curitiba- Campo Largo- Balsa Nova- Porto Amazonas- Palmeiras- Teixeira Soares- Irati- <u>Prudentópolis - Guarapuava- Laranjeiras do Sul- Quedas do Iguaçu- Guaraniáçu- Catanduvas Cascavel- Céu Azul - Matelândia- Medianeira- São Miguel do Iguaçu -Fox do Iguaçu</u>	738,1
Br- 373	Diagonal	- Adrianópolis- Cerro Azul- Rio Branco do Sul- Castro- Ponta Grossa- Ipiranga- Imbituva- <u>Prudentópolis- Guarapuava- Chopinzinho- Coronel Vivida Pato Branco- Itapejara do Oeste- Renascença- Marmeleiro- Salgado Filho- Barracão</u>	582,2
Br-466	Ligação	- Apucarana- Cambira- Borrazópolis- Jardim Alegre- Ivaiporã- <u>Manoel Ribas- Pitanga- Guarapuava- Inácio Martins- Cruz Machado- União da Vitória</u>	450,0
Br-487	Ligação	- Ponta Grossa- Ipiranga- Ivaí- Reserva- Cândido de Abreu- <u>Manoel Ribas - Pitanga- Roncador- Iretama- Campo Mourão- Araruna- Cianorte- Tuneiras do Oeste- Cruzeiro do Oeste- Umuarama- Maria Helena- Icaraima</u>	535,2
ESTADUAIS			
Pr-170	Longitudinal	- Porecatu- Florestópolis- Miraselva- Jaguapitã- Rolândia- Arapongas- <u>Cambira- Apucarana- Borrazópolis- Jardim Alegre- Ivaiporã- Manoel Ribas - Pitanga- Guarapuava- Pinhão- Bituruna- Palmas</u>	239,3
Pr-364	Diagonal	- São Mateus do Sul- Rebouças- Irati- <u>Inácio Martins- Guarapuava- Palmital Nova Cantu- Campina da Lagoa- Ubiratã- Nova Aurora- Formosa do Oeste - Assis Chateaubriand- Palotina- Terra Roxa do Oeste- Guaíra</u>	420,0
Pr- 452	Ligação	- <u>Guarapuava- Prudentópolis</u>	60,0
Pr-456	Ligação	- <u>Pitanga- Palmital- Campina da Lagoa</u>	58,0
Pr-459	Ligação	- <u>Pinhão- Mangueirinha- Clevelândia</u>	126,0
Pr-460	Ligação	- <u>Guarapuava- Pitanga</u>	142,0
Pr-473	Ligação	- <u>Quedas do Iguaçu- Dois Vizinhos</u>	80,0
Pr-484	Ligação	- <u>Laranjeiras do Sul- Quedas do Iguaçu- Catanduvas-Cap. Leônidas Marques</u>	132,0

FONTE: Plano Rodoviário Estadual - 1974

* Classificação utilizada no Plano Rodoviário Estadual

está dividida em dois sub-trechos, Pitanga - Manoel Ribas, numa extensão de 38 km, e Manoel Ribas-Ivaiporã, com 40 km, perfazendo um total de 78 km, o trecho Pitanga-Ivaiporã ligará duas zonas de tráfego. Em Ivaiporã esta Rodovia liga-se à Rodovia que demanda ao Norte do Paraná e São Paulo e, em Pitanga, liga-se a Rodovia que demanda a Curitiba e Paranaguá (BR 277). Ao que parece esta "Rodovia Vicinal" será utilizada para o escoamento de excedentes dos Municípios de Pitanga e Manoel Ribas em direção ao Norte do Paraná e excedentes de Ivaiporã e Manoel Ribas, com destino a Curitiba e Paranaguá, valendo-se dos fluxos de Transporte chamados "Corredores de Exportação".

Cabe ainda mencionar que está previsto no Programa Estadual a Expansão de Rodovias nesta Região, com a construção e pavimentação dos trechos Guarapuava-Pinhão-Foz do Areia e conclusão do trecho Guarapuava -Rio Bonito.

As Rodovias Municipais, que cortam os municípios da Região, estão relacionadas na Tabela 4.5.3 (b), discriminando as principais características de seus leitos.

b) Transporte Ferroviário:

Dentro da Região Plano, somente os municípios de Guarapuava e Inácio Martins, são atendidos pela Rede Ferroviária Federal S/A, através de sua 11ª Divisão.

Porém, o II Plano Nacional de Desenvolvimento tem dentre seus investimentos prioritários o prolongamento, com 264 km de extensão, raio mínimo de 625 m e rampa máxima de 1,3%, até Cascavel, da ferrovia que transpondo o chamado Terceiro Planalto Paranaense alcança Guarapuava.

Outra linha importante e que também favorecerá a Região, terá sua construção iniciada em breve, trata-se da ligação Cascavel à Foz do Iguaçu, com 147 km de extensão.

Convém salientar que é previsto, ainda, no II Plano Nacional de Desenvolvimento, a construção da ligação Engenheiro Gutierrez a Engenheiro Bley, com 102 km de extensão, raio míni-

TABELA 4.5.3 (b)

REDE RODOVIÁRIA MUNICIPAL - 1974

Municípios	LEITO/CLASSE RURAL		Pavimentado	Total Km	A Construir	Área Km ²	Densidade km/Km ²
	Natural	Revestido					
<u>MRH-287</u>							
Manoel Ribas	588,0	-	-	588,0	-	587,0	-
Pitanga	1.053,0	-	-	1.053,0	55,0	4.552,0	0,24
Palmital	1.088,8	-	-	1.088,8	31,0	1.632,0	0,67
SUB-TOTAL	2.729,8	-	-	2.729,8	86,0	6.771,0	-
<u>MRH-290</u>							
Quedas do Iguaçu	292,0	50,0	-	342,0	15,0	1.212,0	0,29
Guarapuava	1.360,0	-	-	1.360,0	-	8.062,0	0,17
Inácio Martins	239,0	-	-	239,0	-	1.023,0	0,24
Laranjeiras do Sul	1.334,5	-	-	1.334,5	78,8	3.015,0	0,45
Pinhão	607,5	-	-	607,5	31,0	2.919,0	0,21
SUB-TOTAL	3.833,0	50,0	-	3.883,0	124,8	16.231,0	-
<u>MRH-276</u>							
Prudentópolis	1.161,0	-	-	1.161,0	20,0	2.395,0	0,49
Total Área	7.723,8	50,0	-	7.773,8	230,8	25.397,0	-

FONTE: DER - Relação descritiva das Estradas que integram o Plano Rodoviário Municipal.

mo de 825 m e rampa máxima de 1,3%, a qual possibilitará um melhor escoamento da produção regional, para a região da grande Curitiba e para o Porto de Paranaguá, desviando o entroncamento de Ponta Grossa. (ver prancha 3.4.2 (1ª)).

c) Transporte Aéreo

Dos municípios delimitados pela Região Plano, Quedas do Iguaçu e Laranjeiras do Sul, contam com campo de pouso e Guarapuava com um aeroporto.

d) Transporte Marítimo e Fluvial

Nenhum dos municípios que se situam dentro da Região Plano, faz fronteira com a costa, sendo então o transporte marítimo de carga e de passageiros, devido ao fácil acesso tanto rodoviário como ferroviário, em parte realizado pelo Porto de Paranaguá.

Quanto ao transporte Fluvial, a única coisa que pode se dizer é que inexistente em termos econômicos.

e) Energia Elétrica

Se bem que não seja a única companhia fornecedora de energia elétrica presente na Região, serão utilizados somente os dados fornecidos pela Companhia Paranaense de Energia Elétrica-COPEL, a qual em 1974 respondia pelo atendimento direto de 88,6% do consumo total do Estado, por ser a única fonte disponível no momento.

As tabelas 4.5.3 (c) à 4.5.3 (e), mostram o número de consumidores e o consumo de energia elétrica, total e por atividade, a nível municipal, para os anos de 1970, 1974 e 1975 sendo esta referente até o mês de novembro.

Verifica-se que a Região Plano, representava quanto ao número de consumidores 5,58% do total do Estado em 1970, diminuindo esta participação para 2,26% em 1974, sendo que nos dois anos a maior participação cabe aos consumidores residenciais.

TABELA 4.5.3 (c) ENERGIA ELÉTRICA - NÚMERO DE CONSUMIDORES - 1970 e 1974

MUNICÍPIOS	RESIDENCIAL		COMERCIAL		INDUSTRIAL		RURAL		ILUMINAÇÃO PÚB/ PODERES PÚB.		PRÓPRIO		TOTAL	
	1970	1974	1970	1974	1970	1974	1970	1974	1970	1974	1970	1974	1970	1974
PRUDENTÓPOLIS	529	697	117	133	43	53	-	-	15	19	-	-	704	902
SUB. TOTAL	529	697	117	133	43	53	-	-	15	19	-	-	704	902
PITANGA	526	673	-	188	52	33	-	24	7	21	-	2	585	941
PALMITAL	-	154	-	69	-	5	-	1	-	6	-	1	-	236
MANOEL RIBAS	263	103	38	32	-	2	-	2	4	4	-	-	305	143
SUB.TOTAL	789	930	38	289	52	40	-	27	11	31	-	3	890	1.320
GUARAPUAVA	3.443	6.358	1.080	1.431	89	129	32	164	59	81	1	2	4.704	8.165
INÁCIO MARTINS	76	118	15	38	4	6	-	1	4	12	-	1	99	176
LARANJEIRAS DO SUL	619	1.057	245	276	20	37	1	50	22	36	-	3	907	1.459
PINHÃO	27	122	16	39	-	8	-	-	3	6	-	-	46	175
QUEDAS DO IGUAÇU	-	606	-	118	2	59	-	-	-	10	-	-	2	793
SUB.TOTAL	4.165	8.261	1.356	1.902	115	239	33	215	88	145	1	6	5.758	10.768
TOTAL/REGIÃO	5.483	9.888	1.511	2.324	210	332	33	242	114	195	1	9	7.352	12.990
TOTAL ESTADO	97.976	447.547	26.317	79.985	2.055	10.319	2.593	30.984	2.908	7.281	12	574	131.861	573.690

FONTE: COPEL- Informe Estatístico Anual - 1970/1974

TABELA 4.5.3 (6) ENERGIA ELÉTRICA - ATENDIDA PELA COPEL 1970/1974 - CONSUMO DE ENERGIA

MUNICÍPIOS	(em KWh)																	
	RESIDENCIAL		COMERCIAL		INDUSTRIAL		RURAL		ILUM. PUBL./POD. PUBL.		PRÓPRIO		TOTAL		POPULAÇÃO		CONSUMO P/CAPITA	
	1970	1974	1970	1974	1970	1974	1970	1974	1970	1974	1970	1974	1970	1974	1970	1974	1970	1974
PRUDENTÓPOLIS	-	599.250	-	277.840	-	786.760	-	-	-	303.350	-	-	-	1.967.200	35.100	37.900	-	51.90
SCB-TOTAL	-	599.250	-	277.840	-	786.760	-	-	-	303.350	-	-	-	1.967.200	35.100	37.900	-	-
PIYANGA	-	654.031	-	385.505	-	285.223	-	46.020	-	441.597	-	4.000	-	1.814.376	64.500	78.100	-	23,23
PALMITAL	-	135.448	-	144.046	-	27.500	-	1.180	-	122.487	-	1.000	-	431.641	29.700	36.300	-	11,92
MANOEL BIRAB	-	88.540	-	56.044	-	23.052	-	3.720	-	130.510	-	-	-	301.886	12.700	15.000	-	20,13
SCB-TOTAL	-	878.019	-	585.615	-	333.775	-	50.926	-	694.594	-	5.000	-	2.547.923	106.900	129.300	-	19,71
GUARAPUAVA	2.986.096	6.305.531	3.307.575	5.982.795	4.197.540	13.314.470	145.459	553.941	1.231.604	3.254.010	-	80.000	11.868.274	29.590.727	111.900	131.400	106,06	224,85
INACIO MARTINS	48.950	69.306	12.145	36.009	4.300	31.859	-	12.480	51.594	146.311	-	-	116.989	333.965	7.800	8.600	15,00	19,27
LARANJEIROS DO SUL	495.809	1.061.939	723.914	1.253.170	350.179	983.188	5.123	40.801	212.782	851.216	-	7.000	1.767.807	4.197.314	39.500	44.200	44,75	94,58
PINEIÃO	4.936	92.785	10.532	79.384	-	184.010	-	-	15.914	36.220	-	-	31.382	394.399	20.500	23.400	1,53	14,85
QUEBRAS DO IG.	-	375.099	-	409.779	-	15.351.326	-	1.880	-	1.004.234	-	-	-	17.142.320	11.400	12.700	-	1346,79
SCB-TOTAL	3.535.791	7.904.640	4.034.164	7.781.137	4.532.019	29.866.853	150.582	609.102	1.511.894	5.391.993	-	87.000	13.784.452	51.660.725	191.100	220.500	72,13	234,25
TOTAL REGIÃO	3.535.791	9.381.809	4.034.164	8.644.592	4.532.019	31.007.388	150.582	640.022	1.511.894	6.389.937	-	92.000	13.784.452	56.175.848	333.190	387.700	51,37	144,90
TOTAL ESTADO	92.878.983	517.032.000	83.013.415	399.750.000	9.818.950	854.668.000	12.181.229	69.212.000	62.235.962	328.277.000	263.588.074	10.200.000	594.256.598	2.179.139.000	6.997.700	8.168.000	84,92	266,79

FONTE: COPEL - INF. ESTATÍSTICO ANUAL - 1970/74

TABELA 4.5.3 (a) DISTRIBUIÇÃO DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA POR CLASSES - 1975*

MUNICÍPIOS Classes de Consumo	PRUDENTÓPOLIS		GUARAPUAVA		LARANJ. DO SUL		INÁCIO MARTINS		PIRIBÓ		QUEDAS DO IGUAÇU		FITANGA		MANOEL RIBAS		PALMITAL		TOTAL DA REGIÃO	
	KWH	%	KWH	%	KWH	%	KWH	%	KWH	%	KWH	%	KWH	%	KWH	%	KWH	%	KWH	%
Residencial	499.340	33,8	6.550.383	21,3	1.324.419	27,4	70.678	11,3	97.186	21,6	656.091	3,3	666.010	34,6	96.630	27,1	163.922	35,8	10.174.879	16,6
Comercial	281.270	19,1	6.303.663	20,3	1.337.828	27,7	50.626	8,2	101.343	22,5	639.090	3,2	372.135	19,3	67.892	19,0	131.152	33,0	9.307.003	15,3
Rural	-	-	374.915	1,2	97.327	2,0	10.560	1,7	1.196	0,5	1.063	0,5	72.070	3,8	1.660	0,5	8.230	1,8	568.023	0,9
Industrial	488.060	33,1	13.618.166	44,4	1.369.205	28,4	309.034	50,3	202.198	44,8	17.296.788	86,3	265.346	13,8	55.470	15,5	49.300	10,7	33.653.767	55,3
Iluminação Pública	153.320	10,5	1.495.334	4,9	457.830	9,5	161.011	26,2	34.502	7,7	1.128.125	5,6	480.394	24,9	129.381	36,3	79.093	17,3	4.121.190	6,8
Edifícios Públicos	51.950	3,5	2.332.055	7,7	239.166	5,0	12.790	2,1	13.378	3,0	317.330	1,6	70.252	3,6	3.550	1,6	6.340	1,4	3.069.031	5,1
TOTAL	1.476.160	100	30.696.518	100	4.825.773	100	614.699	100	450.805	100	20.038.209	100	1.936.407	100	356.783	100	458.037	100	60.843.393	100

Fonte: COPEL

(* Até novembro de 1975)

No tocante ao consumo energético, variável mais importante que a primeira, a Região Plano apresentava 2,32% do total estadual em 1970 e 2,58% em 1974, sendo que em ambos os anos, a maior participação é a do consumo industrial, como era de se esperar.

Quanto ao consumo per-capita a Região apresenta índices inferiores à média estadual numa proporção de 5,28% e 45,69%, nos anos de 1970 e 1974, respectivamente.

Cabe observar que para qualquer análise através dos dados apresentados nas tabelas 4.5.3 (c) e 4.5.3 (d), deve ser levado em conta que no ano de 1970 a COPEL somente atendia os municípios de Guarapuava, Laranjeiras do Sul e Pinhão.

Deixa-se de fazer maiores comentários a tabela 4.5.3 (e) por não se possuir dados para o Estado para o ano 1975, assim como pelo fato dos mesmos não cobrirem os doze meses do ano, embora possa se verificar que apesar desse fato todas as categorias de consumo, superaram o ano anterior.

Sistema Existente

Conforme já se mencionou, todos os municípios da Região são atendidos pelo sistema energético da COPEL, concessionária exclusiva, exceto Guarapuava e Prudentópolis que recebem os serviços complementares das prefeituras locais, ambas em processo de absorção pela própria COPEL. Tudo indica que a COPEL mantém um eficiente sistema de atendimento, haja visto a potência instalada ser superior a consumida resultando num potencial efetivo destinado a fazer frente às futuras ampliações.

Por outro lado a Região é privilegiada em localização energética sendo dotada de 3 hidrelétricas, usina de Salto Osório, situada próximo ao município de Quedas do Iguaçu, com potência instalada de 34.500 KVA, a segunda é a pequena usina de Cavernoso, próximo ao município de Laranjeiras do Sul, com potência de 3.000 KVA e a terceira a usina de Rio dos Patos, próximo ao Município de Prudentópolis, com potência de 9.250 KVA. Uma parcela da energia gerada pelas usinas acima relacionadas é consumida pelos mu

nicípios da Região, através das seguintes sub-estações de operação:

Guarapuava	- 1 transformador com 9.375 KVA
Laranjeiras do Sul	- 2 transformadores com 1.000 KVA. Total: 2.000 KVA
Pitanga	- 1 transformador com 1.500 KVA
Quedas do Iguaçu	- 1 transformador com 2.500 KVA
Pinhão	- 2 transformadores com 1.000 KVA. Total: 2.000 KVA

f) Armazenagem

Tendo em vista a falta de melhor conhecimento da capacidade armazenadora do Estado do Paraná, as informações aqui a apresentadas, resultaram de um levantamento estimativo, ainda que se encontrem implícitas eventuais distorções a nível municipal, satisfa zem o propósito de oferecer uma visão aproximada da realidade.

Os dados deste levantamento estão demonstrados na tabela 4.5.3 (f), correspondendo a rede oficial de armazenagem das entidades: Rede Federal de Armazéns Gerais Ferroviários S.A.-AGEF, Companhia Brasileira de Armazenagem - CIBRAZEM, Instituto Brasileiro do Café- IBC, Cooperativas e Companhia Paranaense de Silos e Armazens- COPASA, não sendo incluídos os armazéns da Rede Ferroviária Federal S.A., por não constituírem uma unidade de estocagem propria mente dita, e sim movimentação de carga ferroviária.

Como se observa os municípios de Pitanga, Manoel Ribas, Palmital e Quedas do Iguaçu, pela fonte de dados utilizados, não registram a existência de nenhum armazém. Por outro lado, da ca pacidade estática instalada no Estado, o Município de Prudentópolis contava com 0,19% desta, sendo que 50% estão diretamente ligados a CIBRAZEM; 43% às cooperativas e 7% à particulares. Os municípios de Guarapuava, Inácio Martins, Laranjeiras do Sul e Pinhão. Conjunta - mente representavam em 1973, 2,05% da capacidade estadual, sendo que do total da área 58% estavam ligados às cooperativas; 39% às parti- culares e os 3% restantes entre CIBRAZEM e COPASA.

Como se pode observar na tabela 4.5.3 (f) as instituições com maior capacidade de armazenagem são as Cooperativas e as particulares. Isto devido aos estímulos financeiros, com juros subsidiados, destinados à ampliação do sistema de Ar- mazenagem das cooperativas e da grande expansão do setor priva- do.

Na Região operam 7 cooperativas de grande im- portância econômica, a saber:

- Cooperativa Agrícola de Cotia do Sul do Pa- raná, com sede em Campo Largo e entreposto em Guarapuava;

- Cooperativa Mista dos Ruralistas de Ponta Grossa Ltda -COMIL, sediada em Ponta Grossa, que conta com um armazém de estocagem em Guarapuava;

- Cooperativa dos Produtores Rurais do Sul do Paraná Ltda, antiga (AGROMATE) que conta com um entreposto nos municípios de Guarapuava e Inácio Martins, e atuando ainda nos demais municípios da Região exceto Quedas do Iguaçu;

- Cooperativa Agropecuária Mista de Laranjei- ras do Sul - sede em Laranjeiras do Sul extendendo sua área de atuação ao Município de Quedas do Iguaçu

- Cooperativa Agrária Mista de Entre Rios Ltda: AGRÁRIA, sediada em Entre Rios, distrito de Guarapuava, com entre- posto em Pinhão e atuando ainda nos municípios de Inácio Mar- tins, Palmital e Pitanga.

- Cooperativa Agrícola de Irati Ltda, sedia- da em Irati, com área de atuação em Prudentópolis e Inácio Mar- tins.

- Cooperativa Mista Agropecuária de Guarapu- va Ltda-CAMIG, que além da sede em Guarapuava, mantém ainda mais dois entrepostos, extendendo sua atuação aos municípios de Pal- mital, Pitanga, Pinhão e Inácio Martins.

Utilizando-se de uma referência, agora para 1975, verifica-se na tabela 4.5.3 (g) a oferta de armazenamento para a Região; salientando-se que a oferta estática de armazens

TABELA 4.5.3 (f) OFERTA DE ARMAZENAMENTO POR TIPO DE INSTITUIÇÃO - 1973

(em t)

Municípios				Cooperativas			GOPASA			PARTICULARES			TOTAL		
	AGEF	CIBRAZEM	IBC												
	Ensacado	Ensacado	Ensacado	Ensacado	Granel	Total	Ensacado	Granel	Total	Ensacado	Granel	Total	Ensacado	Granel	Total
PRUDENTÓPOLIS	-	5.500	-	4.700	-	4.700	-	-	-	855	-	855	11.055	-	11.055
PITANCA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MANOEL RIBAS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
PALMITAL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
GUARAPUAVA	-	-	-	27.200	-	27.200	5.000	-	5.000	46.624	18.000	64.624	78.824	18.000	96.824
INÁCIO MARTINS	-	-	-	3.000	55.000	58.000	-	-	-	570	-	570	3.570	55.000	58.570
LARANJEIRAS DO SUL	-	-	-	6.000	-	6.000	-	-	-	-	-	-	6.000	-	6.000
PINHÃO	-	-	-	4.500	-	4.500	-	-	-	-	-	-	4.500	-	4.500
QUEDAS DO IGUAÇU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL DA REGIÃO PLANO	-	5.500	-	45.400	55.000	100.400	5.000	-	5.000	48.049	18.000	66.049	103.949	73.000	176.949
TOTAL DO ESTADO	136.800	73.789	1.952.271	404.652	605.100	1.009.752	41.000	8.300	49.300	2.122.754	490.709	2.613.463	4.731.266	104.109	5.835.375

FONTE: Banco do Brasil - OCEPAR-CIBRAZEM-COPASA-AGEF

TABELA 4.5.3 (g)

ARMAZENAGEM POR UNIDADES ENCONTRADAS NA REGIÃO - 1975

OFERTAS POR TIPO DE ARMAZÉM

(em t)

TIPO DE ARMAZÉM	GUARAPUAVA		LARANJ.DO SUL		QUEDAS IGUAÇU		PINHÃO		PITANGA		PALMITAL		PRUDENTÓPILIS		TOTAL	
	Nº	CAPACIDADE ESTÁTICA	Nº	CAPACIDADE ESTÁTICA	Nº	CAPACIDADE ESTÁTICA	Nº	CAPACIDADE ESTÁTICA	Nº	CAPACIDADE ESTÁTICA	Nº	CAPACIDADE ESTÁTICA	Nº	CAPACIDADE ESTÁTICA	Nº	CAPACIDADE ESTÁTICA
Graneleiro	7	65.730	2	7.170	-	-	2	4.800	-	-	-	-	-	-	11	77.700
Convencional	24	55.916	-	-	-	-	2	4.080	2	240	4	1.253	2	7.480	34	68.969
Silo	3	19.780	2	4.500	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	24.280
Bateria	1	5.500	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5.500
Depósito	5	1.350	3	330	1	1.500	4	1.842	15	782	-	-	3	1.260	31	7.064
TOTAL	40	148.276	7	12.000	1	1.500	8	10.722	17	1.022	4	1.253	5	8.740	82	183.513

FONTE: Cadastro - CIBRAZEM

para grânéis é superior a oferta para ensacados.

Oferta de Armazenamento

A oferta de armazenamento na região resulta da somatória das redes de armazenamento de órgãos oficiais, cooperativas e particulares. Participam dessa composição, a Companhia Brasileira de Armazenamento-CIBRAZEM, a Rede Federal de Armazens Gerais Ferroviários S.A. AGEF, a Companhia Paranaense de Silos e Armazens-COPASA e a Rede da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná-OCEPAR.

Em termos absolutos e em 1973, a oferta global de armazenamento alcançava, aproximadamente, 176 mil de toneladas estáticas. Neste total as instituições ofertantes, apresentavam a seguinte participação em unidades próprias.

OFERTA GLOBAL DE ARMAZENAMENTO REGIÃO - 1973

INSTITUIÇÕES	(em t)	
	CAPACIDADE ESTÁTICA	%
CIBRAZEM	5.500	3,2
COOPERATIVAS	100.400	56,7
COPASA	5.000	2,8
PARTICULARES	66.049	37,3
TOTAL	176.949	100,0

FONTE: TABELA 4.5.3 (f)

A estimativa de participação das instituições demonstra que a contribuição do setor público na oferta de armazenamento é praticamente insignificante revelando entretanto um a diantamento das demais instituições (Setor Privado e Cooperativas).

Demanda por armazenagem

Para a formação da demanda interna de armazenagem, contribuem significativamente os seguintes produtos: amendoim, arroz, feijão, milho, trigo e soja.

A análise da demanda da Região por armazenagem revela que esta se constituiria fundamentalmente de produtos agrícolas tradicionais, com especial destaque para soja, trigo e milho.

A demanda atual por armazenamento, determinada na região, considerou as parcelas armazenáveis de cada produto. Foram utilizados os dados sobre a oferta agrícola apresentados no item 4.4.3, tabelas 4.4.3 (h) a 4.4.3 (m) e adotados os parâmetros utilizados pela Secretaria de Agricultura do Estado do Paraná⁷, a saber:

- Para o milho, tomou-se como armazenável a parcela de 50% em todos os municípios, dado que a atividade criatória de suínos absorve um contingente substancial da produção.

- Para o trigo, soja, amendoim, considerou-se a produção integralmente armazenável, em todos os municípios.

- Para o feijão e arroz, estimou-se como armazenável 80% da produção, inferindo-se em todos os municípios, uma retenção de 20% para consumo nas propriedades,

- Para a formação da demanda de armazenagem a granel, foram admitidos o milho, soja e o trigo.

Com base nestes critérios, foram estimados os valores da produção total armazenável a granel e ensacado conforme tabela abaixo.

ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO TOTAL ARMAZENÁVEL, A GRANEL E ENSACADOS - 1973 (em toneladas)

GRANEL	265.004
ENSACADOS	71.136
TOTAL	336.140

⁷ Contribuição para o Plano Diretor de Desenvolvimento da Agricultura do Estado do Paraná-1975/79, Secretaria da Agricultura do Estado do Paraná, Vol.5 Curitiba, fevereiro 1975.

Compatibilização entre Oferta e Demanda

Examinando do ponto de vista quantitativo e dinâmico, a oferta total de armazenamento existente em 1973 alcançava aproximadamente 177 mil toneladas, considerando que a demanda global nesse ano atinge o montante de 336 mil toneladas. Tem-se que, em termos absolutos a demanda excede a oferta em 159 mil toneladas.

Sendo que o déficit observado resulta de pouca oferta na rede de granel, visto que na rede de ensacados há uma oferta total superior a demanda em 33 mil.

Com efeito, a demanda por armazenagem a granel apresentava em 1973, um déficit equivalente a 193 mil toneladas, sendo considerados formadores da procura apenas o milho, o soja e o trigo.

Um balanço entre a existência e os requerimentos de armazenagem a granel reflete, de modo generalizado, acentuadas deficiências em todos os municípios da região, sendo que somente o município de Inácio Martins apresentou superavit. Ocorrendo em Prudentópolis, Pitanga, Palmital, Manoel Ribas, Laranjeiras do Sul, Pinhão e Quedas do Iguaçu, déficit de 100%. A rigor, assinala-se a deficiência generalizada de armazenagem granelizada.

Entretanto a oferta de armazenamento da Companhia Brasileira de Armazenamento-CIBRAZEM que em 1973 era de apenas uma unidade convencional com capacidade para 5.500 t., no município de Prudentópolis, passaria a atender com 2 (duas) unidades, com capacidade estática de 7.480 toneladas. Passando então em termos de região a oferta em torno de 82 unidades físicas com capacidade estática total de 183.513, para o ano de 1975, conforme dados apresentados na tabela 4.5.3 (g).

Convém salientar que para 1975, devido as dificuldades encontradas, foi só possível levantar dados da oferta de armazenamento na Companhia Brasileira de Armazenamento-CIBRAZEM.

Na tabela 4.5.3 (h) que indica a nível de município os saldos (negativos ou positivos) determinados pelo confronto entre as necessidades e disponibilidades, possibilita a identificação de municípios parciais ou totalmente desprovidos de infra-estrutura de armazenamento.

TABELA 4.5.3 (h)

OFERTA E DEMANDA DE ARMAZENAMENTO - 1973

° (em t)

Municípios	Demanda por Armazenamento			Oferta de Armazenamento			Déficits ou Superavits		
	Ensacado	Granel	Total	Ensacado	Granel	Total	Ensacado	Granel	Total
Prudentópolis	2.863	13.502	16.365	11.055	-	11.055	+ 8.192	- 13.502	- 5.310
Pitanga	8.296	46.676	54.972	-	-	-	- 8.296	- 46.676	- 54.972
Palmital	5.201	33.525	38.726	-	-	-	- 5.201	- 33.525	- 38.726
Manoel Ribas	1.807	14.229	16.036	-	-	-	- 1.807	- 14.229	- 16.036
Guarapuava	29.316	84.457	113.773	78.824	18.000	96.824	+49.508	- 66.457	- 16.949
Laranj. do Sul	7.556	41.896	49.452	6.000	-	6.000	- 1.556	- 41.896	- 43.452
Inácio Martins	411	2.342	2.753	3.570	55.000	58.570	+ 3.159	+ 52.658	+ 55.817
Pinhão	12.018	21.221	33.239	4.500	-	4.500	- 7.518	- 21.221	- 28.739
Quedas do Iguaçu	3.668	7.156	10.824	-	-	-	- 3.668	- 7.156	- 10.824
TOTAL REGIÃO	71.136	265.004	336.140	103.949	73.000	176.949	+32.813	-192.004	-159.191

FONTE: Demanda processada a partir das tabelas 4.4.3 (h) a 4.4.3 (m) (setor primário)
Oferta tabela 4.5.3 (f)

TABELA 4.5.3 (i)

ESTIMATIVA DO VOLUME DE ÁGUA PRODUZIDA - SANEPAR

(em m³/Mês)

Municípios	1973			1974			1975			1980		
	VOLUME	POP.URB.	DISP.MENSAL P/CAPITA	VOLUME	POP.URB.	DISP.MENSAL P/CAPITA	VOLUME	POP.URB.	DISP.MENSAL P/CAPITA	VOLUME	POP.URB.	DISP.MENSAL P/CAPITA
PRUDENTÓPOLIS	-	7.300	-	-	7.500	-	-	7.700	-	30.113	8.700	3,46
MANOEL RIBAS	-	800	-	-	800	-	-	900	-	2.019	1.300	1,55
PITANGA	-	7.200	-	-	7.800	-	-	8.300	-	21.048	11.900	1,77
PALMITAL	-	2.100	-	-	2.200	-	2.607	2.400	1,09	3.047	3.300	0,92
GUARAPUAVA	106.011	54.500	1,94	108.774	58.100	1,87	110.787	61.900	1,79	116.963	81.300	1,44
QUEDAS DO IGUAÇU	-	800	-	-	800	-	2.248	900	2,50	3.227	1.200	2,69
INÁCIO MARTINS	-	1.100	-	-	1.200	-	-	1.200	-	3.477	1.800	1,93
LARANJ.DO SUL	-	7.200	-	16.589	7.700	2,15	17.622	8.100	2,18	22.252	11.600	1,92
PINHÃO	-	4.000	-	-	4.300	-	-	4.600	-	6.033	6.000	1,01
TOTAL DA REGIÃO PLANO	106.011	85.000	1,25	125.363	90.400	1,39	133.264	96.000	1,39	208.179	127.100	1,64
TOTAL DO ESTADO	10.788.098	2.972.900	3,63	11.711.601	3.121.800	3,75	12.518.738	3.274.400	3,82	15.524.082	4.089.800	3,80

PONTE: Volume SANEPAR.

População COPEL - Projeção da População Paranaense por Municípios e Micro-Regiões Homogêneas-Hipótese Média (não publicado).

g) Rede de Saneamento Básico

A tabela 4.5.3 (i) apresenta uma estimativa da Companhia Paranaense de Saneamento-SANEPAR sobre a disponibilidade de água em m³/mês, por habitantes, de 1973 até 1980 para os municípios pertencentes a Região Plano. Como se observa nesta estimativa consta que a partir de 1974 Laranjeiras do Sul passaria a contar com o abastecimento de água e em 1975 seriam incorporadas à rede mais os municípios de Palmital e Quedas do Iguaçu, sendo que até 1980 prevê-se que toda a Região esteja atendida pela SANEPAR. Ao que parece, no entanto, esta programação foi alterada e acha-se em atraso, pois, segundo o relatório de atividades de 1974 dessa Companhia, as obras no município de Laranjeiras do Sul, no final daquele exercício, ainda achavam-se em licitação e em andamento no município de Prudentópolis, o qual inclusive nem constava da programação anual. Assim sendo, até o momento somente os municípios de Guarapuava e Prudentópolis, dentro da Região Plano, são atendidas com abastecimento de água pela SANEPAR.

Com intuito de se estimar o déficit no número de edificações atendidas com abastecimento de água, partiu-se da hipótese que todas as edificações das sedes municipais sejam possuidoras de ligações elétricas, e com os dados levantados na SANEPAR, referentes às ligações de água, pode-se chegar a uma estimativa do percentual das edificações atendidas pela rede de água, conforme tabela 4.5.3 (j). Os dados mais recentes que se obteve são de novembro de 1975, e até aquela data Guarapuava, único município atendido pela SANEPAR, apresentava um déficit de 53% no número de edificações, ou seja do total das edificações que possuem os serviços de energia elétrica apenas 47% são também atendidas pela SANEPAR.

Cabe observar ainda que os dados tomados para o cálculo do percentual das edificações atendidas com rede de água foram referentes à "economias existentes", uma vez que este item representa o número de unidades realmente atendidas com este benefício, já que no caso de um edifício existe uma ligação que atende duas ou mais unidades consumidoras, seja ela residencial ou não.

TABELA 4.5.3 (j)

REDE DE ÁGUA E ESGOTO

ÁGUA/ESGOTO/EDIFICAÇÕES	GUARAPUAVA	
	JANEIRO/75	NOVEMBRO/75
<u>ATENDIMENTO ÁGUA</u>		
LIGAÇÕES CADASTRADAS	3.655	4.046
LIGAÇÕES CADASTRADAS C/HIDRÔMETRO	2.322	2.753
LIGAÇÕES CADASTRADAS S/HIDRÔMETRO	1.333	1.293
ECONOMIAS EXISTENTES (1)	3.755	4.138
ECONOMIAS DOMICILIARES C/HIDRÔMETRO	2.419	2.848
ECONOMIAS DOMICILIARES S/HIDRÔMETRO	1.336	1.290
CONSUMO MÉDIO (m ³)	55.391	56.458
CONSUMO FATURADO	94.362	100.255
REDE EXISTENTE (M)	-	82.718
<u>ESGOTO</u>		
LIGAÇÕES	-	-
ECONOMIAS	-	-
REDE ESGOTO EXISTENTE (M)	-	38.000
<u>EDIFICAÇÕES (2)</u>		
<u>NÚMERO DE EDIFICAÇÕES</u>	-	8.722
(1) / (2) %	-	47

FONTE: ÁGUA/ESGOTO/SANEPAR

EDIFICAÇÕES/COPEL

Na parte relativa a esgotos, existe programa de atendimento para o município de Laranjeiras do Sul, cujas obras estão em licitação. No município de Prudentópolis as obras de implantação de redes, estão em andamento, enquanto o município de Guaruapuava detem o melhor serviço já que 40% da rede coletora de esgotos sanitários foram executados, sendo a rede existente no quadro urbano de 38.000 m. Realiza-se também a implantação de coleta e tratamento de esgotos, tendo-se em vista que se constitui numa importantíssima contribuição aos esforços destinados a combater a poluição das águas.

Serviços de água - Abastecimento e Déficit

A implantação adequada dos serviços de abastecimento de água, sem dúvida, exerce influência inegável na melhoria dos padrões de saúde das comunidades beneficiadas, principalmente mediante o controle e prevenção de doenças, bem como a criação de condições para o desenvolvimento de hábitos higiênicos e melhoria do conforto e segurança coletiva. Pode-se aquilatar também a importância econômica do abastecimento de água, a partir do aumento de vida média das populações servidas e da diminuição da mortalidade infantil. Deve-se enfatizar, por outro lado, que o abastecimento de água é efetuado de forma irregular e precária, evidenciando, com isto, a necessidade de investimentos para a recuperação e atualização dos sistemas. Os danos causados às populações e a economia da região como resultante de tal situação são claramente evidenciados.

Na falta de informações mais atualizadas serão utilizados os dados de 1970, constante da tabela 4.5.3 (k), na tentativa de arrancar das mesmas algumas apreciações preliminares.

Desta maneira se constata que os municípios da região dispõem de precários atendimentos, sendo que os déficits relativos aos 8 municípios estudados, oscilam dentro da larga margem de 79,2% à 99,4%, esta última constatada em Palmital.

TABELA 4.5.3 (k) PRÉDIOS ABASTECIDOS DE ÁGUA-DÉFICIT RELATIVO
1970

REGIÃO PLANO

Municípios	PRÉDIOS EXISTEN TES	PRÉDIOS ABASTECIDOS		DÉFICIT RELATIVO	
		Nº	%	Nº	%
PRUDENTÓPOLIS	8.214	307	3,7	7.907	96,3
GUARAPUAVA	25.018	3.415	13,7	21.603	86,3
LARANJEIRO DO SUL	7.872	763	9,7	7.109	90,3
INÁCIO MARTINS	1.930	129	6,7	1.801	93,3
PINHÃO	4.221	54	1,3	4.167	98,7
QUEDAS DO IGUAÇU	2.180	74	3,4	2.106	96,6
PITANGA	14.588	244	1,7	14.344	98,3
PALMITAL	5.777	34	0,6	5.743	99,4
MANOEL RIBAS	159	33	20,8	126	79,2
TOTAL REGIÃO	69.959	5.053	7,2	64.906	92,8
TOTAL PARANÁ	1.587.398	327.218	20,6	1.260.180	79,4

FONTE: Censo Predial - 1970

Serviços de Esgotos - Abastecimento e Déficit

No que diz respeito ao atendimento de esgotos sanitários a Região ressen-te-se de melhores cuidados, confor-me da dos também de 1970, apresentados na tabela 4.5.3 (L), onde se constata que os municípios da Região possuem déficits que oscilam na margem de 29,8% a 88,2%. Sendo que o município de Guara-puava apresentava o melhor atendimento, com um déficit apenas de 29,8% cabendo entretanto ao município de Palmital, o mais precário atendimento, com um déficit de 88,2%, seguido por Manoel Ribas com 87,4%.

Salientamos ainda que para 69.959 prédios existentes 34.497 (49,3%) possuem instalações sanitária (fossa séptica, fossa rudimentar, etc.) sendo que o restante não possui qualquer atendimento, lembrando ainda que segundo os dados apresentados os municípios não possuíam ligação à rede geral e que dados mais recentes não foram conseguidos na SANEPAR dada a limitação de prazo.

4.5.4 INFRA-ESTRUTURA DE SERVIÇOS

a) Serviços Telefônicos

No Paraná o telefone chegou com a Companhia Telefônica Nacional, há cerca de trinta anos. Foram atendidas muitas cidades do norte velho, além da capital e das cidades litorâneas, mas o sistema implantado não evoluiu paralelamente ao desenvolvimento estadual. Tal fato, com o correr dos anos, motivou a formação de Companhias Telefônicas isoladas que procuravam atender, de qualquer forma, a sempre crescente necessidade de comunicações.

Paralelamente à formação de uma política de Telecomunicações no Brasil, o Paraná elaborou em 1964 seu Plano Diretor de Telecomunicações.

Foi fundada a TELEPAR, Companhia de Economia Mista, com a finalidade de diagnosticar e resolver dentro dos padrões nacio-

TABELA 4.5.3 (L) PRÉDIOS ESGOTADOS-DÉFICIT RELATIVO
REGIÃO PLANO

MUNICÍPIOS	PRÉDIOS EXISTENTES	PRÉDIOS ESGOTADOS		DÉFICIT RELATIVO	
		Nº	%	Nº	%
PRUDENTÓPOLIS	8.214	3.685	44,9	4.529	55,1
GUARAPUAVA	25.018	17.575	70,2	7.443	29,8
LARANJ.DO SUL	7.872	4.196	53,3	3.676	46,7
INÁCIO MARTINS	1.930	1.105	57,3	825	42,7
PINHÃO	4.221	1.592	37,7	2.629	62,3
QUEDAS DO IGUAÇU	2.180	771	35,4	1.409	64,6
PITANGA	14.588	4.870	33,4	9.718	66,6
PALMITAL	5.777	683	11,8	5.094	88,2
MANOEL RIBAS	159	20	12,6	139	87,4
TOTAL/REGIÃO	69.959	34.497	49,3	35.462	50,7
TOTAL/PARANÁ	1.587.398	910.335	57,3	677.063	42,7

FONTE: FIBGE - Censo Predial - 1970

nais e internacionais, os problemas de Telecomunicações do Estado.

A Telepar elaborou em 1968 um Plano Diretor para a configuração final de seu sistema, estabelecendo as características operacionais básicas e estimando numa primeira aproximação as demandas urbanas e interurbanas dos serviços telefônicos. Tal plano foi denominado Plano das Redes Integradas porque as cidades foram agrupadas em torno de centros regionais e cada um destes grupos passou a ser chamado de uma Rede Integrada.

Da configuração do sistema e das provisões de demanda saiu naturalmente a Divisão do Sistema Estadual de Telecomunicações nas seguintes partes:

1- Sistema Telefônico de Curitiba representando cerca de 45% e 35% das demandas telefônicas urbanas e interurbanas do Estado, respectivamente.

2- Sistema Básico, formado por um anel de microondas de alta capacidade, atendendo as 30 maiores cidades do Estado que constituem os centros regionais ou centro das Redes Integradas. O Sistema Básico inclui as centrais de trânsito que permitirão a discagem direta à distância (DDD) de todas as cidades do Paraná onde tais serviços forem viáveis. Verificou-se que todas as cidades do Sistema Básico deveriam operar em DDD e que nele se localizam 40% e 50% das demandas telefônicas urbanas e interurbanas do Estado, respectivamente.

3- Sistema Complementar, constituído por 259 municípios do interior nos quais se localizam 15% das demandas telefônicas urbanas e interurbanas do Paraná. É fácil ver que o Sistema Complementar embora grande em termos de cidades e de trabalho de implantação, representa uma parcela pequena da demanda dos serviços de Telecomunicações e por isso mesmo, não poderia ser implantado prioritariamente.

Em 1974, depois de ter atingido 100.000 telefones no Paraná, a Telepar se prepara para cumprir a tarefa que lhe foi destinada pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento, qual seja, a de atender até 1978, a toda a demanda telefônica do Estado.

Nesta etapa, todas as sedes municipais, e mais os distritos com demanda superior a 50 terminais, serão beneficia-

dos com serviços telefônicos urbano e interurbano. Será, também iniciada a implantação de telefonia móvel e rural, nas áreas onde for técnica e economicamente viável, sendo que as obras serão realizadas basicamente em 1976 e 1977 atendendo a demanda para 1978

É importante lembrar que dentro dos programas preconizados, o atendimento das cidades do Sistema Complementar será feito dividindo-as em dois grupos. O primeiro, onde cada cidade tem demanda inferior a 250 linhas e o segundo, contendo todas as cidades na faixa de demanda de 100 a 250 terminais. O primeiro grupo terá os serviços DDD e o segundo terá interurbano em discagem direta operacional (DDO). Tal decisão foi fruto de um completo estudo de rentabilidade que a Empresa elaborou demonstrando que o DDD não é viável economicamente em cidades com demanda inferior a 250 terminais. Para os municípios que não possuem a demanda mínima exigida de 100 terminais, e por isso não incluídas nos planos de obras, a TELEPAR poderá realizar os serviços de interligação interurbana desde que as municipalidades subsidiem os investimentos e arquem com pelos menos parte da operação dos serviços.

No final da fase 1975, a densidade telefônica será de 3,50 telefones para cada 100 habitantes tomando-se apenas a população urbana, ou de 1,38 para a população total do Estado.

Para o final da fase 1978, haverá grande evolução passando esse índice para 6,44 telefones para 100 habitantes tomando-se apenas a população urbana e de 2,63 para a população total do Estado.

Na região o atendimento basicamente é feito através de 2 centros de trânsito classe III, o primeiro em Irati que atende ao Município de Prudentópolis e o segundo em Guarapuava, atendendo Laranjeiras do Sul, Pitanga e Inácio Martins. Estes centros de trânsito, constituem os chamados centros de Rede Integrada, apenas estes centros possuirão serviço de mesa telefônica, atendendo todos os centros locais a ele conectados.

Os centros com 200 ou mais terminais terão atendimento DDD e serão conectados diretamente ao centro de trânsito

sito. Os demais centros serão conectados à mesa interurbana do centro de Rede Integrada.

Características do Sistema Encontrado na Região

As centrais de trânsito de Guarapuava são do modelo SESA-PC-1000B, com capacidade total de atendimento de 1.500 terminais, sendo que atualmente o sistema opera com 1.462 terminais. Já os municípios conectados por esta central possuem os seguintes sistemas: Laranjeiras do Sul e Inácio Martins possuem como capacidade da estação 300 e 20 terminais, encontrando-se em operação 195 e 17, respectivamente. O município de Pitanga possui apenas posto de serviço.

Relações telefone/habitantes e telefone/renda

Apesar de constituir-se num dos Estados líderes em termos de DDD, com aproximadamente 30% das cidades brasileiras integradas neste sistema, o Paraná quando comparado tanto com a média brasileira como de alguns de seus principais estados, verifica-se através dos indicadores constantes nas tabelas abaixo, que o Estado se encontra aquém dessas médias, com acentuada defasagem

RELAÇÕES TELEFONES/POPULAÇÃO _ 1970

	BRASIL	S. PAULO	M. GERAIS	PARANÁ	R. G. SUL
Nº DE TERMINAIS (A)	1.444.862	609.012	151.652	44.618	62.422
POPULAÇÃO URBANA (B) (EM 1.000 HAB.)	52.109	14.276	6.063	2.502	3.556
POPULAÇÃO TOTAL (C) (EM 1.000 HAB)	93.215	17.776	11.497	6.937	6.670
RELAÇÃO (A) / (B)	27,7	42,7	25,0	17,8	17,6
RELAÇÃO (A) / (C)	15,5	34,3	13,2	6,43	9,36

FONTE: FIBGE

RELAÇÕES TELEFONES / RENDA INTERNA - 1970

	BRASIL	S. PAULO	M. GERAIS	PARANÁ	R. G. SUL
Nº TERMINAIS (A)	1.444.862	609.012	151.652	44.618	62.422
RENDA INTERNA (B) (EM CR\$ 1.000.000)	103.683	37.023	10.245	7.081	8.964
RELAÇÃO (A) / (B)	13,9	16,4	14,8	6,3	7,0

FONTE: FIBGE/ FGV

Convém salientar ainda que apesar desse fato a média brasileira que é de 27,7 telefones por 1.000 habitantes urbanos está bastante abaixo dos níveis recomendados pela Organização das Nações Unidas-ONU, ou seja 34,8 telefones por 1.000 habitantes.

b) Serviço Postal e Telegráfico

MUNICÍPIOS	Código de Endereçamento Postal	Classificação AGÊNCIA	Valor Objeto MENSAL
GUARAPUAVA	85.100	APT	28.000
LARANJEIRAS DO SUL	85.300	APT	5.000
INÁCIO MARTINS	84.520	PC	-
PINHÃO	85.170	PC	-
QUEDAS DO IGUAÇU	85.300	PC	-
PITANGA	85.200	APF	1.800
PALMITAL	85.270	PC	-
MANOEL RIBAS	85.260	PC	-
PRUDENTÓPOLIS	84.400	APT	7.000

FONTE: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

OBS: APT - Agência Postal Telegráfica

APF - Agência Postal Telefônica

PC - Posto de Correio

A situação da Região quanto aos aspectos de comunicação, através dos serviços de correios e telégrafos, é bastante deficiente, apesar de todos os municípios da Região contarem com a gências da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. As categorias são bastante diversificadas, compreendendo desde agências bem aparelhadas com grande fluxo de correspondências, caso do município de Guarapuava, que opera com telegramas através de teletipos os quais permitem comunicação rápida e eficiente com centros de maior importância, até a simples balcões postais ou postos de correio, que operam somente com cartas simples e registrada, caso específico de Pal mital, Manoel Ribas, Inácio Martins, Pinhão e Quedas do Iguaçu.

Prevê-se que o telex, os telegramas fonados e outros recursos, venham a se constituir em elementos indutores da e ficácia dos Serviços prestados pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

c) Serviços de Rádio e Difusão

Os municípios da Região Plano. são carentes de serviços de divulgação e cultura. Guarapuava, segundo dados da FIBGE para 1974 é o melhor servido no que diz respeito a jornais, emissoras de radiodifusão e cinemas.

Os municípios que integram a Região não possuem canal de televisão, porém, em sua maioria captam regularmente trans missões de Programas da TV Iguaçu-Canal 4 e TV Paranaense-Canal 12 de Curitiba, TV Esplanada-Canal 7 de Ponta Grossa e TV Tibagi-Canal 11 de Apucarana, através da estação repetidora de Guarapuava.

Os recursos de comunicações que efetivamente são utilizados na Região apresentavam a seguinte situação: às estações de rádior difusão, em número de 4: 3 em Guarapuava e 1 em Laranjeiras do Sul; os jornais não diários: 2 em Guarapuava e 1 em Prudentópolis; e no que diz respeito a cinemas a Região contava com 10: 3 em Guarapuava, 2 em Quedas do Iguaçu e 1 nos seguintes municípios: Pru dentópolis, Laranjeiras do Sul, Pinhão, Pitanga e Palmital.

Compatibilização da Oferta e Demanda dos Ser-
viços de Comunicações (telefones)

Dados utilizados:

Densidade/100 hab = $\frac{\text{nº de terminais}}{\text{população urbana}} \times 100$

Atendimento/Oferta = terminais em serviço

Demanda = provável mercado existente numa determi-
nada época.

As tabelas 4.5.4 (a) à 4.5.4 (f) mostram a evolu-
ção do atendimento e da demanda por terminais (Nº de linhas) na Re-
gião Plano, apresentando a situação encontrada de 1970 a 1975.

Na Região em 1970 a Companhia Paranaense de Tele-
comunicações-TELEPAR, atendia somente 3 municípios: Guarapuva, La-
ranjeiras do Sul e Inácio Martins, sendo que em 1975 passou a aten-
der 5 municípios com a inclusão de Prudentópolis e Pitanga. Sendo
que Guarapuava teve um crescimento no atendimento de 1970 para 1975
de 27,5% passando de 547 terminais telefônicos disponíveis em 1970
para 1.982 em 1975, o que permitiu a passagem da relação telefone/ha-
bitante de 1,36 para 3,69.

Por outro lado, vemos que todos os municípios pos-
suem uma demanda bem maior do que a oferta de terminais em serviço,
ocasionando uma demanda insatisfeita em todos os municípios. Assim
tem que a demanda por telefones na região, superava o atendimento em
1970 em 1.782 terminais, caindo em 1975 para 1.433 terminais.

Salientamos ainda que o nº de terminais existen-
tes na região que em 1970 representava 2,1% do total do Estado, pas-
sou em 1975 para 2,7%, enquanto que a demanda declinou de 2,7% pa-
ra 2,5%.

TABELA 4.5.4 (a) — COMPATIBILIZAÇÃO DA OFERTA E DEMANDA DE SERVIÇOS TELEFÔNICOS

REGIÃO PLANO - 1970 (*)

MUNICÍPIO	MICRO- REGIÃO	Atendimento		Demanda		Nº DE CENTRAIS
		Nº DE TERM. EXIST.	DENS./100 HAB.	Nº DE TERMI- NAIS	DENS. / 100 HAB.	
Prudentópolis	276	-	-	189	2,88	-
Pitanga	287	-	-	97	2,23	-
Palmital	287	-	-	23	2,34	-
Manoel Ribas	287	-	-	18	3,06	-
Guarapúava	290	547	1,36	1.440	3,69	1
Inácio Martins	290	8	0,81	25	2,52	1
Laranjeiras do Sul	290	121	2,50	235	4,86	1
Quedas do Iguaçu	290	-	-	26	3,96	-
Pinhão	290	-	-	28	1,63	-
Total do Estado **	-	57.000	2,17	110.591	4,21	-

FONTE: TELEPAR

* em 31.12.70

** inclui além da TELEPAR as outras componentes do ramo

TABELA 4.5.4 (b) - COMPATIBILIZAÇÃO DA OFERTA E DEMANDA DE SERVIÇOS TELEFÔNICOS

REGIÃO PLANO - 1971 *

MUNICÍPIOS	MICRO REGIÃO	ATENDIMENTO		DEMANDA		Nº DE CENTRAIS
		Nº DE TERM. EXIST.	DENS/100 HAB.	Nº DE TERMINAIS	DENS./100 HAB.	
PRUDENTÓPOLIS	276	-	-	210	3,19	-
PITANGA	287	1**	-	104	2,19	1
PALMITAL	287	-	-	26	2,40	-
MANOEL RIBAS	287	-	-	19	3,23	-
GUARAPUAVA	290	547	1,28	1.599	3,74	1
INÁCIO MARTINS	290	11	1,02	27	2,50	1
LARANJEIRAS DO SUL	290	128	2,41	258	4,86	1
QUEDAS DO IGUAÇU	290	-	-	31	4,33	-
PINHÃO	290	-	-	32	1,70	-
TOTAL-ESTADO***		68.500	2,48	124.526	4,51	-

FONTE: TELEPAR

* 31.12.71

** P.S. Posto de Serviço

*** Inclui além da TELEPAR as outras Companhias do ramo

TABELA 4.5.4 (c) - COMPATIBILIZAÇÃO DA OFERTA E DEMANDA DE SERVIÇOS TELEFÔNICOS

REGIÃO PLANO - 1972*

MUNICÍPIOS	MICRO REGIÃO	ATENDIMENTO		DEMANDA		Nº DE CENTRAIS
		Nº DE TERM. EXIST.	DENS./100 HAB.	Nº DE TERMI NAIS	DENS./100 HAB.	
PRUDENTÓPOLIS	276	-	-	233	3,52	-
PITANGA	287	1**	-	112	2,16	1
PALMITAL	287	-	-	29	2,42	-
MANOEL RIBAS	287	-	-	20	3,40	-
GUARAPUAVA	290	548	1,20	1.774	3,90	1
INÁCIO MARTINS	290	13	1,10	30	2,54	1
LARANJEIRAS DO SUL	290	127	2,18	284	4,89	1
QUEDAS DO IGUAÇU	290	-	-	37	4,76	-
PINHÃO	290	-	-	36	1,75	-
TOTAL-ESTADO***		28.737.800	2,54	140.216	4,84	-

FONTE: TELEPAR

* Em 31.12.73

** P.S.- Posto Serviço

*** Inclui além da TELEPAR as outras Companhias do ramo

TABELA 4.5.4 (d) - COMPATIBILIZAÇÃO DA OFERTA E DEMANDA DE SERVIÇOS TELEFÔNICOS
REGIÃO PLANO - 1973*

MUNICÍPIOS	MICRO REGIÃO	ATENDIMENTO		DEMANDA		Nº DE CEN- TRAIS
		Nº DE TERM. EXIST.	DENS./100 HAB.	Nº DE TERMI- NAIS	DENS./100 HAB.	
PRUDENTÓPOLIS	276	101	1,48	259	3,90	1
PITANGA	287	1**	-	121	2,16	1
PALMITAL	287	-	-	32	2,43	-
MANOEL RIBAS	287	-	-	21	3,57	-
GUARAPUAVA	290	1.405	2,91	1.970	4,09	1
INÁCIO MARTINS	290	17	1,33	33	2,57	1
LARANJEIRAS DO SUL	290	189	3,00	313	4,95	1
QUEDAS DO IGUAÇU	290	-	-	43	5,11	-
PINHÃO	290	-	-	41	1,83	-
TOTAL-ESTADO ***		820.000	2,69	157.884	5,19	-

FONTE: TELEPAR

* Em 31.12.73

** P.S.- Posto Serviço

*** Inclui além da TELEPAR as outras Companhias do ramo

TABELA 4.5.4 (e) - COMPATIBILIZAÇÃO DA OFERTA E DEMANDA DE SERVIÇOS TELEFÔNICOS

REGIÃO PLANO - 1974*

MUNICÍPIOS	MICRO REGIÃO	ATENDIMENTO		DEMANDA		Nº DE CÊN- TRAIS
		Nº DE TERM. EXIST.	DENS./100 HAB.	Nº DE TERMI NAIS	DENS./100 HAB.	
PRUDENTÓPOLIS	276	102	1,53	287	4,31	1
PITANGA	287	1**	-	131	2,16	1
PALMITAL	287	-	-	39	2,71	-
MANOEL RIBAS	287	-	-	22	3,74	-
GUARAPUAVA	290	1.630	3,20	2.187	4,29	1
INÁCIO MARTINS	290	18	1,29	36	2,59	1
LARANJEIRAS DO SUL	290	203	2,96	344	5,01	1
QUEDAS DO IGUAÇU	290	-	-	50	5,52	-
PINHÃO	290	-	-	51	2,10	-
TOTAL-ESTADO ***		89.378	2,80	177.777	5,57	-

FONTE: TELEPAR

* Em 31.12.74

** P.S. - Posto Serviço

*** Inclui além da TELEPAR as outras Companhias do ramo

TABELA 4.5.4 (f) - COMPATIBILIZAÇÃO DA OFERTA E DEMANDA DE SERVIÇOS TELEFÔNICOS

REGIÃO PLANO - 1975*

MUNICÍPIOS	MICRO REGIÃO	ATENDIMENTO		DEMANDA		Nº DE CEN- TRAIS
		Nº DE TERM. EXIST.	DENS./100 HAB.	Nº DE TERMI NAIS	DENS./100 HAB.	
PRUDENTÓPOLIS	276	142	2,13	319	4,78	1
PITANGA	287	136	2,09	142	2,18	1
PALMITAL	287	-	-	49	3,13	-
MANOEL RIBAS	287	-	-	23	3,91	-
GUARAPUAVA	290	1.982	3,69	2.402	4,47	1
INÁCIO MARTINS	290	18	1,20	39	2,60	1
LARANJEIRAS DO SUL	290	266	3,58	379	5,11	1
QUEDAS DO IGUAÇU	290	-	-	60	6,16	-
PINHÃO	290	-	-	64	2,44	-
TOTAL-ESTADO***		130.540	3,880	200.237	5,96	-

FONTE: TELEPAR

* Em 31.12.75

** Inclui além da TELEPAR as outras Companhias do ramo

d) Serviços de TransporteTransporte Rodoviário

O sistema de transporte na Região tem por base, como em todo o país, o sistema rodoviário, visto que a atuação do sistema ferroviário é pouco significativo, principalmente no que diz respeito ao transporte de passageiros, função objetivo do presente item.

Veículos Rodoviários

A eficiência do setor rodoviário regional é função do seu acesso à rede estadual e federal.

Como se pode observar na tabela abaixo, a taxa de motorização (veículos /100 hab.) da Região se encontra abaixo da média Estadual, exceto o município de Guarapuava, o qual detém cerca de 60% do total de veículos da Região.

ÍNDICES DE VEÍCULOS (CARGA E PASSAGEIROS) POR HABITANTES
REGIÃO PLANO - 1974

MUNICÍPIOS	POP. TOTAL	Nº DE VEÍCULOS	%	Nº DE VEÍCULOS/100 HAB.
PRUDENTÓPOLIS	37.900	995	6,96	2,63
GUARAPUAVA	131.600	8.610	60,23	6,54
LARANJEIRAS DO SUL	44.200	1.858	13,00	4,20
INÁCIO MARTINS	8.600	313	2,19	3,64
PINHÃO	23.400	344	2,41	1,47
QUEDAS DO IGUAÇU	12.700	671	4,69	5,28
PITANGA	78.100	855	5,98	1,09
MANOEL RIBAS	15.000	199	1,39	1,33
PALMITAL	36.200	451	3,15	1,25
REGIÃO	387.700	14.296	100	3,69
PARANÁ	8.021.159	444.401	3,22	5,54

FONTE: FIBGE-Veículos/CENDIE

População COPEL - Projeção da População Paranaense por Município e Microrregião Homogênea-Hipótese Média (não publicado)

Transportes Coletivos

O sistema de ônibus inter-regional é o principal responsável pelos fluxos internos e externos à Região, apresentando um crescimento da ordem de 21,5% no período 1973/ 1975 , enquanto o crescimento das viagens intra-regionais foi bastante superior, atingindo um crescimento de 40% no mesmo período, conforme pode-se verificar pela tabela 4.5.4 (g).

A Região Plano conta com 39 linhas inter-regionais que ligam-na a capital do Estado e a outras regiões vizinhas. O fluxo observado permite constatar a forte polarização de Curitiba sobre a Região, e uma crescente ampliação da área de influência do Polo Regional: Guarapuava, indicando um fortalecimento dessa cidade.

TABELA 4.5.4 (g) - LINHAS DE ÔNIBUS QUE SERVEM A REGIÃO PLANO

Linha	Origem	Destino	1973	1974	1975
<u>Nº de Viagens Inter-Regionais</u>					
5	Curitiba	Pato Branco	730	1.460	1.460
28	Curitiba	Guafra	1.460	1.460	1.460
29	Curitiba	Toledo	730	730	730
38	Curitiba	Guarapuava	3.650	4.380	4.380
60	Curitiba	Salto. S.Tiago	730	730	730
63	Curitiba	Foz do Iguaçu	7.300	8.030	8.030
64	Curitiba	Cascavel	1.460	3.650	3.650
90	Curitiba	Assis Chateaub.	730	730	730
135	Curitiba	Barracão	730	730	730
482	Curitiba	Campo Mourão	730	730	730
1.035	Curitiba	Quedas do Iguaçu	730	730	730
1.081	Curitiba	Rondon	730	730	730
13	Ponta Grossa	Laranj. do Sul	730	730	730
19	Cascavel	Pato Branco	1.460	1.460	1.460
20	Laranj. do Sul	Cascavel	1.460	1.460	1.460
21	Guarapuava	Cascavel	2.190	2.920	2.920
209	Iretama	Pitanga	730	730	730
489	Pitanga	Ivaiporã	1.460	1.460	1.460
507	Ivaiporã	Guarapuava	730	730	730
23	Laranj. do Sul	Foz do Iguaçu	730	730	1.460
24	Guarapuava	Foz do Iguaçu	730	730	730
25	Guarapuava	Guafra	730	730	730
30	Ponta Grossa	Foz do Iguaçu	1.460	2.190	2.920
31	Guarapuava	Pato Branco	730	730	730
32	Ponta Grossa	Prudentópolis	730	2.190	2.190
34	Ponta Grossa	Guarapuava	2.190	2.190	2.190
109	Pato Branco	Cascavel	730	730	730
110	Pato Branco	Laranj. do Sul	1.460	1.460	1.460
112	Chopinzinho	Laranj. do Sul	730	730	730
230	Salto Osório	Curitiba	730	730	730
289	Laranj. do Sul	Francisco Beltrão	1.460	1.460	1.460
343	Iretati	Inácio Martins	730	730	730
483	Guarapuava	Campo Mourão	1.460	1.460	1.460
518	Dois Vizinhos	Laranj. do Sul	730	730	1.460
554	Ponta Grossa	Ivaiporã	-	730	730
1.047	Mangueirinha	Guarapuava	730	730	730
1.049	Guarapuava	Pato Branco	1.460	1.460	1.460
1.092	Pato Branco	Quedas do Iguaçu	730	730	730
1.095	S. Jorge do Oeste	Laranj. do Sul	730	730	730
TOTAL DE VIAGENS ANUAIS			47.450	55.480	57.670
<u>Nº de Viagens Intra-Regionais</u>					
22	Guarapuava	Laranj. do Sul	730	730	730
497	Pitanga	Guarapuava	730	730	730
782	Guarapuava	Palmital	730	730	1.460
827	Guarapuava	Rondinha	730	730	730
828	Zetarlândia	Guarapuava	730	730	1.460
TOTAL DE VIAGENS ANUAIS			3.650	3.650	5.110

FONTE: D.E.R.

EQUIPE DE TRABALHO

COORDENAÇÃO GERAL:

ARION CESAR FOERSTER

ECONOMISTA

BLAS ENRIQUE C. NUÑEZ

ECONOMISTA

EQUIPE TÉCNICA

ARION CESAR FOERSTER

Panorama Sintético do Contexto Macrorregional

Setor Primário

Indicador de Capitalização do Setor Primário

BLAS ENRIQUE C. NUÑEZ

Enfoque Metodológico

Abordagem Histórica da Formação Econômica do Centro-Oeste
Paranaense

Caracterização dos Recursos Naturais da Região Plano

Imagem Representativa da Região Plano

Apreciação do Tecido Industrial da AMCOPAR

O "Complexo" Industrial da Madeira e a Organização Espacial
das Atividades Industriais

CARLOS M.A. DOS SANTOS

ECONOMISTA

Comportamento Evolutivo do Setor Industrial

Análise da Estrutura Espacial da Região Plano

A Hierarquia Funcional e Urbana

Aspectos Institucionais da AMCOPAR

CARLOS ROBERTO DE ABREU

ECONOMISTA

Análise das Atividades de Apoio

Infra-Estrutura Física e de Serviços

COORDENADORA DO ASPECTO SOCIAL

MARIA DE LOURDES URBAN KLEINKE

SOCIÓLOGA

CARMEM REGINA RIBEIRO

SOCIÓLOGA

Análise das Condições de Trabalho e de Vida da População

DENISE MARIA MAIA

ACAD. DE ECONOMIA

Educação

MARIA LÓCIA DE PAULA URBAN

ACAD. DE ECONOMIA

Saúde

EQUIPE AUXILIAR

ANTONIO GOMES DE FARIA NETO

ACAD. DE MATEMÁTICA

CREUSA M. DE OLIVEIRA

ACAD. DE ODONTOLOGIA

ERON JOSÉ MARANHO

ACAD. DE ECONOMIA

INGRÍD OCH

ACAD. DE ECONOMIA

LICÍNIA GONÇALVES

ACAD. DE ECONOMIA

WALDIR PEDRO RIEDI

ACAD. DE ECONOMIA

EQUIPE PARTICIPANTE DE SEMINÁRIOS

FRANCE PÉREYRON MOCELLIN

SUDESUL

MARCO ANTONIO PINHEIRO MACHADO

IPARDES

RAUL HIRT SERA

SEC. DO PLANEJAMENTO

DESENHOS

NAIR ROBLES DE OLIVEIRA MATTOS